

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação

Igor Thiago Moreira Oliveira

Uma "Praia" nas Alterosas,
uma "antena parabólica" ativista:
configurações contemporâneas da
contestação social de jovens em Belo Horizonte.

Belo Horizonte
2012

Igor Thiago Moreira Oliveira

Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista:
configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte.

Dissertação apresentada ao curso de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tarcisio Dayrell

Belo Horizonte
Faculdade de Educação

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
PÓS-GRADUAÇÃO EM CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

Dissertação *Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte*, de autoria do mestrando Igor Thiago Moreira Oliveira, aprovada pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Juarez Tarcisio Dayrell (Orientador – FAE/UFMG)

Profª Dra. Janice Tirelli Pontes de Sousa (CFH – UFSC)

Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão (FAE -UFMG)

AGRADECIMENTOS

O trabalho solitário e artesanal da escrita se torna menos duro quando contamos com o apoio de quem nos cerca e quando encontramos interlocutores interessados em nossa caminhada. Gostaria de fazer alguns agradecimentos para quem esteve presente conosco nessa trajetória e para quem, mesmo sem a presença física, esteve igualmente presente.

Agradeço a meus pais pelo forte apoio, compreensão e carinho. Agradeço a minha amada companheira de vida, Claudia Orduz, pela paciência, diálogo, apoio, amor e carinho nas horas em que mais precisei. Você, Claudia, faz parte especial da realização desse trabalho! Ao meu querido filho João, que, sem entender a razão que levava seu pai preferir passar horas a fio em frente ao computador ao invés de brincar, tentou ser compreensivo quando seu pai dizia estar trabalhando. Para você, João, um grande beijo e abraço do papai, você representa uma das fontes de minha garra e luta! Agradeço a toda minha numerosa família e em especial aos moradores da “vila do Boa Vista”, minha avó, meus tios e a querida vizinha Cida.

Ao professor Juarez Dayrell, pela paciência, ensinamentos e dedicação. As qualidades que possam existir nesse trabalho possuem influência direta de seus ensinamentos. Para um aprendiz de pesquisador como eu, é uma honra tê-lo como mestre, como orientador de caminhos possíveis.

À equipe do Observatório da Juventude, colegas e professores, fica também um agradecimento especial. Vocês foram interlocutores fundamentais em minha caminhada e abriram oportunidades de crescimento importantes para mim. Com todos vocês aprendi e aprendo muito. Aos demais professores da Faculdade de Educação, por fazerem dessa unidade da UFMG um lugar onde se pode cultivar uma perspectiva crítica de leitura do mundo. Aos funcionários dessa faculdade, pelo préstimo, atenção e igual dedicação.

À Capes, pela garantia de um ano de bolsa que me permitiu realizar esse trabalho com maior qualidade e tranquilidade.

Aos colegas da Faculdade de Educação da UFMG e aos demais amigos espalhados pelo campus da UFMG, pelo bairro de Santa Tereza e por esse mundo afora, agradeço pelo diálogo interessado e pela companhia nos poucos, mas agradáveis, momentos boêmios que vivenciamos nesse período. Esses foram preciosos momentos de “respiro” durante a escrita dessa dissertação. Dentre os colegas e amigos e amigas que fiz na Faculdade de Educação, faço um agradecimento aos amigos de café, tabaco e prosa da “esquerda mestradista” ou “mestran-

dos esquerdistas”, em especial a Érica Dumont pelo compartilhamento das angústias e interlocução permanente.

E, finalmente, agradeço a todos os participantes da Praia da Estação. Mesmo que muitos de vocês não me conheçam, tive a oportunidade e o prazer de me aproximar de vocês, mesmo que virtualmente. Espero que esse trabalho sirva de alguma forma para a reflexão de todos vocês! Considero todos, em graus distintos, como co-autores dessa dissertação. Aos entrevistados, fica a gratidão pela disponibilidade e disposição em colaborar, e em especial ao “parceiro” Nômade — andarilho libertário e sábio vivente. Com você pude compartilhar e aprender muitas coisas, idéias e sentimentos. Espero sua leitura atenta e crítica desse trabalho.

Talvez o segredo mais bem guardado do nosso tempo seja que a política, como prática democrática, pode ser "divertida", não apenas no sentido do entretenimento, mas também como algo capaz de se tornar profundamente estimulante e até de criar momentos de puro êxtase. A minha geração teve um vislumbre disso em Maio de 1968, e noutros momentos dessa década, numa altura em que pessoas desconhecidas se abraçavam nas ruas e o impossível parecia, por um instante, ao alcance da mão. As rebeliões produzem de vez em quando momentos como estes, de transcendência e de esperança. Multidões dançaram nas ruas de Havana quando Batista fugiu, em 1959; 30 anos depois, dançaram também em cima do muro de Berlim, quando a Alemanha Oriental sucumbiu ao movimento democrático. Houve festa na Espanha Republicana dos anos 30, e uma "anarquia embriagada" em São Petersburgo, durante 1917. Em momentos como estes, a política transbordou das barreiras dos partidos, dos comitês, das eleições e da legislação, tornando-se uma espécie de festa.

Barbara Ehrenreich

RESUMO

O mundo contemporâneo assistiu a eclosão de diversas movimentações sociais protagonizadas por jovens. Desde pelo menos o final do século XX à primeira década dos anos 2000, com os chamados movimentos antiglobalização, surgiram em todo o globo múltiplas formas de agenciamento juvenil contestadores da ordem social. Nesse contexto, o objeto desse trabalho é o de analisar uma movimentação social protagonizada por jovens que surgiu na cidade de Belo Horizonte em janeiro de 2010: a Praia da Estação. Consideramos que a Praia da Estação foi uma movimentação diretamente conectada ao contexto global contemporâneo das movimentações sociais protagonizadas por jovens, por um lado, e, por outro, diretamente conectada ao contexto local, no caso a cidade de Belo Horizonte, relativamente a questões urbanas e a questões do poder municipal. Nossa análise procurou, então, dar ênfase aos processos constitutivos e características da referida movimentação com o objetivo de perceber o que a mesma tem a nos dizer a respeito das movimentações sociais protagonizadas por jovens na contemporaneidade e o que tem a nos dizer sobre as transformações urbanas na cidade de Belo Horizonte. Desenvolvida e articulada às novas tecnologias da comunicação e informação, a Praia da Estação revelou-se para nós um objeto de estudo de complexa e difícil conceituação. Procuramos analisar as definições dos próprios participantes da Praia da Estação acerca da movimentação — protesto-festa, intervenção urbana, movimento, desobediência civil, ocupação do espaço público — a partir de conceitos advindos da literatura contemporânea sobre movimentos sociais e participação juvenil — novos movimentos sociais, movimentos sociais em rede, ciberativismo e juventude autonomista. A pesquisa foi realizada a partir da observação participante, entrevistas e etnografia — etnografia dos espaços virtuais em que a Praia da Estação foi constituída, especialmente a lista e blog Praça Livre BH. Percebemos que a Praia Estação possuiu características comuns a diversos movimentos juvenis contemporâneos — horizontalidade, carnavalização do protesto, conexão com a Internet, organização em rede — e que trouxe à tona a problemática urbana e do poder municipal como uma de suas preocupações centrais.

Palavras-chave: movimentações sociais, ciberativismo, questões urbanas, juventude.

ABSTRACT

The contemporary world has seen the emergence of various social movements headed by young people. Since at least the late twentieth century to the first decade of the 2000s with the so-called anti-globalization movements have emerged around the globe multiple forms of agency youth protesters of the social order. In this context the object of this paper is to analyze a social movement that emerged starring young people in the city of Belo Horizonte in January 2010, the Praia da Estação. We believe that the Praia da Estação was a drive directly connected to the global context of contemporary social movements headed by young people on the one hand, and on the other, directly connected to the local context, where the city of Belo Horizonte on urban issues and questions of municipal Power. Our analysis then sought to give emphasis to the constitutive processes and characteristics of that movement in order to realize what it has to say about the social movement headed by young people nowadays and you have to say about the urban transformations in the city of Belo Horizonte. Developed and coordinated with the new technologies of communication and information, the Beach Station revealed to us an object of study of complex and difficult concept. We tried to analyze the participants' own definitions of the Beach Station on the move - protest, party, urban intervention, movement, civil disobedience, occupation of public space - from concepts originated from the literature on social movements and youth participation - new social movements movements, social networking, cyber-activism and youth autonomist. The survey was conducted from participant observation, interviews and netnography - ethnography of virtual spaces in which the Beach Station was set up specifically in the list and blog BH Square Free. We noticed that the Praia da Estação possesses characteristics common to many contemporary youth movements - horizontal, carnivalization protest, internet connection, network organization - and that brought up as one of its central concerns the problem of urban and municipal authorities.

Keywords: social movements, cyber activism, urban issues, youth.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1	Categorias presentes na lista de e-mails da Lista <i>Praça Livre BH</i>	p.110
Tabela 2	Número de tópicos postados da lista de e-mails <i>Praça Livre BH</i>	p.112
Tabela 3	Categorias presentes no blog <i>Praça Livre BH</i>	p.124
Figura 1	Foto do dia de ação global, o N-30, em Seattle, 1999	p.40
Figura 2	Foto do S-26 em São Paulo	p.42
Figura 3	Imagem sobre as comemorações de dois anos de existência do Squat J-13	p.49
Figura 4	Logomarca do CMI.	p.61
Figura 5	Símbolo do Centro (anti) cultural Gato Negro	p.63
Figura 6	Página inicial do Wiki do <i>Domingo Nove e Meia</i>	p.70
Figura 7	Programação da EAF 2011	p.71
Figura 8	Cartaz de Divulgação Universidade Pirata.	p.72
Figura 9	Cartaz da Bicletada em BH. Maio de 2008	p.76
Figura 10	“Bicletada à mineira”. Cicloativismo na Praça Sete, Centro de Belo Horizonte.	p.77
Figura 11	Flyer da primeira edição do Cidade Situada - Mesa Amorfa	p.80
Figura 12	Flyer da terceira edição do Cidade Situada em novembro de 2008	p.81
Figura 13	Flyer do Domingo Nove e Meia.	p.84
Figura 14	Notícia de jornal retirada do <i>blog</i> do Conjunto Vazio	p.86
Figura 15	Foto da ação “A ilha”	p.86
Figura 16	Flyer do protesto <i>Vá de Branco</i>	p.89
Figura 17	Flyer do protesto <i>Vá de Branco</i>	p.90
Figura 18	Flyer do protesto <i>Vá de Branco</i>	p.90
Figura 19	Fotografia do protesto <i>Vá de Branco</i> . 07/01/2011	p.93
Figura 20	Flyer da primeira Praia da Estação	p.94
Figura 21	Foto retirada do Blog <i>Praça Livre BH</i> da Praia da Estação	p.96
Figura 22	Foto retirada do Blog <i>Praça Livre BH</i> durante a Praia da Estação	p.97
Figura 23	Foto da Praia da Estação com destaque para a frase “Okupe a Cidade”	p.97
Figura 24	Tela Inicial do Blog <i>Praça Livre BH</i>	p.126

Figura 25	Mensagem ao prefeito no cancelamento do FIT/2010	p.133
Figura 26	Imagem do Wiki do Evento	p.138
Figura 27	Espaço de comentários no site do Jornal O Tempo	p.140
Figura 28	<i>Post</i> de Fidelis no Blog Praça Livre BH	p.143
Figura 29	<i>Post</i> E pra você, meu irmão, o que é a Praia da Estação? Dezembro 2010	p.150
Figura 30	<i>Post</i> comentário de Coala Croata	p.151
Figura 31	<i>Post</i> comentário de Pata	p.151
Figura 32	<i>Post</i> comentário de Beto Epaminondas	p.152
Figura 33	<i>Post</i> comentário de Conjunto Vazio	p.152
Figura 34	<i>Post</i> comentário de Érica Emito	p.153
Figura 35	Flagrante da Praia da Estação I	p.163
Figura 36	Flagrante da Praia da Estação II	p.163
Figura 37	Foto do rosto do prefeito Márcio Lacerda instalada em um manequim. [O prefeito “virou” banhistas.]	p.164
Figura 38	[Constante do Blog Praça Livre BH em 21.01.02010]	p.171
Figura 39	<i>Post</i> que traz uma notícia sobre gentrificação na rua Guaicurus	p.177
Figura 40	<i>Post</i> que denuncia os estragos causados por evento	p.178
Figura 41	<i>Post</i> divulga cancelamento do Festival Internacional de Teatro (FIT)	p.179
Figura 42	<i>Post</i> sobre obras viárias na cidade	p.180
Figura 43	<i>Post</i> sobre a realização da Fan-Fest. 2010	p.181
Figura 44	Sobre o tratamento dado a pichadores em Belo Horizonte	p.181
Figura 45	<i>Post</i> sobre remoção de famílias para obras urbanas	p.182
Figura 46	Sobre retirada de feira de hortifrutigranjeiros	p.183
Figura 47	Sobre despejo de pessoas para obras da Copa do Mundo	p.183
Figura 48	Links sobre protestos de moradores despejados	p.184
Figura 49	Sobre a Reunião da Frente Nacional de Prefeitos e Mercocidades	p.185
Figura 50	Flyer do <i>Movimento Fora Lacerda</i>	p.204
Figura 51	Flyer-Convite para a <i>Marcha das Vagabundas</i>	p.208
Figura 52	Flyer-Convite para a <i>Copelada</i>	p.209
Figura 53	Flyer-convite para o dia dos trabalhadores em 2012	p.210

SUMÁRIO

Introdução	12-20
-------------------------	-------

PARTE I Praia da Estação: Primeira aproximação e uma busca pelas origens.

1	“Fragmentos praieiros” – Uma primeira aproximação à Praia da Estação	22-28
2	Prólogo	29-87
	Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), Ação Global dos Povos (AGP) e o movimento antiglobalização – notas sobre as formas de ser da contestação social contemporânea	34-44
	A chamada “geração Seattle” no Brasil	44-50
	Anarquismo, anarquismos e libertários	50-53
	Notas introdutórias sobre coletivos libertários em Belo Horizonte	53-60
	Jovens ativistas em Belo Horizonte: sob o impacto da AGP e dos protestos antiglobalização	60-67
	Belo Horizonte, notas sobre a segunda década dos 2000 e os coletivos libertários	67-77
	Chegando mais próximo à praia	78-87

PARTE II Uma Praia nas Alterosas, o mar revoltado de Belo Horizonte.

1	Um breve histórico da Praia da Estação	89-104
2	Da praça para a rede, da rede para a praça. A Praia ciberativista	105-145
	A lista Praça Livre BH	109-123
	O blog Praça Livre BH	123-136
	Para além do blog e da lista Praça Livre BH – a Praia da Estação em outros mares cibernéticos	136-145

3	Várias “ondas” em uma mesma Praia	146-169
	Praia da Estação: personagens	146-148
	Praia da Estação: uma movimentação social múltipla e heterogênea	148-169
	Campo libertário – proposituras radicais, conflitos e o “risco da cultura”	154-162
	Campo da cultura, cidadãos engajados e banhistas, a afirmação prai-eira.	162-165
	Praia da Estação: a emergência das individualidades e a dimensão da experiência e dos aprendizados	165-169
4	Praia da Estação, a cidade e o poder municipal. A emergência da questão urbana.	170-192
PARTE III “Quando eu voltar do mar, um peixe bom eu vou trazer”		
	Considerações Finais	194-201
	Epílogo	202-211
	Anexos	213-236
	Referências Bibliográficas e sites consultados	237- 244

Introdução

O pensamento de esquerda hoje se encontra numa encruzilhada. As “verdades evidentes” do passado — as formas clássicas de análise e de cálculo político, a natureza das forças em conflito, o próprio sentido das lutas e objetivos da Esquerda — têm sido seriamente desafiados por uma avalanche de mutações históricas que estraçalharam o fundamento sobre o qual se constituíram essas verdades (LACLAU e MOUFFE, 1989, p.1)

— Tem tempo de estar “asa” e tem tempo de estar “raiz”... Nem sempre há escolhas (e o posto é doloroso por igual – a total liberdade de escolha pode revelar encruzilhadas múltiplas) e o “estado” de voar ou “estado” de estar fincado podem se embaralhar: por vezes podemos ser atados por nossas próprias asas e por outras semeamos e somos semeados pelos ventos mesmo que imóveis...

— Sou otimista! Assim procuro ver o longo desenrolar. Quando reflito é assim, quando estou metido o sangue borbulha e a aceleração dos batimentos e da mente me fazem explodir.

(trecho de conversa entre dois companheiros ciganos marginais)

Nesse trabalho, trato de agenciamentos coletivos e movimentações sociais protagonizadas por jovens na contemporaneidade. A partir do estudo da Praia da Estação, nosso objetivo é compreender uma movimentação contemporânea de contestação social protagonizada por jovens, perceber suas principais características, sua malha constitutiva, sua forma de ser, suas motivações, contestações e críticas. Perceber o que a Praia da Estação pode nos dizer e indicar a respeito de tendências e características das movimentações protagonizadas por jovens de maneira geral.

Nos últimos vinte anos, pelo menos, a sociedade brasileira e de todo o globo tem experimentado novas formas de participação na vida sócio-política e novas configurações da contestação social. Os jovens aparecem no contexto contemporâneo como um dos sujeitos mais visíveis nessas novas configurações dos agenciamentos coletivos.

Essas novas configurações da contestação social na contemporaneidade podem ser mais bem compreendidas se tomarmos como referências “fundantes” três acontecimentos: o levante Zapatista de 1994 em Chiapas (México), a organização dos Fóruns Sociais Mundiais na década dos 2000 e os protestos internacionais contemporâneos contra a ordem do capital global.¹ Esses três eventos, cada um com sua especificidade e repercussão própria, marcam de

¹ Os protestos contemporâneos a que me refiro são os conhecidos “Dias de Ação Global” articulados pela Ação Global dos Povos – AGP. Mais informações em www.agp.org.

certa forma a viragem de um tipo de imaginário rebelde para outro. (HOLLOWAY, 2003, SOUSA, 2004). Se a construção do partido comunista e do socialismo, tal qual a conhecemos na história, predominou enquanto utopia delineadora do imaginário rebelde e da ação da esmagadora maioria dos ativistas e militantes no referido período histórico, com a queda do muro de Berlim em 1989 e o desmoronamento do socialismo real, as utopias de transformação social passaram por processos de reconfiguração de seus referenciais e a passaram a ser construídas sob novas configurações, novos projetos e novas formas de organização social.

Nessas novas configurações da contestação social, para alguns movimentos e/ou para algumas perspectivas teóricas a transformação ativa do presente desloca a construção futura do socialismo, o cotidiano e as ações cotidianas se tornam espaço e tempo de transformações e a ação direta praticada pelos contestadores contemporâneos tende a ultrapassar as mediações políticas da ação dos partidos de esquerda. O amálgama entre as novas formas de contestação social contemporâneas e as novas tecnologias da comunicação da informação delinea todo esse cenário, fazendo emergir fenômenos com o do ciberativismo. Como exemplos dessas novas formas de movimentação social e agenciamento coletivo, temos: carnavais de protesto nas ruas, bicicletadas contra o monopólio do uso do automóvel, ocupações de imóveis abandonados com posterior transformação em centros sociais e moradias coletivas, realização de feiras de trocas livres, construção de rádios livres, criação de coletivos e iniciativas de vários matizes, organização de “dias sem compras”, organização de populações sem-casa, lutas em defesa dos direitos dos animais, lutas anti-prisões e contra os hospitais/prisões psiquiátricas, bloqueio de ruas nos encontros dos grandes organismos internacionais gestores do capital, movimento de software livre, ativismos na rede mundial de computadores, pequenas sabotagens, ocupações múltiplas de espaços públicos nas cidades com o objetivo de tornar visíveis problemas e conflitos sociais, utilização das novas tecnologias da comunicação/informação para criação de meios alternativos de comunicação (mídia alternativa) e criação, reprodução e disseminação de artefatos culturais do dissenso, flyers, vídeos, sons, textos, imagens etc. (ORTELLADO, RYOKY, 2004; LUDD, 2002; SOUSA, 2002, 2005)

Entendemos que o objeto de estudo a que se refere esse trabalho, a Praia da Estação, tenha a ver com esse contexto de mutações sociais e transformação das formas de ser dos agenciamentos coletivos contemporâneos.

Em dezembro de 2009, o então prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, assinou um polêmico decreto proibindo eventos de qualquer natureza na praça da Estação. Localizada na região central da cidade, a praça da Estação é um espaço público de referência onde se realizam manifestações políticas, culturais e populares em Belo Horizonte. O *Movimento*

Praia da Estação surge, então, como uma iniciativa coletiva de questionamento do decreto baixado pelo prefeito, bem como ocupação política/cultural da praça da Estação. Vestidos com trajes de banho e portando pranchas de surf, esteiras, guarda-sol, caixas de isopor, bronzeadores, numa cidade não-banhada pelo mar, os jovens trouxeram a cena pública o debate sobre o uso e apropriação dos espaços públicos da cidade e sobre os próprios rumos do desenvolvimento da urbe, ao mesmo tempo em que ensejaram novas formas de ação coletiva e participação social no cenário urbano.

Organizada e mobilizada em rede através de uma lista de discussão e um blog na Internet — ambos intitulados como “Praça Livre” — a Praia da Estação apresentou características específicas das formas contemporâneas de ativismo e participação social — presentes ao menos desde as movimentações de finais dos anos 1990 e início dos anos 2000, que ficaram conhecidas como “Movimentos Antiglobalização” ou “Movimentos Anticapitalistas”: busca pela horizontalidade, ação direta, carnavalização do protesto, diversificação das formas de ação, ciberativismo e uso intensivo das novas mídias, relevância do papel dos indivíduos, desvinculação das formas tradicionais de participação, como partidos, sindicatos etc. — bem como trouxe à tona as problemáticas da cidade e do poder municipal como preocupações centrais.

Percurso da pesquisa e notas metodológicas

Essa pesquisa nasceu de incômodos, reflexões e indagações de alguém que militou — e milita — transitou — e transita — pelos círculos de esquerda, pelos coletivos, espaços e iniciativas libertárias e anticapitalistas, pelos movimentos sociais, pelas movimentações espontâneas, enfim: por tudo aquilo que ouse, deseje e enseje mudar e transformar o rumo das coisas. Acompanhando em alguns momentos essas experiências com maior intensidade, pude ampliar o universo de questões sobre o tema, bem como minha percepção das tendências e alternativas colocadas, tanto pelas dimensões das novas formas de organização protagonizadas por jovens, como pelas novas formas de participação sócio-política da juventude. Muitas das questões que apareceram durante minha trajetória de participação política estão colocadas nesse trabalho.

Tais incômodos, reflexões e indagações, ao mesmo tempo em que expressam minha trajetória de vida no universo do dissenso, expressa também o desejo íntimo de entender por onde passam os sinais e pistas das grandes e pequenas transformações, entender *onde* e *como*

se constroem possíveis saídas, entender quais caminhos as utopias e perspectivas emancipatórias têm trilhado, têm se constituído etc. Na grande maioria das vezes, coloco-me na posição de um observador que procura estar atento e racional ao que surge, ao que ainda está subterrâneo, e perspectivando o que ainda pode surgir. Por outras vezes, estou imerso, apaixonado, opinando, conflitando, agindo junto a outros militantes e ativistas. Acredito que vocês, leitores, irão perceber no texto dessa dissertação a presença dessas duas dimensões: a do *observador-analista* e a do *ativista*! O ato de observar não é um ato neutro, ingênuo, totalmente subjetivo ou intuitivo. O ato de observar é carregado de intencionalidades e escolhas. Nesse sentido, vocês poderão perceber, em alguns momentos — especialmente os participantes da Praia da Estação que vierem a ler esse trabalho — a clivagem para algum lado em detrimento de outro, o privilegiamento de determinadas questões e temas, a busca em valorizar determinados aspectos etc. Nem sempre esse movimento foi intencional ao longo da escrita. A história descrita, narrada e analisada nesse trabalho, por mais que tenha a intencionalidade de se aproximar da realidade, é apenas um ponto de vista parcial, uma forma de interpretar. De qualquer maneira, espero que o observador-analista tenha prevalecido sobre a figura do ativista, que a imparcialidade tenha prevalecido sobre as inclinações pessoais.

A escolha da Praia da Estação como objeto de estudo não se deu de forma imediata. Pelo contrário.

Antes de escolhermos a Praia da Estação, percorremos um longo percurso com o espírito de identificar novos agenciamentos coletivos juvenis e movimentações sociais na cidade de Belo Horizonte. Alguns desses agenciamentos coletivos e movimentações eram por nós conhecidos de alguma forma, outros pouco conhecidos e outros tantos tínhamos grande curiosidade em conhecer. Percorremos ocupações urbanas, espaços libertários, círculos de debates e estudos anarquistas organizados nesses espaços, eventos veganos e alternativos, eventos e encontros de movimentos sociais, bicicletadas, shows punks, apresentações de freak-show, praias na praça da Estação, duelo de Mc's no centro da cidade etc.² Descobertas, desejos, encontros e opções em aberto compuseram esse caminho. Por fim, escolhi a Praia da Estação por ela, de alguma forma, ser entendida por mim como uma espécie de síntese da contestação social juvenil em Belo Horizonte em determinado momento. Intuíva naquele momento que a partir da Praia da Estação, e pela Praia da Estação, passou, em algum instante, toda a “cena” contestatória juvenil da capital das Alterosas. Feita a escolha, procuramos mergulhar o mais fundo possível nesse “mar revoltoso” de Belo Horizonte.

² Ao longo do trabalho irei trazer notas explicativas sobre cada um desses termos.

No momento em que escolhemos a Praia da Estação como objeto de estudo, a mesma já não mais acontecia na praça da Estação. No momento de nossa escolha, a movimentação praieira se dava através do blog e lista de e-mails Praça Livre BH, assim como através de seus desdobramentos, como, por exemplo, o carnaval de rua e o *Movimento Fora Lacerda* em Belo Horizonte.

Ainda que tivéssemos participado da Praia da Estação, em alguns momentos já com o olhar interessado do pesquisador, no período em que transitávamos pelas possibilidades de escolha do objeto de estudo, tal situação não nos autoriza a dizer que realizamos com rigor uma metodologia do tipo “observação participante”. As observações que realizamos da Praia da Estação foram, portanto, realizadas em um momento exploratório da pesquisa. Certamente, nosso trânsito pela Praia da Estação ofereceu-nos elementos e dados que muito contribuíram para esse trabalho, mas não podemos dizer que essa foi a forma central de realização da pesquisa.

Para além dessas observações exploratórias, a pesquisa foi realizada através da imersão no blog e na lista de e-mails Praça Livre BH, da imersão em diversos outros ambientes virtuais em que apareciam (e ainda aparecem!) a Praia da Estação. Foram também fontes de pesquisa para a realização desse trabalho: material audiovisual de debates que envolveram a praça da Estação e onde participaram os jovens da Praia da Estação, como, por exemplo, o debate realizado na TV Câmara entre o poder público e um integrante da movimentação; áudio e vídeo da audiência pública sobre o decreto que proibia eventos de qualquer natureza na praça; vídeo do evento *Juventude Okupa a Cidade* com os movimentos juvenis de Belo Horizonte; vídeos e imagens espalhados em diversos sites. Realizamos, ainda, sete entrevistas com jovens que participaram da Praia da Estação.

Entendemos que essa imersão nos ambientes virtuais realizada com fins de pesquisa pode ser definida como *etnografia* (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008), uma espécie de etnografia virtual da Praia da Estação e de seus sujeitos. A lista de e-mails, o blog Praça Livre BH, os vídeos da Praia da Estação postados no youtube — e outros sites de hospedagem de vídeos — os sites de fotos e imagens da Praia da Estação, os diversos blogs e sites onde aparece a Praia da Estação representaram a existência “virtual” da Praia da Estação, bem como podem ser entendidos como o *repositório memorial* da movimentação. Todas essas fontes de pesquisa oferecem ao pesquisador possibilidades múltiplas de uma aproximação detalhada da Praia da Estação. Ao longo do trabalho o leitor perceberá a importância da Internet para a movimentação e, conseqüentemente, para a realização dessa pesquisa.

Foram entrevistados sete jovens participantes da Praia da Estação com variação etária, sendo cinco homens e duas mulheres. As entrevistas serviram para o aprofundamento de questões a respeito da Praia da Estação — história da movimentação, conflitos internos, motivações, aprendizados, dentre outras. Os critérios para escolha dos entrevistados foram os seguintes: nível de envolvimento com a Praia da Estação — tempo e intensidade da participação; experiências prévias de participação de cada entrevistado. Ou seja: procurei entrevistar jovens com graus distintos de experiência participativa anterior à Praia da Estação; tipo de experiência prévia de participação, se em coletivos culturais, coletivos “libertários”, movimentos sociais etc. Esse critério nos ajudava a compreender as posições e discursos dos entrevistados, grau de reconhecimento do participante no interior da movimentação. Procurei entrevistar jovens com graus distintos de reconhecimento e socialização no interior da Praia da Estação, entrevistar jovens que variaram entre figuras *reconhecidamente públicas* e figuras *anônimas*. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro prévio de questões, mas foram conduzidas livremente com o objetivo de extrair dos depoimentos as questões que desejávamos saber da maneira mais natural possível. A seleção dos entrevistados se deu por nossas observações exploratórias, por indicação dos participantes da Praia da Estação e pela observação da lista de e-mails Praça Livre BH.

O grande volume de material sobre a Praia da Estação colocou para mim a necessidade de grande esforço de categorização e análise dos dados. A lista de e-mails e o blog Praça Livre BH ofereciam o registro e a memória de toda a movimentação, bem como me permitia aproximar, detalhadamente, de muitos aspectos da Praia da Estação. Pensei, de início, em produzir uma análise a partir da história da Praia da Estação. Nesse momento inicial, eu pretendia realizar uma análise que fosse percorrendo detalhadamente a história da movimentação praieira em todo o ano de 2010. A perspectiva era totalizante e de difícil realização com o tempo de que eu dispunha para a produção do trabalho. Optei, então, em fazer uma análise a partir de eixos temáticos — origens, ciberativismo, movimentos sociais e questão urbana — que me permitissem articular a análise dos dados com o diálogo teórico-conceitual.

Um primeiro passo do trabalho foi o de categorizar todo o material do blog e lista de e-mails Praça Livre BH de janeiro de 2010 a junho de 2011. Foram categorizados cerca de 4.000 mensagens da lista de e-mails e um número bastante grande de posts que abarcavam todo esse período. Nosso intuito com essa categorização foi o de classificar as mensagens e posts em consonância com os eixos temáticos de análise que elencamos acima. Categorizamos as mensagens e os posts a partir dos seguintes eixos:

1. **Praia da Estação** – Todos os tópicos que se referiam às seguintes questões: organização, mobilização, propostas de ação, debates internos, relatos, manifestos, cartas, textos e indicação de *links* e referências relativas à Praia da Estação.
2. **Cidade** – Todos os tópicos que se referiam à questão urbana: conflitos com a administração e política municipais (avaliação dos atos e ações da prefeitura, avaliação da condução de políticas públicas, avaliação de políticas implementadas, denúncias de corrupção etc.); problemas vários da cidade de Belo Horizonte (mobilidade, moradia, meio-ambiente, saúde, educação etc.); produção do espaço urbano (grandes construções, conflitos diversos), mega-eventos e a transformação da cidade (impactos da Copa do Mundo), cotidiano da cidade (uso dos espaços públicos, repressão policial etc.).
3. **Movimentações sociais em Belo Horizonte** – Todos os tópicos relativos a movimentações sociais na cidade e relacionados à problemática urbana. Dentre essas movimentações e movimentos sociais, destacamos as Brigadas Populares, Bicletada, intervenções urbanas diversas, Escola de Samba Cidade Jardim, mobilizações contras as políticas da prefeitura — cancelamento do FIT, por exemplo, — Duelo de Mc'S, dentre outros.
4. **Movimentos sociais gerais** – Divulgação e, algumas vezes, discussão sobre toda a sorte de movimentações, intervenções urbanas, coletivos contraculturais, movimentos sociais etc., no Brasil e no mundo.
5. **Outros** – Todos os tópicos que não se enquadravam nas categorias anteriores e que apresentavam uma variedade de assuntos que não se relacionava diretamente com o contexto da Praia da Estação: divulgação de shows e eventos culturais, propaganda política — principalmente quando o período eleitoral se aproximou — correntes, mensagens de auto-ajuda, notícias políticas do Brasil e do mundo, textos vários (acadêmicos, políticos, artigos de jornal e revistas), spams vários.

As entrevistas, igualmente, foram analisadas a partir desses mesmos eixos temáticos. Nesse sentido, procuramos captar nos depoimentos as seguintes questões: a história da movimentação; organização interna, economia de poder interno, dinâmica das relações e conflitos no interior da Praia da Estação; motivações dos participantes, questões relacionadas ao uso da Internet e ciberativismo; questões relacionadas à temática urbana e ao poder municipal; e, por fim, os significados da experiência de se participar da Praia da Estação e a dimensão do aprendizado advindo dessa participação.

Organização das partes

Além dessa introdução, o trabalho está dividido em três partes, cada qual contendo tópicos.

Na Parte I – *Praia da Estação: Primeira aproximação e uma busca pelas origens*, é feita uma primeira apresentação da Praia da Estação no tópico *Fragmentos praieiros – Uma primeira aproximação à Praia da Estação*. No *Prólogo* fizemos um histórico analítico do que consideramos ser os marcos delineadores das formas de ser da contestação juvenil contemporânea, especificamente os movimentos antiglobalização, anticapitalistas e a Ação Global dos Povos (AGP), surgidos em fins do século XX e início do século XXI. Procuramos partir desse contexto global a fim de identificar as possíveis influências exercidas pela onda contestatória global (especialmente a AGP) para o surgimento e fortalecimento de agenciamentos coletivos contestatórios juvenis no Brasil: iniciativas, movimentações e coletivos libertários. Apoiamo-nos em autores que analisaram essas novas configurações da contestação social global, tais como Chomsky (2004), Chrispiniano (2002), Feixa (1998), Liberato (2006), Seone e Taddei (2001), e em autores que analisaram a influência desse contexto nas formas de ser do ativismo juvenil brasileiro, tais como Freire Filho (2007, 2008), Sousa (2002, 2004), Ortellado, Ryoky (2004).

Por fim traçamos um rápido histórico dos coletivos libertários influenciados por esse contexto global de contestação social em Belo Horizonte na primeira década dos anos 2000, procurando demonstrar de que modo esses coletivos influenciaram o surgimento da Praia da Estação. Identificamos que, a partir de meados da década dos 2000, a questão urbana emerge como uma das preocupações centrais de uma parcela de jovens ativistas e que essa preocupação aparece como uma das questões centrais da movimentação praieira.

Nosso objetivo no *Prólogo* foi o de buscar possíveis origens tanto a respeito da forma de ser da movimentação praieira, de suas principais características, quanto às origens de seu surgimento em Belo Horizonte.

Já na Parte II - *Uma Praia nas Alterosas, o mar revolto de Belo Horizonte*, fizemos um exercício de decomposição da Praia da Estação com o objetivo de captar as malhas constitutivas da movimentação, suas relações internas e formas de interação, suas características fundamentais, sua composição heterogênea, suas motivações e razões de ser, seus limites e potencialidades. Iniciamos traçando um breve histórico da Praia da Estação e, depois, procuramos analisá-la em quatro momentos interdependentes. No tópico *Da praça para a rede, da rede para a praça. A praia ciberativista*, analisamos a Praia da Estação a luz dos conceitos de

ciberativismo, cibercultura e sociedade em rede; no tópico *Várias 'ondas' em uma mesma Praia*, analisamos a heterogeneidade e multiplicidade da Praia da Estação, os diversos grupos que compuseram a movimentação, os conflitos internos, a afirmação do poder fazer dos participantes praieiros, os aprendizados e a afirmação das individualidades no interior da movimentação a partir do diálogo com autores que tratam dos movimentos sociais contemporâneos como Melucci (1999, 2001). No tópico *Praia da Estação, a cidade e o poder municipal. A emergência da questão urbana*, interpretamos a Praia da Estação enquanto uma movimentação social que procurou tornar visível problemas, conflitos e questões relacionados à cidade e ao poder municipal. A partir da movimentação praieira, apontamos para o surgimento de novas necessidades urbanas trazidas pelos jovens ativistas. Procuramos dialogar com autores que analisam de forma crítica a temática urbana na contemporaneidade, como Arantes (2000), valendo-nos de conceitos como *cidade-mercadoria*, *cidade-empresa* e *cidade do pensamento único*.

Por fim, na Parte III - "*Quando eu voltar do mar um peixe bom eu vou trazer*" tecemos considerações finais, procurando sintetizar nossas descobertas e indicar possíveis caminhos e desdobramentos para futuros estudos. No *Epílogo* abordamos os desdobramentos da experiência da Praia da Estação em Belo Horizonte a partir do surgimento de novos agenciamentos e novas movimentações.

Dito isso, desejo uma boa leitura do texto, uma boa "navegação" pelo "mar revolto" de Belo Horizonte. Para os jovens ativistas e militantes de uma maneira geral espero que o texto cumpra o papel de despertar reflexões. Ao leitor com interesse acadêmico e científico, espero que o texto cumpra o papel de contribuir com o avanço do conhecimento no campo de estudos sobre as movimentações sociais contemporâneas. Ao leitor híbrido, acadêmico e ativista, espero que o texto cumpra esse duplo papel.

Boa leitura!

PARTE I

Praia da Estação

Primeira aproximação e uma busca pelas origens.

1

“Fragmentos praieiros”
Uma primeira aproximação do leitor à Praia da Estação

Fragmento I

Texto retirado do blog *Cisco*

No último sábado, 16 de janeiro de 2010, um grupo de pessoas em trajes de banho se reuniu na Praça da Estação, centro de Belo Horizonte, para curtir um dia ensolarado na cidade. Espaço “revitalizado” na década de 2000, o local que por muitos anos serviu de estacionamento para veículos recebeu diversas “melhorias destinadas à sua população”, como modernas fontes que saem do chão formando colunas d’água.

A princípio nada demais, não é mesmo? Numa cidade que não possui praias, uma praça que dispõe de uma vasta área, com a presença de fontes, parece ser uma boa alternativa para aqueles que em pleno verão gostariam de curtir o sol e se refrescar.

Mas a história não termina aí... na verdade ela só começa assim.

Essa reunião de “banhistas” que até poderia ser normal no dia a dia da cidade aconteceu após a publicação de um decreto do prefeito de Belo Horizonte proibindo “a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação”. Fazer da praça a “Praia da Estação” foi a forma que alguns moradores encontraram para, além de curtir um dia de sol, mostrar que não é a partir de normas outorgadas sem qualquer tipo de debate que os espaços públicos da cidade se constroem.

No inusitado dia de praia teve de tudo, mostrando a pluralidade da manifestação e das pessoas que resolveram aderir ao chamado anônimo que rolou pela internet e pelo boca a boca. Com a mistura dos instrumentos levados pela galera, dentre os quais se via desde trompete até tambores, rolou muita música, do axé ao maracatu. Os participantes não se esqueceram dos apetrechos, teve guarda sol, toalha, peteca, frescobol e, é claro, a indispensável farofa! Muito filtro solar foi necessário para combater o sol numa praça feita para o “povo estar”, mas inexplicavelmente destituída de sombra.

Mas o calor não assustava os manifestantes, pois como todo dia acontece, as fontes seriam abertas às 11 horas da manhã... seriam... pois segundo os responsáveis... as colunas d’água que foram acionadas sem problemas na sexta-feira (como eu mesmo pude atestar), passavam por manutenção.

Mas como a diversão não pode parar, não seria nem um decreto de um prefeito biônico, nem um problema técnico que iria acabar com a diversão do belo-horizontino que resolveu curtir o dia de sol na “Praia da Estação”. A galera se organizou e levantou uma grana para contratar um caminhão-pipa.

Enquanto a água não chegava, rolou muita diversão, com música e brincadeira. Deu tempo até para fazer um debate legal sobre o que significava tudo aquilo. Sobre o decreto do prefeito e sua inserção num contexto maior de controle, vigilância e afastamento das iniciativas populares das áreas públicas, notadamente do centro da cidade.

Foi bem legal ver em meio a toda a diversidade de pessoas que ocuparam a “Praia da Estação”, diferentes percepções do processo de controle que Belo Horizonte vem sofrendo. Muito foi dito, falou-se na similaridade desse fenômeno com o que se observa em outras grandes cidades brasileiras, notadamente os casos do centro de São Paulo e da região do Cais do Porto no Rio de Janeiro. Levantou-se a bola sobre a questão da Copa de 2014 e de todo um processo de vigilância e higienização da cidade em função do mega-evento. O dia a dia da capital mineira e das outras manifestações culturais que ocupam as ruas e que estão igualmente em risco também foi assunto do debate. Muito ainda ficou por se falar. Aquela foi uma conversa que não se iniciou ali e muito menos ali teve seu fim.

Depois de tanto sol, música, bate-papo e farofa... só faltava mesmo a água. E se as autoridades competentes não puderam proporcionar o que o povo queria, coube ao povo assumir as rédeas e levar a água onde ele estava.

A chegada do caminhão-pipa completou o grande sábado em que a Praça da Estação se converteu em “Praia da Estação”. Os banhistas puderam finalmente se refrescar. O pessoal se divertiu a valer. Até quem tava no ponto de ônibus aproveitou a mangueirada para espantar o calor. Todo mundo se confraternizando debaixo do chuveirão e mandando vários recados.

A polícia foi convidada a aderir: “Ei, polícia, a praia é uma delícia” ou “Tira a farda brim, bota o fio dental, polícia você é tão sensual”. O prefeito e a não ligação da fonte também foram lembrados: “Ei, Lacerda, liga essa merda!”. Mas nem a canetada do alcaide, nem a não ligação da fonte estragou o sábado de sol e a galera mandou o recado: “Praia da Estação, a nova onda do verão”. Além de sugerir: “Praia da Estação: toda semana!”. Será?¹

(Disponível em <http://ciscobh.blogspot.com.br/2010/01/prai-da-estacao-nova-onda-do-verao.html>. Acesso em 24.03.2011)

Fragmento II

Texto de notícia retirada do jornal *Hoje em Dia*

Belo Horizonte não tem mar, mas já não é possível dizer que não tem “praia”. Pelo segundo sábado consecutivo, a Praça da Estação é palco de uma divertida manifestação e se transforma em uma grande praia de concreto, com direito a biquínis, cerveja, esteiras, cangas, bóias e até uma rodinha de samba e capoeira. A manifestação vem contestar o decreto municipal nº13.798 de dezembro de 2009, que proíbe a realização de eventos de qualquer natureza no local. No início da tarde de ontem, cerca de 200 manifestantes, formados principalmente por artistas e estudantes universitários, invadiram a “Praia da Estação” para reivindicar o direito de usar livremente o local. A manifestação, que surgiu a partir de um e-mail que ninguém diz saber a autoria, que circulou nas últimas semanas, pretende contestar o decreto do prefeito Marcio Lacerda. “Ninguém sabe quem teve essa idéia, é uma manifestação sem líderes. Acho que podemos dizer que quem começou com tudo foi o Lacerda”, brinca um dos manifestantes, que não quis se identificar. “Eu acho superimportante esse tipo de

¹ Os trechos sublinhados são links na página digital do blog. Ao longo do trabalho, por opção editorial, eventualmente mantivemos o tipo de fonte que aparece no texto dos sites, wikis e blogs, com o fim de destacá-los do texto da dissertação.

mobilização e acho que o poder público tem como garantir a utilização desse espaço e mesmo assim garantir a preservação do patrimônio”, diz a advogada Nuria Bertachini, 30 anos.

Os manifestantes também estavam assinando um abaixo-assinado, que dizia que ao impedir a realização de eventos e atividades culturais e de lazer na praça, o decreto contraria a Constituição da República. Segundo os manifestantes, caso a prefeitura não repense o decreto, a “Praia da Estação” deve continuar. “A gente não tem nenhum lugar para fazer show em uma área aberta como esta aqui em Belo Horizonte. Todo mundo que tem um mínimo de consciência vai abraçar essa idéia”, espera a estudante de Arquitetura da UFMG, Débora Dias, 23 anos. “O movimento está persistindo. A gente está aqui para ocupar, mostrar a nossa cara, e deixar claro que não concordamos com esse absurdo”, conta Jonnatha Horta, 29 anos.

De acordo com informações da assessoria de imprensa da PBH, não há nenhuma mudança prevista no decreto, que é uma forma de garantir a preservação do patrimônio. A assessoria não soube informar por que a fonte da praça não estava ligada ontem. Na última semana, de acordo com o secretário de Administração Regional Centro-Sul, Fernando Cabral, a fonte não foi ligada porque estava em manutenção. Ironicamente, a fonte funcionou normalmente durante a última semana e só foi desligada no sábado. Para suprir a falta da água da fonte, os manifestantes prometem fazer uma vaquinha para pagar um caminhão-pipa, como ocorreu no último sábado. A chegada do caminhão estava prevista para às 15 horas. Apenas um incidente quase colocou em risco o caráter pacífico da manifestação. O artista Mauro Xavier, 50 anos, levou um barco de cerca de cinco metros para a praia de concreto, mas foi impedido de entrar na praça pela Guarda Municipal, que considerou que a presença de um barco no local contraria o Código de Posturas do município. Os manifestantes consideraram levar o barco para a “praia” à força, mas desistiram da idéia para não acabar com o caráter pacífico da manifestação.

(Jornal Hoje em Dia – 23/01/2010)

Os dois fragmentos acima descrevem as duas primeiras Praias da Estação que ocorreram em janeiro de 2010. Um decreto da prefeitura proibindo a realização de eventos de qualquer natureza na praça da Estação, em Belo Horizonte, e um chamado anônimo, que circulou pela Internet convocando um protesto festivo em fins de 2009 e início de 2010, provocaram uma *onda* contestatória em um dos principais espaços públicos do centro de Belo Horizonte. De forma criativa, irônica, carnavalesca e organizada, e mobilizada através da Internet de forma horizontal e espontânea, a Praia da Estação deu visibilidade para o debate público a respeito dos espaços públicos, a respeito do desenvolvimento da cidade e a respeito do poder municipal. O início do verão daquele ano foi o cenário para essa ebulição inesperada de jovens ativistas, artistas, produtores culturais, militantes sociais e pessoas, em sua grande maioria jovens, que, de alguma forma, perceberam naquela nascente experiência uma forma de protestar e contestar os rumos da cidade e da política governamental no município.

A *onda praieira de Belo Horizonte* reverberou pela cidade através das novas redes de comunicação e informação, através da imprensa — seja ela considerada “alternativa” ou “tradicional” — provocando espanto, admiração e surpresa. A aparição da Praia da Estação despertou os mais diversos interesses e reações nos mais diversos setores e segmentos sociais. Para os “antenados” nas movimentações sociais (esquerda partidária, movimentos sociais, universitários e acadêmicos de um modo geral, alguns jornalistas, artistas, “alternativos”, ativistas etc.), a visibilidade daquele fenômeno foi, para alguns, quase que imediata, ou, para outros, foi chegando aos poucos, através do “boca-a-boca”, pelos comentários, encontros e conversas. Nesses meios sociais, era raro não conhecer alguém que não estivesse presente ou que não tivesse ouvido falar da tal “praia”. De maneira geral, os relatos e as falas dos que estiveram presentes nos primeiros sábados de “praia” na praça da Estação durante janeiro, ou dos que “ouviram falar” desses mesmos sábados, variavam entre as atitudes de entusiasmo, ponderação, crítica e desdém.

Ainda — mesmo que genericamente — poderíamos dizer que, inicialmente, os setores cultural, *underground*, boêmio-ativista, estudantes universitários e ativistas libertários mais jovens receberam e participaram da novidade com entusiasmo. Punks, anarquistas de outras gerações, intelectuais/acadêmicos e militantes de movimentos sociais, oscilaram entre o julgamento ponderado — percebendo limites e potencialidades naquela movimentação — e o julgamento crítico — o mais comum deles era avaliar que a Praia da Estação era uma movimentação de jovens oriundos das camadas médias sem conteúdo social radical. A esquerda partidária, de modo geral — excetuando-se algumas “juventudes” dos partidos de esquerda que tentaram no início alguma aproximação com a Praia da Estação — percebeu aquilo que acontecia com certo desdém; em parte por compartilharem a crítica da origem social dos participantes, e em parte pela negação intrínseca que os participantes da movimentação nutriam a respeito dos partidos — posição essa que, conseqüentemente, de certa forma *minava* os objetivos mais comuns da esquerda partidária junto às movimentações sociais, qual seja: conquistar espaço político e recrutar militantes.

Ao longo do desenvolvimento da movimentação e à medida que a repercussão da mesma aumentava na cidade, as atitudes variavam entre os diversos setores “antenados” em movimentações sociais: setores críticos percebiam certo potencial na movimentação, setores entusiasmados passavam a uma atitude crítica — inclusive internamente à movimentação, como iremos destacar ao longo do trabalho — e na esquerda partidária, para alguns persistiu o desdém, enquanto para outros o desdém se transformou em atitude de apoio etc.

Pensando numa escala maior — qual seja: a repercussão que a Praia da Estação obteve ante a população belorizontina — poderíamos dizer que, num primeiro momento, a repercussão não parece ter sido muito grande, mesmo considerando a repercussão midiática que obteve. À medida que as diversas vozes da “Praia” forem se manifestando nessa dissertação, apontaremos algumas razões possíveis para a natureza limitada do diálogo da Praia da Estação com o conjunto da população naquele momento. De qualquer forma, em uma dimensão microlocal — a da parcela da população de Belo Horizonte que circulava e *habitava* a praça da Estação naqueles sábados de verão — no mínimo poderíamos dizer que aqueles jovens trajados em roupas de banho com seus apetrechos, adereços, cartazes e faixas não passaram despercebidos. Os olhos do cotidiano certamente assistiram as cenas “praieiras” com espanto e curiosidade.

As pessoas que saíam da estação central do metrô e desviavam seus olhares para a “Praia”, as pessoas nos pontos de ônibus que, por um momento, também desviavam o olhar dos coletivos que elas esperavam, os transeuntes, que ora diminuía os passos, ora desviavam a rota para vislumbrar a cena inusitada, os frequentadores que saíam na porta dos bares admirando o que se passava, a população de rua, que percebia e assistia algo novo e inesperado acontecendo na região, ou seja, todos que passavam por ali em dias de Praia da Estação, de certa forma foram surpreendidos pelo que acontecia. E é nessa dimensão, a da parcela da população que presenciou diretamente as “praias de sábado” naquele pedaço de centro urbano, que podemos dizer, certamente, sobre a repercussão da movimentação para além do que definimos como “anteados”.

O poder público, na figura da Prefeitura de Belo Horizonte, parecia não entender a dimensão daquela festa-protesto. Parecia não entender justamente a escolha do alvo, o prefeito Márcio Lacerda, e tampouco as razões para tamanha contestação. “— Só por um decreto?” “— Só por uma praça?”, perguntavam as forças políticas que ocupavam o executivo municipal. As respostas procuradas apontavam para direções muitas das vezes equivocadas. Mais fácil e cômodo foi entender o que se passava como “conspiração” e “insubordinação” da oposição. Como era possível para o poder municipal dizer algo diferente naquele momento?

Os limites da compreensão a respeito da Praia da Estação por parte do poder municipal pareciam, por um lado, dizer-nos a respeito da própria *miopia da política*, ou seja, a procura pelas respostas sobre o que seria a Praia da Estação na dimensão interna da política, ao invés de procurar entender o que estava realmente em jogo de forma socialmente mais ampla; e, por outro lado, revelava-nos novamente o sentimento de espanto frente ao que acontecia. O certo é que a aparição de algo inusitado como a Praia da Estação parece ter *sacudido* de alguma

forma o cenário de movimentações sociais na cidade e o próprio entendimento dessas movimentações.

Mas se a Praia da Estação não surgiu e nem foi alimentada por uma articulação da oposição política ao prefeito — como entendiam as forças políticas do Executivo Municipal — e se não esteve ligada diretamente às forças de esquerda tradicionalmente protagonistas das movimentações sociais, como podemos entender o surgimento da Praia da Estação? A que ordem de fenômenos poderíamos conectar essa movimentação entendida como “inusitada” na cidade de Belo Horizonte? Somente o decreto do prefeito Márcio Lacerda sobre o uso da praça da Estação, ou somente a reação ao mesmo decreto, explicam o surgimento de uma movimentação como a Praia da Estação? Como explicar a forma que assumiu a movimentação assim que surgiu — horizontal, organizada e mobilizada pela Internet, autônoma, festivo/carnavalesca etc.? O que pode nos dizer a respeito dos movimentos juvenis contemporâneos tal movimento? O decreto do prefeito Márcio Lacerda e a forma como foi publicado certamente são questões de primeira ordem para entendermos o surgimento da Praia da Estação. O que o decreto significava em termos de mudança de relação entre o poder executivo municipal e a população, ou seja, a falta de diálogo da prefeitura com a população e a forma pouco democrática de governar certamente foram razões fortes para explicar a irrupção da movimentação praieira.

Mas entendemos que esses fatores por si só deixam em aberto questões cruciais para compreendermos a Praia da Estação. Não explicam a forma que a movimentação assumiu, não explicam a dimensão dos questionamentos, nem tampouco os processos *subterrâneos* que, de certa forma, sustentaram o surgimento da movimentação. As razões que levaram essa movimentação a assumir a forma e o conteúdo que assumiu, no nosso modo de entender devem ser explicadas não somente pelos fatores que se apresentavam no presente momento do seu surgimento, e sim pela busca por processos que apontem para uma possível “gênese” das formas de ser da contestação social juvenil na cidade de Belo Horizonte. Como diremos ao longo do Prólogo dessa dissertação, esses processos de constituição das movimentações juvenis em Belo Horizonte possuem raízes no contexto contemporâneo das movimentações sociais juvenis — movimentos antiglobalização e emergência dos coletivos libertários.

É esse nosso objeto de análise.

Para desenvolver essa pesquisa, optamos, então, por traçar um panorama, em um nível mais geral, do contexto contemporâneo da contestação social, procurando identificar elementos e características que possam nos auxiliar na compreensão de um fenômeno social como a Praia da Estação. Em um nível mais específico, procuramos perceber algumas “raízes” pouco

visíveis e/ou subterrâneas que sustentaram de alguma forma, no nosso modo de ver, o surgimento dessa movimentação em Belo Horizonte. Ou seja: nossa análise inicial sobre a Praia da Estação procurou articular as dimensões do específico e do geral, ou do local e do global, a fim de compreender a que ordem de fenômenos sociais nosso objeto de pesquisa poderia estar conectado. Ao buscar a gênese da Praia da Estação, nosso objetivo foi o de tentar compreender melhor ...

2

Prólogo

Quem imaginaria que, exatamente no momento em que o Poder estava mais certo de que vencera a tudo e a todos, eles apareceriam? E eles vieram, não como um grupo de bolcheviques, mas como muitos blocos de carnaval, para estragar a festa do dinheiro.

Trecho do texto de abertura do livro “Urgência das Ruas: Blak Block, Reclaim the Streets e os dias de ação global”²

No final da última década do século XX e início da primeira do XXI, o fenômeno dos protestos de rua contra a ordem social capitalista — conhecidos como movimentos “antiglobalização”, “antimundialização”, “resistência global” ou “anticapitalistas” — trouxeram a tona novamente a figura do jovem como protagonista central das ações coletivas de natureza política e de contestação social.³ Entre os anos de 1998 e 2001 ocorreram os maiores conflitos de rua no mundo ocidental desde maio de 1968 (LIBERATO, 2006).⁴ Iremos nesse prólogo abordar de forma resumida esse recente histórico de movimentações sociais com o objetivo de ressaltar o que, para nós, parecem expressar os marcos originários das *formas de ser* dos movimentos contemporâneos de contestação social protagonizados por jovens e suas principais características. Nesse sentido, a descrição dos acontecimentos será feita de forma panorâmica e genérica, sem a intenção de maiores aprofundamentos. Há toda uma literatura recente que se debruça sobre movimentos “antiglobalização” e suas conseqüências que nos subsidiará em nossas análises.

² Ver LUUD, 2002.

³ Refiro-me ao “movimento antimundialização” conforme Seoane e Taddei (2001), ou “antiglobalização”, como ficou conhecido através da mídia. Já a expressão “anticapitalista” é a mais utilizada como auto-referência dos próprios grupos e movimentos participantes das ações surgidas nesse contexto. Optaremos por utilizar as expressões “antiglobalização” e “anticapitalista” por terem sido, talvez, as expressões que tenham marcado o imaginário coletivo sobre esses fenômenos de contestação social. Outra razão para optarmos pela expressão antiglobalização ao invés de antimundialização é por a mesma, em nosso entendimento, representar de forma mais real a posição concreta de tais movimentos a respeito do processo de mundialização contemporâneo: não se colocam contrários a todo e qualquer processo de mundialização e sim ao processo de globalização delineado pela lógica da produção da existência humana em um mundo regido pelo capital. (LUUD, 2002)

⁴ Não desconhecemos as movimentações sociais que se passam no mundo no exato momento em que escrevemos esse trabalho. Nos anos de 2011 e 2012, o mundo viu surgir movimentações de grande visibilidade global — “Primavera Árabe”, “Acampadas”, “15 – M”, “15 – O”, as mobilizações de jovens e trabalhadores na Grécia *Occupy Wall Street* e a “Revolução dos Pingüins”, como ficaram conhecidas as mobilizações dos estudantes chilenos — que se estenderam de forma “epidêmica” com repercussões em todo o globo, inclusive no Brasil. Esses processos de contestação social mais recentes — surgidos em um contexto de crise econômica profunda nos países desenvolvidos — ainda não podem ser medidos em termos de alcance e potência de seus desdobramentos. Optamos por manter como referência de grandes mobilizações/protestos globais os acontecimentos de fins do século XX e início do XXI. Sobre os protestos e mobilizações mais recentes ver: David HARVEY *et al. Occupy*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2012. HARVEY, David; ŽIŽEK, Slavoj; ALI, Tariq. *et al. Occupy*. Movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 88 p.

Podemos afirmar que essa onda contestatória global contemporânea tem como um de seus marcos fundadores o levante armado popular em Chiapas em 1994, protagonizado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).⁵ Após a queda do Muro de Berlim em 1989 e do bloco socialista de maneira geral, os zapatistas apareciam, então, como um dos primeiros movimentos com visibilidade global que colocava em xeque a existência humana sob a égide do capital e que comunicava ao mundo a necessidade de superação da ordem vigente. (CECENA, 2001)⁶

Ao se posicionar radicalmente contra o acordo comercial que o México celebrara com os Estados Unidos em 1994 — o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) — e contra o conjunto de políticas e de orientações econômicas que ficou conhecido com o termo “neoliberalismo”, o EZLN trazia elementos simbólicos, práticas, ações e concepções que influenciavam indivíduos, grupos, coletivos e movimentos contestatórios em todo o globo.⁷ A insígnia rebelde *YA Basta!* lançada pelos zapatistas desde as montanhas de Chiapas ecoou no mundo ocidental, inspirando a criação de redes anticapitalistas em diversos países europeus por parte de jovens ativistas urbanos.⁸ Esse grito de basta⁹ expressava críticas — crítica aos sistemas democráticos representativos de maneira geral tal como eles se conformavam, crítica à organização dos sistemas econômicos locais e mundiais e crítica às práticas e concepções da

⁵ O levante zapatista de 1994 e as concepções organizativas, práticas e teóricas inauguradas pelo EZLN exerceram influência direta sobre grupos, movimentos e coletivos que vieram a protagonizar, no final dos anos 1990 e início dos 2000, os protestos antiglobalização e anticapitalistas (CHRISPINIANO, 2002; LIBERATO, 2006; ORTELLADO, RYOKY, 2004; SEONE e TADDEI, 2001). Um exemplo dessa influência é o documento escrito por uma organização italiana influente nas movimentações antiglobalização, os *Tute Bianche*, após a participação em uma marcha zapatista que atravessou todo o México em 2001. Esse documento foi publicado em português por Giuseppe Cocco e Graciela Hopstein (2002)

⁶ O EZLN talvez possa ser considerado um dos movimentos sociais do mundo que, de forma pioneira, tenha utilizado as novas tecnologias da comunicação e informação como estratégia política. Ao comunicarem ao mundo o que se passava nas montanhas mexicanas de Chiapas, os zapatistas efetivamente fizeram um uso político/estratégico da Internet. (GENNARI, 2005; SPYER, 2002)

⁷ Mais uma vez ressaltamos o poder de influência que o levante zapatista no México exerceu sobre uma numerosa parcela de movimentos, grupos, ativistas e jovens que promoveram os fenômenos de contestação social reunidos sob a alcunha de “movimentos antiglobalização”. É interessante anotar, por exemplo, que os comunicados dos zapatistas sobre a repressão ao levante e a violação de direitos humanos no México que circularam pela rede mundial de computadores, inspiraram a formação de comitês de solidariedade — majoritariamente compostos por jovens — em diversos países, inclusive no Brasil. Esses comitês de solidariedade podem ser também entendidos como expressão desses novos agenciamentos coletivos juvenis e marcam, impulsionados pelo intercâmbio global da comunicação e informação, o caráter internacionalista das formas de contestação social contemporâneas. (CHRISPINIANO, 2002; LIBERATO, 2006; ORTELLADO, RYOKY, 2004; SEONE e TADDEI, 2001)

⁸ Na Itália, por exemplo, foi formada em 1994 uma rede anticapitalista com um nome de inspiração zapatista, a “Associazione Ya Basta”, que trabalhava, entre outras questões, com a temática dos direitos dos imigrantes, e que “abrigou” um dos principais grupos que protagonizou os protestos globais, os *Tute Bianche*, citado em nota acima.

⁹ “Quando escrevemos ou lemos, é fácil esquecer que no princípio não é o verbo, mas o grito. Diante da mutilação de vidas humanas provocadas pelo capitalismo, um grito de tristeza, um grito de horror, um grito de raiva, um grito de rejeição: NÃO” (HOLLOWAY, 2003, p.8)

esquerda tradicional¹⁰ — bem como expressava novas configurações organizativas e práticas para os agenciamentos de contestação social — práticas da ação direta e da democracia direta, o princípio da horizontalidade e da não-hierarquia, o princípio da autonomia em relação a governos, empresas e atores vinculados à ordem social capitalista (organizações políticas tradicionais como partidos, sindicatos etc.), a prática da autogestão, a “recuperação” da vocação internacionalista e da vocação para conformação de redes de solidariedade (características dos movimentos operários dos finais do século XIX e do século XX), o uso da rede mundial de computadores para transmitir seus comunicados e denúncias, e para criar redes de movimentos em todo o mundo etc.

Esses são alguns elementos “novos” que o EZLN trazia consigo e que inspiraria todo um contexto contestatório global a partir de então, e especialmente os movimentos antiglobalização. Sem a intenção de traçar um histórico rigoroso do período que se seguiu ao levante zapatista e a conformação dos movimentos antiglobalização, iremos apenas apontar referências históricas que nos permitam entender o desenrolar dos acontecimentos e como os mesmos marcaram as formas de ser da contestação social contemporânea, especialmente a influência que os mesmos exerceram sobre culturas urbanas juvenis, especificamente as dos jovens engajados em diversos tipos de ativismo(s) em diversos países do mundo. (CHRISPINIANO, 2002; LIBERATO, 2006; ORTELLADO, RYOKY, 2004; SEONE e TADDEI, 2001)

Antes de continuar com esse breve histórico, é importante aproximarmos-nos mais das relações entre o processo de globalização contemporânea, as culturas juvenis e as formas de contestação da juventude.

Ao vislumbrarmos, de qualquer ângulo, o processo globalizatório atual, podemos perceber as tensões, contradições e complexidades que o período histórico da expansão sem limi-

¹⁰ Ao longo de todo esse trabalho, utilizaremos os termos “esquerda tradicional” ou “esquerda clássica”. Temos consciência de que o campo político das esquerdas e os referenciais políticos e sociais que as sustentam passam por processos constantes de transformação e reconfiguração, especialmente no mundo contemporâneo. Nem de longe é nossa intenção esgotar esse complexo e denso debate a respeito das diferenças entre a “esquerda tradicional” e os movimentos de contestação social contemporâneos. Por ora, o que estamos aqui procurando definir com os termos “esquerda tradicional” e “esquerda clássica” têm a ver com o conjunto de instituições e organizações — partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais — que de alguma forma se vinculam em termos teóricos, práticos e de concepção com a corrente do bolchevismo soviético, ou se vinculam, de alguma forma, com as experiências de tentativa de construção do socialismo no século XX que desembocaram no conhecido Socialismo Real. Não é nossa intenção, ainda, marcar um posicionamento de concordância ou discordância com as críticas feitas pelos zapatistas e movimentos antiglobalização ao campo da “esquerda tradicional”, e sim procurar entender as conseqüências práticas e as repercussões que essas críticas produzem nesses mesmos movimentos, bem como os efeitos dessas críticas em toda uma geração de ativistas surgida na primeira década dos anos 2000. De qualquer forma, fica anotado que a constituição dos fenômenos contemporâneos de contestação social, passando pelo EZLN e pelos movimentos antiglobalização, possui relação direta com uma atitude de reflexividade constantemente crítica ao campo da “esquerda tradicional” e das organizações políticas tradicionais — partidos, sindicatos etc. Iremos abordar essas questões ao longo do trabalho.

tes do capital coloca para as configurações societárias contemporâneas. Podemos perceber as mutações provocadas pela etapa histórica contemporânea que aponta para novas dimensões configuradoras das formas de ser e existir no planeta, tanto em vista dos processos de individuação como das movimentações sociais.

(...) olhemos para o mundo real que habitamos, para facear a nós mesmos, mas em nossa configuração concreta de individualidades postas e expostas, moventes e movidas de uma história que está desembocando na universalização de um modo de ser e existir. É evidente que estou apontando para o processo de globalização. Somos, queiramos ou não, saibamos ou não, gostemos ou não, os homens desse processo, agentes e pacientes, beneficiários ou vítimas, somos e não podemos deixar de ser a humanidade presente no momento em que a lógica do capital cumpre sua lei mais essencial e imanente, cobrindo o planeta com sua face e com suas formas de vida, de um lado rebrilhante, doutro, para dizer o mínimo, inquietante. (CHASIN, J. Poder e Miséria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 out. 2000. Caderno Pensar, p.2.)

A partir das reflexões de Chasin, podemos perceber que as movimentações antiglobalização revelam, dão visibilidade, questionam e se insurgem contra o que o autor chama de a “face” no mínimo “inquietante” do processo globalizatório contemporâneo.

A questão é que esse mesmo processo permeado de tensões e contradições possui, nas palavras de Chasin, uma outra face “rebrilhante”, face essa que pode ser entendida como responsável pelo desenvolvimento dos meios materiais e de vida — inclusive a globalização das comunicações — que, de certa forma, conformam a existência das próprias movimentações e de seu questionamento. Ambas as “faces”, “a rebrilhante” e a “inquietante” da globalização, conformam em permanente tensão as novas formas das culturas juvenis e conseqüentemente das movimentações sociais protagonizadas por jovens. No nosso modo de entender, a questão a se pensar é justamente perceber que o processo de globalização do capital oferece o mote para o surgimento de movimentos de contestação a suas dinâmicas, como oferece também as bases materiais e subjetivas da existência desses mesmos movimentos. E ainda: esse mesmo processo globalizatório pode ser lido como o responsável pelo surgimento de culturas globais, de formas de interação e comunicação humanas globais etc.

Nesse sentido, podemos afirmar que o mesmo processo de globalização, questionado e contestado pelos jovens por ampliar e aprofundar as relações capitalistas em todo o mundo, permite também, por outro lado, a existência de trocas simbólicas e de informação que delinea as culturas juvenis contemporâneas e, como conseqüência, a relação dessas culturas,¹¹ que é o que nos interessa compreender ao abordarmos o cenário mais amplo de contestação

¹¹ Feixa (1999) define as culturas juvenis em relação a formas de expressão coletivas que definem estilos de vida. Poderíamos pensar em “culturas juvenis ativistas” como sendo aquelas em que os estilos de vida ou os modos coletivos de expressão têm relação com questionamentos da ordem social por parte dos jovens.

global. O movimento antiglobalização, ou a “globalização da resistência”, possui sua razão de ser e existência na própria dinâmica do processo de globalização capitalista. Daí os movimentos dizerem que “nossa resistência será tão global como é o capitalismo” (CHRISPINIANO, 2002, p.18). Esse processo de mundialização da resistência encontra ressonância nos processos globais de formação das culturas humanas, e especificamente das culturas juvenis. Feixa (1998) define as culturas juvenis em duas dimensões, uma mais ampla e outra mais restrita:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. En un sentido más restringido, definen la aparición de ‘microsociedades juveniles’, con grados significativos de autonomía respecto de las “instituciones adultas”, que se dotan de espacios y tiempos específicos (...). Su expresión más visible son un conjunto de estilos juveniles ‘espetaculares’, aunque sus efectos se dejan sentir en amplias capas de la juventud (FEIXA, 1998, p.84).

Ao concordarmos com Feixa que em um sentido mais amplo as culturas juvenis implicam a construção de estilos de vida conectados a experiências sociais dos jovens, e que, em sentido mais restrito, as culturas juvenis têm a ver com a constituição de “micro-sociedades juvenis”, autônomas das instituições e lógicas do mundo chamado “adulto”, podemos refletir sobre esses processos de construção das culturas juvenis em um período histórico como o da globalização contemporânea, marcado pela intensa interação, comunicação e fluxos informacionais. A relação entre culturas juvenis e globalização é assim analisada por Costa: “(...) o estudo e a pesquisa das culturas juvenis são inseparáveis da análise dos processos ligados tanto à globalização da cultura, quanto à produção do imaginário, à circulação e à produção de localidades”. E ainda: “Em Appadurai (1999), uma das marcas do processo de globalização é que vivemos em um mundo de fluxos caracterizado por objetos em movimento, os quais incluem idéias e ideologias, pessoas, bens, imagens, mensagens, tecnologias e técnicas.” (COSTA, 2006, p.11)

Costa (Ibidem) nos diz também a respeito do lugar do imaginário na produção das subjetividades e na produção das *formas de ser jovem* no mundo contemporâneo. Esse imaginário juvenil, marcado pelos processos dinâmicos de intercâmbio cultural e simbólico propiciados pela globalização, aponta para tendências de conformação das culturas juvenis referenciadas e constituídas por processos de intercâmbio cada vez mais globais e com grande influência na produção dessas mesmas culturas nas localidades onde é seu efetivo território de atuação. Poderíamos apontar que, a partir do surgimento do EZLN e dos movimentos antiglobalização, tenha se delineado um imaginário de contestação social “produtor” de novas suje-

tividades que caracterizaram as formas de ser jovem contestador/ativista na contemporaneidade. Os acontecimentos que traremos a tona na seqüência do texto trazem elementos concretos para visualizar esses processos de intercâmbio cultural e de informação que compuseram o imaginário da contestação global.

Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), Ação Global dos Povos (AGP) e o movimento antiglobalização – notas sobre as formas de ser da contestação social contemporânea.

No ano de 1996, os zapatistas fizeram uma convocação para o primeiro “Encontro Intergalático pela humanidade e contra o neoliberalismo”, que seria o “primeiro elo do movimento internacional contra a mundialização liberal” (SEONNE e TADDEI, 2001, p.153/154). Com a presença de mais de três mil pessoas provenientes de mais de quarenta países no estado mexicano de Chiapas, tal encontro sinalizou, entre outras questões, para a necessidade do fortalecimento da “resistência global ao capitalismo” e, conseqüentemente, para a necessidade de realização de mais encontros que permitissem uma sinergia de movimentos sociais de diferentes partes do globo como aquele realizado no México. Outros três encontros “intergaláticos” foram realizados em anos posteriores: Barcelona (1997), Belém do Pará (1999) e Canadá (2001).

De forma paralela e correlacionada a outras iniciativas, encontros, organizações e ações aconteceram no mesmo espírito contestatório da globalização neoliberal capitalista.¹² Dentre essas “insurgências globais” surgidas entre o final do século XX e início do século XXI, destacam-se a formação da Ação Global dos Povos (AGP) em fevereiro de 1998, que consistia em uma rede de comunicação e coordenação de lutas e protestos globais baseada em princípios comuns estabelecidos.¹³ A AGP foi uma das grandes impulsionadoras do chamado movimento antiglobalização. É importante ressaltar que o surgimento da AGP e dos protestos

¹² Para uma cronologia detalhada das ações antiglobalização, ver <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/cronolog.htm>. (Acesso em 03/01/2012) e também o trabalho de Julia Ruiz di Giovanni intitulado *Seattle, Praga, Gênova: política anti-globalização pela experiência da ação de rua*, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Social (Antropologia Social) da USP, em 2007.

¹³ “Do dia 23 ao 25 de fevereiro, movimentos de todos os continentes se encontrarão em Genebra para começar uma coordenação mundial de resistência contra o mercado global, uma nova aliança de luta e apoio mútuo chamada Ação Global dos Povos (AGP) contra o ‘Livre’ Comércio e a Organização Mundial do Comércio. Essa nova plataforma irá servir como um instrumento global de comunicação e coordenação para todos aqueles que estão lutando contra a destruição da humanidade e do planeta pelo mercado global e construindo alternativas locais e poder do povo.” *Bulletin #0*, Ação Global dos Povos (PGA). Disponível em <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/>. Acesso em 10/12/2011.

antiglobalização possuem também origem em todo um acúmulo de lutas, grupos, coletivos e movimentos promovidos por jovens ao longo dos anos 1990 na Europa e América do Norte: jovens que defendem os direitos dos imigrantes, movimentos contra a destruição ecológica, contra a exploração de mão-de-obra por multinacionais — as *sweatshops* — jovens que criavam coletivos de *culture jamming* — que se refere à prática de parodiar peças publicitárias e usar os outdoors para alterar drasticamente suas mensagens etc.¹⁴ Nesse sentido, o movimento antiglobalização e a AGP possuem suas origens ligadas à inspiração rebelde dos zapatistas e à rede de grupos, coletivos, movimentos e ações que existiam anteriormente nos países do norte ocidental. A AGP foi constituída por diversos grupos, coletivos e movimentos sociais que atuavam em várias dimensões da contestação social em muitas partes do mundo. Essa é uma das razões que levou a AGP e o próprio movimento antiglobalização a ficarem também conhecidos como o “movimento dos movimentos”, que unia distintos desejos, demandas, contestações, projetos, e que tinha a perspectiva de protestar contra um inimigo comum: o capitalismo globalizado. “A AGP foi fundada pelo movimento de Chiapas, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) brasileiro, o movimento de agricultores Karnatak da Índia e pela eclética união de clubbers, anarquistas e ecologistas do Reclaim The Streets (RTS), entre outros.” (CHRISPINIANO, 2002, p.18).

As marcas do lúdico, da ação direta e do anticapitalismo são expressões genéticas da conformação da Ação Global dos Povos (AGP). Conforme seu *manifesto* e sua *carta de princípios*;

Manifesto da Ação Global dos Povos

(...) 1. A AGP é um instrumento de coordenação. Ela não é uma organização. Os seus principais objetivos são: (i) Inspirar o maior número possível de pessoas, movimentos e organizações a agir contra a dominação das empresas através da desobediência civil não-violenta e de ações construtivas voltadas para os povos. (ii) Oferecer um instrumento para coordenação e apoio mútuo a nível mundial para aqueles que resistem ao domínio das empresas e ao paradigma de desenvolvimento capitalista. (iii) Dar maior projeção internacional às lutas contra a liberalização econômica e o capitalismo mundial. 2. A filosofia organizacional da AGP é baseada na descentralização e na autonomia. Por isso, estruturas centrais são mínimas. 3. A AGP não

¹⁴ As *sweatshops* são fábricas e corporações que super-exploram os trabalhadores através de jornadas desumanas de trabalho, baixos salários, negação de direitos trabalhistas e/ou que utilizam mão-de-obra escrava e infantil. Esse processo está relacionado ao deslocamento e/ou instalação de multinacionais em países menos desenvolvidos — terceirização da produção com utilização de mão-de-obra barata em países como Índia e China, por exemplo. É comum nas movimentações que questionam as *sweatshops* o boicote a produtos de multinacionais e a denúncia de suas práticas — um alvo constante desses movimentos são as multinacionais que fabricam artigos esportivos, calçados e vestuário, como, por exemplo, a empresa Nike. Já os jovens praticantes da *culture jamming* eram anti-corporação e promoviam uma verdadeira subversão das imagens, mensagens ou artefatos produzidos pelas multinacionais, arrancando-os de seus contextos originais para criar novos significados. (CHRISPINIANO, 2002; KLEIN, 2002)

possui membros. 4. (...) Nenhuma organização ou pessoa representa a AGP, nem a AGP representa qualquer organização ou pessoa. (...)

(MANIFESTO DA AÇÃO GLOBAL DOS POVOS, 3ª conferência da AGP, Cochabamba, Bolívia, Setembro de 2001. Disponível em
www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/manifesto.htm. Acesso em 10/11/2011)

Princípios da Ação Global dos Povos

1. Uma rejeição muito clara ao capitalismo, ao imperialismo, ao feudalismo e a todo acordo comercial, instituições e governos que promovem uma globalização destrutiva.
2. Rejeitamos todas as formas e sistemas de dominação e de discriminação incluindo, mas não apenas, o patriarcado, o racismo e o fundamentalismo religioso de todos os credos. Nós abraçamos a plena dignidade de todos os seres humanos.
3. Uma atitude de confronto, pois não acreditamos que o diálogo possa ter algum efeito em organizações tão profundamente antidemocráticas e tendenciosas, nas quais o capital transnacional é o único sujeito político real.
4. Um chamado à ação direta, à desobediência civil e ao apoio às lutas dos movimentos sociais, propondo formas de resistência que maximizem o respeito à vida e aos direitos dos povos oprimidos, assim como a construção de alternativas locais ao capitalismo global.
5. Uma filosofia organizacional baseada na descentralização e na autonomia.

(PRINCÍPIOS DA AÇÃO GLOBAL DOS POVOS, 3ª conferência da AGP, Cochabamba, Bolívia, Setembro de 2001. Disponível em
<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/hallmpt.htm>. Acesso em 10/11/2011.)

O manifesto e a carta de princípios da AGP são documentos que podem ser entendidos como exemplos paradigmáticos que expressam as formas de ser da contestação social contemporânea configurada nos protestos antiglobalização e protagonizada, majoritariamente, por jovens nos grandes centros urbanos de vários países do mundo. A partir do manifesto e da carta de princípios destacamos algumas dessas características que influenciariam, a partir de então, as movimentações contemporâneas: contestação anti-sistema — o princípio do anticapitalismo e questionamento radical da ordem econômica mundial — horizontalidade na organização interna, autonomia em relação a governos, empresas e organismos financeiros, organização em rede, prática da desobediência civil, “carnavalização” de protestos, prática de autogestão etc.

Outro aspecto a ser ressaltado é a mudança na configuração das formas de ser das culturas juvenis que se colocam no campo da dissidência e contestação social a partir da influência das movimentações e articulações contemporâneas, como a AGP e o movimento antiglobalização.

A partir do tema da resistência juvenil, Freire Filho (2007, 2008) articula um balanço crítico dos estudos sobre juventude e estudos culturais, de Birmingham aos dias de hoje, para analisar os significados da insurgência dos jovens contemporâneos, especificamente daqueles engajados num dos coletivos mais destacados nas jornadas contemporâneas de contestação social e na conformação da AGP, o *Reclaim the Streets* – RTS, de Londres.

Na análise dos grupos contestadores juvenis contemporâneos, Freire Filho (2007:177) aborda as diferenças entre esses e aqueles analisados pelos Estudos Culturais britânicos nos anos 1960 e 1970.¹⁵ Se nos grupos analisados pelo Centre Contemporary of Cultural Studies (CCCS)¹⁶ — *Teds, Mods, Skinheads* — o cerne da resistência juvenil marcava a dimensão cultural — ou melhor: marcava a disputa simbólica, a “guerrilha semiológica” contra os dispositivos culturais hegemônicos — na contemporaneidade a questão da resistência passa também pela disputa política direta, pela prática cotidiana da contestação no olho das ruas. O autor afirma que os movimentos contemporâneos anticapitalistas, antiglobalização ou anticorporações protagonizados por jovens a partir do final dos anos 1990 trazem a dimensão dos questionamentos macropolíticos para os movimentos juvenis. Ao invés de somente se conformarem em torno de questões identitárias, culturais e/ou micropolíticas, os jovens protagonistas de certa “cena contestatória contemporânea” parecem direcionar sua contestação em direção a aspectos sociais mais amplos e gerais.

Ao estudar a juventude contestadora contemporânea, Souza (2002, 2004) nos auxilia na compreensão de outros aspectos da questão. As formas organizativas de contestação social na contemporaneidade, segundo a autora, tendem a não se preocupar em tornar-se um espaço organizado com identidade única e, sim, criar espaços de articulação e encontro de diferentes organizações, grupos e indivíduos que possuam convergências, mesmo que mínimas, sobre a questão da emancipação social. A prática da ação direta e autônoma sem intermediários institucionais desvinculada das formas tradicionais de participação em partidos políticos, sindicatos etc., a horizontalidade como princípio organizativo não-hierárquico e a autogestão como ideal regulatório da prática, são outros elementos comuns, ou cuja tendência de serem encontrados nesses grupos e movimentos é mais comum (SOUZA, 2002). O caráter anticapitalista delineia uma natureza anti-sistêmica para a contestação social contemporânea juvenil: “O anticapitalismo é outro princípio que orienta a agenda política dos jovens desses grupos ati-

¹⁵ Trata-se do *Centre Contemporary of Cultural Studies*, o CCCS, da Universidade de Birmingham.

¹⁶ HALL, S. & JEFFERSON, T. (Orgs.) *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutchinson and Co, CCCS, University of Birmingham, 1993.

vistas. Consideram que o capitalismo humanizado não conseguirá perder sua face de opressão, alienação e exclusão, e questionam o sistema (...)” (SOUZA, 2002, p.458-459)

Ainda segundo Souza (2002), a ação que se pretende anticapitalista dos jovens trafega entre as esferas do global e do local: pensam a realidade da mundialização e agem localmente através de diversas iniciativas, como a construção de rádios livres e comunitárias, ocupações de imóveis abandonados, carnavais de protesto, ações culturais e políticas nos espaços públicos das cidades, boicote a produtos e serviços das grandes corporações etc. Essas ações e iniciativas constituem formas não-convencionais e não-institucionais de participação política, ao mesmo tempo que são, elas mesmas, uma ampliação da própria política. A autora define o campo de ampliação da política a partir das ações dos jovens contestadores como de natureza contra-instituinte.

O alargamento do campo político relativo à contestação social juvenil contemporânea coloca questões que estão para além da estreiteza dos pequenos cálculos políticos, da racionalidade estratégica política e das técnicas de administração e poder. Ainda segundo Souza (2002), as emoções, sentimentos, interesses e protestos constituem a matéria-prima de uma política que recupera seu “valor de uso”. Podemos inferir daí que a questão política colocada nesses termos abarca questões relativas à dimensão das subjetividades dos sujeitos, de suas necessidades, desejos e anseios.

Já Feixa (2002), analisando a realidade dos movimentos contemporâneos de contestação social na Espanha influenciada diretamente pelas jornadas antiglobalização, chama a atenção para as características do que define como “novíssimos movimentos juvenis”, em contraposição aos conhecidos novos movimentos sociais dos anos 1970 e 1980, e para o desafio conceitual e analítico colocado pela complexidade mesma das sociedades contemporâneas — era digital e período agudo de mundialização — das quais esses movimentos fazem parte.¹⁷

Assim como Freire Filho (2007, 2008), Feixa percebe, dentre as características desses movimentos, o “retorno” de reivindicações materiais e gerais dos movimentos sociais clássicos em oposição a tendência de agrupamento em torno de construções identitárias presente nas culturas juvenis dos anos 1970 e 1980. Feixa aponta elementos centrais dessa diferenciação: combinação da parafernália festiva carnavalesca com formas agudas de boicote às grandes corporações capitalistas e superação das fronteiras identitárias (gênero, classe, raça, território e idade) dos movimentos anteriores. A tendência é que as formas organizativas contemporâneas de contestação social, como os “dias de ação global” por exemplo, escapem às for-

¹⁷ A questão a respeito dos desafios conceituais e analíticos colocados pelos movimentos contemporâneos será abordada ao longo do trabalho.

mas organizativas microculturais compactas, estáveis e com fronteiras bem definidas. Nas movimentações contemporâneas de contestação social, as diversas demandas específicas (de gênero, de classe, de raça etc.) parecem, segundo o autor espanhol, confluir para uma dimensão mais ampla, qual seja: o próprio questionamento ético da sociedade em seu conjunto. A imagem com que podemos pensar talvez não seja mais correspondente àquelas das dimensões fechadas das chamadas “tribos urbanas”, cada qual com sua configuração específica e particular, e sim a imagem de redes de movimentos que se inter cruzam subjetiva e objetivamente. Sobre o uso das novas tecnologias da comunicação e informação, Feixa indica que elas também são elementos importantes para caracterizarmos as formas de organização e luta dos movimentos juvenis de contestação social contemporâneos.

De la tribu a la red, pues la forma organizativa de los nuevos movimientos juveniles, escapa a las pequeñas microculturas compactas, con liderazgos claros y fronteras estables, e imita la composición descentralizada y aparentemente caótica de la terana internautica, que em realidade prefigura nuevas lógicas de orden social (FEIXA, 2002, p.22).

Esse último aspecto abordado pelo autor aponta para a constituição dos processos que sustentaram a conformação dos protestos globais e da própria AGP. A utilização de novas tecnologias da comunicação e informação e a conformação de redes são características constituintes dessas movimentações contemporâneas. Por chamados que circulavam nas redes ativistas através de contatos diretos, e/ou majoritariamente via rede mundial de computadores, vinham as convocações feitas pela AGP para os protestos globais (também chamados de “carnavais de rua”) ou “Dias de Ação Global”, que serviam, de maneira geral, para dar visibilidade a uma extensa e diversificada pauta de reivindicações contra a ordem financeira global e para bloquear/impedir as cúpulas, encontros e reuniões dos grandes gestores/financiadores da ordem econômica mundial — Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização Mundial do Comércio (OMC), Banco Mundial, G-8, entre outros.

Os Dias de Ação Global ou os dias de protesto global — as *contra-cúpulas*, as quais anotamos quatro delas como exemplos de grande repercussão: Genebra 1998, Seattle 1999, Praga 2000 e Gênova 2001 — representaram marcos dessas formas contestatórias da ordem mundial globalizada. “O modelo desses protestos veio da mistura de festa e sabotagem urbana do Reclaim The Streets, com a herança da desobediência civil dos protestos contra a Guerra Vietnã da Direct Action Network” (CHRISPINIANO, 2002, p.19). Especialmente destacamos o dia de ação global ocorrido no ano de 1999 em Seattle, o *N -30*, ou dia de protesto global contra a rodada do milênio da OMC, que ficou conhecido como a “batalha de Seattle”, devido

ao grau de conflitos entre os ativistas e as forças policiais, e que repercutiu entre uma parcela de jovens ativistas urbanos em várias partes do mundo como exemplo a ser seguido.¹⁸



FIGURA 1 - Foto do dia de ação global, o N-30, em Seattle, 1999.

Fonte: Disponível em <http://www.indymedia.ie/article/80676>. Acesso em 12/11/2001

Em artigo escrito para o site ativista *Passa Palavra*, o articulista Manolo analisa comparativamente duas gerações de ativistas: uma que protagonizou os protestos antiglobalização no final década de 1990 e início da década dos 2000, e outra que protagonizou protestos no ano de 2011, e que ainda protagoniza os acampamentos em praças públicas de várias cidades do mundo, conhecidos como *Occupy*, *15-M* e *15-O*.

Até o momento, os acampamentos são, para uma geração que começa agora a envolver-se em atividades coletivas, de um lado, e na luta anticapitalista, de outro, algo que para nós da “geração Seattle” representaram tanto o levante zapatista em 1994 quanto a manifestação contra a Rodada do Milênio da OMC em 1999: um *ponto de viragem*, um *marco histórico*, um *chamado à ação* – chamem-no como quiserem, mas para as jovens mentes ativistas de então aquilo nos marcou como ferro em brasa. Alguns tomam esta semelhança como *conclusão* a ser defendida como posição política séria, quando não é nada além do *ponto de partida* para a reflexão e intervenção sobre o presente (MANOLO. A “geração Seattle” e a “geração de acampantes”. *Passa Palavra*, 4/11/2011. Grifos do autor. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=48007>. Acesso em 12/11/2011).

Ao concordarmos com Manolo na utilização da expressão “geração Seattle”, podemos considerar o dia de ação global ocorrido nessa cidade como um marco simbólico, ou melhor,

¹⁸ Os “Dias de ação global” eram definidos por uma letra e um número. A letra significa um determinado mês e o número um determinado dia. Assim, o N- 30 quer dizer dia de ação global em 30 de novembro.

uma espécie de “definidor” de certo imaginário para jovens ativistas em vários centros urbanos de todo o mundo. Em uma reflexão na mesma direção e elevando os acontecimentos do N-30 a uma dimensão analítica ainda mais abrangente, Chomsky (2004) afirmou que Seattle representa o marco político do nascente século XXI. Nesse sentido, considerando a dimensão da influência de Seattle em um contexto de globalização, de intercâmbios simbólicos e culturais intensos, poderíamos refletir sobre os processos de constituição dos agenciamentos juvenis a partir de então. Trazendo a questão de como esses processos ocorreram no Brasil, Liberato (2006) afirma que a partir de 1999 muitos desses jovens ativistas impactados com os acontecimentos de Seattle passaram a se organizar para a realização de Dias de Ação Global e a se “associar” a AGP.¹⁹ Em São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza, Rio de Janeiro etc., jovens então influenciados pelas novas “ondas” contestatórias globais protagonizaram ações que colocavam o Brasil no mapa das “insurgências antiglobalização.” (LIBERATO, 2006). Uma das primeiras expressões visíveis dessas novas formas de contestação social no Brasil se deu com a organização do dia de ação global contra a globalização econômica, o S-26, em 2000, chamado pela AGP para se realizar em diversas cidades do mundo, e que aconteceu principalmente em São Paulo, Fortaleza, Belo Horizonte, Belém, Brasília, Rio de Janeiro, Santa Maria (RS), Campinas (SP) e Sorocaba (SP), e depois o A-20, ocorrido em 2002 em São Paulo.

No Brasil, a idéia da AGP chegou depois das manifestações de 1999, organizando-se pela primeira vez no estado de São Paulo em 2000, primeiro na Baixada Santista e na capital, no Primeiro de Maio, que poderia ser considerado como um ensaio do que seria o S26 (26/09/2000), marco da consolidação do movimento em solo brasileiro. Desenvolve-se a partir daí uma série de mobilizações e dias de ação global, alguns abertamente inspirados nos princípios da AGP, e outros com alguma influência — como foi o caso do “Dia Sem Compras”, em Belo Horizonte, nos fins de 2000, e os protestos contra a morte de Edson Neris por skinheads fascistas em São Paulo, no início de 2001 (FELIPE CORRÊA. Balanço crítico acerca da Ação Global dos Povos no Brasil (1). *Passa Palavra*, 28/07/2011. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=42773>. Acesso em 04/08/2011).

Esse trecho de Felipe Corrêa, ativista da AGP no Brasil no período, demarca o nível dos processos de intercâmbios e das influências que os Dias de Ação Global e protestos de rua antiglobalização e anticapitalistas tiveram no Brasil. O autor chega a se referir às ações com influência direta da AGP protagonizadas por jovens ativistas brasileiros e às ações com alguma influência da AGP — impactos da AGP nas subjetividades juvenis, como o *Dia sem Compras* em Belo Horizonte, o qual iremos abordar posteriormente. E ainda: muitos desses protagonistas da AGP e dos dias de ação global participaram também de forma crítica dos

¹⁹ A forma como se deu esse impacto deve ser analisada tendo em conta os processos de agenciamentos e ativismos juvenis que já existiam antes mesmo de Seattle, e que sofreram mutações, reconfigurações ou afirmaram suas potencialidades e características após o N-30.

primeiros Fóruns Sociais Mundiais realizados na cidade de Porto Alegre organizando atividades paralelas como a *Intergaláctica* e *Vida após o capitalismo*.²⁰



FIGURA 2 - Foto do S-26 em São Paulo

Fonte: http://provosbrasil.blogspot.com/2011/08/balanco-critico-acerca-da-acao-global_12.html. Acesso em 11/11/2011

Interessante percebermos, também, que os processos de compartilhamento, de vivência comum, de experiência (intelectual, subjetiva e política) coletiva oriundos de protestos de rua antiglobalização e a partir dos marcos da resistência contemporânea ao capitalismo global — EZLN, AGP etc. — e, fundamentalmente, o sentimento comum partilhado de influência nos destinos sociais — se deram nos encontros e agenciamentos nas ruas de várias cidades do mundo, como também através da mediação das novas tecnologias da comunicação e informação. A Internet foi o meio fundamental que propiciou a integração e o intercâmbio necessários

²⁰ Podemos afirmar que certamente o Fórum Social Mundial pode ser considerado, ao lado do levante zapatista e dos movimentos antiglobalização, outro marco da contestação social contemporânea. Estamos concedendo importância relativa ao mesmo em relação ao desenvolvimento dos movimentos “antiglobalização” no Brasil e da própria AGP por considerarmos que a participação dos ativistas antiglobalização nos Fóruns Sociais Mundiais se deu de forma paralela e permeada por críticas, tensões e conflitos. Ao que parece, a participação no Fórum Social Mundial representou um divisor entre os coletivos ligados a AGP no Brasil que decidiram participar do evento e os que decidiram não participar. Para maiores esclarecimentos a respeito das relações entre AGP e Fórum Social Mundial, ver: MANOLO. Crise e oportunismo: o internacionalismo anticapitalista em tempos de Fórum Social Mundial. *Passa Palavra*, 26/02/2010. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=18911>. Acesso em 23/11/2011; PANFLETO do coletivo Proletarizados contra corrente da cidade de Fortaleza e signatário da AGP no Brasil. Sobre e contra o Fórum Social Mundial. Disponível em http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/wsf/contra_fsm.htm. Acesso em 23/11/2011.

para a conformação geracional nesse caso específico da “geração Seattle”. As trocas de experiências das distintas realidades locais, as trocas de conhecimentos, relatos, textos, fotos, vídeos, áudios, informações, os chamados para os protestos globais em várias cidades do mundo, a conformação de portais na Internet com informações dos protestos em várias cidades — e ainda a produção coletiva e compartilhada de conteúdo, informações e cultura — conformaram todo um conjunto de experiências situadas e concretas que podem ser interpretadas como que desencadeadoras da formação de uma geração: no caso em tela, a chamada “geração Seattle”.

Esse aspecto, o das relações entre indivíduos, sociedade e novas tecnologias da comunicação e informação, ou melhor, a “novidade” da cibercultura,²¹ traz implicações e problemas novos para se pensar a questão das gerações, bem como expressa tendências cada vez mais agudas das formas de ser dos indivíduos e das formas de ser da sociabilidade e das relações humanas na chamada “era digital” ou “sociedade em rede”, como quer Castells (1999):

O que nós observamos não é ao desaparecimento da interação face a face ou ao acréscimo do isolamento das pessoas em frente dos seus computadores. Sabemos, pelos estudos em diferentes sociedades, que a maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais ativos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interações face a face, em todos os domínios das suas vidas. (CASTELLS, 1999, p.24)

As implicações dessas novas formas de intercâmbio simbólico/subjetivo humano para a reflexão acerca do conceito de “geração” obrigam os investigadores sociais a procurarem reformular e/ou a repensarem os problemas que tangenciam o próprio conceito. Uma pista interessante para pensarmos essa questão talvez possa ser encontrada nas reflexões dos sociólogos Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernshiem (2008) acerca do que eles conceituam como sendo a “Global Generation” (geração global).

Segundo a tese desses autores, pode-se observar no século XXI o surgimento de uma geração global ou “constelações geracionais cruzadas” oriundas dos processos de tensão entre o desenvolvimento da globalização e os processos de desenvolvimento local. Para esses autores não há, nas sociedades atuais, como sustentar uma noção de geração cerrada em termos nacionais, na medida em que uma variável considerável de fatores globais delinea a constituição dessas mesmas sociedades. A questão geracional deve ser pensada, segundo eles, a partir

²¹ O termo “cibercultura” possui múltiplos sentidos e há todo um campo de estudos e teorias voltadas para sua compreensão (ver, por exemplo: RUDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.) Definiremos a cibercultura de maneira simples, por ora: como forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre sociedade, cultura e novas tecnologias da comunicação e informação.

de uma visão abrangente que leve em conta os fatores globais que afetam as gerações. Poderíamos refletir acerca da “geração Seattle” como uma *global generation*, bem como sobre as várias formas assumidas por essa geração nos processos de contestação social nacionais e/ou locais protagonizados por jovens.

Considerando os elementos que apontamos acima, podemos afirmar que, de certa forma, todo esse novo cenário de protestos e movimentações surgido no final do século XX e início do século XXI, trouxe elementos que impactaram e/ou deram outras tonalidades para as formas de organização, concepção e mobilização dos jovens ativistas urbanos brasileiros. Podemos entender que tais elementos apontam para contornos que delineiam a subjetividade de toda uma geração de ativistas.

A chamada “geração Seattle” no Brasil

Podemos refletir sobre os impactos decorrentes do surgimento da “geração Seattle” no Brasil. Tais impactos intensificaram e/ou reforçaram o surgimento de formas organizativas juvenis distintas daquelas que podemos identificar como de tipo tradicional — partidos, sindicatos, movimento estudantil etc. As referências construídas a partir do levante zapatista, do movimento antiglobalização e dos grupos e coletivos que conformaram a AGP inspiraram todo um conjunto de jovens ativistas urbanos e impulsionaram esses mesmos jovens a criarem, ou a reforçarem, tipos complexos e difusos de agenciamentos. A cultura da autonomia e autogestão forjada no fogo dos protestos e redes insurgentes globais inspirou a constituição de “novas comunidades instáveis de dissenso artístico, social e político.” (CABRAL; FREIRE FILHO, 2008, p.184)

Entre essas formas organizativas juvenis contemporâneas, podemos destacar uma forma bastante presente nesse contexto do dissenso juvenil contemporâneo: os autodenominados *coletivos*. Estamos entendendo por “coletivos” os agenciamentos, associativismos e agrupamentos de jovens ativistas e jovens produtores de cultura em prol de um ou mais fins. Os jovens se agrupam em coletivos geralmente por afinidade/ideais, ou por relações afetivas, ou por questões identitárias ou por todos esses elementos juntos. A natureza de determinado coletivo, ou seja, os motivos, objetivos e interesses que conformam determinado agenciamento, indicam também a natureza dos agrupamentos. A organização dos coletivos também é marcada pela autonomia, autogestão e horizontalidade — inspiração dos movimentos antiglobalização. Outro aspecto dos coletivos a ser ressaltado é o da flexibilidade e fluidez da participação engendrada em seus interiores. Os compromissos, acordos, normas e regras são auto-

determinados pelos indivíduos que neles participam. Não há rigidez nem fidelidade participativa. A relevância do indivíduo — dos desejos e necessidades individuais — no interior de um coletivo aponta para reflexão, de um lado, de formas de agenciamento mais flexíveis e “líquidas” distintas das organizações da esquerda tradicional e, de outro, formas de ser — fluidas e igualmente líquidas — da individualidade contemporânea (BAUMAN, 2001). Ao analisarmos a Praia da Estação iremos retomar o tema da individualidade.

O fenômeno dos ‘coletivos’, forma de associação entre artistas e militantes cada vez mais recorrentes no Brasil, tem alcançado aos poucos nitidez e visibilidade. Segundo informava matéria do jornal *Folha de São Paulo*, em abril de 2003 (*Folha de São Paulo*, 6 abr. 2003. Mais!, p.49), os coletivos formados por artistas plásticos pipocavam em várias cidades do país. Em janeiro de 2005, a revista *Carta Capital* publicou uma reportagem que tinha como tema o coletivo Sabotagem e suas ações subversivas de pirataria de livros e textos fora do domínio público (*Carta Capital*, 26 jan. 2005, p. 58-59). Na internet, uma primeira pesquisa pela palavra ‘coletivo’ no Google resulta em centenas de ocorrências. (FREIRE FILHO, 2008, p.184)

No texto *Nome: Coletivos, Senha: Colaboração* publicado na seção *Intervenção* do extinto site *Rizoma.net*, segundo Ricardo Rosas os coletivos contemporâneos expressam indícios de mutações profundas que estão ocorrendo nas esferas social e tecnológica.

As lógicas da cooperação, colaboração, autonomia, organização em redes e contestação social, constituintes dos coletivos contemporâneos, sinalizam, por parte dos jovens ativistas, novas formas de organização e recriação das ações coletivas de dissenso nas sociedades contemporâneas, formas distantes, de certo modo, das formas e instituições tradicionais.

O autor ressalta que, mesmo tendo sua origem desde o período da Revolução Francesa, o fenômeno dos coletivos contemporâneos, e especificamente sua materialização no Brasil, guarda uma especificidade: “O que diferencia a atual voga de movimentações coletivas no Brasil é o caráter político de boa parte delas, assim como o uso que muitas fazem da internet, seja via listas de discussão, websites, fotologs e blogs ou simplesmente comunicação e ações planejadas por e-mail”. E diz ainda:

(...) o atual beco sem saída do neoliberalismo parece haver despertado a consciência de vários grupos no Brasil, que passaram a criar fora das instituições estabelecidas com performances, intervenções urbanas, festas, tortadas, filmagens in loco de protestos e manifestações, ocupações, trabalhos com movimentos sociais, culture jamming e ativismo de mídia. (ROSAS, Ricardo. *Rizoma.net*. Acesso em 10/02/2011)²²

²² O site hoje está desativado.

Assim sendo, podemos pensar sobre o fenômeno dos coletivos enquanto “malhas subterrâneas”, pouco visíveis, de agenciamentos juvenis que transitam por diversos matizes sociais do dissenso, contestação, crítica, criação e produção cultural alternativa.²³

Dentre os principais eixos de atuação dos coletivos no Brasil atualmente destacamos os seguintes:²⁴ *coletivos* de mídia independente — blogs, sites, rádios livres, jornais, vídeos, áudios etc;²⁵ *coletivos* de produção e troca de software livre; *coletivos* de abolição animal e veganos;²⁶ *coletivos* contra o consumo mercadológico que organizam lojas livres onde nada se compra e tudo se troca;²⁷ *coletivos* anarquistas que se envolvem com movimentos populares, como o movimento dos sem-teto, por exemplo; *coletivos* de edição e divulgação de livros sobre literatura libertária, autores anarquistas, poetas marginais, autores desconhecidos, e até mesmo de autores que participam desses mesmos coletivos e que não possuem, ou não desejam, uma vinculação com os mercados tradicionais de difusão cultural; *coletivos* de estudo e discussão de literatura libertária e anarquista; *coletivos* de trocas e difusão de materiais “pirateados”, filmes, músicas, livros, quadrinhos e materiais culturais alternativos; *coletivos* que organizam protestos lúdicos e ações de desobediência civil;²⁸ *coletivos* feministas, *coletivos*

²³ As dificuldades de construção de classificações para os coletivos decorrem, a nosso ver, da própria complexidade de constituição dos mesmos — formas de agenciamento muitas vezes em constante mutação, maleáveis, pouco definidas e híbridas. Nesse sentido, optamos por abordar os mesmos a partir de uma série de temas de atuação dos mesmos. Não temos o objetivo de esgotar esses temas de atuação dos coletivos e alertamos para o fato de que muitos deles escaparam a nossa tentativa de classificação

²⁴ Esses eixos são indicados a partir de nosso conhecimento prévio e vivência, e a partir de uma rápida pesquisa na Internet.

²⁵ Um exemplo paradigmático desses coletivos de mídia é o Centro de Mídia Independente (CMI). “O CMI Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia, que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio-ambiente. A ênfase da cobertura é sobre os movimentos sociais, particularmente, sobre os movimentos de ação direta (os “novos movimentos”) e sobre as políticas às quais se opõem. A estrutura do site na internet permite que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens, tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações.” (Disponível em www.midiaindependente.org. Acesso em 06/06/2011). Conhecido internacionalmente como “Indymedia”, o CMI nasceu com o objetivo de coordenar a cobertura jornalística alternativa dos protestos de Seattle em 1999 e se espalhou depois por todo o mundo. Sobre o CMI Brasil, ver o estudo de Caires (2010).

²⁶ Coletivos que lutam contra qualquer forma de domínio da espécie humana sobre as outras espécies animais no planeta. Muitos desses coletivos promovem ações de boicote a indústrias e produtos que utilizem qualquer componente ou ingrediente de origem animal, ações contra experimentações científicas que utilizem animais, campanhas de libertação dos animais, momentos de produção e consumo coletivo de alimentos sem origem animal, como as chamadas “verduras” etc. Já os *veganos*, praticantes do “veganismo”, são aqueles que não consomem qualquer produto de origem animal — alimentos, vestuário etc. Todos aqueles que se envolvem com as causas da libertação animal são veganos, mas nem todos os veganos podem ser considerados ativistas da causa abolicionista animal.

²⁷ Na seqüência do texto, iremos nos reportar a um desses espaços de trocas livres de objetos — um espaço de não-consumo mercadológico — de Belo Horizonte.

²⁸ Um exemplo de protesto lúdico realizado por coletivos libertários em Belo Horizonte foi o chamado “Dia Sem Compras”, que será mencionado mais a frente. Outro exemplo de protesto lúdico e de ação de desobediência civil é própria Praia da Estação, objeto desse estudo.

de combate ao racismo, *coletivos* que organizam as bicicletadas ou massas críticas²⁹ e que questionam as formas de mobilidade urbana; *coletivos* que discutem as transformações urbanas — segregação espacial, gentrificação etc, e que protagonizam ações e intervenções nas cidades que questionam as dinâmicas de produção do espaço urbano;³⁰ *coletivos* que promovem shows de bandas punks e bandas independentes, e/ou que promovem eventos anti-culturais;³¹ *coletivos de body art*³² etc.

A diversidade de temas, ações e formas de atuação dos coletivos expressa uma característica marcante dos mesmos, bem como aponta para uma pulverização de iniciativas que delinea a complexidade da experiência desses jovens. Outro ponto importante a ser destacado é que, muitas vezes, um mesmo coletivo pode organizar e orientar sua ação para mais de uma demanda ou questão, e ainda coletivos distintos — de matiz contestatório ou produção cultural distintos — podem conformar redes de ação e solidariedade. Muitas das vezes essas redes de coletivos extravasam a dimensão local, a dimensão da cidade e se estendem por outras cidades, e até mesmo por cidades de outros países.³³ Ao observador desses agenciamentos, chama também atenção a ocupação de espaços físicos por parte desses jovens a fim de abrigar um ou mais coletivos, uma ou mais iniciativas ou redes de coletivos.³⁴ Feixa define esses espaços como “espaços liberados”:

En estos espacios liberados se constituyen tiempos y espacios distintos a los de la sociedad más amplia, las discontinuidades entre el tiempo y el espacio laborale u de ocio, el rescate del espectáculo circense como expresión cultural; la mezcla entre ocio y compromiso, la misma comunicación con diferentes latitudes del planeta, así un ejemplo de cómo se generan estos espacios y tiempos que ronpen con los establecidos (FEIXA, 2002, p.93).

²⁹ Movimentos que questionam a forma hegemônica de mobilidade urbana baseada na utilização do automóvel e da própria organização das cidades e da produção do espaço urbano em função desse meio de transporte. As ações desses coletivos se inserem no campo simbólico, de onde promovem intervenções urbanas a partir do uso da bicicleta. Em Belo Horizonte, a Massa Crítica — inspirada no movimento mundial “Critical Mass” — ficou conhecida como “bicicletada”. Iremos também abordar essa iniciativa na seqüência do texto.

³⁰ A história da *Praia da Estação* tem relação direta com esses coletivos, como veremos.

³¹ A idéia de “anticultura” tem a ver com uma ressignificação dos movimentos contraculturais dos anos 1960 e 1970. A anticultura é de inspiração anarquista, anticapitalista e de questionamento profundo dos processos culturais hegemônicos das sociedades contemporâneas. Dois exemplos significativos de iniciativas no campo anticultural em Belo horizonte foram o *Coletivo Gato Negro* e o *Carnaval Revolução*, que igualmente iremos abordar mais a frente.

³² Coletivos de intervenção e performance artística corporal e de promoção de transformações corporais. Um exemplo de atuação desses coletivos é a realização de eventos de “suspensão” (que consistem em performances onde os corpos são suspensos por ganchos presos a pele dos indivíduos), eventos de “body piercing”, tatuagens e marcas corporais.

³³ Um exemplo de uma rede de coletivos é o portal “Bicicletada”, que reúne informações de coletivos que organizam bicicletadas em todo o Brasil. Ver www.bicicletada.org.

³⁴ Como exemplos desses espaços, podemos citar o *Centro (anti) cultural Gato Negro*, que existiu em Belo Horizonte, e o *Espaço Ystilingue*, que ainda existe. Ambos serão abordados posteriormente.

Espaços de dissenso, de sociabilidades, tempos e formas outras que não as hegemônicas do mercado, esses espaços podem tanto servir de plataforma que abrigue em rede vários coletivos — um espaço que sirva como um “guarda-chuva” de coletivos e iniciativas, e que sirva de referência para os jovens libertários e contestadores de uma determinada localidade, como já dissemos — como podem servir também de referência e/ou “abrigo” para jovens libertários que, de localidade em localidade, transitam por “espaços liberados”. Dentre esses espaços, temos aqueles que cumprem dupla função: servirem tanto para a constituição de redes de coletivos ou de iniciativas libertárias, bem como servirem de local de moradia. Nesse sentido, estamos a falar das *Okupas/Squats*, ou centros sociais, que efetivamente são casas e construções abandonadas ocupadas por jovens nos grandes centros urbanos, o que aponta para um questionamento social do mercado imobiliário pelos jovens, bem como da concentração da propriedade imobiliária nas cidades.³⁵

Imaginemos um exemplo hipotético que expresse a complexidade, o hibridismo e a maleabilidade desses coletivos e “espaços liberados”: podemos ter a situação da existência de um coletivo de abolição animal que naturalmente se envolva com a questão da produção, troca e consumo de alimentos sem ingredientes de origem animal, promovendo feiras de alimentos produzidos de forma coletiva, e que se envolva também com coletivos de mídia alternativa, ou que possam se servir de “espaços liberados” junto a outros coletivos para desenvolver e organizarem suas ações — ou, ainda, que seus participantes morem em Okupas. Exemplos concretos também podem ser citados para melhor compreensão dessas questões. O *Squat 13 de janeiro* ou o coletivo *J- 13*³⁶, da cidade de Curitiba — coletivo que completou cinco anos em 2012 — é um exemplo da diversidade de temas que um mesmo coletivo pode abrigar. Seus participantes vivem em uma casa ocupada, uma Okupa, desenvolvem trabalhos de mobilização e solidariedade com os sem-teto na região metropolitana de Curitiba, atuam em causas como a do transporte público e intolerância antifascista, praticam o veganismo e difundem a causa da abolição animal — e ainda formam uma banda punk.

³⁵ O termo “Squat” é utilizado para definir as ocupações de imóveis abandonados nas cidades por jovens. Já o termo “Okupa” define a ocupação como qualifica os ocupantes, e é mais usado na Espanha e América Latina. Na Espanha e Itália também é muito comum o uso do termo equivalente a “Centros Sociais oKupados”, o que revela de forma mais clara o caráter das ocupações. A grafia do “K” ao invés do “C” para *okupas* e *okupados* é influência da cultura punk e é uma marca simbólica do movimento.

³⁶ Sobre o coletivo J-13, ver <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2012/01/502197.shtml>. Acesso em 19/01/2012.



FIGURA 3: Imagem sobre as comemorações de dois anos de existência do Squat J-13.
 Fonte: <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue//2009/01/437606.shtml>.
 Acesso em 13/10/2011

Esse exemplo nos auxilia a abordar mais um aspecto da cena contemporânea de contestação social juvenil expressa por esses novos agenciamentos, que é justamente a questão do intercruzamento e da justaposição entre as dimensões do cotidiano — do estilo de vida, da micropolítica, da resistência cultural cotidiana etc. — e a dimensão dos questionamentos macropolíticos. Muitos dos coletivos, ou melhor, muitos dos jovens que participam dos coletivos contemporâneos, pendulam — ora com mais força para um lado, ora com mais força para o outro, dependendo do contexto de oportunidades de ação em que estão inseridos — entre as escolhas cotidianas do dissenso (o que se compra, o que se ouve, o que se come, o que se veste, onde mora, como se relaciona, como concebe seu corpo, como se relaciona com o mundo do trabalho, com a família, com a escola etc.) e entre a articulação coletiva de protestos, boicotes, participação em movimentos de questionamento mais amplo etc.

Os coletivos e seus participantes sinalizam para um complexo enredo do dissenso juvenil em que cotidiano e questões sociais mais amplas, invisibilidade e visibilidade, micro e macro por vezes conformam amálgamas e outras vezes se distanciam. Esse pendular entre a contestação no cotidiano e a contestação social mais geral/anti-sistêmica aponta também para certa maleabilidade e reconfiguração dos referenciais e concepções norteadoras por parte desses jovens. Estamos a falar das reconfigurações que o anarquismo ganhou na contemporaneidade da parte dos protagonistas da cena contestatória contemporânea. Esses processos de resignificação e reconfiguração do anarquismo não são exclusivos dos jovens atuais, pois “desde os anos 1960 teriam existido canais de acesso e atração entre os anarquistas e a juventude”.

de”,³⁷ atração essa reforçada depois com o surgimento do movimento punk no final dos anos 1970 e início dos 1980 (LIBERATO, 2006, p.105).

Parece-nos certo afirmar que é a juventude, seus movimentos e agenciamentos no campo da contestação e do dissenso que sustentam a vitalidade das idéias e referenciais anarquistas há pelo menos quarenta anos. Essas reconfigurações do anarquismo expressam igualmente a polarização dos coletivos e de seus participantes entre as dimensões do cotidiano e do social. Na verdade, essa polarização sempre esteve presente na história do anarquismo. As querelas históricas dos anarquistas entre as posições dos individualistas de inspiração stirneriana e entre os “anarquistas sociais” marcaram tensões e conflitos nunca resolvidos.³⁸ A relação entre as dimensões do indivíduo e do social, das singularidades e das generalidades, do particular e do universal, parece provocar tensões no seio do anarquismo que mais o divide em várias tendências do que gera aproximações. Nesse sentido, ao se referir ao anarquismo, é mais comum escutarmos a expressão anarquismos — expressão da diversidade intrínseca do universo acrata.

Anarquismo, anarquismos e libertários

No debate do anarquismo contemporâneo, temos o que Bookchim (2010) definiu como sendo os dois pólos de tensão entre os libertários: o “anarquismo social” — ligado, segundo o autor, a sindicatos, movimentos de trabalhadores e movimentos sociais etc; o “anarquismo de estilo de vida” — ligado, segundo ao autor, a estilos de vida das culturas juvenis, hábitos de vida, práticas cotidianas etc. Para esse autor, na contemporaneidade, a hegemonia do “anarquismo de estilo de vida” está a suplantando o potencial crítico e a ação social do próprio anarquismo com um todo. Bookchim (2010) identifica no anarquismo de estilo de vida reverberações das teorias sociais pós-modernas e, conseqüentemente, o abandono de perspectivas de transformações gerais da sociedade. Já Woodcock (2002) salienta que um dos aspectos

³⁷ Essa é uma questão que abre uma janela ampla para todo um período histórico de efervescências e experiências sociais que impactou o mundo ocidental. O Maio de 68, a Revolução Sexual e dos comportamentos, o Rock, o Movimento Hippie e Pacifista, os Panteras Negras, as experiências libertárias etc., compõem toda uma quadra histórica de transformações sociais. Um exemplo que pode ser mencionado de experiência que aproximou o anarquismo da juventude e que muito tem a ver com várias formas de agenciamentos contestatórios juvenis atuais, foi o grupo conhecido como *Provos*, surgido nos anos 1960 na Holanda e que promovia *Happenings* nada convencionais nos espaços públicos de Amsterdam. Sobre os *Provos*, ver: GUARNACCIA, Matteo. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura*. São Paulo: Conrad, 2001. (Coleção Baderna).

³⁸ Com “stirneriana”, referimo-nos a Max Stirner (1806-1856), filósofo e escritor alemão do século XIX. Entre suas obras, encontra-se um livro de referência para os anarquistas de inspiração individualista: *O único e sua propriedade*, publicado em 1844. Entre os teóricos e escritores referências do anarquismo social, podemos destacar: Proudhon (1809-1865), Bakunin (1814-1876) e Kropotkin (1842-1921), dentre outros.

mais interessantes do que ele chama de “neonarquismo” é justamente ele ser sustentado por uma juventude que faz com que as idéias anarquistas penetrem em amplas esferas da vida social para além do mundo do trabalho — em várias dimensões onde existem relações de poder, autoridade, opressão e submissão, ou seja: fazem com que as idéias anarquistas penetrem na vida cotidiana. (PASSETTI, 2003)

Sem querer entrar nas querelas históricas entre o anarquismo clássico e contemporâneo, com essas questões chamamos a atenção para o fato de que os processos de apropriação e reconfiguração do anarquismo por parte de parcelas da juventude contestadora contemporânea parecem estar diretamente relacionados a formas de dissenso, ação e contestação que se voltam para a transformação do cotidiano e do presente, bem como para a articulação de movimentações de contestação da sociedade como um todo.³⁹ A figura do pêndulo entre o cotidiano e o social pode ser então uma imagem que de alguma forma expressa a dinâmica contestatória desses jovens ora com preocupações locais/particulares, ora com preocupações globais/universais. Ao que parece, em determinados contextos os jovens libertários praticam o anarquismo cotidiano do “estilo de vida”, sem, contudo, perderem de vista a necessidade das transformações sociais mais amplas. Os movimentos antiglobalização e anticapitalistas são exemplos que parecem ter apontado nessa direção, como já dissemos. Podemos, ainda, considerar os jovens ativistas — e não o movimento operário como no passado — como os responsáveis pela sustentação e reconfiguração das idéias anarquistas e os atores sociais mais visíveis que colocam em prática as idéias do dissenso por suas ações, protestos, grupos, coletivos, agenciamentos diversos, comportamentos etc. Conforme aponta Souza:

(...) ler os clássicos anarquistas não era suficiente; porque eu sentia o anarquismo como algo distante, como uma luz emitida por uma estrela já morta — não o percebia mais como uma prática contemporânea, ou como um referencial político atual. Era apenas uma literatura estimulante, mas pouco percebida como influente em minha vida e mobilizadora das ações políticas contemporâneas. Alguns fatos históricos foram modificando estas minhas leituras. Seattle mudou meus sentidos e minhas percepções sobre tudo isso. (SOUZA, 2007, p.4)

Souza nos diz de como os eventos de Seattle fizeram com que ele percebesse a vitalidade das idéias libertárias para além da leitura dos autores anarquistas clássicos que escreveram em outros contextos. E ainda:

³⁹ Interessante percebermos que as revoltas e rebeliões que eclodiram em diversos países do mundo em 2011 — *Occupys*, *Indignados* etc. — parecem ter seguido essa tendência libertária e de questionamento profundo das instituições políticas tradicionais — partidos, sindicatos etc. Na Apresentação do livro “Occupy”, Henrique Soares Carneiro aponta essa questão: “O viés anarquista existente nos movimentos de 2011, mesmo que não seja explicitado na teoria, choca-se com o programa muitas das vezes reformista e regulacionista do capitalismo, como se vê no Manifesto dos Indignados Espanhóis” (HARVEY, David; ŽIŽEK, Slavoj; ALI, Tariq. *et al.* 2012, p.13).

Os eventos que se sucederam a Seattle (Praga, Québec, Gênova, São Paulo e Fortaleza), ao longo dos últimos anos, instauraram novos olhares e novas perspectivas para o mundo, notadamente para a Anarquia. Em mim, representaram o momento do ‘estalo’ e da percepção instantânea das condições reais de luta e organização de grupos anárquicos contemporâneos. A percepção de que o Anarquismo é algo atual, e que suas formas contemporâneas não só resgatam as experiências do passado, mas, fundamentalmente, constroem novos referenciais e novas ações de contraposição ao Capitalismo e ao Estado. (SOUZA, 2007, p.6)

Essas mutações e reconfigurações do ideário anarquista fizeram também com que expressões que marcavam denominações e identidades se reafirmassem ou se alterassem. É mais comum escutarmos, hoje, no discurso de um jovem ativista e/ou participante de algum coletivo, a auto-identificação através da expressão “libertário (a)” ao invés da utilização da expressão “anarquista”. O uso do termo libertário, que sempre foi uma denominação própria dos anarquistas, marca na contemporaneidade certa ampliação das perspectivas de ação, assim como expressa uma vinculação mais próxima dos processos vivenciados pela juventude nos anos 1960 e 1970, do próprio movimento punk e da cultura do “faça-você-mesmo” (*do-it-yourself*).

Para fugir do ranço pejorativo em que caiu a palavra Anarquia e, também, para não haver uma associação com uma certa concepção saudosista e fundamentalista de Anarquismo, inúmeros grupos contemporâneos preferem se autodenominar *Libertários*. Livres de uma ortodoxia clássica anarquista, os grupos libertários contemporâneos produzem reflexões e intervenções bastante inovadoras e criativas — dinamizando anarquicamente o anarquismo. (SOUZA, 2007, p.8)

Os libertários contemporâneos trazem consigo referenciais teóricos e concepções que estão para além dos autores clássicos do Anarquismo (já referidos em notas anteriores) que influenciaram os movimentos de trabalhadores nos séculos XIX e XX. Se para o anarquismo clássico podemos dizer — de forma bem resumida — que o inimigo a ser enfrentado era encarnado pela tríade Estado, Capital e Religião,⁴⁰ na contemporaneidade, a crítica e a contestação se voltam para uma diversidade de formas sociais, instituições, organizações, comportamentos, relações de poder, opressões etc. Essa “atualização” do anarquismo tem a ver, em parte, com a recepção por parte dos jovens anarquistas das obras de filósofos como Foucault,

⁴⁰ Isso não significa que na história dos movimentos anarquistas não houve experiências que se voltassem para a dimensão do cotidiano e da constituição no presente de uma outra sociedade. Muito pelo contrário. Foram várias as experiências anarquistas na história onde se buscou combater as formas de opressão cotidianas ou que buscaram criar, através de suas ações, expressões de emancipação no presente: teatro anarquista, escolas anarquistas, centros sociais anarquistas etc. Ver, por exemplo: RODRIGUES, Edgar. *Os libertários: idéias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes, 1988. Outro exemplo foi a Colônia Cecília, estabelecida no ano de 1890 no Paraná, um experimento que tentou a criação de uma comuna libertária que estabelecia, entre outras coisas, o amor livre como forma de relacionamento entre seus participantes.

Deleuze, a do situacionista Guy Debord, entre outros.⁴¹ Freire Filho e Passetti nos auxiliam a compreender os contornos dos novos agenciamentos libertários:

Desde os anos 1990, segmentos da juventude mundial (em regra, desiludida tanto com os rituais e as instituições da democracia representativa, quanto com as formas tradicionais de dissenso e protesto) vêm direcionando ataques jocosos, intempestivos e aguerridos contra distintas figurações e efeitos do capitalismo tardio. Por meio de invasões, ocupações, sabotagens, marchas, bicicletadas e contrapropagandas, grupos de ação direta, culture jammers e coletivos de artistas — assumidamente inspirados por teses e práticas dos situacionistas e com o respaldo das novas tecnologias da comunicação — dramatizam um difuso mal-estar social e existencial diante do consumismo incentivado pela mídia, da destruição acelerada do meio ambiente pela ganância empresarial, do processo de privatização e conversão em mercadoria de idéias, identidades, água, sementes e material genético humano. (FREIRE FILHO, 2008. p.173)

E ainda:

O século XIX colocou as possibilidades para a democracia e o socialismo; o seguinte se encerrou confirmando a arrogância capitalista, seus valores universais e o imperativo dever do planeta globalizado em vir a ser democrático (...) Os anarquismos, nos últimos anos do século passado, viram-se novamente atuais e algumas partes começaram a reparar instintivamente numa filosofia procedente de autores como Deleuze e Foucault. (PASSETTI, 2003, p.21)

Notas introdutórias sobre coletivos libertários em Belo Horizonte

Como já referido, a capital das Alterosas não passou incólume aos acontecimentos que marcaram o cenário da contestação social global no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Estaria além de nossos limites, pretensões e objetivos tratarmos de forma aprofundada a história dos coletivos e agenciamentos que surgiram ou se fortaleceram na cidade a partir da influência e inspiração dos movimentos antiglobalização e anticapitalista na primeira década dos anos 2000 em Belo Horizonte. A história recente dos agenciamentos libertários e culturas urbanas juvenis na cidade ainda está por ser feita.

Nem de longe é nossa pretensão esgotar esse complexo e amplo tema dos coletivos em Belo Horizonte nessa primeira década do século XXI, e muito provavelmente as referências e exemplos de que nos valem para compor esse breve histórico dos mesmos — que pode ser entendido como um breve “sobrevôo” — não sejam os mais representativos e significativos

⁴¹ *Situacionista*: qualitativo convencionalmente usado para nomear os participantes da Internacional Situacionista (IS), movimento de vanguarda europeu que, entre 1957 e 1969, levou às últimas conseqüências o questionamento da arte formulada por dadaístas e surrealistas, traduzindo a crítica política marxista da “colonização da vida cotidiana” numa práxis radical de retomada experimental e transformação reveladora do espaço urbano. Seu integrante mais conhecido é Guy Debord, autor de *A sociedade do espetáculo*, publicado originalmente em 1967.

e/ou muito provavelmente deixaremos de nos referir a experiências que foram relevantes e significativas nessa mesma época. Nossa pretensão não é a da verdade histórica e sim a de uma possível interpretação dos fatos e situações ocorridas. Isso não significa que temos como premissa — talvez uma das premissas epistemológicas mais destacadas de nosso tempo — a idéia da impossibilidade de se aproximar analiticamente do real. Reconhecemos os limites da razão sem, contudo, decretar sua falência.

Feitas essas considerações, perguntamos: é possível caracterizar os jovens libertários e ativistas belorizontinos que participaram e/ou se inspiraram (e por isso possuíam uma conexão concreta com os acontecimentos globais) dos/nos protestos de rua globais como pertencentes a essa mesma chamada “geração Seattle”? Ou seja: como se objetivaram as novas formas de protesto e contestação dos jovens, surgidas a partir dos movimentos antiglobalização, em Belo Horizonte? A resposta a essas perguntas exige que nos aproximemos da história recente dos jovens ativistas e libertários na cidade.

Em termos históricos, poderíamos afirmar que os jovens ativistas e libertários em Belo Horizonte compartilharam experiências, leituras, trocaram informações, aprenderam, ensinaram e efetivamente participaram de um contexto de contestação e influência social comum com jovens de diversas partes do mundo. Em relação aos acontecimentos de protesto e contestação social globais, poderíamos caracterizar como pertencentes à “geração Seattle” tanto os jovens ativistas em todo mundo participantes de forma direta da organização e execução dos dias de ação global, como jovens ativistas participantes de coletivos, iniciativas e ações inspirados na AGP e nos movimentos antiglobalização. Por isso, podemos afirmar que parte dos jovens ativistas de Belo Horizonte no início do século XXI podem ser caracterizados como pertencentes a chamada “geração Seattle”.

Reforçamos a idéia de que os coletivos e agenciamentos libertários surgidos em Belo Horizonte na primeira década dos anos 2000 reúnem características similares às do movimento antiglobalização, e compartilham um mesmo sentido histórico com aquele. Identificar os jovens ativistas libertários belorizontinos em fins dos anos 1990 do século XX e início dos anos 2000 como pertencentes à chamada “geração Seattle” representa, então, uma primeira aproximação interpretativa a respeito dos agenciamentos produzidos pelos mesmos, bem como reforça a argumentação de que os processos constitutivos dessa mesma geração possuem uma dimensão global.

Mas há, ainda, um aspecto a que gostaríamos de chamar a atenção, o qual é justamente identificarmos as especificidades assumidas pela “geração Seattle” em Belo Horizonte. O passo seguinte dessa rápida aproximação analítica é justamente identificar as especificidades

dessa geração de ativistas na cidade. Tais especificidades podem ser melhor compreendidas se mirarmos para os intercruzamentos entre os contextos globais de contestação social e o contexto local da capital mineira. Pensamos ser possível identificar nesses intercruzamentos entre os contextos global e local de contestação social as formas assumidas pelos agenciamentos ativistas juvenis, bem como percebermos, mesmo que de forma sucinta, os conteúdos que essas formas foram assumindo ao longo de uma década e suas possíveis relações com os acontecimentos na cidade. Especificamente identificaremos algumas razões que “colocaram” o tema do urbano e do poder municipal como um dos centros de preocupação dos jovens ativistas ao longo dos anos 2000 em Belo Horizonte.

Essa forma de caracterização a que nos referimos acima exige maiores explicações a respeito das distinções intergeracionais entre os ativistas — distinções essas que pensamos ser, entre outras razões, marcadas pela distância temporal entre os protestos de rua globais — ou dias de ação global — e o surgimento dos coletivos libertários nos grandes centros urbanos, e especialmente em Belo Horizonte. Nesse sentido, uma distinção que poderíamos ressaltar entre um primeiro subgrupo e um segundo subgrupo — em outras palavras: entre os coletivos pertencentes ao campo que definimos como “libertários antiglobalização” e os coletivos “libertários pós-antiglobalização” — é a própria proximidade dos primeiros a eventos macropolíticos e a relativa distância dos “libertários pós-antiglobalização” a esses mesmos protestos — apesar das influências e inspirações diretas.⁴² A “curva descendente” dos protestos de rua globais e do próprio movimento antiglobalização em meados da primeira década do século XXI pode ser considerada uma, entre outras razões, que aponta para as distinções intergeracionais das quais estamos tratando: as distinções entre “libertários antiglobalização” e “libertários pós-antiglobalização”.

Essa relativa distância dos protestos macroestruturais talvez possa ser pensada como um elemento que contribuiu para o deslocamento do eixo de referência dos coletivos “pós-antiglobalização” das questões *macro* para as questões *micro*, do *geral* para o *particular*, do *macro-social* para o *cotidiano* ou, nos termos de Bookchin (2010), do “anarquismo social” para o “anarquismo do estilo de vida”. Poderíamos pensar a questão da distinção entre esses coletivos nos seguintes termos: os coletivos “libertários antiglobalização” possuíam a tendência de se organizarem em função das questões e protestos macro-sociais/globais, pela proximidade temporal e pela conexão direta que tinham com as movimentações antiglobalização, mesmo que o lema desses coletivos fosse agir localmente e pensar globalmente; e os “pós-

⁴² A distância temporal entre as gerações é muito curta, mas parece ser suficiente para demarcar diferenças se levarmos em conta a experiência do tempo na contemporaneidade marcada pela dinâmica da aceleração.

antiglobalização” tenderiam a se organizar de forma mais nítida em torno das questões micro-sociais e/ou locais, devido, talvez, e em parte, a distância relativa que possuíam das movimentações globais.⁴³ Isso poderia explicar parcialmente a atenção dedicada aos problemas locais urbanos ou aos problemas do poder local/municipal de forma mais intensa por parte desses mesmos coletivos “pós-antiglobalização” na cidade de Belo Horizonte.⁴⁴

Para além das distinções a que estamos nos referindo entre o que definiríamos como “frações geracionais da geração Seattle” em Belo Horizonte, e para além dos aspectos a que apontamos e julgamos serem relevantes para a análise da constituição desta mesma geração de ativistas na cidade, gostaríamos de apontar reflexões acerca de uma dimensão que parece-nos complementar a que vamos tratando, a qual perpassou, por toda uma década, as iniciativas dos ativistas na cidade: a dimensão formativa das leituras comuns, a dimensão formativa do compartilhamento de informações e conhecimentos advindos dos livros. Nossa vivência nos meios ativistas e libertários, e nossa percepção advinda da proximidade com os ativistas, permitem-nos, de certa forma, uma mirada “privilegiada” acerca dos discursos desses jovens, o que revela pontos de referência comuns, ou o que poderíamos chamar de matrizes “formativas” advindas de leituras, livros, autores, idéias e teorias — que se somam a outros fatores enquanto aspecto formativo decisivo de uma geração.

Dentre o universo da literatura ativista, anarquista e libertária contemporânea que foi “consumida” em comum por toda uma geração jovem de ativistas, podemos destacar, entre outros, uma coleção de livros que circulou nos espaços libertários, estantes, mãos, corações e mentes ativistas pertencentes a essa geração dos anos 2000, e que revela um esforço pioneiro editorial acerca da temática da subversão: “Coleção Baderna: a arte da subversão para as novas gerações”, publicada pela Conrad Editora. Iniciada em 2001 com o livro *T.A.Z – Zona Autônoma Temporária*, de Hakim Bey — uma referência para os jovens anarquistas do “cotidiano” — a Coleção Baderna trouxe entre seus títulos referências sobre os temas: contracultura e vanguardas artístico-críticas do século XX, movimentos e teóricos críticos dos anos 60, autores e teorias críticas contemporâneas, cibercultura e ciberativismo, novos manifestos, documentos e debates sobre as movimentações antiglobalização, e até um livro intitulado *Estamos Vencendo*, que trata da “geração Seattle” no Brasil — com análises, fotos e documentos (folders, panfletos, cartazes etc.), entre outros. O leitor poderá perceber que muitos desses

⁴³ Isso não significa que tais distinções se deram de forma tão definida na realidade. Essa caracterização é uma tentativa de aproximação. Efetivamente a dinâmica dos coletivos e agenciamentos confluiu para mesclas complexas entre gerações, a ponto de não nos sentirmos capazes de tratar a questão com maior rigor.

⁴⁴ Uma outra razão importante que iremos analisar acerca da relação coletivos libertários e a problemática urbana refere-se às próprias transformações vivenciadas por Belo Horizonte em um período mais recente.

livros estarão arrolados ao longo desse trabalho na forma de referência direta e em nossa bibliografia.

E eu acho assim, como todo mundo começou a entrar na faculdade e voltou a ler de uma maneira mais crítica aqueles livros que a gente lia na juventude, como eu te falei que eram todos os clássicos anarquistas, mas também a coleção baderna que formou uma geração inteira de marginais ou de pretensos revolucionários, mas que foi muito importante assim, deu essa lide intelectual e é o que me motivou de certa forma a estar cursando Filosofia. (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Paulo Rocha traz em seu depoimento aspectos relevantes para compreendermos a importância de determinada literatura, especificamente a *Coleção Baderna*, para a formação de uma geração de ativistas em Belo Horizonte, bem como a importância que essa mesma literatura teve para suas escolhas, no caso a escolha do curso universitário. Sobre a recente história dos coletivos na cidade, o depoimento a seguir auxilia-nos a compreender melhor aspectos da formação desses jovens como grupo auto-reconhecido na cidade:

É... e tem também, importante falar minha relação com o domingo nove e meia, foi também um agregador de muito dessa galera que participou das movimentações antigas, que participou não, que circundou e não eram os mais ativos, e o domingo nove e meia a gente acabou indo uma galera para São Paulo pro último evento do Carnaval Revolução também e a gente começou a entrar em contato com uma galera que conheceu e não teve o contato de participar assim da comuna, da mansão libertina, do gato negro, assim, como a galera tinha participado e que para a gente era um problema, passou a ser um grande problema, assim, de um hiato que ficou entre, até brinco com os amigos assim que nós éramos os médio scholl, nem da velha guarda nem tão novos assim, que ficou entre uma geração e outra, a geração do S-26 e que era do CAP e que foi da Mansão Libertina e que participou desses coletivos antigos, da rádio Santê, por exemplo é... começou a ter essa preocupação de historicizar a questão, onde nós estávamos é... e de quem somos herdeiros de certa forma, isso foi uma preocupação do conjunto vazio também é... não estávamos inventando a roda assim como o domingo nove e meia também não. (ROCHA, Paulo, *Ibidem*)⁴⁵

O depoimento de Paulo Rocha, participante do *Coletivo Conjunto Vazio* — um dos coletivos que iremos abordar de maneira mais detida por estar diretamente vinculado ao surgimento da Praia da Estação — revela esse sentimento de pertencimento geracional e que também reflete, de certo modo, os aprendizados e experiências que uma parcela da juventude ativista adquiriu com as movimentações anticapitalistas, antiglobalização e de organização dos dias de ação global no Brasil e no mundo. Paulo Rocha relata que o contato com toda uma rede de iniciativas e coletivos o fez perceber que o que estavam protagonizando tinha a ver diretamente com toda uma série de experiências ativistas e libertárias anteriores, e que, de

⁴⁵ Os coletivos citados nesse depoimento serão abordados a frente.

certa forma, sua “geração”, ou melhor, a “geração” a qual se sentia pertencer, era herdeira dessas mesmas experiências.

A necessidade de historicizar os coletivos nessa primeira década dos anos 2000, a de buscar origens, a de recuperar memória, de se criar identificação e pertencimento, expressa a consciência geracional e histórica dos jovens ativistas na cidade:

(...) porque foi uma época sem saudosismo sem nada; é porque convergiu uma galera com muita vontade assim (...) e é como eu falo, Belo Horizonte sofreu um hiato tremendo assim, o próprio fim da mansão libertina acho que esse impacto e o fim desses coletivos, essa galera começou a fazer mestrado doutorado ou virou DJ, ou virou designer, enfim tem essas coisas, foi importante como, por exemplo, os piques que a gente começou, a acontecer para a gente conhecer quem eram esses novos coletivos que estavam em Belo Horizonte, porque a gente não tinha esse diálogo é... então primeiro foi no parque municipal, aí teve o conjunto vazio, teve o núcleo do carnaval revolução, gato negro, galera da permacultura, eu acho que foi também a galera da bicicletada, enfim foram feitos esses encontros depois no ystilingue para tentar fazer essa ligação né, que acabou convergindo na escola autônoma de feriado, que foi a galera do ystilingue, do azucrino e bandas, e eventos gato negro o conjunto vazio também teve atuação lá e etc, é acho que isso (...) (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira).

A partir de seu ponto de vista, Paulo Rocha diz questões relativas à dinâmica geracional e a motivos que fizeram certos jovens, de certa forma, se distanciarem do ativismo, bem como expressa a necessidade de recuperação da memória dos coletivos na cidade e a necessidade do diálogo entre as gerações que compuseram a “cena libertária” na cidade. A realização de encontros entre pessoas, grupos e coletivos libertários que surgiram ao longo da década dos 2000 é referida por Paulo Rocha como tentativas de aproximação de gerações distintas. Um desses encontros aconteceu em uma conversa/debate ocorrido no dia 13 de agosto de 2011, na Associação Comunitária dos Amigos de Pereira, uma das casas habitadas por jovens participantes da “cena libertária” na cidade.⁴⁶ O balanço da última década em termos das lutas anticapitalistas e dos novos coletivos surgidos foi o tema central desse encontro, que reuniu os coletivos *Acrático Proposta* e *Proletariados Contra Corrente de Fortaleza*, pertencentes ao que podemos identificar como pertencentes ao campo dos “libertários antiglobalização” no Brasil, ou então grupos anticapitalistas influenciados diretamente pela AGP, e indivíduos participantes de coletivos e movimentações mais recentes na cidade, que estamos identificando como os grupos “libertários pós-antiglobalização” surgidos em meados da primeira década dos anos 2000 até nossos dias.

⁴⁶ Encontro realizado por uma pequena parcela de jovens ativistas pertencentes às duas frações geracionais que definimos. Em torno de vinte e cinco pessoas participaram desse encontro.

No debate houve uma nítida separação entre essa primeira geração de ativistas anticapitalistas — aquela preocupada com a realização e organização dos dias de ação global no Brasil e comprometida com as lutas com a dimensão macro, ou seja: de questionamento do sistema de maneira geral — e os coletivos e movimentações mais recentes — que se preocupavam com questões específicas e locais, dentre elas a questão da problemática urbana.

De uma maneira geral, os mais “velhos” pontuavam que os mais “novos” haviam relegado a um segundo plano as lutas com as bandeiras mais amplas, como a própria luta anticapitalista e de questionamento do sistema como um todo. Diziam eles nesse encontro que, entre as razões para o enfraquecimento das lutas anticapitalistas e de organização dos dias de ação global no Brasil, uma delas seria a perda do legado de lutas da AGP e dos coletivos que organizavam os protestos anticapitalistas em algumas cidades brasileiras. Já os mais “novos” pontuavam que se sentiam herdeiros diretos das lutas e movimentações anticapitalistas e de organização dos dias de ação global protagonizadas pelos mais “velhos”, como diz Paulo Rocha no depoimento mencionado acima, mas que encontraram outras formas de criação da resistência e do protesto e que outras demandas e outros problemas sociais estavam colocados na ordem do dia — problemas que se referiam a questões da localidade, do urbano e do cotidiano vivenciado. Esse encontro pareceu-nos ter apontado para um certo “conflito intergeracional” entre os ativistas: especificamente entre aqueles pertencentes a uma fração da chamada “geração Seattle”, os “libertários antiglobalização”, e a fração geracional posterior, os “libertários pós-antiglobalização”, encontro onde se colocou o debate acerca do caráter e da forma das movimentações contemporâneas: entre o global e o local, o particular e o universal, entre o geral e o específico.

Simplificando a questão dessa forma, o que gostaríamos de enfatizar é o fato de que nesse encontro o tema da problemática urbana sempre esteve na pauta, ressaltado pelos mais “novos” como um dos temas centrais de atuação e pelos mais “velhos” como desvio das questões macro-sociais. E ainda, de forma mais específica, a experiência da Praia da Estação aparecia então nesse encontro como forma de expressão dos mais “novos” sobre as possibilidades de ação libertária na cidade, e também como referência de movimentação em Belo Horizonte — referência tanto do protagonismo dos coletivos e indivíduos de uma geração de ativistas surgida na segunda metade da década dos anos 2000, como também referência de possibilidade de questionamento dos rumos e da forma mesma de ser da cidade e do desenvolvimento urbano.

De qualquer forma, o que queremos chamar a atenção com essas notas introdutórias é para a hipótese de que o surgimento da Praia da Estação no ano de 2010 parece estar vincu-

lado a essas novas formas de contestação social promovidas por jovens que se desenvolveram ao longo de uma década em Belo Horizonte. Ao que parece, a Praia da Estação foi uma movimentação que trouxe a tona toda uma rede “subterrânea” pouco visível de coletivos e agenciamentos libertários que surgiu ao longo dos anos 2000 na cidade. E ainda: temos como hipótese de que a Praia da Estação é fruto de uma fração da chamada “geração Seattle” em Belo Horizonte que traz como um dos temas centrais de seus questionamentos a questão urbana e a questão do poder municipal. A respeito disso iremos aprofundar a discussão ao longo do trabalho.

Começaremos esse breve histórico pela organização de um protesto de rua vinculado a um chamado global da AGP, que, para a periodização que estamos construindo, inaugura a “primeira geração” de coletivos e iniciativas surgidas na década dos 2000 na cidade e conectada aos movimentos antiglobalização.

Jovens ativistas em Belo Horizonte: sob o impacto da AGP e dos protestos antiglobalização

No dia 8 de dezembro de 2000, o Coletivo Acrático Proposta, coletivo anarquista de destaque na organização de ações globais em Belo Horizonte e aderente da carta de princípios da AGP, divulgava um comunicado a respeito da organização de um Dia de Ação Global na cidade, o S-26, que ocorreu em mais de cem cidades do mundo e que tinha como epicentro a cidade de Praga, onde se realizara uma reunião do FMI e Banco Mundial:

Aqui quem escreve é o coletivo Acrático Proposta (CAP) que, neste e-mail, possui como objetivo a divulgação da ação contra o capitalismo que acontecerá no dia 26 de Setembro em Belo Horizonte (...) Através destas nossas palavras, pretendemos apenas divulgar nossa ação conjunta, de forma que nosso grito em Belo Horizonte se faça ouvir em todos os locais onde ocorreram as Ações Globais contra o capitalismo, mostrando nossa fúria criativa e resistência, para dar uma base, um apoio para os que dia 26 de Setembro vão explodir em brados nas ruas de Praga (Disponível em <http://www.ainfos.ca/00/sep/ainfos00113.html>. Acesso em 03/05/2011)

A organização do S-26 e a própria existência de coletivos, grupos, jovens ativistas libertários e punks que aderiram aos chamados da AGP para a organização de ações podem ser entendidos como marcos da entrada de Belo Horizonte na “onda” contestatória global. Dois meses depois, Belo Horizonte voltava a ver em suas ruas mais uma manifestação de caráter anticapitalista e de resistência global. O “dia sem compras” ou D-23, organizado em dezembro de 2000 no centro de Belo Horizonte em plena época do natalino furor consumista,

igualmente protagonizado por jovens conectados a essas novas formas de protesto de rua e dissenso. Nesse protesto surgiu uma das maiores expressões de mídia alternativa no país, o site do Centro de Mídia Independente, o CMI Brasil, mantido e organizado posteriormente por coletivos em várias cidades brasileiras.⁴⁷ (ORTELLADO, RYOKY, 2004).



FIGURA 4: Logomarca do CMI.
Fonte: www.midiaindependente.org. Acesso 06/06/2010.

A partir de então, da difusão das idéias que circulavam a respeito dos movimentos anticapitalistas e antiglobalização, Belo Horizonte veria o fortalecimento e/ou o surgimento de uma profusão de culturas juvenis urbanas ligadas ao universo libertário e cultural alternativo, bem como o surgimento de uma profusão de coletivos, iniciativas, espaços e ações protagonizadas por jovens contestadores e libertários. Estamos então a falar do que definimos como a fração geracional dos “libertários antiglobalização” surgida na cidade na primeira metade da década dos anos 2000. A partir do surgimento e/ou fortalecimento dessa primeira geração de coletivos, os “libertários antiglobalização”, inspirados pela “onda global” de protestos contra os organismos financeiros internacionais e contra o capitalismo, “onda” essa geradora de subjetividades contestatórias e “situações inspiradoras”, novos grupos e agenciamentos surgiram na cidade. Dois exemplos de espaços libertários talvez nos auxiliem na tarefa de aproximação do que se passava na cidade no início e meados da década dos anos 2000.

A *Mansão Libertina* — também conhecida como *Comuna* — surgida entre 1999 e 2001, e o *Coletivo Gato Negro*, criado em 2002, foram espaços criados para abrigar uma série

⁴⁷ O CMI Brasil faz parte de uma rede internacional conhecida como *Indymedia*, que nasceu no final de 1999 para coordenar uma cobertura jornalística alternativa dos protestos ocorridos em Seattle. Segundo o site do CMI Brasil, temos a seguinte definição: “O CMI Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia, que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade, que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. A ênfase da cobertura é sobre os movimentos sociais, particularmente, sobre os movimentos de ação direta (os “novos movimentos”) e sobre as políticas às quais se opõem. A estrutura do site na internet permite que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações.” Disponível em www.midiaindependente.org. Acesso em 06/06/2010. Mais a respeito do CMI, ver a dissertação de mestrado de CAIRES, Ana Luiza Helena Gonçalves. *Quem faz a mídia no CMI Brasil: Jornalismo alternativo, ativista e colaborativo na internet*. (Dissertação de Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

de iniciativas e coletivos que conformavam redes de coletivos, grupos e jovens que estabeleciam conexões com os circuitos libertários e contraculturais de outras cidades brasileiras.

A Mansão Libertina, idealizada pelo então coletivo CISMA, esteve envolvida com a cena musical e artística contracultural em Belo Horizonte (*straight edge*, *hard core*, eletrônica e punk), bem como com uma série de iniciativas e eventos libertários e de outros coletivos. Nesse espaço aconteciam, por exemplo, a articulação de diferentes bandas, performances diversas, preparação de refeições vegetarianas coletivas, reuniões do incipiente Centro de Mídia Independente de Belo Horizonte e uma série de outras atividades.⁴⁸

Já o *Coletivo Gato Negro*, criado no ano de 2002 após o primeiro Carnaval Revolução, (falaremos mais desse evento logo à frente), era dividido em dois núcleos: um que tratava de questões relacionadas ao Veganismo e Libertação Animal, e outro que autogeria um espaço, o Centro (anti) cultural Gato Negro⁴⁹ – uma loja que tomou um sentido não-comercial por esse coletivo e que funcionou em uma sobreloja do Edifício Maletta no centro de Belo Horizonte até o ano de 2005.

Nesse espaço aconteciam mostras de vídeos, palestras, debates, oficinas, cursos livres, entre outras atividades, bem como servia de ponto de referência e encontro para outros coletivos, além de abrigar um café vegano e uma biblioteca de livre acesso, que, entre as obras (livros, revistas, vídeos), possuía um acervo de zines anarquistas, contraculturais e libertários de várias partes do Brasil e do mundo. O espaço Gato Negro se definia como um “lugar de não-consumo” no hipercentro de Belo Horizonte — onde se podia ler, conversar, assistir a um vídeo, aprender coisas, praticar yoga, se informar, conhecer pessoas, se engajar em algo e por aí vai...

⁴⁸ Sobre a Mansão Libertina, ver os seguintes sites: <http://altafidelidade.org/post/3295093086>. (Acesso em 10/12/2011); diasemcompras.wordpress.com/2008/12/01/29-11-reuniao-coletivos-grupos-e-aco-es-autonomas-em-bh-2/ (Acesso em 10/12/2011); <http://brazil.indymedia.org/content/2003/12/269216.shtml>. (Acesso em 10/12/2011).

⁴⁹ Sobre o Centro (anti) cultural Gato Negro, ver definição no Wikipedia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Gato_Negro_\(organiza%C3%A7%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gato_Negro_(organiza%C3%A7%C3%A3o)). (Acesso em 10/12/2011) e sites que ainda mantêm informações sobre o programa do Gato Negro no período: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/11/268757.shtml>. (Acesso em 10/12/2011); <http://www.ainfos.ca/03/sep/ainfos00072.html>. (Acesso em 10/12/2011). O coletivo Gato Negro continua a existir em Belo Horizonte somente como núcleo de libertação animal.



FIGURA 5: Símbolo do Centro (anti) cultural Gato Negro. [O gato negro é um símbolo de identificação dos libertários.]

Fonte: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/06/256570.shtml>.
Acesso em 23/11/2011

Conectada às duas experiências anteriores, outra iniciativa de destaque em Belo Horizonte no período foi o *Carnaval Revolução*. Surgido a partir de articulações entre coletivos e indivíduos que freqüentavam a Mansão Libertina, o Carnaval Revolução aconteceu ininterruptamente entre os anos de 2002 e 2008 (esse último na cidade de São Paulo), era um evento que acontecia na data do carnaval e servia como alternativa para jovens e ativistas que se identificavam com o ideário libertário e anarquista — reunindo coletivos e jovens de várias partes do Brasil e do mundo em Belo Horizonte. Cada edição do Carnaval Revolução guardou especificidades, abrigando uma diversidade ampla de atividades e iniciativas: debates, oficinas várias e múltiplas, rodas de conversa, blocos de carnaval/carnavalização do protesto, espaços de produção alternativa de alimentos, música e audiovisual, espaços de encontros e trocas também múltiplas e variadas, trocas de *software* livre, veganismo, debate sobre transgênicos e sementes criolas, anticapitalismo, autonomia, ação direta, feminismo... Tarefa difícil seria a de sintetizar a descrição dessa iniciativa durante seis anos de realização devido à complexidade, diversidade, quantidade e intensidade das criações e iniciativas que aconteceram nesses eventos. Vejamos as chamadas para dois desses Carnavais realizados no ano de 2004 e 2006 que podem nos dar uma dimensão dessa experiência.

O Carnaval Revolução 2004 será realizado em Belo Horizonte nos dias 22, 23 e 24 de Fevereiro. Este encontro pretende reunir grupos e pessoas de diversos lugares, diferentes, dispostas a trocarem informações e experiências sobre a "ampla" proposta do anarquismo e a cultura do faça-você-mesmo. Até a última edição, já participaram pessoas e/ou grupos do ES, SP, BA, PR, RJ, Chile, Argentina, Estados Unidos e África do Sul.

[continua]

A estrutura organizacional é horizontal, subversiva, subterrânea, cooperativa e não-hierárquica. Rejeitamos o reconhecimento de ídolos, líderes, representantes e de uma vanguarda. Reservamo-nos o direito de representar somente a nós mesmos, através da atividade direta e consensual.

O Carnaval Revolução não tem absolutamente nenhum fim lucrativo, toda verba arrecadada será investida no Centro (Anti) cultural Gato Negro e em projetos tocados pela Anticultural Internacional.

(CHAMADO para o Carnaval Revolução de 2004. Disponível em
<http://www.ainfos.ca/03/dec/ainfos00039.html>. Acesso em 15/11/2011)

Carnaval Revolução: um outro carnaval é possível

Sai o samba, o desfile e a cerveja; entra a antiarte, a música eletrônica e o veganismo. Sai o folião e entra a revolução.

Mas algo se conserva entre a festa tradicional e a revolução: o espírito coletivo e a liberdade de expressão. Se hoje não é mais, ao menos em sua origem o carnaval é uma festa do povo para o povo. A sua versão revolucionária procura ser aberta também: uma construção coletiva e autogerida. O grito de carnaval é libertário.

O **Carnaval Revolução** completa seis edições passando por reformulações e mudanças. A edição deste ano possui um enfoque na discussão de temas sobre o uso social da tecnologia. O samba-enredo deste carnaval fala sobre o copyleft, os softwares e rádios livres.

Dentre os encontros/ações programadas para o CR estão o Encontro Nacional de Rádios Livres e a criação do Ponto de Compartilhamento Livre. Participam das oficinas e debates grupos nacionais como **Estudio Livre**, **Projeto Software Livre Mulheres**, **Minas Livre** e o **Radio Livre**. Nas oficinas será distribuído (basta levar o seu cd-r) e manipulado um pacote de softwares livre, como o **Gimp**. Uma rádio será criada pelos participantes durante o evento. Três dias de teoria e prática.

Estão planejados ainda o Antifestival Nonsense de Bandas e o 1º Campeonato Universal de Futebol Autônomo. Para participar dos dois basta comparecer e montar a sua banda (leve os instrumentos) ou o seu time no local. As músicas e os jogos são combinados na hora.

O tradicional bloco do CR que ia às ruas no último dia do evento não sairá este ano. Os confrontos com a polícia e a avacalhão (afinal, era mais uma manifestação política do que grupo carnavalesco) por parte de alguns integrantes distorciam o objetivo e a imagem da organização. Identificar quem está lá realmente pela causa é um dos maiores desafios para os organizadores.

Carnaval Revolução (toda a programação no site)

Faça-você-mesmo, política, música, antiarte, subversões.
 26, 27 E 28 DE FEVEREIRO.
 10 às 22 horas.

Instituto Helena Greco
 Rua Hermilo Alves, 290, Santa Tereza
 Entrada Franca

..... [continua]

Escola Estadual Sagrada Família
 Rua Célia de Souza, 600
 Sagrada Família
 R\$ 6

(ROSA, Sérgio. *Overmundo*, 14/04/2006. Carnaval Revolução: um outro carnaval é possível. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/carnaval-revolucao-um-outro-carnaval-e-possivel> Acesso em 15/11/2011)

Esses chamados para o Carnaval Revolução trazem o “espírito” e as características que já demarcamos como pertencentes a “geração Seattle”, bem como expressam o potencial de criação de agenciamentos e ações coletivas por parte desses mesmos jovens.⁵⁰

A cultura libertária do *faça-você-mesmo*, o protesto lúdico e criativo, a cultura da horizontalidade, o uso intenso das novas tecnologias da informação e comunicação para organização, mobilização etc., a cultura da cooperação, da subversão, da ação direta, a prática de conformação de redes, a divulgação e promoção da cultura livre e não-proprietária — expressa pelos temas do *software* livre, rádio livre, freeganismo⁵¹ etc. — a autonomia e negação das hierarquias, eram as marcas das ações, iniciativas e agenciamentos que abriram janelas para a criação de formas de sociabilidade e contestação do presente e do futuro. E ainda: o Carnaval Revolução sinalizava para a ocupação do espaço público através da mescla entre protesto e festa. Os blocos de carnaval que saíram em algumas edições do Carnaval Revolução traziam a mensagem de resgate da festa popular feita nas ruas, como podemos perceber no chamado de 2006, e davam a esse resgate um sentido de manifestação política. Festa e protesto, cultura e política eram então dimensões que se entrecruzavam nas ações de ocupação dos espaços públicos urbanos. A idéia de tomada das ruas, de ir para as ruas, cara aos movimentos antiglobalização e aos dias de ação global, era no Carnaval Revolução marcada como forma de vivenciar a cidade, de desobediência civil, de protagonizar a festa/protesto sem permissões, sem controle, sem alvarás etc. Interessante percebermos que esse “espírito da desobediência”, de ocupação do espaço público, de festa/protesto será novamente vivenciado alguns anos mais tarde em outras experiências e, principalmente, como abordaremos, pela Praia da Estação.

Sobre a relevância do Carnaval Revolução, podemos interpretar como um “acontecimento-síntese” das culturas libertárias urbanas em Belo Horizonte, como também pode ser

⁵⁰ É interessante percebermos também que a carnavalização do protesto e o “ressurgimento” do carnaval de rua na cidade, cujo ápice se dá em 2011 e 2012, possuem raízes nessas iniciativas, que surgiram ao longo dos anos 2000.

⁵¹ *Freeganismo* representa uma forma de protesto ao consumismo contemporâneo e/ou uma forma de procurar garantir o “valor de uso” das mercadorias. Trata-se de práticas de não-consumo e de reaproveitamento de mercadorias, onde as pessoas sobrevivem apenas de coletas de alimentos em fins de feiras, reutilização de móveis e outros produtos que passam ser aproveitados e que são jogados no lixo.

interpretado como elo entre gerações de jovens ativistas e libertários na cidade no início desse século. Isso se deu pela convivência no interior desse evento — tanto na organização quanto na participação em si — entre indivíduos que participaram dos coletivos surgidos em fins dos 1990 e início dos 2000, e entre indivíduos que experimentavam no Carnaval Revolução uma pioneira experiência junto a coletivos e culturas libertárias, e/ou, a partir do Carnaval Revolução, se inspiraram para novas criações. A dimensão formativa do Carnaval Revolução para o desenvolvimento das culturas libertárias urbanas na cidade deve ser ressaltada.

Interessante percebermos também que nessa primeira década dos anos 2000 o movimento estudantil na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) conheceu pelo menos três experiências que, de certa forma, podem ser entendidas como diretamente conectadas a esse contexto contemporâneo da contestação social dos jovens de que estamos tratando ao longo desse prólogo.

No ano de 2002 é eleita uma chapa para o diretório acadêmico (D.A) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG totalmente diferente das demais chapas concorrentes pertencentes ao campo da esquerda tradicional. Fantasiados, irreverentes, irônicos e críticos das formas tradicionais da militância estudantil, os participantes da chapa “Sodoma i Gomorra” carnavalizaram as eleições para o diretório daquele ano trazendo referências dos situacionistas, libertários e anarquistas, bem como práticas nada convencionais de se fazer política estudantil. Um ano após, surge outro movimento de contestação estudantil com traços distintos da militância de esquerda tradicional. No ano de 2003, estudantes do curso de Geografia, principalmente, praticaram a ação direta de desobediência, contestando a decisão da reitoria da UFMG de proibir todo e qualquer tipo de festa organizada pelos estudantes no campus da universidade. Ao invés de procurarem os canais tradicionais de contestação estudantil — diálogo institucional com a reitoria, mobilização dos estudantes em prol da causa etc. — os estudantes decidiram desobedecer e contestar a decisão da reitoria, realizando o que estava proibido, ou seja: realizando festas. O *Na Tora*, uma reunião festiva, horizontal e espontânea de estudantes e jovens, permeada por música, fogueira, encontros e agenciamentos, aconteceu durante pelo menos quatro anos em todas as noites de quinta-feira em um gramado do campus da universidade. Por algum tempo a política estudantil bailou noturnamente nas fogueiras dionisíacas do *Na Tora*.

Por último, uma experiência que julgamos ser também ligada a esses novos agenciamentos juvenis de criação, contestação social e rebeldia dos jovens contemporâneos foi a criação de uma rádio livre dentro do campus da UFMG. A rádio *Radiola Livre* idealizada por um coletivo horizontal de estudantes no ano de 2004 esteve conectada a redes de coletivos —

outras rádios — e a movimentos contestatórios dos modelos legais vigentes de radiodifusão no Brasil, e representou uma iniciativa onde a “energia contestatória” estudantil se voltou para a criação, ação direta e desobediência civil, ao invés de buscar os mecanismos institucionais e tradicionais de atuação do próprio movimento estudantil.⁵² Comprando um transmissor, montando uma estrutura de funcionamento, colocando uma rádio no ar, criando programas e organizando grades de programação, os estudantes desobedeceram às leis de radiodifusão, trazendo à tona a discussão da democratização dos meios de comunicação e da comunicação livre.

A partir da aproximação com esse primeiro conjunto de iniciativas anarquistas e libertárias (“primeira geração”) — organização dos dias de ação global em Belo Horizonte, Coletivo Acrático Proposta, Mansão Libertina, Coletivo Gato Negro, estudantes da UFMG e Carnaval Revolução (exemplos concretos do potencial de criação e contestação dos jovens e de formas culturais juvenis em um período agudo de globalização das culturas) — sempre é bom lembrar a inspiração que os ventos do norte trouxeram! — poderíamos ousar afirmar que se gestaram novas subjetividades, novos desejos, novas formas de ser jovem e ativista na capital das Alterosas. Desse primeiro conjunto de iniciativas, e em especial do Carnaval Revolução, “brotaram”, como de maneira rizomática, novos coletivos, iniciativas, ações e indivíduos que seriam, anos mais tarde, protagonistas centrais do surgimento da Praia da Estação no ano de 2010.

Belo Horizonte, notas sobre a segunda década dos 2000 e os coletivos libertários

Como já afirmamos antes, os “experimentos libertários” protagonizados por jovens que definimos como “segunda geração”, ou “libertários pós-antiglobalização”, são caracterizados por se voltarem para as dimensões do cotidiano, dos estilos de vida, dos problemas locais e, fundamentalmente, segundo nossa hipótese, para a temática da problemática urbana e do poder municipal. Iremos abordar cada um desses agenciamentos focando os elementos que parece-nos fundamentais ao surgimento da Praia da Estação.

Na segunda década dos anos 2000 em Belo Horizonte surgiram outros “experimentos libertários” protagonizados por jovens (“libertários pós-antiglobalização”). Alguns deles eram continuidades e outros novas criações/agenciamentos, ou reconfigurações de experiências

⁵² Sobre a Radiola Livre e as rádios livres, ver dissertação de GONÇALVES, Flora Rodrigues. *Rádios Livres: as controvérsias ainda pairam no ar? Uma análise antropológica das novas relações sociais de radiodifusão*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2010.

passadas. Esses agrupamentos apresentavam características comuns aos grupos anteriores — culturas libertárias e anarquistas, ação direta, anticapitalismo, autonomia, horizontalidade, fluidez organizativa e de participação, conformação de redes, carnavalização do protesto etc. — e ainda traziam à tona (e/ou reforçavam de maneira indelével) uma temática que seria o tema central das movimentações que desembocariam no surgimento da Praia da Estação e que se tornaria bastante presente nos movimentos juvenis e sociais em Belo Horizonte: a questão da problemática urbana e a questão do poder municipal. Destacaremos alguns desses “experimentos libertários” juvenis na segunda década dos 2000 em Belo Horizonte com objetivo de nos aproximar do contexto de surgimento da Praia da Estação.

E o *Domingo Nove e Meia* convergiu também para a *Loja Grátis*, para a *Bicicletada* e para o *Ystilingue*, *Horta da Chinelada Preta*, a gente brincou que desde o início eram as mesmas pessoas participando de tudo assim, na segunda tinha reunião do *Domingo Nove e Meia* e no sábado era da *Loja Grátis* e aí a gente falou: cara só está vindo as mesmas pessoas etc. Porque foi uma época, e falo sem saudosismo, sem nada, mas porque convergiu uma galera com muita vontade. (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

O depoimento acima traz uma idéia aproximada de quais eram os agenciamentos libertários surgidos na segunda década dos anos 2000 na cidade. Somam-se à lista de coletivos e iniciativas citada pelo entrevistado (e das quais algumas abordaremos com maior nível de detalhamento depois) — Domingo nove e meia, Loja Grátis, Bicicletada, Ystilingue e Horta da Chinelada Preta — pelo menos mais cinco iniciativas mapeadas por nós e que compõem essa “cena libertária juvenil” na cidade: Escola Autônoma de Feriado, Coletivo Conjunto Vazio, Núcleo de Libertação Animal Gato Negro, Coletivo Azucrina e Casa Somática.⁵³

Em seu depoimento, Paulo Rocha traz um aspecto característico do período: esses agenciamentos possuíam em comum também o fato de serem protagonizados por jovens que circulavam por mais de uma iniciativa. Ao que parece, havia uma rotatividade feita por certo número de jovens entre diversas iniciativas e coletivos, o que talvez garantisse uma conexão entre todos esses agenciamentos.

⁵³ Para que não nos alonguemos ainda mais com esse Prólogo, escolhemos abordar as iniciativas desse período que possuem, a nosso ver, vinculação direta com o surgimento da Praia da Estação. Essa forma econômica de abordagem e interpretação, não nega e nem desconhece a totalidade da “cena libertária” formada pelos diversos coletivos, agenciamentos e iniciativas de jovens na cidade. Ao contrário, percebemos que o conjunto dessas iniciativas juvenis contribuiu de alguma forma para a conformação de um cenário de contestação social do qual a Praia da Estação faz parte. Indicaremos referências de *blogs*, *wikis* e sites dos coletivos citados que não serão objetos de maior detalhamento: *Loja Grátis*: (Disponível em www.lojagratis.wikispaces.com); *Azucrina*: (Disponível em www.azucrina.org); *Casa Somática*: (Disponível em www.casasomatica.tk); *Núcleo de Libertação Animal Gato Negro*: (Disponível em www.gato-negro.org).

Outro indício para confirmarmos essa intuição de conformação de conexões entre esses coletivos e iniciativas é o fato de grande parte delas estarem conectadas à Internet através de *wikis*, *blogs*, listas de discussão etc.⁵⁴ Vale lembrar que na segunda década dos anos 2000, a intensidade do uso das novas ferramentas da comunicação e informação por parte dos jovens só se fez aumentar. Nesse período, uma lista de e-mails intitulada *Reclame BH* servia como “disparador” de informes, chamados, divulgações e mobilizações das ações e eventos protagonizados pelos jovens ativistas.

Reclaim the Streets é realmente fundamental para pensar a praia ... importante lembrar que influenciou muito o Domingo Nove e Meia (www.d9meia.tk), inclusive é o nome da lista, ‘reclame as ruas’.⁵⁵

Segundo o e-mail de Paulo Rocha, o nome da lista de e-mails teve inspiração em coletivos como *Reclaim The Streets* da Inglaterra. O mote da lista era justamente “Reclame as ruas!”. O e-mail também nos dá indícios sobre o espírito de ocupação das ruas que circulou em parte dos jovens que promoveram a Praia da Estação, como iremos ver ao longo do trabalho, bem como revela as referências que os jovens belorizontinos possuíam em relação a movimentações globais e coletivas ao redor do mundo, como estamos afirmando ao longo desse Prólogo.

Outro exemplo do uso da Internet e das conexões entre as diversas iniciativas pode ser vista no endereço do *wiki* do Domingo Nove e Meia.⁵⁶

Como se pode ver na imagem a seguir, há ligações — parte superior esquerda da página, intitulada de “O cu e as calças” (o modo de dizer pelo Domingo Nove e Meia com *quem* e com *quê* ele estava conectado) — para os endereços do Espaço Ystilingue, Loja Grátis, Conjunto Vazio. Os destaques em vermelho na imagem mostram os símbolos/links dos coletivos com os quais o Domingo Nove e Meia estabelece conexões. Pela ordem, de cima para baixo: Ystilingue, Loja Grátis, Conjunto Vazio e Azucrina.

⁵⁴ *Wiki* é uma coleção de muitas páginas de Internet interligadas e cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa.

⁵⁵ E-mail de Paulo Rocha enviado para a lista de discussão *Praça Livre BH*. Ver: PRAÇA LIVRE *online*. Lista de discussão. Belo Horizonte, 20/05/2011. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/2dd448b8141b0009?hl=pt-PT. Acesso em 08/01/2012.

⁵⁶ Disponível em <http://www.d9meia.tk/>. Acesso em 08/02/2012.

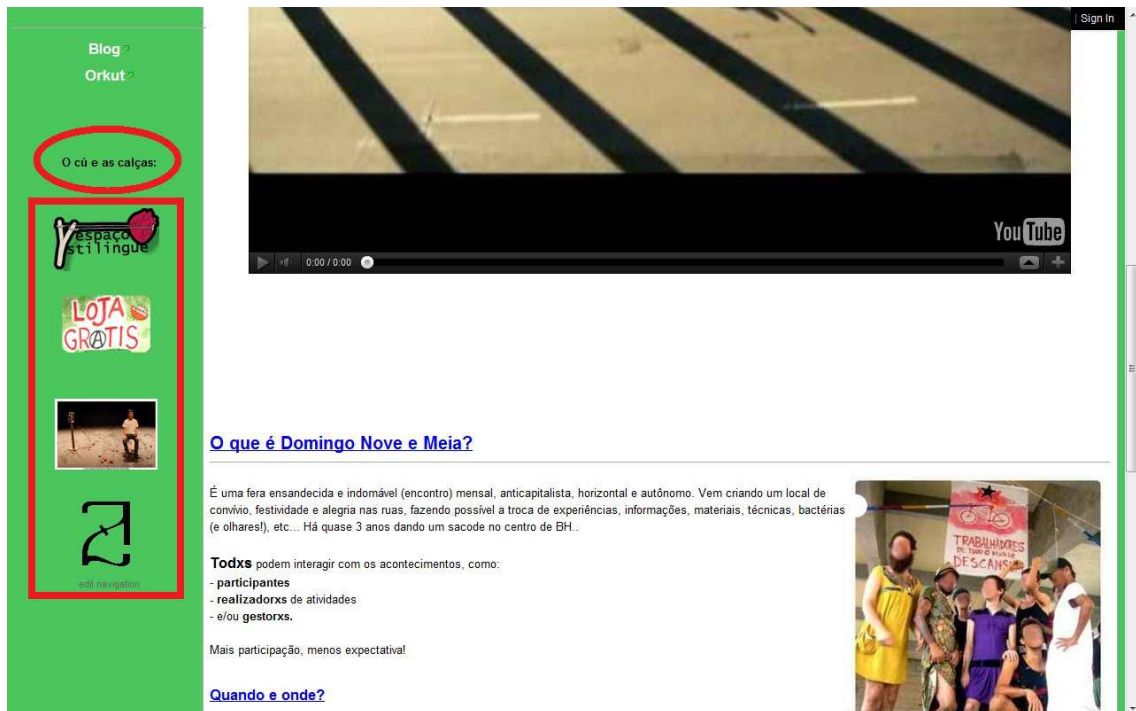


FIGURA 6: Página inicial do Wiki do *Domingo Nove e Meia*.

Fonte: <http://rarbh.wikispaces.com/Domingo+Nove+e+Meia>. Acesso em 13/01/2012.

Lembremos, pois, mais uma vez, que o intenso uso das novas ferramentas da comunicação e informação é uma característica comum entre esses coletivos e a “cena contestatória global” — EZLN, AGP e movimentos antiglobalização. Nesse sentido, as redes e conexões entre os coletivos e iniciativas libertárias são configuradas nos intercâmbios e intercruzamentos entre as dimensões do que poderíamos chamar de “real” — dos encontros dos corpos/presenciais, como também na dimensão do que poderíamos chamar de “virtualidade” — dos *blogs*, *wikis*, páginas, redes sociais e listas de discussão. As formas de utilização, apropriação e agenciamento *da/na* Internet revelam também aspectos da crítica e da forma de ser dos libertários. Buscando fugir de todo e qualquer controle cibernético e/ou da informação e circulação, os jovens libertários procuram criar formas que subvertam as lógicas de poder na rede (sejam elas oriundas da dimensão econômica ou política), utilizam software livre e servidores de e-mail alternativos, privilegiam ferramentas colaborativas e solidárias, pirateiam artefatos culturais, produzem conteúdos midiáticos e culturais, trocam informações, se comunicam, organizam e planejam ações etc. Essas são dimensões que marcaram posteriormente também o modo de ser da Praia da Estação.

Teremos a oportunidade de refletir sobre as relações entre ativismo e Internet com maior profundidade. Iniciemos, então, a aproximação com alguns dos agenciamentos libertários juvenis nessa segunda metade dos anos 2000.

Você está no modo de tela inteira. [Sair do modo tela cheia \(F11\)](#)

22FEV DOMINGO **Abertura no Ystilingue** Música, banquete coletivo (levar seu rango), jogos de mesa, videos malucos na parede. Sobreloja 35 do Edifício Maletta, a partir de 13hrs.

Azucrina!		SALA AZUL	LAB	PÁTIO	QUARTO.LAB	BUNKER	CANTINA	PORÃO
23/FEV/SEG	10hs/12hs	Lente Objetiva do Poema	Oficina de GIMP	Performance Art Zonas de Acaso e Indeterminação	Colocando sua música na Internet	Cinema	Anticulinária Lúdica	Ilha de multiplicação
	ALMOÇO	cantina com salgados. Trazer sua propria comida para o almoço coletivo, é feriado e provavelmente restaurantes estarão fechados.						
	14hs/16hs	Outros Modos de Desejar	Oficina de Drupa	Cidade Situada 5 (debate T.A.Z)	Formatação PC Instalação Linux	Cinema	Quitutes Veganos	Ilha de multiplicação
RECREIO		16hs/18hs Bandas: Isso, Cães do Cerrado e Ü - 18hs/20hs Dj Shuffle e Juliano JJBZ						
24/FEV/TERÇA	10hs/12hs	Outros Modos de se Relacionar com Animais	Silk na Tora (oficina)	Festa de rua (palestra)		Cinema	Anticulinária Lúdica	Ilha de multiplicação
	ALMOÇO	cantina com salgados. Trazer sua propria comida para o almoço coletivo, é feriado e provavelmente restaurantes estarão fechados.						
	14hs/16hs	Contra-Indústria Outros modos de fazer, gravar e distribuir musica	Caligrafitti (oficina)			Apropriação Sonora (oficina)	Quitutes Veganos	Ilha de multiplicação
RECREIO		16hs/18hs Bandas: Grupo Porco, FadaRobocopTubarão e Expurgo - 18hs/20hs DJ's: Retrigger e Vanessa						

R\$5,00 - CONTATO: 31 3267-1318 - ALOHA@AZUCRINA.ORG - R. MACEDO, 117 - FLORESTA

FIGURA 7: Programação da EAF 2011

Fonte: Disponível em <http://www.blog.azucrina.org/eaf/programacao.html>. Acesso em 22/01/2012.

(O círculo em vermelho é um destaque nosso)

As iniciativas Escola Autônoma de Feriado (EAF) — 2010 e 2011 — e a Universidade Pirata — 2010 — parecem possuir similaridades com o que foi o Carnaval Revolução, e já trazem no bojo de suas atividades criações e chamados uma preocupação mais visível com a questão da cidade. Organizadas em rede a partir dos diversos coletivos e agenciamentos surgidos na cidade na segunda década dos 2000 — Ystilingue, Gato Negro, Azucrina, Casa Sômática etc. — ambas possuíam a característica, assim como o Carnaval Revolução, de serem “guarda-chuvas” de múltiplos encontros, oficinas, debates, intervenções, criações, shows, ativismos etc.



UNIVERSIDADE Dia 02/11 PIRATA

Praça RAUL SOARES (ou, caso chova, debaixo do viaduto Santa Tereza)

16h

encontro dos núcleos de interesses comuns

Participe e encontre pessoas interessadas em aprender, ensinar e trocar as mesmas coisas que você!

17h

definição em autogestão da programação de novembro

logo após

sarau aberto - traga seus poemas e músicas!

www.twitter.com/unipirata

****UNIVERSIDADE PIRATA** é encontro de encontros. Esta teia de trocas está contando com a colaboração de pessoas que se indagam sobre a forma de se educarem num mundo des-hierarquizante. Onde tod@s aprendem e tod@s ensinam, onde tod@s falam e tod@s ouvem, onde tod@s tenham vários modos de ver o mesmo. É aberta, móvel, nômade e pirata. **Toma e ocupa a cidade.**

FIGURA 8: Cartaz de Divulgação Universidade Pirata.

Fonte: Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/10/28/0211-universidade-pirata-em-construcao/>.

Acesso em 22/01/2012. (O grifo e o destaque em vermelho da frase "Toma e ocupa a cidade" são nossos).

A Escola Autônoma de Feriado guarda com o Carnaval Revolução ainda a similaridade de ter sido realizada durante o feriado de carnaval. Interessante percebermos que ambas as iniciativas trazem em seus nomes referências diretas à educação e suas instituições clássicas: escola e universidade. Tais referências adjetivadas pelos termos “autônoma” e “pirata” parecem demonstrar aspectos críticos às instituições educacionais, bem como parecem afirmar a autonomia e autogestão de processos formativos desses mesmos jovens, tema historicamente caro aos anarquistas e libertários.⁵⁷

De forma mais específica, as duas imagens acima contendo a programação nos permitem identificar de que se tratavam essas iniciativas: espaços autônomos e livres para trocas, aprendizados, agenciamentos, contestação e resistência.

Na programação da EAF 2011, podemos identificar temas ligados ao veganismo e libertação animal, à produção artística e cultural alternativa, software livre, compartilhamento de materiais, shows, cinema etc. Já a imagem do chamado para a Universidade Pirata mostramos o caráter questionador dos processos educacionais institucionais, bem como a necessidade da colaboração e intercâmbio e dos encontros horizontais e autônomos para a criação de processos formativos coletivos. Um aspecto que gostaríamos de ressaltar — que marcamos com grifos em ambas as imagens — é o aparecimento da temática urbana nessas duas iniciativas. Na EAF aparece uma mesa de discussão intitulada “Cidade Situada 5 (debate T.A.Z)”.⁵⁸

Já no texto que acompanha a imagem da Universidade Pirata, podemos identificar a frase — o grifo em vermelho — “Toma e ocupa a cidade.” Interessante percebermos que um lema com uma carga imperativa como essa, que faz um chamado para a ação na cidade a fim de ocupá-la, revela uma preocupação com a temática urbana, como também aparece como um dos lemas centrais da Praia da Estação, como veremos — no caso da Praia, o lema era “Ocupe a Cidade!” E ainda: ambas as iniciativas aconteceram concomitantemente ao período de realização da Praia da Estação, o que reforça nosso argumento de que a problemática urbana e do poder municipal se tornaram preocupações centrais dos jovens libertários e de muitas das ini-

⁵⁷ Entre as experiências e criações dos anarquistas e libertários, o tema da educação e formação humana sempre foi uma preocupação. Há todo um campo do saber pedagógico constituído historicamente que podemos identificar como “Pedagogia Libertária”.

⁵⁸ Iremos abordar com maior destaque a iniciativa “Cidade Situada” posteriormente, por ela representar, a nosso ver, um agenciamento de fundamental importância para compreendermos a preocupação de jovens libertários em Belo Horizonte com a temática urbana, e por também ter sido uma iniciativa onde se discutiam muitas das questões ligadas à problemática urbana que depois apareceriam na Praia da Estação. A sigla T.A.Z remete ao livro *Zona Autônoma Temporária*, de Hakim Bey, publicado no Brasil pela Conrad (Coleção Baderna) que apresenta, entre outras coisas, a idéia das possibilidades de criação de zonas, grupos, bandos, situações ou espaços, livres temporariamente, dos condicionamentos colocados pelas lógicas de organização social em um mundo regido pelo capital e que podem maximizar a liberdade dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. Esse livro é uma das obras de referência para os que desejam entender alguns dos caminhos dos anarquismos contemporâneos e dos libertários, e/ou do anarquismo de estilo de vida, como o define Bookchim (2010).

ciativas contestatórias surgidas na cidade a partir da segunda metade da década dos anos 2000 — como demonstraremos.

Já o espaço Ystilingue representou uma referência para os jovens libertários na cidade, e até mesmo fora de Belo Horizonte, por ser o “espaço físico” onde circulou grande parte das idéias, articulações e “paixões” que alimentaram os agenciamentos libertários na cidade nessa segunda década dos 2000. Em funcionamento desde 2006, o Ystilingue é um exemplo interessante para pensarmos a questão das continuidades dos processos de agenciamento de jovens na segunda década dos 2000 em relação às experiências e coletivos libertários na cidade que surgiram nos finais dos anos 1990 e início dos anos 2000. Essa experiência, ainda em andamento, talvez possa ser entendida como uma espécie de continuação do Centro (anti) Cultural Gato Negro. Estabelecido no mesmo edifício na área central da cidade, o Edifício Malleta, o funcionamento e organização do espaço Ystilingue guarda característica em comum com o antigo Centro (anti) Cultural Gato Negro, que é a de ser um “guarda-chuva” de coletivos, grupos, ações, criações e iniciativas conectadas a culturas libertárias e de contestação social em Belo Horizonte, além de funcionar sob os mesmos princípios: autogestão, autonomia, horizontalidade, tomada de decisões por consenso etc.

Segundo o wiki do Ystilingue, temos as seguintes definições para esse espaço:⁵⁹

O que é?

Ystilingue é um espaço aberto de experimentação e trocas num contexto de liberdade de participação e de cooperação solidária entre grupos autônomos e indivíduos.

O Espaço tem biblioteca, discoteca e videoteca comunitárias. Além disso, está aberto a oficinas e cursos gratuitos, mostras de vídeo, palestras e várias outras propostas ou atividades que qualquer pessoa pode realizar.

E ainda no wiki:

Do que o Ystilingue é feito

- **Materialmente**, é um espaço físico (sobreloja 35 do Ed. Maletta, hipercentro de BH e referência histórica da boemia belo-horizontina).
- **Comunicacionalmente**, é um conjunto de espaços simbólicos: este [wiki](#) e outros relacionados, [listas de emails](#), [we.riseup.net](#), uma rede de relações entre pessoas e outros "suportes" que podemos inventar (como, por exemplo, o diário de relatos de atividades que existe no espaço).
- **Juridicamente**, é um bando de indivíduos empenhados.

..... [continua]

⁵⁹ Wiki é uma forma de confecção de sites que garante uma praticidade de edição das páginas de Internet, bem como transforma um endereço de Internet em um ponto colaborativo, comunicacional, criativo e livre. O endereço do wiki do Ystilingue é <http://ystilingue.wikispaces.com/oquee>. Acesso em 27/01/2012.

Obviamente, esta é apenas uma tentativa rasa e talvez "muito fragmentária" de esquematizar sua praticidade. Afinal, o Espaço não se reduz a nenhuma dessas concepções: o que interessa é ser um rizoma em crescimento. Os "brotos" dessa grama são as pessoas e os coletivos empenhados em criar inovações que desencadeiem transformações sociais. O Ystilingue pretende ser um meio de ação coletiva, sem centro, sem periferia, sem fora/dentro, sem hierarquias, maiorias, minorias.

(Disponível em <http://ystilingue.wikispaces.com/oquee>. Acesso em 27/01/2012. Grifos no texto do wiki)

O Espaço Ystilingue funciona como um rizoma de iniciativas, ações e atividades que abriga coletivos urbanos empenhados em criar projetos que possam desencadear transformações sociais. O conjunto de temas de que se ocupa o Ystilingue é variado: mostra de vídeos, debates, palestras, exposições, oficinas, veganismo, libertação dos animais, ativismo contracultural, software livre, demandas e lutas sociais específicas etc. Interessante percebermos que o Ystilingue representa um espaço agregador das dissidências e de sociabilidade, um espaço de não-consumo no centro na cidade, um “espaço liberado”, como já nos referimos, um espaço onde circulam informações, aprendizados múltiplos, onde se gestam subjetividades contestadoras, onde circulam diversos “anarquismos de estilo de vida” e onde se criam formas distintas de ser jovem — para além da imagem do jovem consumidor. Outro aspecto que gostaríamos de destacar por agora é o fato de o Ystilingue poder ser interpretado como um espaço onde, também, a discussão sobre a temática urbana e o poder municipal apareceu com visibilidade recorrente e contribuiu para desencadear iniciativas que se voltavam para intervenções e reflexões na/sobre a cidade.

Iremos abordar essas iniciativas surgidas a partir dos encontros e agenciamentos libertários no espaço Ystilingue, destacando aquelas que contribuíram diretamente para o surgimento da Praia da Estação, bem como abordaremos outros coletivos e iniciativas conectadas a essa malha subterrânea de agenciamentos juvenis que existiam na cidade no período. O evento *Cidade Situada* é uma dessas iniciativas gestadas por jovens que freqüentavam e se organizavam no Ystilingue, e que será analisado com maior detalhamento mais a frente por colocar em evidência a preocupação dos ativistas com os rumos do desenvolvimento urbano. Por ora, citemos outro exemplo de questionamento da produção e vivência do espaço da cidade por jovens em Belo Horizonte: a *Bicicletada* ou *Massa Crítica*.

O uso político da bicicleta por movimentos como a Bicicletada ou Massa Crítica liga-se diretamente aos questionamentos acerca das formas de transporte e mobilidade nas grandes cidades. A origem desses questionamentos possui raízes no pensamento crítico de autores

como Ivan Illich e André Gorz⁶⁰ e em movimentos de contracultura dos anos 1960, como, por exemplo, o movimento “Provos” e seu “Plano das Bicicletas Brancas”, na cidade de Amsterdã.⁶¹ Já nos anos 1990, consolida-se um movimento contrário à cultura do automóvel na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos: a Massa Crítica, como ficou conhecido o movimento na Europa e América do Norte, tornou-se uma referência para os ativistas, que questionavam o que denominavam como “a sociedade do automóvel” (LIBERATO, 2004).

No Brasil, a Massa Crítica se inicia em 2002 com o nome de Bicletada, e em Belo Horizonte no ano de 2008, sempre com a insígnia “Um carro a menos!” e tendo como referência para suas ações a questão da visibilidade da problemática do transporte, da mobilidade urbana e do uso da bicicleta na cidade. As ações consistiam, na grande maioria das vezes, na realização de passeios noturnos de bicicleta — conscientização/dimensão simbólica — nas últimas sextas-feiras de cada mês, saindo quase sempre da praça da Estação.⁶²



FIGURA 9: Cartaz da Bicletada em BH. Maio de 2008.

Fonte: Disponível em <http://www.apocalipsemotorizado.net/page/47/>.

Acesso em 18/01/2012

⁶⁰ Ver especialmente os textos: *Energia e Equidade*, de Ivan Illich e *A ideologia social do automóvel*, de André Gorz, publicados no livro *Apocalipse motorizado*, organizado por Ned Ludd e publicado pela Conrad, em 2005 na Coleção Baderna.

⁶¹ Sobre o Provos, ver: GUARNACCIA, Matteo. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura*. SP: Conrad. 2001.

⁶² Informações disponíveis em <http://bicicletadabh.wikispaces.com/home>. Acesso em 23/02/2012.

A Bicletada expressa, a nosso ver, formas de ampliação da contestação social onde a ação mesma do questionamento incorpora o que se quer para a cidade. Ao promoverem passeios coletivos de bicicletas ao invés de promoverem uma passeata em favor do uso de bicicletas na cidade, os participantes fazem de sua própria ação no presente o que desejam para o cotidiano da cidade. E ainda, entendemos a Bicletada em Belo Horizonte como parte de um contexto de questionamento do desenvolvimento urbano e do poder municipal por parte de jovens contestadores. Contexto de ativismo que, conforme procuramos demonstrar, veio sendo conformado ao longo de uma década na cidade.



FIGURA 10: “Bicletada à mineira”. Cicloativismo na Praça Sete, centro de Belo Horizonte. Maio de 2008.

Fonte: Disponível em <http://www.apocalipsemotorizado.net/page/47/>. Acesso em 15/02/2012

Chegando mais próximo à praia...

Iremos abordar, a partir de agora, exemplos que trazem de forma ainda mais nítida, no nosso modo de entender, agenciamentos ativistas que carregaram a preocupação dos jovens com a problemática da cidade e com a problemática da política municipal, e que, de alguma forma, contribuíram para o surgimento da Praia da Estação em janeiro de 2010.

A cidade enquanto uma das preocupações centrais por parte dos jovens contestadores em Belo Horizonte e por parte dos coletivos expressa pelo menos duas hipóteses: a primeira delas tem a ver com uma dimensão mais geral relativa à dinâmica pendular desses coletivos libertários após o arrefecimento dos movimentos antiglobalização em meados da década dos anos 2000. Ou seja: após o arrefecimento dos protestos globais de rua, sustentamos que a dinâmica de ação dos coletivos libertários juvenis pendulou mais para as dimensões do local, do particular e do cotidiano, e nesse sentido a cidade e seu desenvolvimento ganharam destaque como questão a ser contestada pelos jovens. Uma segunda hipótese se refere à problemática urbana como uma das preocupações centrais para os jovens contestadores em Belo Horizonte, justamente em um contexto onde a cidade vivenciou grandes processos de transformação, intervenção, “requalificação urbana”, bem como iniciava o processo de preparação da/para a recepção de jogos da Copa do Mundo de Futebol em 2014.⁶³

Dentre os coletivos e iniciativas que atuaram de alguma forma sobre a problemática urbana, gostaríamos de destacar o *Coletivo Conjunto Vazio*, a iniciativa *Domingo Nove e Meia* e um grupo de debates que se chamava *Cidade Situada*. As razões que nos levam a destacá-los têm a ver com o atravessamento e relevância que a questão urbana possui para os mesmos, como também a participação ativa que jovens participantes desses três coleti-

⁶³ Como iremos demonstrar posteriormente, as transformações vivenciadas pela cidade em função da recepção de jogos da Copa do Mundo de 2014 foram alvo de questionamentos e contestações por parte desses mesmos jovens. Foge aos nossos limites, objetivos e campo de estudos a abordagem das transformações urbanas vivenciadas por Belo Horizonte nos anos recentes. A problemática urbana aparece nesse trabalho a partir dos discursos, práticas, ações e questionamentos dos jovens contestadores, especialmente a Praia da Estação. Dentre as ações governamentais que orientaram projetos de “requalificação urbana” e gestão do espaço urbano, especialmente do hipercentro da cidade, destacamos aquelas que, de certo modo, aparecem de forma mais sintomática nos questionamentos dos jovens contestadores: Projeto Centro Vivo, Projeto Olho Vivo e o Código de Posturas. Indicamos a leitura dos seguintes trabalhos em Geografia Urbana sobre as transformações recentes do hipercentro da cidade e sobre os projetos acima citados: RIBEIRO, Rita A. da Conceição. *Identidade e Resistência no Urbano: o quarteirão do Soul em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008; PONTES, Mateus Moreira. *Requalificação do Hipercentro de Belo Horizonte: possibilidades de inserção do uso residencial*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006; VILELA, Nice Marçal. *Hipercentro de Belo Horizonte: movimentos e transformações espaciais recentes*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

vos/iniciativas tiveram no surgimento da Praia da Estação e no desenvolvimento da movimentação. Como podemos ver a frente, esses coletivos/iniciativas produziram, criaram e atuaram diretamente, e paralelamente, à Praia da Estação. Como também iremos ver, a Praia da Estação de certa forma “canalizou” por um período de tempo várias dessas iniciativas. Dentre essas atuações dos coletivos na Praia, podemos destacar textos e comunicados de crítica e debate — que refletiam disputas internas na movimentação da Praia — e potencialização das ações que já protagonizavam a partir da efervescência gerada pela Praia da Estação. Como já dissemos, iremos analisar posteriormente essas questões. Vale ressaltar, então, que grande parte dos tensionamentos e disputas internas vivenciadas pela Praia da Estação durante seu período inicial foi trazida por esses sujeitos, como veremos ao longo do trabalho.

O ciclo de debates, encontros e conversas intitulado *Cidade Situada – Mesa Amorfa* foi uma iniciativa de jovens que acontecia a partir de encontros no espaço Ystilingue e em outros eventos produzidos pelos coletivos libertários como, por exemplo, o já abordado Escola Autônoma de Feriado. Como o próprio nome indica, a temática central desses debates foram a cidade, as relações na cidade e suas transformações. O subtítulo do *Cidade Situada, Mesa Amorfa*, dá-nos elementos para pensar a forma de organização, conformação e estruturação desses debates. A qualidade conferida a essa iniciativa — amorfa — pode trazer uma série de questões que aponta para as características de organização dos coletivos libertários juvenis contemporâneos que viemos apontando — horizontalidade, maleabilidade, autonomia, espontaneísmo etc., bem como pode ser interpretada como uma forma de produção de encontros, debates e conversas livres e abertas fora dos padrões convencionais. Pudemos participar de alguns deles no espaço Ystilingue e o que presenciamos foram conversas e encontros onde o recurso da palavra era disponibilizado livremente, a participação era aberta, as relações entre os participantes pareciam ser delineadas pela horizontalidade, e onde a contestação dos rumos da cidade e da vivência da cidade era a tônica que conformava as discussões.

No endereço virtual onde atualmente funciona o wiki do espaço Ystilingue, temos a definição de que o *Cidade Situada* era: “*mesa-amorfa discutindo as relações da/na cidade*”, com uma característica aperiódica.⁶⁴ De fato, ao pesquisarmos *onde, quando, como, com qual* tema aconteceram esses encontros e debates, deparamo-nos com algo que parecia não possuir rigidez, peridiocidade, estrutura fixa, seqüência temática, onde se podia perceber uma lógica direta entre um encontro e outro. O que temos é a problemática urbana, as transformações

⁶⁴ Disponível em <http://ystilingue.wikispaces.com/oquee#O%20que%20C3%A9?-Algumas%20a%C3%A7%C3%B5es/atividades%20vivendo,%20brincando%20ou%20ainda%20sonhadas>. Acesso em 12/01/2012.

vivenciadas por Belo Horizonte, a temática do poder municipal como preocupações centrais. Talvez, ousamos afirmar, poderia ser essa mesma a intenção dos participantes, qual seja: a de promover um caleidoscópio diverso de olhares e questionamentos sobre/na cidade. As informações sobre essa iniciativa foram colhidas em arquivos desses debates no antigo wiki do Espaço Ystilingue, que infelizmente saiu do ar.

CIDADE SITUADA - Mesa Amorfa

Caminhos grafados: gravando ruas em movimento

[Y] > Os eventos diários da cidade e a quebra de obstáculos que não definimos nem controlamos. As iniciativas de experimentação e re-invenção do espaço, sua espontaneidade ativa e sua absorção pelas corujas do mercado.

O CIDADE SITUADA - Mesa Amorfa, em sua edição primeira - "Caminhos grafados: gravando ruas em movimento"-, terá como tema de discussão as possibilidades de intervenção na cidade, seus métodos e práticas e seu desvio de rota para os meios institucionalizados. Pichação, grafite, stencil, sticker, deturpação de propagandas, corpos instalados em lugares e em situações inusitadas... e o recente advento da Bienal Internacional do Graffiti em Belo Horizonte. Avanço, retrocesso ou, talvez, RETORNO? Oportunidades, oportunismos ou cooptações?

**ONDE? Espaço Ystilingue, no Edifício Maletta, sobreloja 35.
QUANDO? Sábado, dia 27 de setembro, às 17h.**

É só chegar. Quando estiver no Maletta, faça o seguinte: suba a escadaria do saguão do edifício e a contorne pela direita, entrando pelo corredor que conduz à sacada de frente, ou seja, voltada para a Av. Augusto de Lima. Na sacada, vire a esquerda e entre na segunda loja. Complicado? Se a vida fosse simples, ela não nos possibilitaria nenhum prazer.



FIGURA 11: Flyer da primeira edição do Cidade Situada - Mesa Amorfa.

Fonte: Disponível em <http://domingo-nove-e-meia.noblogs.org/post/2008/09/26/cidade-situada-mesa-amorfa/>. Acesso em 15/01/2012⁶⁵

⁶⁵ Disponível em www.ystilingue.tk. Colhemos as informações a respeito do Cidade Situada em novembro de 2011. Quando acessamos novamente o endereço em março de 2012, o mesmo já não existia.

O primeiro Cidade Situada ocorreu no espaço Ystilingue em Setembro de 2008 e discutiu a questão das intervenções urbanas, grafismos na cidade — pichação, grafite, stencil, etc., culture jamming — deturpação de propagandas a partir de “seus métodos e práticas” e colocando questões a respeito do risco de institucionalização e cooptação desses fenômenos pelos aparatos de poder. Interessante percebermos aqui a presença marcante da reflexão e contestação das formas de intervir e vivenciar a cidade por parte dos jovens contestadores e a desconfiança perante os mecanismos — no caso, a Bienal Internacional de Grafite — que, de certa forma, procuram garantir espaços institucionais para manifestações autônomas dos jovens na cidade. A pergunta ao final do texto de apresentação do debate no flyer, “Oportunidades, oportunismos ou cooptações?”, expressa, de certa maneira, essa desconfiança perante as instituições, ou ao menos coloca a questão dos possíveis problemas de uma cultura “rebelde” e das ruas como a cultura do Grafite ocupar espaços institucionalizados.

MESA AMORFA
CIDADE SITUADA

MAIS UMA VEZ,
CONVIDA PARA O DEBATE:

**OCUPAÇÕES URBANAS:
CASA OCUPADA, CASA ENCANTADA**

A TERCEIRA EDIÇÃO DO CIDADE SITUADA DISCUTIRÁ OS MOVIMENTOS OKUPA, CONTANDO COM PRESENÇA E RELATO DE ATUANTES EM OCUPAÇÕES DE MORADIAS NO BRASIL, EM LONDRES E EM VÁRIAS LOCALIDADES DA AMÉRICA LATINA. O QUE É DE PRAXE SE REITERA: SUGERIMOS QUE LEVEM COMIDA PARA QUE POSSAMOS REALIZAR UM BANQUETE SEM COMPROMISSO E SEM MESA REDONDA.

**NO ESPAÇO YSTILINGUE
(ED. MALLETA, SOBRELOJA 35)
DIA 15/11, SÁBADO, ÀS 17 HORAS**

** CONTRIBUIÇÃO SIMBÓLICA E VOLUNTÁRIA DE R\$ 2,00,
A SER REVERTIDA INTEIRAMENTE PARA O ESPAÇO.*

FIGURA 12: Flyer da terceira edição do Cidade Situada em novembro de 2008.

Fonte: Disponível em <http://www.brazil.indymedia.org/pt/red/2008/11/433379.shtml>.

Acesso em 07/02/2012

A discussão colocada nessa terceira edição se voltou para a questão da moradia e ocupação de espaços ociosos e abandonados das cidades a partir do movimento Okupa. Interessante percebermos no texto do flyer a rede ativista existente que circula pelos espaços libertários, conforme já anotamos. O flyer fala da presença de “okupantes” de Londres, Brasil e América Latina. Vejamos o que outro chamado do Cidade Situada – Mesa Amorfa nos traz...

CIDADE SITUADA - VI 30 DE OUTUBRO DE 2009

CADA UM SE VIRA COM A RODA QUE TEM! - A ótica bicicleiteira

Há um “tipo” que, para poder se deslocar pela cidade, deve se espremer na orgia motorizada, transita pedalando sobre rodas e assim realiza suas travessias, reclama por espaço num projeto urbano que faz de quem está sobre a bike um estorvo para os apressados ou uma espécie marginal e invisível em meio ao tráfego. As motivações para o uso de bicicletas no meio urbano podem ser tão diversas quanto os problemas que isso acarreta. Necessidades reais postas nas novas ordens dos dias ou mera birutice modernizadora, tal inversão não se nos impõe como mágica, mas compõe apenas mais uma expressão dos rumos que traça uma cadeia de relações também de pernas para o ar. Como prévia para o Dia Mundial Sem Carro, a sexta edição do banquete CIDADE SITUADA [mesa amorfa] pretende trocar experiências sobre a perspectiva bicicleiteira em grandes cidades contemporâneas, tendo como ponto de partida um modelo de urbanização e de uso dos espaços da cidade que já há muito tempo visa a priorizar as marés de automóveis e cimento em detrimento dos espaços de encontro ainda possíveis de serem imaginados.

Leve comida para o nosso banquete. *Tente evitar empacotados*

No espaço Ystilingue
Domingo, 30/08, às 17h.⁶⁶

O chamado acima para o evento colocou de forma nítida o questionamento por parte desses jovens contestadores a respeito dos rumos do desenvolvimento urbano. A partir da “ótica bicicleiteira”, que diz respeito ao movimento da bicicletada já abordado por nós, a mesa amorfa de outubro de 2009 colocou em seu flyer uma proposta de conversa cuja problematização aponta para a contestação da construção dos espaços urbanos contemporâneos que privilegiam os meios de locomoção motorizados, e que também aponta, de maneira mais ampla, para críticas das formas de ser e estar nas cidades. No final do flyer ainda há um chamado para o compartilhamento de um “banquete” com uma crítica ao consumo de alimentos industrializados: “Tente evitar empacotados”.

As mesas amorfas do Cidade Situada aconteceram por cerca de mais oito ou nove vezes entre os anos de 2008 e 2010, sempre trazendo temas relacionados ao viver e se relacionar

⁶⁶ Retirado do antigo wiki do Espaço Ystilingue, então disponível em www.ystilingue.tk. Acesso em 07/02/2012.

com/na cidade. Voltaremos a essa iniciativa quando analisarmos os comunicados produzidos durante os acontecimentos da Praia da Estação.

Já a iniciativa *Domingo Nove e Meia* ocorreu pelo menos entre os anos de 2008 e 2010. A idéia era reunir os coletivos, agenciamentos e jovens libertários em um evento que acontecia nas manhãs dos primeiros domingos de cada mês, embaixo de um espaço de referência pelas culturas juvenis na área central da cidade: o viaduto Santa Tereza. Apresentação de bandas, batuques, feiras de trocas de materiais (zines, livros, roupas, acessórios punks etc.), conversas sobre a cidade, encontros múltiplos, piqueniques veganos, futebol de rua, festas etc., faziam desse evento uma ocupação de um “pedaço” do centro da cidade pelos jovens libertários. Uma possível definição/descrição para o Domingo Nove e Meia aparece em uma narração coletiva em um vídeo postado no site *youtube*:⁶⁷

(...) surgiu da idéia de fazer da rua um espaço de confraternização e mobilização da rapaziada belo horizontina. (...) o encontro tem por proposta inicial compartilhar idéias libertárias. Através disso aí sempre rola uma papo maneiro sobre revoluções cotidianas. Normalmente a galera que tromba por lá interage espontaneamente e seu efeito é assim realizado. O Domingo Nove e Meia é a reapropriação do espaço como o lugar de se fazer política, arte e criação (...)

Essa descrição/definição coletiva aponta para características do Domingo Nove e Meia que tem a ver com dimensões dos agenciamentos libertários juvenis contemporâneos já abordadas ao longo desse Prólogo — autonomia, horizontalidade, carnavalização/lúdico, anticapitalismo — e aponta também para a questão da natureza espaço-temporal das ações, ou seja, uma ação direta voltada para o presente/cotidiano/local (o pêndulo local-global aqui está deslocado para a dimensão particular), bem como diz-nos a respeito da ocupação, (re) significação e apropriação do espaço público da cidade pelos jovens.

O Domingo Nove e Meia parece colocar como aspecto central de suas ações a criação de um espaço de encontro, sociabilidade e contestação juvenil nas ruas, ou seja: no terreno público. É importante que retenhamos esse último aspecto relativo à temática do espaço público e de sua ocupação, pois é, a nosso ver, um aspecto delineador do ethos que configurou o movimento que viria a ser a Praia da Estação e que, de certa forma, tornou um dos temas sempre presentes nos movimentos de juventude da cidade. Ao longo do trabalho iremos abordar com maior profundidade essa questão.

⁶⁷ Optamos por essa definição do evento e não outras por possuir caráter coletivo e abrangente. Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=Zx3CrgLVy6Q>.



FIGURA 13: Flyer do Domingo Nove e Meia.

Fonte: Disponível em

<http://www.myspace.com/curved/photos/16050271#%7B%22ImageId%22%3A16050271%7D>.

Acesso em 07/02/2012

Passemos a análise de outro agenciamento de jovens contestadores que igualmente trouxe à tona a questão da temática urbana, e que igualmente participou diretamente do surgimento da Praia da Estação. O coletivo Conjunto Vazio assim se autodefine em seu blog: “[conjunto vazio] é um coletivo anticapitalista e não hierárquico/horizontal de intervenção urbana, performance, ativismo, masturbação teórica e experimentos de estratégias para charlatanismo crítico.”

A autodefinição desse coletivo expressa características dos coletivos libertários e das formas de contestação social contemporâneas juvenis, apontadas por nós anteriormente, como “anticapitalismo”, “horizontalidade” etc. bem como traz aspectos de discussão e produção teórica, crítica e de intervenção e performance urbana. Paulo Rocha fala-nos sobre o Conjunto Vazio e sobre sua relação com o mesmo:

E para mim foi muito importante essa história do punk e da relação estética também porque o que de início parecia muito fragmentado ficou isso no coletivo que a gente acabou formando depois, que é o Coletivo Conjunto Vazio que é justamente essa idéia, que era juntar essa galera do punk que fazia body art que trabalhava com vídeo, com uma galera que estava formando comigo no palácio, que fazia intervenção urbana ou teatro puramente estético assim. E esse foi o início do coletivo e depois o coletivo teve essa necessidade de refletir teoricamente assim, porque começou a ficar pouco assim, puramente estética. E eu acho assim, como todo mundo começou

assim a entrar na faculdade e voltou a ler de uma maneira mais crítica aqueles livros que a gente lia na juventude como eu te falei, que eram todos os clássicos anarquistas, mas também a coleção baderna que formou uma geração inteira de marginais ou de pretensos revolucionários, mas que foi muito importante assim, deu essa lide intelectual e é o que me motivou de certa forma assim, estar na Filosofia. É impressionante que eu ganhei uma bolsa para estudar Debord e aí o conjunto vazio foi um pouco isso, essa tentativa de juntar essas instâncias separadas (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

A partir do depoimento de Paulo Rocha, podemos perceber que o Conjunto Vazio nasce do amálgama de culturas juvenis como o punk, formação artística, teoria crítica e filosofia e intervenção urbana. Processos similares de diversidade constitutiva compõem outros diversos coletivos contemporâneos, como já dissemos anteriormente.

O que foi apontado por Paulo é justamente a idéia de junção entre as instâncias da intervenção artístico/estética e ativismo.

Para além da crítica da arte, da ação antiarte, para além da crítica teórica, para além das performances teatrais e das performances de boicote/sabotagem em eventos teatrais e de performance protagonizados pelo coletivo, interessa-nos analisar uma ação que propôs ocupar espaços da cidade de forma lúdica e despropositada — intervenções urbanas com o sentido de ocupação dos espaços urbanos e despertar sentidos sobre a cidade.

A ação intitulada “A Ilha” ocorrida em meados de 2008 se propunha a ocupar rotatórias e espaços aparentemente sem uso da cidade e fazer desses mesmos espaços áreas de encontro, áreas de lazer, áreas de intervenção urbana, áreas para experimentar a vivência da cidade de outras formas, utilizando o formato lúdico de uma praia. Interessante percebermos que o tema da “Praia” aparece no imaginário contestatório dos jovens libertários, praia essa que viria a ser, um tempo depois, uma marca da contestação juvenil em Belo Horizonte.⁶⁸

⁶⁸ A respeito do “imaginário praieiro” em uma cidade onde não há praia, ou melhor, do uso irreverente, lúdico e contestador — contestador da política, contestador dos costumes, contestador das relações e contestador da cultura belorizontina — trazemos em anexo um texto produzido pelo coletivo Conjunto Vazio e intitulado “A tradição praieira insurgente de Belo Horizonte”. Esse texto, cujo título foi adjetivado pelo seu autor como “pomposo e idiota”, foi escrito em um tom de crítica e divergência com a Praia da Estação, procurando demonstrar que “brincar” com a Praia em Belo Horizonte não é algo tão novo assim. Teremos a oportunidade de voltar a esse texto depois, dada a importância que tem para nós a crítica nele contida. Dentre os momentos “praieiros” contestadores que aparecem no texto, gostaríamos de destacar os intitulados “Banho de Sol na Praça Raul Soares” e “Coletivo Azucrino – Rotatória de Praia”. De alguma forma, esses dois momentos, assim como as outras ações por nós citadas, influenciaram a escolha da forma de ocupação da praça da Estação em janeiro de 2010.



FIGURA 14: Notícia de jornal retirada do *blog* do Conjunto Vazio.

Fonte: Disponível em <http://conjuntovazio.wordpress.com/2011/05/>. Acesso em 18/04/2010.⁶⁹



FIGURA 15: Foto da ação "A ilha".

Fonte: Disponível em <http://conjuntovazio.wordpress.com/2009/12/06/a-ilha/>. Acesso em 18/04/2012.

⁶⁹ Interessante percebermos que o tema da Praia já surge nessas ações.

De maneira mais geral, procuramos identificar nesse Prólogo um período histórico mais amplo da contestação social contemporânea protagonizada por jovens ativistas, apontando o que consideramos como principais características e tendências. Entendemos, nesse ponto, que a natureza global dos fenômenos sociais contemporâneos pode ser entendida como conformadora dos aspectos que conectaram de algum modo os imaginários e subjetividades ativistas juvenis ao redor do mundo. Propusemo-nos a fazer, então, certo trânsito entre as escalas local e global para parcialmente percebermos dimensões de “origem” das formas de ser dos ativismos juvenis em nosso tempo. Dos movimentos antiglobalização — “geração Seattle” — passando pelos coletivos, agenciamentos e iniciativas libertárias no Brasil e em Belo Horizonte, procuramos compor certo cenário onde entendemos ter sido possível o surgimento de algo como a Praia da Estação. Nesse sentido, procuramos identificar certos campos de pertencimento possíveis da movimentação que iremos analisar, ou seja: procuramos responder à pergunta sobre a *quais ordens de fenômenos* a Praia da Estação poderia estar conectada, com o objetivo também de evitar o risco do “presentismo”, de pensar a Praia da Estação com causalidade única exclusivamente do tempo presente.

De maneira mais específica, procuramos demonstrar os elos de conexões possíveis entre os agenciamentos, coletivos e iniciativas de jovens libertários na cidade e o surgimento da Praia da Estação. Fizemos uma espécie de histórico para defender a hipótese de que muitas das características que delinearam a Praia da Estação já estavam presentes anteriormente em movimentos juvenis que a antecederam. E ainda: procuramos demonstrar (aspecto central para esse trabalho!) que a preocupação com a problemática urbana e o poder municipal por parte dos jovens — que parece ter sido, segundo nosso entendimento, o substrato que deu origem à Praia da Estação — foi sendo gestada pelo menos ao longo de uma década em Belo Horizonte.

Feitas essas considerações, fechemos o Prólogo e vamos à Praia!

PARTE II

Uma Praia nas Alterosas, o mar revolto de Belo Horizonte.

E nossa praia é feita de corpos. É feita de um mar de pluralidades. É feita de política. Uma praia é sempre uma praça, um espaço aberto convidando às *manifestações de quaisquer naturezas*. Nossa praia não se importa com nomes próprios, não precisa de nomes. É feita de gente. De alegrias e sons, de forças que descobriram a cidade.

Anônimo - Trecho do texto “corpos políticos” - Blog Praça Livre BH”

1

Um breve histórico da Praia da Estação

A 9 de dezembro de 2009, o prefeito de Belo Horizonte Márcio Lacerda publica o polêmico Decreto 13.798 proibindo eventos de qualquer natureza na praça da Estação, a contar do dia primeiro de janeiro de 2010.

O mesmo decreto justificava a proibição de eventos na referida praça alegando a dificuldade, por parte do poder público municipal, de limitar o número de pessoas em eventos que eram realizados no local, bem como garantir a preservação do patrimônio público que, ainda segundo o decreto, vinha sendo depredado em decorrência dos últimos eventos na praça da Estação. Tal ação por parte da prefeitura, e especialmente a utilização da palavra *proibição* no referido decreto, representou o estopim da movimentação que, um mês depois, se transformaria na Praia da Estação.

Eu recebi um e-mail como várias outras pessoas devem ter recebido, com um link de um blog que era o *vá de branco*, em dezembro de 2009. E esse blog *vá de branco*, ele estava trazendo conhecimento da população o decreto que foi instituído na surdina e que proibia eventos de qualquer natureza na praça da estação (...) Eu recebi essa informação, esse e-mail, e comecei a multiplicar essa mensagem. É, hoje eu sei quem que começou com esse movimento. Eu não vou falar aqui porque a figura que fez, ela queria sempre ficar anônima (BARROS, Rafa. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)



FIGURA 16: Flyer do protesto *Vá de Branco*.

Fonte: Blog *Vá de Branco*. Disponível em <http://vadebranco.blogspot.com.br/>. Acesso em 23/01/2011.



FIGURA 17: Flyer do protesto *Vá de Branco*.

Fonte: Blog *Vá de Branco*. Disponível em <http://vadebranco.blogspot.com.br/>. Acesso em 23/01/2011.



FIGURA 18: Flyer do protesto *Vá de Branco*.

Fonte: Blog *Vá de Branco*. Disponível em <http://vadebranco.blogspot.com.br/>. Acesso em 23/01/2011.

Quatro dias após a publicação do decreto, surgiu uma primeira iniciativa de reação ao mesmo. Tal reação se delineou valendo-se da rede mundial de computadores, a Internet, com a criação de um blog.¹

O blog *Vá de Branco* continha em sua primeira postagem quatro flyers com um chamado para um “protesto em prol da cultura na praça da estação” a ser realizado no dia 7 de janeiro de 2010. Concomitante a criação do blog, outros sítios e blogs divulgaram o chama-

¹ A rede mundial de computadores, a Internet, foi a forma e o meio pelos quais a primeira iniciativa de contestação do decreto municipal 13.798 apareceu, e representa uma marca “genética” das movimentações futuras que discutiremos ao longo da dissertação.

do,² e e-mails foram disparados para determinadas pessoas, comunicando a respeito do protesto contra o decreto e contendo links de acesso ao blog *Vá de Branco*.³ Os relatos de pessoas que participaram desse momento inicial da movimentação de questionamento do decreto complementam as informações.

É importante destacar que essa primeira iniciativa de contestação do decreto tem a ver diretamente com questões que apontamos no Prólogo sobre os coletivos libertários protagonizados por jovens na cidade. O *Vá de Branco* foi uma ação de reação ao decreto por parte daqueles jovens que já vinham agindo e discutindo questões na/sobre a cidade.

A utilização da Internet para mobilização e divulgação de ações de contestação social já estava presente nos agenciamentos juvenis que antecederam a Praia da Estação e seria uma marca da mesma, como iremos analisar. Segundo relato publicado no blog *Pedreira na Vidraça* no dia 7 de janeiro de 2010, cerca de 50 pessoas responderam ao chamado do *Vá de Branco* e compareceram à Praça da Estação a fim de realizarem o protesto.

Naquele momento, segundo o mesmo relato, os presentes deliberaram por constituir um movimento apartidário em prol da cultura belorizontina, assim como se discutiu sobre questões e processos vivenciados pela cidade, como, por exemplo, a questão da gentrificação⁴ de “limpeza social” do Centro de Belo Horizonte visando a preparação para a Copa do Mundo de 2014.

É... quando surgiu o chamado *vá de branco*, muitas pessoas já entraram com esse assunto né? Que a praça seria um aviso para isso, um aviso só. Que essa política em torno da praça não era só misteriosa, né? Ela ter vindo do nada e com uma proibição, que ela podia ser... tá sinalizando a vinda de novas políticas de monitoramento do Centro de Belo Horizonte que tem acontecido é... dentro desse projeto desde 2005 né? Até quando veio o BID aqui e tal. É... e também com é... que viria também uma nova onda de despejos que já tá, que já tinha... as pessoas já estavam apontando para isso, né? (NÔMADE. Belo Horizonte, 22/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Nômade nos dá uma versão parecida do protesto, ressaltando que muitos que compareceram ao *Vá de Branco* percebiam o decreto sobre a praça da Estação como um ato que fazia parte de uma lógica maior de produção do espaço urbano, e ressaltou também os posicio-

² Referimo-nos ao blog *Pedreira na Vidraça*, disponível em <http://pedreirनावidraca.blogspot.com/2009/12/va-de-branco.html> — que publicou um chamado para o *Vá de Branco* no dia 16/12/2009 — e aos sítios *Centro de Mídia Independente – Brasil* (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/12/460996.shtml>) e *Cidade Democrática*(<http://www.cidadedemocratica.org.br/topico/543-proibicao-de-eventos-na-praca-da-estacao>), que publicaram chamados para esse mesmo ato, o primeiro como artigo e o segundo como resposta a uma postagem sobre o decreto, respectivamente nos dias 15/12/2009 e 05/01/2010.

³ A rede de contatos que existia antes da Praia da Estação será objeto de análise ao longo da dissertação. O blog *Vá de Branco* está disponível em <http://vadebranco.blogspot.com/>.

⁴ Do inglês *gentrification* – enobrecimento de uma área da cidade, expressão muito utilizada pelos jovens ativistas.

namentos e anseios por ações e iniciativas que levassem em conta a problemática das transformações vivenciadas pela cidade como um todo, especificamente as políticas de monitoramento do Centro e despejo das ocupações urbanas.⁵ Percebemos aqui, portanto, a característica dos agenciamentos e coletivos juvenis, por nós já apontada, de trazer a problemática da questão urbana como uma das preocupações centrais.

então, eu lembro que tinha uma galera do Instituto Helena Greco... uma galera da ... do Movimento Anarquista Libertário, do MAL, tinha uma galera dos estudantes secundaristas, pessoas que estudam a questão da cidade, do Centro, do urbano, tinha gente da área do teatro e da cultura, tinha uma galera do Ystlingue, do Conjunto Vazio, é.. uma ou duas pessoas do Barreiro, não vou lembrar de todo mundo, mas, enfim, você tinha pessoas de diferentes lugares, pessoas ligadas a movimentos políticos, alguns partidarizados, outros não-partidarizados, é ... movimentos da esquerda, movimentos anarquistas, pessoas da área cultural, pessoas ligadas a pesquisa, ao pensamento sobre a cidade, tem esses movimentos da cidade né? pessoal do Conjunto Vazio, pessoal do Ystlingue, e aí lá nesse dia a gente se reuniu em círculo e falou e aí?, houve uma chamada que saiu do blog, a pessoa que fez a convocatória “e aí que que a gente pode fazer, nós viemos aqui motivados por alguma coisa e estamos a fim de que isso se reverbere de uma vez na cidade, então vamos então a partir de agora pensar uma coisa em conjunto, vamos” ... então, nós demos um abraço simbólico na praça nesse dia, criamos uma lista, uma lista é... mas aí, o que que a gente fez? decidimos criar uma lista de discussão, um Google grupos, né? (BARROS, Rafael. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Já Rafael Barros relata com maiores detalhes sobre a organização germinal da movimentação que serviria futuramente de suporte para o crescimento da mobilização do que seria a Praia da Estação – a lista de e-mails *Praça Livre BH* — e diz sobre a diversidade de grupos, pessoas e setores sociais que compareceram ao protesto do *Vá de Branco* — pessoas ligadas a setores da esquerda tradicional, movimento estudantil, coletivos anarquistas e libertários, pessoas e pesquisadores interessados na problemática urbana, pessoas ligadas à área da cultura.

Portanto, intitulado *Vá de Branco*, o primeiro protesto contra o decreto 13.798 consistiu em um abraço simbólico na praça da Estação, na criação de uma lista de e-mails e em um espaço de troca de informações, bem como serviu para reunir uma diversidade de coletivos, movimentos, iniciativas e indivíduos que, de alguma forma e por motivos distintos, sentiram-se incomodados com o decreto da prefeitura acerca do uso daquela mesma praça. Essa diversidade nos remete a “correntes subterrâneas” de movimentações anteriores ao protesto-festa

⁵ Quando Nômade se refere às políticas do Centro, entendemos que tem a ver com a instalação de câmeras de monitoramento da segurança instaladas pelo poder público no Hipercentro de Belo Horizonte em parceria com setores privados. Essa ação por parte do poder municipal é intitulada *Olho Vivo* e faz parte do programa de revitalização do centro da cidade promovido e divulgado pela Prefeitura Municipal a partir de 2004. As ocupações urbanas a que o entrevistado se refere são aquelas protagonizadas por movimentos sociais, especificamente as ocupações ligadas a uma organização com o nome de *Brigadas Populares*. No período da entrevista, as ocupações urbanas com ameaça de despejo eram: ocupação Irmã Dorothy e ocupação Camilo Torres, localizadas na região do Barreiro, e ocupação Dandara, localizada na região do Céu Azul.

que abordamos ao longo do Prólogo, como também aponta para a tendência de conformação de redes de indivíduos e grupos em torno da movimentação. Se o chamado para o protesto partiu de jovens ativistas libertários que já possuíam um acúmulo de experiência em ações e discussões sobre os processos de transformação vivenciados em Belo Horizonte, a partir daquele chamado público a questão se expandiu para outros setores e segmentos da juventude e da cidade. Jovens advindos do setor cultural, produtores culturais, artistas e atores de teatro, parecem ter percebido no decreto da praça uma forma de restrição de uso de um importante e tradicional espaço público para a cultura em Belo Horizonte.



FIGURA 19: Fotografia do protesto *Vá de Branco*. 07/01/2011

Fonte: Blog *Pedreira na Vidraça*
<http://pedreiranavidraca.blogspot.com.br/2010/01/va-de-branco-o-day-after.html>.
Acesso em 23/01/2011.

Parcela das juventudes partidárias e de coletivos de esquerda, especialmente setores da esquerda tradicional organizados por fora dos partidos, mas com bandeiras, discursos e práticas próximas dos mesmos, perceberam naquela nascente movimentação um potencial rebelde e de oposição à gestão municipal. Jovens cidadãos e cidadãos não tão jovens se mobilizaram, a nosso ver, por considerarem o decreto de proibição de eventos de qualquer natureza na praça da Estação um ato autoritário e unilateral por parte do prefeito, sem abertura alguma de diálogo com a população. Sejam vindos de coletivos libertários e de intervenção urbana, vindos da área cultural, vindos de movimentos e organizações tradicionais da esquerda, ou vindos no papel de cidadãos engajados, os indivíduos que compareceram ao protesto *Vá de Branco* traziam as experiências pretéritas de suas participações, engajamentos ou atuações para o espaço de trocas constituído. Esses diferentes “lugares” de origem dos participantes desse primeiro protesto, ao mesmo tempo em que marcariam a diversidade “genética” do que viria a ser a movimentação Praia da Estação, revelavam também visões, sentidos e percepções distintas acerca da cidade e do que representava tal decreto.

Unidos estavam ali os indivíduos e grupos pelo chamado de protesto, convergiam contra o decreto e expuseram, nesse primeiro encontro, suas morfologias diferenciadas. Uma senda se abriu com esse encontro. Tudo estava incerto e por acontecer. Os anseios e desejos por movimentar-se eram latentes naquele momento. Um novo encontro entre esses grupos e indivíduos para definição de ações futuras foi marcado para acontecer quinze dias após esse primeiro protesto. Um outro chamado inesperado que circulou na Internet alterou o planejamento inicial e abriu a possibilidade para que acontecesse a Praia da Estação. Antes mesmo que acontecesse a referida reunião que daria seqüência ao protesto *Vá de Branco*, foi postado um chamado no dia 13 de janeiro de 2010 no site CMI-Brasil, um chamado também anônimo, ou melhor, assinado pelo pseudônimo Luther Blisset, para a realização de uma ação de ocupação da praça da Estação que alteraria o rumo das ações até então planejadas no protesto *Vá de Branco*.⁶ Esse chamado indicava a realização do que seria a primeira Praia da Estação. Intitulado como *Praia na Praça da Estação*, o chamado foi disparado na lista de e-mails *Praça Livre BH*, em blogs e sites. Surgia então a Praia da Estação! A postagem do chamado no site do CMI,⁷ por exemplo, trazia um flyer com informações sobre a ação e convocando para um debate sobre o significado do decreto que proibia eventos quaisquer na praça da Estação.



FIGURA 20: Flyer da primeira Praia da Estação.

Fonte: Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/01/462765.shtml>
Acesso 23/01/2011

⁶ Como já dissemos no Prólogo, o CMI é uma referência de meio de divulgação e produção de conteúdo para os ativistas. Iremos nos debruçar no tópico a respeito das relações entre Praia da Estação e Ciberativismo a respeito da utilização do nome coletivo Luther Blisset.

⁷ Ver: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/01/462765.shtml>. Acesso em 12/10/2011.

E aí teve a idéia de fazer a praia, que era uma ação do Conjunto Vazio que a gente chama de “A ilha” e que era nas rotatórias. Era uma coisa muito simples assim, simples até demais que a gente fez uma duas ou três. Em rotatórias, que eram espaços em branco da cidade, não tem porquê, no meio não acontece nada, são espaços, é vazios da cidade e tomar banho de sol. E aí minha vó foi, as pessoas paravam, as pessoas espontaneamente iam lá, e tinha coisas engraçadas, o cara de picolé passa lá assim, coisas meio surreais. A gente propôs a praia, muito despretensiosamente mesmo assim, a gente esperava que teria umas vinte pessoas e teve uma preocupação grande de fazer de maneira anônima e a gente não sabia o que fazer com o decreto. Então a gente criou e-mail, pensamos em ... vamos jogar para o CMI e a partir do CMI. (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Essa idéia de realização de uma ocupação da praça da Estação em formato de uma praia expressou a influência que os coletivos libertários tiveram para o surgimento da mesma, como indica Paulo Rocha. Como também já nos referimos, o “imaginário praieiro” constitui um elemento presente nas intervenções urbanas e ações de contestação social na cidade de Belo Horizonte protagonizadas por coletivos juvenis nos anos que precederam o surgimento da Praia da Estação.

A primeira Praia da Estação ocorreu em 16 de janeiro de 2010. A ocupação lúdico-festiva da praça da Estação ou o protesto-festa contra o decreto 13.798 ocorreu na esteira do chamado que circulou pela Internet.

Aí teve a primeira praia uma semana depois desse *Vá de Branco*. Essa primeira praia tipo ... apareceu muita gente mesmo, foi coisa de centenas de pessoas, teve gente que contou no informal, talvez a aparição de umas trezentas pessoas. E aí teve duas coisas marcantes assim, que foi a possibilidade de um encontro muito festivo né...? e mesmo assim no meio da festa foi possível tipo juntar uma roda de conversa, coletar contato das pessoas e retomar o tema do que é que estava acontecendo, o que que levava uma proibição tão... brusca assim, tão fria né... sem consulta nenhuma, a estar ali caindo sobre um dos símbolos, vamos dizer né? Eu acho que o que tenha reunido tantas pessoas é a simbologia que a praça carrega, talvez... a localidade dela no centro da cidade (NÔMADE. Belo Horizonte, 02/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Ao dizer sobre a quantidade de pessoas presentes, Nômade já nos traz apontamentos de que os chamados e textos que circularam pelos e-mails, blogs e sites, enquanto forma de mobilização e informação, surtiram efeito. As razões que o entrevistado indica para a reunião de um número expressivo de pessoas, segundo ele, têm a ver com o apelo afetivo que a praça da Estação e o decreto que a envolvia, enquanto símbolos das manifestações públicas na cidade, exerceu sobre aqueles primeiros participantes da Praia da Estação. A forma do chamado e da mobilização, anônima e sem lideranças, indicou o caráter de horizontalidade e fluidez organizativa que a Praia da Estação assumiu.

(...) a praça serviria como esse espaço de convivência, de manifestação, de circulação, de encontro, então, a praça era nossa praia e o que o decreto estava fazendo era justamente isso, estava cerceando o direito dos cidadãos, das pessoas da cidade, desse encontro, da livre manifestação, da livre circulação, da livre experimentação, enfim, tirando das mãos da população um espaço que era dela por direito né? (...) e essa coisa da praia pegou né? Porque era uma ocupação efetiva do espaço público que legalmente estava proibido de ser ocupado. E foi ocupado de uma forma lúdica, através de uma intervenção urbana, de forma artística e pacífica de alguma maneira, e com todo esse caráter simbólico, político em torno, é... aí aconteceu que pegou, pegou, no dia da primeira praia se esperava a movimentação, a convocação aconteceu basicamente através de e-mail, dessas ferramentas na internet e no boca a boca, claro, e apareceu um número expressivo de pessoas nessa primeira praia (BARROS, Rafael. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Rafael Barros também nos revela as razões da movimentação ressaltando a dimensão de ocupação de um espaço público cujo direito de usufruto pelos cidadãos foi violado pelo decreto do prefeito, segundo os participantes da Praia da Estação. Nesse mesmo relato, o entrevistado chama a atenção ainda para o número expressivo de pessoas presentes na primeira Praia da Estação e da Internet como meio principal de divulgação e mobilização para a mesma. A respeito da importância da Internet para a existência de uma movimentação como a Praia da Estação, faremos uma análise em um tópico específico.



FIGURA 21 Foto retirada do Blog *Praça Livre BH* da Praia da Estação
Fonte: <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 05/02/2011.



FIGURA 22: Foto retirada do Blog *Praça Livre BH* durante a Praia da Estação
Fonte: <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 05/02/2011.



FIGURA 23: Foto da Praia da Estação com destaque para a frase “Okupe a Cidade”.
Fonte: Blog “Praça Livre BH”. Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 05/02/2011.

A primeira Praia da Estação marcou uma ocupação lúdico-carnavalesca da praça, das muitas que ainda viriam acontecer por, pelo menos, mais três ou quatro meses, onde os jovens puderam desfilar sua irreverência, ironias, protestos e contestações contra o decreto, o executivo municipal e os rumos de desenvolvimento da cidade. Trajes de banho, sombrinhas (uma delas, colorida, viraria o símbolo da Praia da Estação), guarda-sóis, caixas de isopor, cangas, toalhas de banho, bóias, cadeiras de praia, protetores solares, peteca, bola, adereços carnavalescos, faixas, cartazes, manequim com a foto do prefeito, músicas, instrumentos musicais e até um caminhão-pipa compuseram o cenário da primeira “Praia” e delinearam a natureza estética e simbólica daquele protesto.

Nada fora organizado coletivamente de forma antecipada. Apenas o chamado na Internet parece ter impulsionado jovens, grupos e indivíduos, cada qual com sua forma e de seu jeito, a comporem aquele mosaico de ativismo, encontro, festa e protesto. Os indivíduos, por conta própria, levaram toda parafernália para a praça da Estação, bem como, por conta própria, confeccionaram faixas, cartazes, compuseram músicas etc. Em duas dessas faixas, se podia ler as seguintes mensagens: “Okupe a cidade” e “A praça é do povo como o céu é do condor”.⁸

A mensagem “Okupe a Cidade” que a foto nos mostra parece indicar aquilo que afirmamos no Prólogo dessa dissertação a respeito da temática urbana ter se tornado uma das preocupações centrais dos jovens ativistas libertários em Belo Horizonte. É possível que a emergência da questão urbana enquanto uma das preocupações centrais das movimentações juvenis em Belo Horizonte tenha a ver com as transformações vivenciadas pela cidade especialmente em função da realização da Copa do Mundo de 2014. Iremos nos deter melhor nessa hipótese quando formos revelar os discursos dos jovens ativistas sobre Belo Horizonte.

No nosso entendimento, o decreto do prefeito e o surgimento da Praia da Estação contribuíram diretamente para que emergissem, de maneira mais visível, essas insatisfações e contestações que vinham se gestando de maneira subterrânea entre os coletivos e agenciamentos juvenis a respeito da cidade. A mensagem “Okupe a Cidade” trazida pela Praia da Estação também indica a forma de ação que esses mesmos ativistas propõem: ação direta. O dizer é claro e imperativo nesse sentido! A proposta é ocupar a cidade e tornar visíveis problemas até

⁸ Os coletivos e jovens libertários utilizam a letra K na grafia das palavras para simbolizar posições antagônicas e de contestação. “Quem veste o K é, por isso, alguém que é alheio, no sentido de que é estranho ao poder da sociedade, está fora das normas dos partidos, é outro em relação às instituições, pouco controlável e quase inexplicável; e, ao mesmo tempo, é também poderoso, não se deixa aquietar nem dominar, mas, ao contrário, sabe exercer seu poder conflitual, sabe praticar novos conflitos. Quem se inscreve no K é, portanto, o jovem que okkupa e preokkupa” (CANEVACCI, 2001, p.41)

então pouco visíveis, como foi o caso da ocupação da praça da Estação em função do decreto de proibição de eventos de qualquer natureza.

Afora o lema “Okupe a cidade” e a sombrinha colorida que apareceram na primeira Praia da Estação e que se tornaram símbolos da movimentação, o caminhão-pipa também foi um aspecto simbólico marcante e igualmente relevante para avaliarmos um outro aspecto dessa movimentação: a dimensão de importância que a autonomia individual teve para o desenvolvimento da mesma.

E não sei por que, bicho, eu falei esse povo vai boicotar. Peguei vários contatos de caminhão-pipa na sexta-feira, liguei para alguns, perguntei se ia funcionar, até que horas, já deixei previamente meio que avisado: “tavez a gente vai fazer uma atividade aí, vai precisar do caminhão-pipa, rola? e tal ... E aí fui com esses contatos para a praia sabe? E aí foi muito doido que a gente chegou lá, a primeira praia foi convocada para às nove horas da manhã e a gente chegou lá bem pertinho desse horário e não tinha quase que ninguém lá, é... e aí a fonte ia ser ligada, o senhor que liga a fonte ia ligar, eu já tinha conversado com ele, e ele disse vai ligar tal hora, onze horas. Passou quinze minutos ... nada ... e a gente foi perguntar ele de novo, e ele disse “não vai ligar, recebi instruções para não ligar a fonte”, então, aí, quando nós vimos que não ia ligar a fonte, eu falei “beleza, eu tenho telefone do caminhão-pipa aqui, nós vamos fazer uma vaquinha e vamos ligar para o caminhão-pipa”. Aí ligamos para o caminhão-pipa (...) (BARROS, Rafael. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira).

O depoimento de Rafael Barros informa sua prévia intuição, um dia antes de acontecer a primeira Praia da Estação, de que a prefeitura desligaria as fontes de água da praça. Essas fontes são um símbolo da mesma praça e possuem já um uso característico por parte da população de ser utilizada para refrescar, especialmente a população de rua e transeuntes do centro de Belo Horizonte, em dias de forte calor. Com essa intuição, a do desligamento das fontes por parte das autoridades municipais, o entrevistado diz-nos que planejou a ida de um caminhão-pipa para refrescar os participantes do protesto-festa naquele quente sábado de verão. Tal ação reforça nosso argumento sobre a importância da dimensão e da ação dos indivíduos para o conjunto da movimentação, bem como reforça os aspectos marcantes da autonomia e espontaneidade característicos das movimentações sociais juvenis contemporâneas.

Não aconteceram reuniões nem votações entre os participantes para decidirem sobre a ação do caminhão-pipa. O incômodo com o calor devido à falta de água para se refrescar serviu para que a idéia do caminhão-pipa ganhasse adesão espontânea e contribuição voluntária para sua efetivação. Exemplos como esse delinearam toda a existência dessa movimentação e revelam, como já dissemos, características das formas contemporâneas das movimentações sociais protagonizadas por jovens. Voltaremos a essas questões no momento de aprofundamento de nossas análises sobre a Praia da Estação.

E aí chamamos o caminhão-pipa. O caminhão-pipa chegou à tarde, umas duas, três e meia da tarde, tava um sol, que tava todo mundo esturricado, todo mundo putto que tinha desligado a fonte e tal. A hora que chegou o caminhão-pipa foi um momento de catarse, de efervescência, de concretização da manifestação, da intervenção, da irreverência. E aí que foram surgindo os primeiros grandes gritos da praia da estação também, né, aquilo que ficou, ficou que: “Ei polícia a praia é uma delícia”, “tira a calça brim bota o fio dental, polícia, você é tão sensual”, “deita no cimento, deita no cimento!” (cantando) e “toda semana, toda semana!” (cantando mais ainda). E esse negócio do toda a semana motivou, que motivou, o processo de ocupação da praia toda semana. Teve uma conversa presencial já na primeira praia onde se discutiu as questões relativas não só em relação ao decreto, mas em relação à ocupação da cidade, e aí nessa conversa ficou meio que definido coletivamente que iríamos fazer a praia todos os sábados até que pelo menos o decreto caísse, até a derrubada do decreto, o negócio era esse, ocupar, resistir, até a coisa, até sermos vitoriosos (BARROS, Rafael. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Rafael Barros nos diz que o momento da chegada do caminhão-pipa representou o alento de refresco, e também a realização simbólica daquele protesto, afinal não pode haver praia sem água e sem banho, bem como representou o momento de catarse dessa primeira experiência “praieira”. Seguindo os apontamentos do relato, podemos assinalar que tal catarse parece ter sido impulsionada pelo sentimento de concretude da ação coletiva por parte dos participantes, e pelo sentimento de “empoderamento” que a sensação do *poder fazer algo* pode inspirar. O ato de desobediência do decreto por parte daqueles que ali estavam presentes no dia 16 de janeiro parece ter atingido seu ápice com a alternativa autônoma construída pelos mesmos ao desligamento das fontes da praça.

Foi nessa situação catártica que o deboche contra o poder instituído presente na praça naquele momento foi ampliado. Para além do deboche contra o prefeito, houve o deboche com os policiais através de cantos espontaneamente criados, e foi também o momento em que a idéia de repetição da experiência e da catarse ganhou força coletiva. Ou seja: a idéia de que a ocupação lúdico-festiva da praça da Estação deveria continuar todo o sábado até a derrubada do decreto ganhou visibilidade e força naquele momento.

Não tardaram a ocorrer conflitos com autoridades municipais. Com a visibilidade adquirida pela Praia da Estação na cidade não tardou a repressão por parte do poder municipal. Logo após a realização da primeira Praia, a ocupação lúdico-festiva contestatória da praça da Estação teve que enfrentar a ação da fiscalização da prefeitura, da Guarda Municipal e, por vezes, da Polícia Militar.

(...) Mas aí depois no processo nós tivemos várias situações de repressão (...) Com guarda e polícia militar, até tropa de choque teve lá na praia já. (BARROS, Rafa. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

É bom pontuar que em grande parte das ocupações da praça teve a presença das forças de segurança, da polícia militar. Uma vez apareceu um caminhão-ônibus do batalhão de choque, guarda municipal e fiscais assim, tentando dificultar mesmo, dizendo que não podia deixar coisa no chão da praça, que isso era entendido como comércio ambulante, que a ocupação da praça impede o direito de ir e vir das pessoas e tal... (NÔMADE. Belo Horizonte, 02/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira).

Os depoimentos acima nos revelam a mobilização de todo um aparato de repressão com o objetivo de coibir a ocupação praieira da praça da Estação. Contudo, ao que parece, não houve grandes conflitos físicos entre os participantes da Praia da Estação, as forças de segurança e os fiscais. A repressão à movimentação teve como estratégia central a utilização do Código de Posturas de Belo Horizonte, decretado em 2003 e com alterações em 2010, para tentar coibir a ocupação praieira.

A guarda municipal entende, entendia que ao se colocar uma cadeira no chão é mobiliário público, ao se colocar um guarda-sol é mobiliário público. E aí virava uma grande celeuma porque eles não têm o poder de prender isso, então imediatamente eles chamavam a fiscalização da prefeitura e imediatamente começavam a querer prender essas coisas. Como acontece até hoje que você tenta montar uma barraca lá eles falam que não pode e dizem que é mobiliário urbano e dizem que se montar uma barraca depois vai querer vender alguma coisa, né? No entanto, quando se tem eventos, montasse coisas na praça e deixasse vender, assim que se pague. Outra coisa, eles também não sabiam a diferença, até hoje não sabem, é a diferença de evento e de manifestação. Porque manifestação ela não pode ser proibida, ela é regida pelo artigo quinto da constituição. Quando se proíbe evento de qualquer natureza na praça, isso não inclui uma manifestação política. (FIDÉLIS. Belo Horizonte, 21/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira).

Em seu depoimento, Fidélis nos conta a respeito de alguns conflitos entre os fiscais e Guarda Municipal e os participantes da Praia da Estação. A celeuma se dava justamente por a guarda e os fiscais da prefeitura utilizarem dispositivos do Código de Posturas, que proíbe a instalação de estruturas de eventos, materiais e objetos nos espaços públicos da cidade sem prévia autorização da Prefeitura de Belo Horizonte para tentarem impedir a presença dos participantes praieiros com seus objetos de praia: caixas de isopor, sombrinhas, tendas, caixas de som, dentre outros. Tentavam ainda caracterizar o consumo de bebidas trazidas pelos participantes como comércio ambulante, igualmente proibido nos espaços públicos pelo Código de Posturas da cidade. A controvérsia se estendia ainda sobre os sentidos e interpretação da ação, evento ou manifestação. O Decreto 13.789 proibia a realização de eventos de qualquer natureza sem mencionar o termo “manifestação política”. Os participantes da Praia da Estação argumentavam que o que estavam realizando era uma manifestação e não um evento. Já as auto-

ridades pareciam, para efeito de impedir a ação coletiva de protesto, tratar a manifestação como um evento qualquer e que estava infringindo o decreto. De qualquer forma, esses conflitos em nenhum momento impediram que a Praia da Estação ocorresse.

Para além das Praias da Estação que ocorreram aos sábados, com variação do número de pessoas e variação da intensidade de atividades produzidas pelos praieiros na praça da Estação durante os primeiros cinco meses de 2010, houve outros momentos protagonizados pelos ativistas praieiros de grande concentração de pessoas e de realização de uma multiplicidade de atividades: o *Eventão*. Entre janeiro e maio de 2010, ocorreram dois Eventões: o primeiro ocorreu em março e o segundo em maio. Um terceiro Eventão viria ocorrer em janeiro de 2011 na comemoração de um ano da Praia da Estação. Os Eventões consistiam em um dia ou dois de uma ocupação intensa da praça da Estação com variada programação: bandas, grupos culturais, performances várias, teatro, dentre outras. O primeiro Eventão ocorreu em um período em que a Praia da Estação estava, digamos, ainda em seu momento de ápice. A memória desse momento apareceu em todos os depoimentos dos entrevistados. Vejamos um desses depoimentos:

(...) o primeiro Eventão eu acho que foi uma coisa muito poderosa (...) o primeiro Eventão foi um dia maravilhoso, porque foi um dia que de fato o grupo em coesão, os banhistas se revoltaram com o poder instituído na hora que a polícia e a fiscalização, a guarda municipal falou que não ia poder rolar show, e aí então nós vamos para a rua e aí fechou a avenida dos Andradas, o povo fechou a Andradas e saiu em marcha em peso até chegar embaixo do viaduto do Santa Tereza onde os shows aconteceram, num acordo que rolou com a prefeitura, que a prefeitura não interveio na realização dos shows lá, porque viu que a coisa estava muito forte (...) (BARROS, Rafa. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Rafa Barros nos conta, então, de um momento de grande mobilização em torno da Praia da Estação. Em não podendo realizar todas as atividades programadas na praça, como a instalação de equipamentos de som e realização de shows, os participantes ocuparam a avenida em frente a mesma e se dirigiram até outro ponto próximo, igualmente tradicional de realização de eventos culturais: o viaduto de Santa Tereza. Já o segundo Eventão, ocorrido, conforme dissemos, no mês de maio, aconteceu em um momento em que a Praia da Estação já entrava num processo progressivo de desmobilização: já havia quatro meses de ocupação periódica da praça da Estação, o que, talvez, já gerasse certo desgaste por parte dos participantes, bem como o clima da cidade começava a mudar, o calor do verão saía de cena para a entrada dos ventos de maio.

Para além da repressão que aludimos acima, a administração municipal reagiu à movimentação praieira e à oposição que se constituiu contra o prefeito com outras atitudes.

Uma dessas atitudes foi a instalação de uma Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação já no final do mês de janeiro de 2010 com objetivo de regularizar a utilização da praça da Estação.⁹ A respeito dos conflitos entre os ativistas praieiros e o poder municipal que envolveram a instalação de tal comissão, iremos tratar ao longo do texto. O fato foi que o fruto do trabalho da Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação gerou uma portaria da Secretaria de Administração Regional Municipal Centro Sul,¹⁰ que teve como principais pontos a instituição de cobrança monetária por parte da prefeitura para realização de eventos na praça da Estação e a facilitação para a realização de eventos que tivessem ligação com a Copa do Mundo de 2010. Além da cobrança monetária, a portaria condicionava uma série de questões para a realização de eventos, tais como contratação de seguranças, instalação de banheiros químicos, utilização de artefatos para cercamento da praça etc. Os participantes da Praia da Estação criticando fortemente a referida portaria argumentando sobre o caráter mercadológico da mesma — que tornava possível a realização de eventos somente por grandes empresas — criticando os itens condicionantes, e fundamentalmente criticando a necessidade de cercamento de um espaço público. A partir daí, aconteceram eventos e shows na praça da Estação cercada e patrocinada por grandes empresas, onde houve conflitos entre cidadãos, ativistas e forças de segurança.

(...) quando a gente chegou para fazer a praia, poucas pessoas, e a praça estava cercada para um show do Milton Nascimento que iria acontecer no aniversário de Belo Horizonte e nós invadimos a praça, polícia militar e escopeta, e nós abrimos a grade, abrimos as grades da praça na tora... (BARROS, Rafa. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Protestos contra o *Fan-Fest* da Fifa na praça da Estação durante a Copa de 2010 — um ensaio para 2014 — protestos contra o cercamento da praça em outros momentos acontecerão durante todo o período. Toda a crítica e discussão em torno de questões mais amplas envolvendo os rumos da cidade e do poder municipal apareceu de forma intensa no blog Praça Livre BH, conforme veremos ao longo do trabalho.

Em resumo, a Praia da Estação ocorreu de forma intensa entre os meses de janeiro e maio de 2010, ressurgiu em dezembro desse mesmo ano e se estendeu até janeiro de 2011, quando se comemorou um ano de Praia da Estação. Durante os meses de junho a novembro, quando não mais ocorria a ocupação da praça da Estação, a atividade ativista dos praieiros se concentrou em outras iniciativas e fundamentalmente no ativismo na rede mundial de compu-

⁹ Ver anexo II.

¹⁰ Ver anexo III.

tadores.¹¹ Nesse período, e após o período em que não houve mais a ocupação periódica da Praça da Estação por parte dos jovens ativistas, a Internet — especialmente o blog Praça Livre BH — continuou concentrando parte das energias de contestação social dos jovens. Era a dimensão ciberativista da Praia da Estação, que analisaremos a seguir.

¹¹ Dentre essas iniciativas destacamos “O que trem é esse?”, uma intervenção no metro de Belo Horizonte com o objetivo de tornar público o debate sobre as formas de transporte público na cidade e o “Roupa Suja se lava em casa” onde os ativistas protestaram contra a realização da reunião do evento Mercocidades em Belo Horizonte. Os jovens ativistas libertários continuaram desenvolvendo suas ações e iniciativas nos espaços anarquistas da cidade.

2

**Da praça para a rede, da rede para a praça.
A Praia ciberativista**

A “certidão de nascimento” da Praia da Estação foi confeccionada na rede mundial de computadores. Foi através da Internet — primeiro pelo blog *Vá de Branco* e depois pelos chamados para a primeira Praia da Estação disparados via e-mail e divulgados em sites e blogs — que se delineou a mobilização para ocupação da praça da Estação no centro de Belo Horizonte em reação ao decreto que proibia eventos de qualquer natureza na mesma. Concomitantemente, como também já dissemos, uma lista de e-mails foi confeccionada em meio ao primeiro protesto contra o decreto, intitulado *Praça Livre BH*, para servir de meio de interação entre os participantes da movimentação. Quatro dias após a primeira experiência da Praia da Estação, no dia 20 de janeiro de 2010, entrou no ar um blog com o mesmo título da lista: o blog *Praça Livre BH*.¹² Ambos, lista de e-mails e blog *Praça Livre BH*, foram fundamentais para a existência e desenvolvimento da Praia da Estação e serviram para mobilização, organização, troca de informações, formação de opiniões, debates, relatos, produção e divulgação de conteúdos relacionados à própria movimentação e relacionados à cidade (textos, fotos, flyers e vídeos). Conforme procuramos demonstrar ao longo do Prólogo, a Internet e seu uso político e ativista é uma marca das movimentações sociais contemporâneas, desde pelo menos os zapatistas em Chiapas, e especialmente é uma marca dos coletivos juvenis contemporâneos. Em Belo Horizonte, como dissemos, esses coletivos faziam um uso intenso da Internet para conformarem redes, organizarem eventos, promoverem debates e divulgarem suas iniciativas.

Entendemos que a Praia da Estação pode ser interpretada como expressão de novas formas assumidas pelas movimentações sociais contemporâneas que estabelecem uma relação intensa com a Internet, ou seja: a Praia da Estação também a que ver com o ciberativismo. Rigitano (2005) define o ciberativismo como o ativismo político na Internet. Morris e Langman (2002 *apud* Rigitano, 2005), classificam-no em duas categorias: *ciberativismo na internet* e *ciberativismo através da Internet*.

Na primeira categoria, os autores se referem às ações que têm a própria rede como questão central, ou seja, ações contestadoras que têm como fundamento os modos de ser e de

¹² Disponível em www.pracalivrebh.wordpress.com. Acesso entre janeiro de 2010 e maio de 2012.

utilizar a própria rede.¹³ Entre essas ações estão as invasões de sites, ocupações virtuais, violação de senhas e demais atos hackers. Já na segunda categoria, a do ciberativismo através da Internet, os autores se referem aos agenciamentos que utilizam a rede como ferramenta de comunicação e informação, sendo esta utilizada para troca, envio e coleta de informações por parte dos ativistas. Entendemos que a Praia da Estação e sua dimensão virtual possuiu aspectos que dialogaram com a definição de ciberativismo *através da internet*, por utilizar a rede como meio para intercâmbio de informações e como ferramenta de comunicação, mas foi além disso. Defendemos a hipótese de que a Internet foi para a Praia da Estação algo mais complexo do que uma mera ferramenta de coleta e intercâmbio de informações, e sim que a rede foi uma dimensão própria da movimentação, ou seja, existiu uma Praia *on line* e uma Praia *off line* que se amalgamavam, se complementavam e compunham dimensões de um mesmo fenômeno. Ou seja: pensamos que essa conceituação de ciberativismo *através da internet* desenvolvida por Morris e Langman é insuficiente para entendermos as relações entre a Praia da Estação e a Internet.

A íntima conexão entre a ocupação “praieira” da praça da Estação no centro de Belo Horizonte aos sábados e as novas tecnologias da comunicação e informação conformou um amálgama entre as dimensões do “mundo real” e do “mundo virtual”. Ou seja: a existência da movimentação e seu desenvolvimento possuíram facetas em ambas as dimensões — *on line* e *off line* — que se retroalimentavam: tanto a Praia da Estação real alimentava sites, listas de e-mails, blogs etc., de um lado, quanto a Internet, de outro lado, alimentava e impulsionava a movimentação. A questão, portanto, é a de pensar a Internet para além de um mero “meio” no caso da Praia da Estação, qual seja: a Internet foi de certa forma uma extensão da “Praia” no universo virtual. Uma outra dimensão de sua existência, como afirmamos.

Esse amálgama entre a Praia da Estação e a Internet de que estamos a falar parece ter contribuído para potencializar as características originárias da movimentação. Se, por um lado, a Praia da Estação nasce enquanto uma movimentação horizontal, em rede, autônoma, “anárquica”, influenciada pelas formas ativistas juvenis libertárias que a antecederam e contribuíram para seu surgimento, por outro lado ela se difundiu e se desenvolveu através de tecnologias informacionais e comunicacionais cujas características se combinavam com sua forma de ser. Pensamos que elementos característicos e possibilidades oferecidas da própria rede mundial de computadores — horizontalidade, possibilidade de produção autônoma dos indi-

¹³ Um exemplo de ciberativismo na Internet pode ser visualizado através do movimento *Anonymous*. Em janeiro de 2012, um grupo de hackers que utilizam a alcunha *Anonymous* invadiu diversos sites de empresas e governos em diversos países do mundo em protesto ao fechamento do site de compartilhamento de arquivos *Megaupload* pelo governo americano. Ver: <http://anonymousbrasil.com/>. Acesso em 29/01/2012.

víduos, organização em rede — propiciaram a união exitosa entre novas tecnologias da comunicação e informação e Praia da Estação. Temos então o compartilhamento de características comuns entre a movimentação e o meio em que foi produzida: conforme estamos argumentando, o meio (a Internet) passa a ser uma das dimensões da própria movimentação. O formato horizontal, “rizomático” e em rede em que se delineou a movimentação pode ser entendido como diretamente relacionado às dimensões horizontais e “rizomáticas” da própria Internet.

Em uma entrevista concedida ao portal do Instituto Humanitas Unisinos em novembro de 2011, Massimo Di Felice nos dá mais algumas pistas para procurarmos compreender as relações entre Internet e movimentações sociais contemporâneas.¹⁴ O autor propõe o conceito de *netativismo* para explicar o surgimento de formas de ativismo e conflitualidade que se multiplicam e impulsionam a criação de formas participativas horizontais. Segundo Massimo Di Felice, essas formas de conflitualidade surgidas da simbiose com as novas tecnologias da comunicação e informação exprimem um tipo de “cidadania tecnológica” e um tipo de ação social realizada por um “tecnoator”.

Os exemplos de que o autor se utiliza para falar do “netativismo” nessa entrevista são os dos movimentos que eclodiram em 2011 e ganharam visibilidade em todo o mundo: *Primavera Árabe*, *Indignados* etc. Segundo Massimo, esses movimentos revelam o início de uma “nova época” da democracia que parecem se conformar enquanto uma forma política que supera a democracia representativa e opinativa ao permitir, através das novas tecnologias da comunicação e informação, a participação direta de todos: “tais movimentos não elegem representantes, mas exprimem a vontade de transformar os processos sem se limitar a opinar sobre os assuntos públicos, organizando-se em rede para mudanças reais.” (DI FELICE, Massimo. *Entrevista*). A Praia da Estação se conformou, portanto, enquanto uma rede de grupos, indivíduos e agenciamentos tecida em outra rede, a rede mundial de computadores. Essa malha constitutiva da “Praia”, forjada através das novas formas de interação e sociabilidade, expressa tendências de conformação dos agenciamentos coletivos em uma sociedade cada vez mais informacional e tecnológica, a chamada “sociedade em rede”:

Com a difusão da sociedade em rede, e com a expansão das redes de novas tecnologias de comunicação, dá-se uma explosão de redes horizontais de comunicação, bastante independentes do negócio dos media e dos governos, o que permite a emergência daquilo a que chamei comunicação de massa autocomandada. É comunicação de

¹⁴ *Pós-complexidade*: as redes digitais vistas a partir de uma perspectiva reticular. Entrevista especial com Massimo Di Felice. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/500515-pos-complexidade-as-redes-digitais-vistas-a-partir-de-uma-perspectiva-reticular-entrevista-especial-com-massimo-di-felice>. Acesso em 12/04/2012.

massas porque é difundida em toda a Internet, podendo potencialmente chegar a todo o planeta. É autocomandada porque geralmente é iniciada por indivíduos ou grupos, por eles próprios, sem a mediação do sistema de media. A explosão de blogues, vlogues (vídeo-blogues), *podding*, *streaming* e outras formas de interactividade. A comunicação entre computadores criou um novo sistema de redes de comunicação global e horizontal que, pela primeira vez na história, permite que as pessoas comuniquem umas com as outras sem utilizar os canais criados pelas instituições da sociedade para a comunicação socializante. (CASTELLS, 2005, p.24)

A Praia da Estação pode ser entendida, então, como fenômeno diretamente conectado às mutações sociais contemporâneas relacionadas à transformação das formas de interação e sociabilidade mediadas por novas tecnologias da comunicação e informação, como aponta Castells, e como movimentação social pertencente a um tempo onde as tecnologias da comunicação e informação ganham, cada vez mais, importância enquanto modo de interação e sociabilidade. Ao que parece, não é mais possível pensar as movimentações sociais contemporâneas dissociadas das novas tecnologias da informação e comunicação.

A possibilidade de comunicação rápida, barata e de grande alcance faz atualmente da Internet o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos. A rede se converteu em um espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes. (MACHADO, 2007, p.23)

Lemos e Lévy (2010) falam dessa transformação da esfera pública e das possibilidades de agenciamento coletivos a partir da utilização dos novos meios da comunicação e informação.

(...) essa transformação da esfera pública me parece afetar positivamente os quatro domínios estreitamente interdependentes, que são as capacidades de aquisição de informação, de expressão, de associação e de deliberação dos cidadãos. Em suma, a computação social aumenta as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do “povo”. Outro efeito notável dessa mutação da esfera pública é a pressão que ela exerce sobre as administrações estatais e sobre os governos para mais transparência, abertura e diálogo. (LEMOS & LÉVY, 2010, p.14)

A respeito dessa reflexão dos autores, podemos pensar que o amálgama da Praia da Estação com a Internet parece ter contribuído diretamente para o surgimento de canais de busca de informação, de canais de expressão de opiniões, de canais de formação de debates, de canais de formação contínua dos participantes, de canais para a associação dos jovens e indivíduos em prol de uma causa (que, a nosso modo de ver, é a cidade), enfim, para a conformação de uma esfera efetivamente pública de discussão sobre a questão urbana. Essa esfera pública surgida a partir desse amálgama, ou a dimensão virtual da Praia da Estação, apareceu em diversos meios.

Iremos analisar de forma mais detida dois meios primários, a lista de e-mails e o blog Praça Livre BH, e nos referir a outras manifestações da Praia da Estação na Internet de maneira mais genérica.

A lista Praça Livre BH

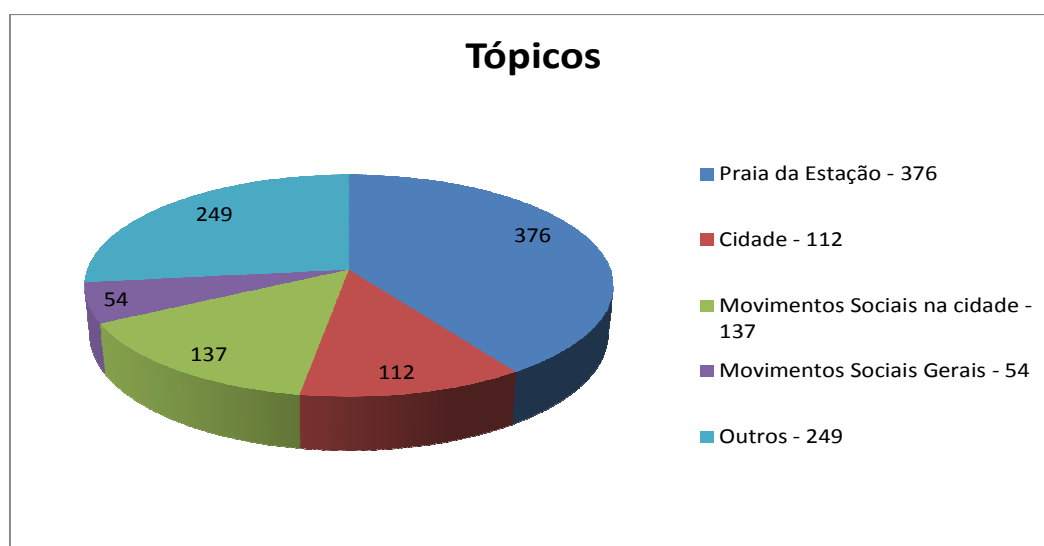
A lista de e-mails *Praça Livre BH*, conforme já dissemos, foi criada durante o primeiro protesto contra o decreto de proibição de eventos de qualquer natureza na praça da Estação do então prefeito Márcio Lacerda, o *Vá de Branco*, e recebeu sua primeira mensagem em 12/01/2010. Acompanhamos e categorizamos as mensagens da lista desde o período de sua criação até a data de 08/06/2011. A lista de e-mails foi categorizada na medida em que o contato com a mesma foi se aprofundando. Lembrando que, junto ao blog, a lista de e-mails foi uma das fontes dessa pesquisa. As categorias criadas para classificação e análise das mensagens foram as seguintes:

1. **Praia da Estação** – Todos os tópicos que se referiam às seguintes questões: organização, mobilização, propostas de ação, debates internos, relatos, manifestos, cartas, textos e indicação de links e referências relativas a Praia da Estação.
2. **Cidade** – Todos os tópicos que se referiam à questão urbana: conflitos com a administração e política municipais (avaliação dos atos e ações da prefeitura, avaliação da condução das políticas públicas, avaliação de políticas implementadas, denúncias de corrupção etc.), problemas vários da cidade de Belo Horizonte (mobilidade, moradia, meio ambiente, saúde, educação etc.), produção do espaço urbano (grandes construções, conflitos vários), mega-eventos e a transformação da cidade (impactos da Copa do Mundo), cotidiano da cidade (uso dos espaços públicos, repressão policial e por parte das autoridades etc.)
3. **Movimentações sociais em Belo Horizonte** – Todos os tópicos relativos a movimentações sociais na cidade e relacionados à problemática urbana (Brigadas Populares, Bicletada, intervenções urbanas diversas, Escola de Samba Cidade Jardim, mobilizações contras as políticas da prefeitura – cancelamento do FIT, por exemplo, Duelo de Mc'S etc.)

4. **Movimentos sociais gerais** – Divulgação e, algumas vezes, discussão sobre toda a sorte de movimentações, intervenções urbanas, coletivos contraculturais, movimentos sociais etc., no Brasil e no mundo.
5. **Outros** – Todos os tópicos que não se enquadravam nas categorias anteriores e que apresentavam uma variedade de assuntos que não se relacionava diretamente com o contexto da Praia da Estação: divulgação de shows e eventos culturais, propaganda política — principalmente quando se aproximou o período eleitoral — correntes, mensagens de “auto-ajuda”, notícias políticas do Brasil e do mundo, textos vários (acadêmicos, políticos, artigos de jornais e revistas), *spams* vários.

TABELA 1

Categorias presentes na lista de e-mails da Lista *Praça Livre BH*



Fonte: Produzida pelo autor.

Como podemos perceber a partir da categorização que fizemos, o tema da Praia da Estação foi o mais presente na lista de e-mails, com 376 mensagens no período pesquisado. Esse predomínio do tema da Praia da Estação na lista de e-mails nos traz indícios para pensarmos a importância que a mesma possuiu enquanto meio de organização e mobilização da movimentação, conforme analisaremos mais a frente. Em terceiro e em quarto lugares em número de mensagens na lista, aparece a questão urbana. Com 137 mensagens aparece o tema da cidade a partir das movimentações sociais que tinham a ver com a temática urbana, e com 112 a questão da cidade em si.

Esse conjunto de mensagens expressa, a nosso ver, a hipótese que levantamos no Prólogo dessa dissertação, de que a questão urbana e a questão do poder municipal representavam uma das preocupações centrais de uma parcela de jovens ativistas em Belo Horizonte. A movimentação da Praia da Estação nasce e se desenvolve a partir dessa temática central trazida pelos jovens que a constituíram. Iremos nos deter sobre esse aspecto em um tópico específico. Esse caráter da Praia da Estação, ou seja, de uma movimentação que trouxe para o centro do debate a questão urbana, fez com que a lista de e-mails se tornasse também uma arena de discussão sobre problemas vivenciados na cidade e sobre o poder municipal, bem como dava visibilidade a outras movimentações urbanas. Dentre essas movimentações urbanas no período que aparecem na lista, destacamos a questão das ocupações urbanas promovidas em Belo Horizonte pelas Brigadas Populares, a movimentação em torno do cancelamento do Festival Internacional de Teatro (FIT/2010) em Belo Horizonte, a questão do questionamento da mobilidade urbana trazida pela Bicicletada, as ocupações culturais dos espaços públicos da cidade, como as protagonizadas pelo Duelo de Mc's no centro de Belo Horizonte, as mobilizações em torno da luta contra a prefeitura travada pela Escola de Samba Cidade Jardim, entre outras.¹⁵ A conexão da Praia da Estação com outras movimentações da cidade será igualmente analisada em um tópico específico.

Já as mensagens que trouxeram para a lista questões relacionadas a diversas movimentações sociais no Brasil e no mundo, e que categorizamos como “Movimentações Sociais Gerais”, mesmo que em menor número, 52, em nosso entendimento expressam a conexão e as influências que os acontecimentos sociais, os protestos, os movimentos sociais diversos exerceram sobre a Praia da Estação. Os movimentos ambientalistas, os coletivos libertários, as movimentações e intervenções urbanas em outras cidades brasileiras e em outros países do mundo foram os temas que compuseram as mensagens dessa categoria.

O segundo maior conjunto de mensagens, 249, que categorizamos como “outros”, expressa os diversos usos que os participantes da lista de e-mails fizeram da mesma e revela, de alguma forma, o perfil dos participantes: em sua grande maioria indivíduos oriundos das camadas médias, com grau de instrução elevado e conectados ao universo cultural e de lazer produzido na cidade, conforme já sinalizamos antes. De outra parte, esses diversos usos trouxeram em alguns momentos discordância sobre a apropriação da lista. De certa forma, foram

¹⁵ Sobre as Brigadas Populares e ocupações urbanas ver: brigadaspopulares.blogspot.com/..... Acesso em 07/04/2012. Sobre a movimentação surgida em torno do cancelamento do FIT 2010, ver Movimento Nova Cena: movimentonovacena.wordpress.com/. Acesso em 07/04/2012. Sobre a Escola de Samba Cidade Jardim, ver: grecidadejardim.wordpress.com/ Acesso em 07/04/2012. Sobre o Duelo de Mc's, ver: duelodemcs.blogspot.com/. Acesso em 07/04/2012. Sobre a Bicicletada, ver referência no Prólogo dessa dissertação.

toleradas — e acredito até que, ao invés de incomodar, também informavam — as divulgações de eventos culturais, acadêmicos etc., mas quando surgia uma mensagem com algo estranho ao universo de concepções dos participantes, especialmente no campo das divergências políticas, a lista era arena de debates e controvérsias sobre seu próprio tipo de uso. O uso da lista para divulgação e/ou colocação de questões partidárias e eleitorais serviu para muitas discussões. A seguir nos deteremos mais sobre essa questão.

Nesse período pesquisado, podemos perceber que a lista contou também com 926 tópicos — por volta de 4.000 mensagens¹⁶ — e 187 participantes. Vejamos o quadro de número de tópicos postados em cada mês a cada ano:¹⁷

TABELA 2

Número de tópicos postados da lista de e-mails *Praça Livre BH*

Arquivo												
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2010	<u>444</u>	<u>444</u>	<u>468</u>	<u>422</u>	<u>236</u>	<u>104</u>	<u>30</u>	<u>88</u>	<u>241</u>	<u>175</u>	<u>103</u>	<u>132</u>
2011	<u>185</u>	<u>209</u>	<u>103</u>	<u>52</u>	<u>179</u>	<u>124</u>	<u>77</u>	<u>79</u>	<u>80</u>	<u>38</u>	<u>47</u>	<u>37</u>
2012	<u>17</u>	<u>28</u>	<u>31</u>	<u>48</u>	<u>36</u>	<u>3</u>						

Fonte: Produzida pelo autor

Os meses de maior atividade da lista coincidiram, portanto, como era de se esperar, com os meses de efervescência da Praia da Estação, entre janeiro e maio de 2010. Após a efervescência da Praia da Estação nos primeiros cinco meses de 2010, percebemos que em alguns meses posteriores o número de mensagens volta a subir. Mesmo que a movimentação

¹⁶ As mensagens criadas e enviadas por um usuário no endereço da lista Praça Livre BH abrem um tópico. As mensagens enviadas em resposta a mensagem original compõem o tópico como mensagens-resposta. Nem sempre as mensagens-resposta se dirigem ao assunto ou tema original do tópico. Percebemos que dentro de um mesmo tópico na lista Praia da Estação foi comum serem abertas discussões que fugiam ao tema do tópico e originavam outros tipos de mensagens-resposta. Algumas vezes, essa atitude gerou confusão entre os participantes. Não iremos explorar essas questões que poderiam dizer respeito a uma pesquisa aprofundada sobre ciberativismo ou interação e sociabilidade na Internet. Apenas gostaríamos de dizer que, ao longo da existência da lista, as formas de organização e uso da mesma foram tema de debate na própria lista, o que reforça nosso argumento sobre a importância da Internet para a Praia da Estação.

¹⁷ PRAÇA LIVRE BH on line. Belo Horizonte: 2010. Disponível em https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/about?hl=pt-PT. É importante ressaltar que somente usuários — aqueles que não são participantes da lista — que possuem uma conta no Gmail podem explorar os dados da mesma. Isso se dá em razão de que a corporação informacional proprietária do serviço de grupos de e-mail do qual a lista Praça Livre BH foi criada condiciona sua visualização para usuários que possuem uma conta em seus serviços.

não mais ocorresse na praça da Estação após meados de 2010, a lista de e-mails permaneceu ativa, demonstrando que a mesma mantinha conectados os participantes da movimentação em uma interação que extrapolava o protesto em si contra o decreto do prefeito, mesmo que com um número de mensagens em número menor do que quando a movimentação efetivamente acontecia todos os sábados. A lista de e-mails e o blog Praça Livre BH, esse último conforme analisaremos mais a frente, assumiram, portanto, certa independência do protesto em si contra o decreto e se consolidaram como canais de expressão do ativismo urbano dos participantes.

Esses outros meses que possuíram um número significativo de tópicos na lista de e-mails — considerando mais de 200 tópicos — coincidiram com alguma movimentação ou debate vivenciado pelos participantes, o que nos diz também a respeito do amálgama entre as dimensões do “real” e “virtual” que caracterizou a movimentação e seus participantes. Em setembro de 2010, por exemplo, onde foram criados 241 tópicos após uma queda do número de mensagens nos três meses anteriores (77 em junho, 79 em julho e 80 em agosto), por exemplo, a lista recebeu muitas mensagens que tinham a ver com o clima eleitoral que antecedeu a eleição presidencial brasileira de outubro de 2010. A disputa eleitoral de 2010, vivenciada de forma mais próxima por alguns participantes da lista, trouxe para a mesma muitas mensagens com esse caráter e rendeu muitas controvérsias.

Outro exemplo que demonstra a relação entre intensidade de mensagens na lista de e-mails e acontecimentos vivenciados por seus participantes, pode ser visualizado em janeiro e fevereiro de 2011, quando percebemos no quadro novamente o aumento do número de tópicos. Esse aumento coincidiu com a retomada pontual da Praia da Estação no verão desse mesmo ano. Em janeiro e fevereiro de 2011, a Praia da Estação ressurgiu na praça da Estação para relembrar o aniversário de 1 ano do decreto e fez ressurgir, também, a intensidade de mensagens enviadas para a lista de e-mails. Vale ressaltar ainda que a lista continua em funcionamento atualmente, mesmo após a Praia da Estação não mais acontecer, com um uso bem menos intenso pelo fato de já existirem outras listas de outras movimentações que estão acontecendo na cidade, servindo de meio para divulgação de atividades culturais, artísticas e políticas em Belo Horizonte.¹⁸

A lista de e-mails serviu, conforme já dissemos, durante toda a movimentação, como um dos principais meios de organização interna da movimentação e de diálogo entre os participantes. Durante o intervalo entre uma “Praia” e outra, era na lista que aconteciam os grandes debates envolvendo a Praia da Estação e questões correlatas, onde eram emitidas opiniões e

¹⁸ Refiro-me, por exemplo, à lista de e-mail do “Movimento Fora Lacerda”.

impressões sobre os acontecimentos, eram feitas trocas de relatos e experiências, circulação de textos, links e materiais etc. Vejamos algumas mensagens que compõem o tópico *Praia da Estação: parte 2*, postado na lista de discussão Praça Livre BH em 18/01/2010, cujo objetivo foi o de propor a organização da segunda Praia da Estação, que ocorreu em 23 de janeiro de 2010.¹⁹

Bruno Vieira escreveu:

Galera,

vamos aglomerando aqui neste tópico o que já tivermos conseguido fechar para o #PraiaDaEstacao parte 2. Sugestões sempre bem-vindas!

Abs!

Bruno Vieira
Twitter: @vieira707

Bruno Vieira escreveu:

Pensei uma coisa, galera. Não sei se é neura minha, mas quero compartilhar.

Será que pra este sábado, 23, a Praia 2 não estará muito em cima e muito recente? Até porque, como queremos articular algo mais pesado (com Duelo, Banda o cacete a 4), isso demanda de uma logística que precisa de um tempo pra acontecer.

E alguém aqui no grupo falou de nós fazermos de 15 em 15 dias. Eu acho que dá até mais caldo, porque não esvazia o evento. E dá pra estruturar tudo certinho, com tudo o que manda o figurino. (Os orgs de festivais entendem o que eu quero dizer; já fiz parte da organização de um.)

Enfim, refletamos acerca disso. Se a gente der conta de fazer uma PUTA produção sábado agora, ótimo. Se não, até mesmo pra ter uma distância temporal pra ajeitar tudo (chamar os coletivos, o Duelo, fazer cartaz, arte, banner - pensamento megalomaníaco).

Vamos conversando. E nos encontrando. Amanhã, 19h e quinta 18h.

Bruno Vieira
Twitter: @vieira707²⁰

¹⁹ PRAÇA LIVRE BH on line. Lista de discussão. Belo Horizonte 2010. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/a9b3efdd414e5d7f?hl=pt-PT. Acesso em 07/08/2011. Sempre que nos referirmos aos autores das mensagens e postagens, optamos por utilizar o nome, ou nick, utilizados pelos mesmos na lista de e-mails Praça Livre BH.

²⁰ Em todas as transcrições de twitter, da lista etc. os textos foram preservados como nos originais.

Nessas duas mensagens que compõem o tópico postado na lista, o participante sugere que seja feita, através da mesma, a organização das questões que forem sendo “fechadas” para a realização da segunda Praia da Estação. Interessante percebermos que “Bruno Vieira” utiliza na primeira mensagem, o símbolo “#” na frente das palavras Praia da Estação, que caracteriza uma *hashtag*²¹. Essa utilização também nos revela o uso de outras redes como o Twitter para a divulgação da Praia da Estação.

Na segunda mensagem, podemos perceber que o participante coloca uma ponderação sobre a data de realização da segunda Praia da Estação e sugere que a mesma aconteça em intervalos maiores. Bruno Vieira utiliza argumentos para defender sua proposta levando em consideração o maior tempo para uma melhor organização da movimentação, levando em consideração a possibilidade de saturação da “Praia” em ela acontecendo toda semana, e dizendo a respeito da possibilidade de uma produção conjunta com outros coletivos. O participante fecha sua mensagem com um chamado para continuação da conversa no encontro presencial. Vejamos a seqüência das mensagens.

Bernardo Fogli escreveu:

Eu já falei com todo mundo que eu conheço que vai ter toda semana.

Flávia Mafra escreveu:

Toda semana...
tambem ja falei....!

força na peruca, galheritcha.....

Luiz Gabriel Lopes escreveu:

toda semana!!
toda semana!!

Bernardo se Souza escreveu:

²¹ As *hashtags* são palavras que designam um assunto abordado e acessível para qualquer usuário na rede social Twitter.

Foi mal Madruga, mas também acho que a notícia já está muito disseminada... precisamos é trabalhar para as coisas acontecerem, e eu estou a disposição...

A seqüência das mensagens de outros participantes coloca uma posição de discordância com a proposta de Bruno Vieira de intervalos maiores para a realização da Praia da Estação, bem como reforçam a “decisão catártica”, tomada coletivamente, relativa aos cantos durante o banho do caminhão-pipa durante a primeira Praia da Estação, de realização do protesto-festa toda a semana, ou seja, todos os sábados.

Bruno Vieira dos Santos escreveu:

blz. eu tb sou a favor de ser toda semana, desde que possamos dar conta de tudo...
mas, porra, tô esquecendo que tem mais de 50 nêgo nesse grupo! lógico que vai dar certo!

Entre as mensagens de discordância sobre sua proposta, Bruno Vieira reconsidera sua posição e, de certa forma expressa concordância com os demais a respeito da data da próxima Praia da Estação. A seqüência de mensagens do tópico que selecionamos é um exemplo que parece nos revelar as formas de interação entre os participantes da Praia da Estação e de organização da movimentação na Internet. Houve na lista de discussão uma proposta por parte de um participante e na própria lista essa proposta foi debatida e reprovada.

Vejamos outro conjunto de mensagens que nos dá mais uma imagem do funcionamento da lista de e-mails Praça Livre BH e de seu papel na Praia da Estação.

Rafael Barros postou na lista Praça Livre BH em 20/01/2010 um tópico intitulado “Í-deia texto flyer” a respeito de sugestões para um dos primeiros flyers da Praia da Estação²².

Rafael Barros escreveu:

Galera, tá aí uma sugestão para o flyer. Algo menor. Tentei escrever algo mais lúdico e chamativo. Tentei ser direto... não sei se fui...

Enfim. Vejam o que acham. Pitaquem. Mudem, rabisquem, apaguem. Podemos brincar com cores diferentes. Esse rosa aí é só pra destacar viu? (...)

²² PRAÇA LIVRE BH on line. Lista de discussão. Belo Horizonte: 2010. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/f3ce90ba987a1025?hl=pt-PT

Rafael Barros envia uma mensagem com sugestão de um flyer de divulgação da Praia da Estação dizendo para os outros participantes que opinem a respeito e experimentem modificar o mesmo. Essa forma dinâmica de interação interna proporcionada pela conexão com a rede, fazia da Praia da Estação *on line* um espaço de experimentação na movimentação e constituição da mesma. Ao colocarem publicamente uma opinião, relato e/ou sugestão sobre o olhar e julgamento público de outros, os indivíduos, os participantes foram produzindo a lista de e-mails como uma “arena” interativa de tomada de decisões e deliberações. Em resposta ao mesmo tópico de mensagens criado por Rafael Barros, temos:

Marcos Assis escreveu:

Eu gostei do flyer, mas acho mais sensato decidir o texto pessoalmente.

O participante aprova a sugestão de flyer, mas pondera que a decisão sobre o mesmo deva ser feita pessoalmente. Esse tipo de ressalva a respeito do uso da lista de e-mails enquanto instância de deliberação de questões relacionadas à movimentação, feita por Marcos Assis na mensagem acima, foi freqüente no primeiro mês da Praia da Estação. Percebemos, então, que essa instância “deliberativa” ou “decisória” produzida em muitos momentos através da lista de e-mails Praça Livre BH não se deu de maneira automática e exclusiva. O convívio da Praia da Estação *on line* com a Praia da Estação *off line*, digamos, foi permeado por dúvidas, tensões e conflitos; ora percebemos questionamento a respeito da lista enquanto espaço de deliberação da movimentação e reforço da importância dos encontros presenciais, ora percebemos o reconhecimento da lista de e-mails enquanto forma legítima de participação e decisão. Em uma resposta a outro tópico intitulado “Relato do encontro de hoje”, postado por Kara em 19/01/2010, Paulo Rocha sinaliza para algo parecido:²³

Paulo Rocha escreveu:

É importante falar também para que as decisões saiam dessa virtualidade, que as idéias possam ser debatidas aqui, mas deliberadas de forma horizontal em reunião “presencial” (...)

²³ PRAÇA LIVRE BH on line. Lista de discussão. Belo Horizonte: 2010. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/0e22d65e30b00aff?hl=pt-PT

Nessa mensagem, Paulo Rocha fala da importância de que as decisões saiam da virtualidade, ou seja, saiam da lista de e-mails e aconteçam nas reuniões presenciais. Dois são os possíveis aspectos que podemos aludir a respeito da constituição dos espaços de tomada de decisões, entre o “real” e o “virtual”, na Praia da Estação a partir das mensagens postadas na lista de e-mails.

Endógeno à própria ferramenta, o primeiro aspecto diz respeito aos possíveis limites da lista enquanto forma de organização da discussão e, conseqüentemente, espaço de tomada de decisões. Muitos desses questionamentos iniciais por parte de alguns participantes da lista enquanto espaço decisório da movimentação expressavam as dificuldades em acompanhar as discussões na lista, que eram abundantes e exprimiam uma queixa quanto a dificuldade de se tomar decisões em meio a tantas mensagens.

Já um segundo aspecto parece revelar culturas e experiências participativas distintas entre os jovens que participaram da Praia da Estação. Muitos dos jovens que possuíam uma experiência participativa anterior, parte deles nos coletivos libertários, reconheciam que a prática da organização horizontal e das decisões tomadas por consenso deveria acontecer presencialmente. A idéia do encontro e da discussão face a face parecia ser importante para alguns participantes e não deveria ser substituída por uma ferramenta como a lista de e-mails. No entanto, essas mensagens, ao ressaltarem a importância dos encontros presenciais enquanto instância deliberativa, foram diminuindo à medida que os participantes, oriundos de experiências participativas distintas, assumiram a lista de e-mails como espaço decisório, a despeito das críticas. O que percebemos, então, ao visualizar a lista de e-mails, é que, com o passar dos meses em que aconteceu a Praia da Estação, a lista se tornou um espaço de deliberação e organização com maior participação do que os encontros presenciais que aconteciam nos intervalos de realização das ocupações praieiras aos sábados.

Em alguns meses posteriores à efervescência “praieira”, especialmente o mês de setembro de 2010, as controvérsias na lista de e-mails voltam a acontecer com o debate sobre os diversos usos e formas de apropriação da lista. Estava em pauta a questão eleitoral. Esses conflitos no interior da lista revelavam, de um lado, as conflitantes concepções dos participantes da movimentação acerca da política institucional e dos partidos, e de outro lado revelavam o tipo de uso e os sentidos que a lista de e-mails possuíam para os mesmos. No momento nos concentraremos na questão de *como* esse conflito apareceu na lista e quais propostas surgiram com o objetivo de resolvê-lo. Em um tópico criado por “Cidadão Comum” e intitulado “Sobre propaganda política na lista”, postado em 27/08/2010, Cidadão Comum escreveu:

Galera,
vamos continuar praticando o BOM SENSO na utilização da lista. Ainda que o movimento da praia tenha passado, a discussão esfriado e tudo mais, ainda me mantenho vinculado a esta lista pois bons emails sempre pipocam por aqui, e essa rede formada é muito interessante para uma articulação de resistência em BH. Muito me entristece perceber o oportunismo de quem realiza difusão de propagandas políticas por aqui, descaradamente ou através de textos tendenciosos. Não só porque propagandas políticas por si só são de péssimo gosto, como também pelo caráter APARTIDÁRIO tantas vezes discutido e reafirmado ao longo da onda da Praia.

A propaganda partidária já ocupa muito mais espaço do que deveria, respeitem o silêncio da rede.

Na seqüência, C.I.S.C.O escreveu:

Tá uma palhaçada essa propaganda política na lista.

Tá faltando bom senso...

É uma pena... pois muita gente pode pedir para sair da lista em função da quantidade de lixo que tá circulando.

Mensagens expressando o incômodo que a circulação de propaganda política na lista de e-mails geravam foram constantes durante esse período. Mesmo que as mensagens partidárias ou com cunho eleitoral fossem, em sua grande maioria, contra a candidatura das forças políticas consideradas “de direita”, representadas pelo candidato José Serra, e favoráveis às forças políticas consideradas “progressistas”, representadas pela candidata Dilma Rousseff, o protesto dos participantes contra essas mensagens foi uma constante. As duas mensagens acima dizem respeito a esse incômodo. Mas o que esse incômodo com a política partidária e/ou institucional pode nos dizer? Em nosso entendimento, o incômodo revela a rejeição que os jovens participantes da Praia da Estação possuíam em relação a formas políticas tradicionais/institucionais — especialmente, no caso, os partidos políticos — como aparece na frase da mensagem de Cidadão Comum ao protestar contra a propaganda política na lista: “(...) como também pelo caráter APARTIDÁRIO tantas vezes discutido e reafirmado ao longo da onda da Praia” (percebam a palavra “apartidário” escrita em caixa alta na mensagem!). Essa rejeição às formas políticas tradicionais/institucionais, como já dissemos ao longo do Prólogo, é uma das marcas da contestação social juvenil contemporânea.

A discussão sobre a propaganda política prosseguiu forte nesse tópico, com pedidos de afastamento da lista por parte dos autores de mensagens com caráter eleitoral, de um lado, com defensores da liberdade de expressão, de outro, e com apoiadores, em minoria, da pre-

sença do debate político partidário/eleitoral na lista, por acharem que a eleição era uma questão que tinha a ver com a vida de todos.

Jana Ana J escreveu:

o senhor izaak poderia ser convidado a sair da lista, já que de bom senso ele não tem nada, pelo visto. além do mais, está invadindo, sem perguntar, as caixas de entrada de todos nós.

Na seqüência, Milene Migliano escreveu:

acho que ninguém precisa sair da lista...
ao que me lembre fizemos muitos esforços para construir essa lista e continuarmos mantendo-a...
como alguns já dissemos, bom senso e respeito já devem temperar bem novamente a nossa farofa..

Vemos nessas mensagens duas posições discordantes: a mensagem de Jana Ana J sugerindo a saída de um participante da lista e a mensagem de Milene Migliano defendendo a permanência e evocando a capacidade dos participantes em auto-regular a mesma, ou seja, pedindo o bom senso no uso da lista, que, no caso em tela, era o de interromper a propaganda política. O “senhor izaak” mencionado por Jana Ana J foi um grande alvo de debates, por ser um dos que mais enviaram mensagens com esse teor para a lista Praça Livre BH. No mesmo tópico, o senhor “izaak” escreve:

Illyushin Zaak escreveu:

Essa nossa lista é eminentemente política, em todas as acepções da palavra, porque trata da forma de ocupação do espaço público por parte dos cidadãos livres e participativos, da crítica ao atual projeto político posto em prática em nível do poder municipal (claramente privatizante e elitista), e da própria discussão da praça como espaço de debate e de encontro e de interação física dos cidadãos. (...)

(...) PS: me perdõem, mas pensei justamente que a época das eleições, que a "democracia" atual nos deixa como única oportunidade concreta de mudar as coisas pra valer, fosse a melhor oportunidade para debatermos os dois grandes projetos políticos em jogo, chegando quem sabe a formarmos conclusões, constatações, em fim, aprendermos.

Na seqüência, Paulo Rocha respondeu:

Há uma grande diferença entre política e partidarismo... e da pior espécie ainda, pois são textos prontos, correntes panfletárias e propaganda mais

rasteira....

Acho que já ficou claro que não é esse o tipo de finalidade para qual foi criada a lista, favor ter o MINIMO de bom senso e para com isso.

Obrigado!

Ilyushin Zaak procura, portanto, defender sua posição, a de debater as eleições na lista, se valendo de uma longa mensagem em que argumenta sobre o caráter político da lista de e-mails Praça Livre BH e sobre a importância, segundo sua opinião, de debater sobre o que considera os “dois grandes projetos políticos em jogo” nas eleições presidenciais daquele ano. Paulo Rocha se contrapõe ao discurso de Zaak diferenciando, em sua concepção, a idéia de política a de partidarismo, e expressando, no mesmo tom das mensagens anteriores, a rejeição pela política tradicional partidária.

Cidadão Comum escreveu:

Pra mim está claro que os emails com textos sobre eleições não provocam discussão na lista e acabam ficando apenas como mais uma propaganda.

Cidadão Comum volta a escrever uma mensagem para o tópico, reafirmando o pouco interesse que o debate eleitoral desperta nos participantes da lista e que as mensagens acabam por não despertar o debate, acabam cumprindo o papel de propaganda eleitoral, como a de qualquer outro meio. Novamente aparece a rejeição da política partidária como estamos dizendo. Já em uma das últimas mensagens do mesmo tópico, o debate prossegue com uma colocação, a nosso ver significativa, para pensarmos questões importantes a respeito do status da lista de e-mails.

Débora Fantini escreveu:

Entrei nesta lista acreditando na liberdade de expressão sugerida pelo seu nome, e as eleições, a meu ver, relacionam-se ao tema que fundou esta lista e outros que foram surgindo. (...)

(...) Entrei nesta lista pra participar da e divulgar a praia e outras ações, mesmo em outros lugares da cidade, articuladas por aqui. Fico satisfeita por ter obtido aqui info sobre as ocupações relacionadas à moradia, pois considero sim uma questão que também tem a ver com a praia, as praças, o mercado imobiliário e o governo.

Abraços,
Débora

Nessa mensagem, Débora Fantini argumenta a favor da defesa do debate eleitoral na lista e relaciona o mesmo ao tema que fundou a lista de e-mails. Mas qual tema é esse mesmo que fundou a lista? Débora não nos diz claramente se é o decreto em si ou se é a questão urbana de maneira mais geral. Interessante percebermos que Débora não relaciona o debate das eleições com a Praia da Estação e, sim, com a lista de e-mails Praça Livre BH. Podemos considerar que talvez ela entenda a lista e a movimentação como a mesma, sendo a mesma coisa, ou talvez perceba a lista de e-mails como espaço por si mesmo importante. A sequência da mensagem de Débora parece-nos levar a entender que a mesma reconhecia em si a importância da lista. Débora nos fala de sua satisfação em ter a lista como meio de informações sobre as movimentações da cidade e sua relação com a movimentação da Praia da Estação. Nesse momento, passada a efervescência da Praia da Estação, a lista parecia manter sua importância e razão de ser por continuar sendo um espaço de interação de jovens e ativistas sobre as questões da cidade.

A diversidade de posições acerca do tema das eleições na lista de e-mails expressava, de certa forma, a presença da própria diversidade dos participantes. Nem todos que participavam da lista, assim como da Praia da Estação, eram jovens, e nem todos eram ativistas que compartilhavam das mesmas posições, especialmente das posições sobre a política tradicional/institucional. As experiências participativas eram diversas, a despeito da influência dos ativistas libertários para o surgimento da Praia da Estação, compondo a Praia da Estação enquanto uma movimentação onde participaram jovens ativistas libertários, alguns militantes de partidos de esquerda e alguns sindicalistas opositores da gestão municipal do prefeito Márcio Lacerda, dentre outros.

A lista Praça Livre BH representou, então, uma das maneiras mais presentes de interação entre os participantes da Praia da Estação por permitir um contato cotidiano entre os ativistas, consolidando-se como efetivo espaço de organização da movimentação. A facilitação da interação e comunicação promovida pela lista de e-mails parece ter proporcionado a efetivação das necessidades de expressão de opinião e de sugestões, e a necessidade de participação por parte dos indivíduos em uma dinâmica distinta daquela anterior ao uso intenso da rede pelas movimentações sociais. Se, antes, os espaços de interação só eram possíveis fisicamente, onde tempos e espaços seguem uma dinâmica distinta, a partir da conexão entre Internet e movimentações sociais o intercâmbio e a interação parecem possuir a tendência de acontecer de maneira mais rápida e fluida, conforme pudemos perceber a partir do exemplo da Praia da Estação. Na lista de e-mails, a participação podia ser definida no tempo e modo escolhidos

pelo participante, com a utilização de linguagens e formas de interação igualmente autônomas.

O blog Praça Livre BH

O blog Praça Livre BH recebeu sua primeira postagem no dia 20 de janeiro de 2010 logo após a realização da primeira Praia da Estação em 16 de janeiro de 2010. O blog, bem como a lista de e-mails Praça Livre BH, foi uma importante ferramenta de articulação, comunicação e ciberativismo conectada à movimentação da Praia da Estação. Acompanhamos e categorizamos os *posts* do blog em um período idêntico ao da lista de e-mails Praça Livre BH, de sua criação até a data de 08/06/2011.²⁴

Segundo as estatísticas contidas na página que hospeda o blog, o mesmo possuiu no período pesquisado 351 postagens e contou com 911 comentários a essas mesmas postagens. Desde sua criação até a data de nossa última conferência, 01/11/2011, o blog tinha recebido 90.934 visitas.²⁵ As postagens do Blog Praça Livre BH foram divididas em 18 categorias e 150 palavras-chave (*tags*) criadas pelos próprios usuários.²⁶ As categorias do blog indicam a área geral a qual o post se enquadra e as tags podem ser entendidas como sub-categorias com definições mais objetivas a respeito do conteúdo do post. As tags de um blog são dinâmicas por expressarem o momento em que um assunto está em maior evidência no mesmo. Assim, por exemplo, quanto maior o número de postagens utilizando determinada tag, maior será seu destaque quando visualizarmos as estatísticas de um blog.

As tags são importantes por, também, qualificarem a busca do blog nos sites de busca. As 18 categorias criadas pelos usuários foram: *revitalização do centro de BH; apoio a causa, boletim; controle e repressão; desalojo; download; encontros, eventos e reuniões; festa móvel; Fit; livre; material teórico e pontos de vista; mobilidade urbana; notícias; Praia da Estação; Relatos Críticos; Torres Gêmeas; transporte urbano; vídeos*. Entre as tags mais usadas, destacamos: “Belo Horizonte”, “Copa do Mundo 2014”, “Centro Vivo”, “Gentrificação”, “Márcio Lacerda”, “Parques e corredores verdes em Belo Horizonte” etc.

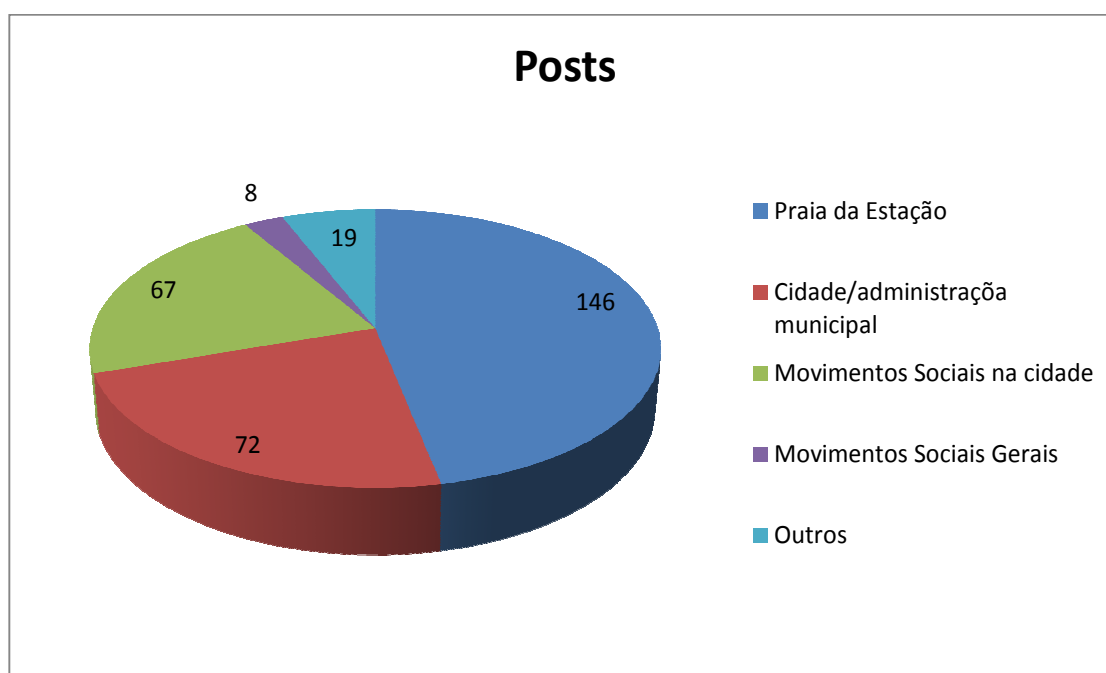
²⁴ A palavra *posts* se referem às postagens contidas em um blog.

²⁵ Esses dados estão disponíveis em <http://pracalivrebh.wordpress.com/wp-admin/>. Acesso em 10/08/2011. Em princípio, somente os administradores de um blog podem acessar dados sobre o mesmo. Como o blog Praça Livre BH é de postagem livre e possui senha e login abertos, qualquer pessoa, se quiser, pode acessar os dados do blog. Falaremos a respeito desse aspecto do blog mais a frente.

²⁶ No momento em que posta uma mensagem, o usuário opta por categorizar seu post em uma categoria já existente, ou se valendo de tags já existentes, bem como pode criar uma nova categoria e uma nova tag para categorizar seu post. Alguns usuários enviam posts sem se preocupar em categorizá-los. Nesses casos, o post entra na definição de “sem-categoria”. A maioria dos posts da Praça Livre BH foram categorizados.

Podemos observar que muitas dessas categorias e tags acima relacionados têm relação com a idéia da questão urbana e do poder municipal como uma das preocupações centrais dos participantes da Praia da Estação. Como podemos ver, a grande maioria das categorias e tags tem a ver com essa temática. Ao longo da análise, muitas das postagens do blog Praça Livre BH aparecerão. Categorizamos o blog a partir dos mesmos parâmetros que utilizamos para categorizar a lista de e-mails: “Praia da Estação”, “Movimentos sociais gerais”.²⁷

TABELA 3
Categorias presentes no blog *Praça Livre BH*



Fonte: Produzido pelo autor

Os resultados que encontramos ao dividir os posts nessas categorias foram muito parecidos com os resultados que encontramos na lista Praça Livre BH. O tema da Praia da Estação foi dominante no blog, com 146 posts. Em seguida aparece a questão urbana e do poder municipal de maneira geral, com 72 posts relacionados à cidade em si e 67 relacionados aos movimentos sociais na cidade. 8 foram os posts relacionados a outras movimentações no Brasil e no mundo e apenas 19 os que abarcaram outros assuntos — divulgação de eventos artísticos, culturais, acadêmicos etc. O aspecto distinto que encontramos, ao categorizar a partir dos

²⁷ Ver subtópico referente à lista Praça Livre BH.

mesmos critérios as mensagens da lista e os posts do blog, foi, justamente, os resultados da categoria “outros”.

Enquanto na lista de e-mails Praça Livre BH essa categoria apareceu como a segunda maior em número de mensagens, no Blog os posts categorizados como “outros” aparece em último lugar no número de postagens. Pensamos que essa diferença se deu por duas ordens de questões. A primeira questão tem a ver com a natureza distinta das duas ferramentas, ou seja, com o caráter endógeno da lista de e-mails, de um lado, e com o caráter público do blog, de outro.

A lista de e-mails possuiu uma circulação de mensagens restrita a indivíduos previamente cadastrados,²⁸ o que talvez possibilitou uma maior aparição de mensagens categorizadas como “outros” (divulgações de eventos culturais e acadêmicos, divulgação de questões relacionadas as eleições, poesias e outros textos de caráter literário feitos pelos participantes etc.). Já o blog Praça Livre BH possuiu um caráter público por natureza, ou seja, os posts que apareciam em seu domínio podiam ser vistos por qualquer pessoa que entrasse em seu endereço. Esse caráter distinto do blog talvez explique a menor aparição de posts categorizados como “outros”, ou seja, publicamente se preferiu tratar dos assuntos em função dos quais a ferramenta foi criada.

As origens do blog Praça Livre BH são desconhecidas.

Não se sabe se quem o produziu foi (foram) a (s) mesma (s) pessoa (s) que criou (criaram) o blog Vá de Branco, primeira expressão pública de protesto contra o decreto do prefeito Márcio Lacerda, e disparou (dispararam) as primeiras mensagens convocando para a primeira ocupação da praça da Estação ou se foi (foram) outros ativistas. O certo é que a criação e a existência do blog Praça Livre BH revelam traços do ciberativismo protagonizado pelos coletivos juvenis libertários junto à movimentação da onda praieira na cidade de Belo Horizonte. A utilização de blogs, wikis e outras ferramentas virtuais como forma de ativismo já era feita por esses jovens e coletivos, como anotamos no Prólogo.

Se, na lista de e-mails, percebemos a diversidade proporcionada pelo convívio entre os diferentes jovens, grupos, interesses etc. que compuseram a Praia da Estação “real”, no blog Praça Livre BH percebemos a influência direta dos jovens e coletivos libertários. A tela inicial do blog Praça Livre BH traz elementos que nos dizem a respeito dessa influência.

²⁸ Ao longo de toda a movimentação, foram sendo cadastradas pessoas na lista de e-mails Praça Livre BH.



FIGURA 24: Tela Inicial do Blog *Praça Livre BH*

Fonte: Blog Praça Livre BH. <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 07/03/2011.

Na coluna central do blog Praça Livre BH, podemos visualizar uma mensagem que diz respeito ao caráter aberto do blog. Essa postagem inicial, que aparece sempre quando alguém entra no blog, indica o login e a senha que possibilitaram qualquer pessoa que desejasse o direito livre de postar nesse espaço virtual. De maneira distinta da lista de e-mails, onde a participação era condicionada ao cadastro na mesma, o blog Praça Livre BH se constituiu enquanto uma dimensão virtual da Praia da Estação permanentemente aberta e de livre expressão. Essa característica parece ter garantido efetivamente que o blog se tornasse um dos principais meios de divulgação, criação, produção e de troca da movimentação praieira.

Já na coluna da direita, podemos perceber a aparição do nome coletivo Ommar Motta e uma descrição a respeito do mesmo que reforça nosso argumento do blog Praça Livre BH enquanto forma ativista da Praia da Estação marcadamente influenciada pelos jovens e grupos libertários.

Ommar Motta são muitas caras e expressões, homem ou mulher, marias-josés na multidão. Quer simplesmente poder viver a cidade como palco de suas fruições, e

estar nos espaços que são seus. Quando das "boas novas" que caíram sobre a Praça da Estação, em Belo Horizonte (um decreto parecido com sítios impostos por regimes autoritários), Ommar Motta se inconformou, foi à praça e a ocupou. Lançou suas muitas vozes a vários cantos da cidade, multiplicando modos, tirando sarro, jogando, conversando, trocando, vivenciando atos, convocando para a ação. Não é chegada às lideranças, não quer ser massa de manobra, menos ainda fazer bodes expiatórios. Age por conta própria. (Blog Praça Livre BH. Disponível em
..... <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 07/03/2011)

Na descrição acima, temos que a definição de Ommar Motta remete a uma identidade coletiva mobilizada para fins ativistas. Toda e qualquer pessoa que desejasse postar algo no blog Praça Livre BH teria o nome coletivo como primeira opção de autoria. A descrição do nome coletivo aponta também para as razões da existência da movimentação praieira, relacionando-a a questão da cidade e ao poder municipal e para características da Praia da Estação. Ommar Motta é, então, mobilizado nesse pequeno texto de apresentação no blog para nos revelar anseios e desejos dos jovens ativistas em relação à vida na cidade na figura do cidadão comum. Fruir a cidade e vivenciar os espaços públicos, questões colocadas pelos ativistas na descrição, parece-nos uma necessidade colocada de forma visível através da Praia da Estação por essa parcela da juventude ativista em Belo Horizonte.

Da mesma forma, a inconformidade da figura de Ommar Motta com o decreto e com o “sítio” da praça da Estação feitos por um poder julgado como autoritário, corresponde à inconformidade desses mesmos jovens perante os mesmos acontecimentos. E por fim, o não afeiçoamento da figura de Ommar Motta às lideranças e sua predisposição pelo agir autônomo, expressos no texto, refletem as formas de ser das movimentações juvenis contemporâneas, de que a “Praia” pode ser entendida como uma expressão. Ommar Motta é a identidade coletiva dos ativistas praieiros no blog Praça Livre BH. Eis a razão da sua descrição contida no blog ser uma síntese das questões trazidas pelos jovens e coletivos libertários à movimentação da Praia da Estação.

Mas a utilização de nomes coletivos durante a movimentação da Praia da Estação não se resumiu à figura de Ommar Motta. Quando do início da movimentação, o nome coletivo utilizado no blog Praça Livre BH e assumido pelos jovens ativistas era o de Luther Blisset — o mesmo nome que foi utilizado para divulgar os comunicados de protesto inicial contra o decreto, o Vá de Branco e os comunicados da primeira Praia da Estação. A utilização de tal pseudônimo para a assinatura desses primeiros chamados para a Praia da Estação, como já dissemos, é também reveladora da influência que os agenciamentos e jovens libertários tiveram para o surgimento da mesma, assim como reveladora das influências ativistas globais

desses mesmos jovens.²⁹ A utilização do nome Luther Blisset tem a ver com o *Luther Blisset Project* criado em 1994 por escritores e ativistas antiglobalização na cidade italiana de Bolonha. Luther Blisset foi, e é, um pseudônimo utilizado para múltiplos fins por hackers, ativistas e artistas contestadores em todo o mundo.

De forma bastante resumida, poderíamos dizer que a idéia que sustenta tal projeto é a de “terrorismo midiático”, ou “ativismo midiático”, qual seja: gerar confusão nos meios de comunicação de massa sobre a autoria de determinadas ações e textos e garantir o anonimato e segurança dos ativistas com relação a possíveis repressões por parte de autoridades.³⁰

Eu tinha dado uma entrevista como Luther Blisset. Porque o Luther Blisset, nessas movimentações assim, ele sempre fez parte, mas ele vinha fazendo parte assim com uma estratégia das entrevistas e colocar o nome e mais que isso, é uma marca né quando você procura Luther Blisset, eu fico brincando, é quase um selo de qualidade, porque ele funciona como nome genérico, mas aí você fala uau!, isso aqui se inclui dentro de uma tradição que é maior, mesmo assim e depois a gente brincou de fazer o Ommar Motta, o mar Motta, e etc. e isso foi muito interessante assim, é um dos pontos positivos da relação com a autoria, como é que as discussões de não assinatura eram feitas no blog, gente que nunca tinha ouvido falar do que era Luther Blisset, ficou conhecendo por causa da praia, isso é mais interessante você ver isso nas matérias, as matérias de jornal falavam Luther Blisset é um nome coletivo e etc. ao menos isso a imprensa publicou bem, acho que um dos únicos aspectos da praia assim, nessa relação da autoria, porque sempre foi uma relação essa questão da autoria e do discurso. (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Em seu depoimento, Paulo Rocha fala-nos da utilização do nome Luther Blisset enquanto forma de confundir meios de comunicação e autoridades. A utilização de nomes genéricos e de identidades coletivas, segundo o depoimento acima, foi feita em diversas situações, seja ao dar entrevista a um jornal, seja ao assinar um panfleto, ou seja ainda como forma de autoria assumida no blog Praça Livre BH.

Paulo também informa-nos de que o nome coletivo Luther Blisset foi substituído posteriormente pelo nome coletivo de Ommar Motta, uma criação dos jovens ativistas inspirada no mesmo espírito do *Luther Blisset Project*. Em 28 de fevereiro de 2010 temos o seguinte post explicando a criação do nome coletivo Ommar Motta:

²⁹ A influência sobre jovens libertários no caso da utilização de pseudônimos e garantia do anonimato permaneceu ao longo da Praia da Estação em outros momentos e de outras formas, conforme iremos ver mais a frente.

³⁰ Sobre o *Luther Blisset Project*, ver o livro BLISSET, Luther. *Guerrilha psíquica*. São Paulo: Conrad, 2001. (Coleção Baderna). O livro traz uma coletânea de ensaios sobre diversas ações e atividades do projeto Luther Blisset na Europa. Interessante percebermos também que essa estratégia de anonimato e de “batalha midiática” da parte dos jovens ativistas parece ter se intensificado a partir da visibilidade do movimento global *Anonymous* no ano de 2011. Sobre os *Anonymous* ver: <http://anonymousbrasil.com>. Acesso em 14/05/2012.

Omar Motta – Um Pseudônimo coletivo mais Proximo

fevereiro 28, 2010

Omar Motta é uma pessoa comum, que surge em vários lugares quando a ela é conveniente. E que sem pedirem permissão, outras várias acabam usando de seu nome. Pouco se sabe exatamente sobre ela e sobre quem se utiliza do nome.

Se é mulher? Homem?? É Criança??? Ou talvez idoso?????

Daquelas que vendem banana para sobreviver, que andam de ônibus lotado e de bicicleta. Que conhece várias pessoas, e que você encontra por aí, de sunga ou de maiô, de bermuda, saia ou calça, na praia, na praça, ou na rua.

Surge com vários rostos, de várias vozes, por vários “estilos”.
Tem uma individualidade bastante diversa.

E desaparece sempre que preciso.

Ser e não aparecer, e quem resolve aparecer atrás de um nome coletivo faz isso para desarrumar as regras do jogo. Se na mídia aparece o rosto de Omar Motta, este é com certeza mais um falso, pois Omar M. possui rostos demais para ser representado somente por um. Mas acima de tudo porque, se está presente na mídia, prefere a aparência à existência, então desaparece como Omar Motta, isto é, prefere-se a aparência à existência.³¹

Esse post aparece no blog Praça Livre BH.

O conteúdo do texto do post explica a aparição de Ommar Motta, um pseudônimo “mais próximo” ao contexto de Belo Horizonte em relação ao nome internacional que era utilizado, o de Luther Blisset. A autoria de Ommar Motta no blog nos diz a respeito da constituição de uma identidade múltipla, diversa e de livre utilização que pudesse representar tudo e todos, em qualquer lugar. A afirmação de uma identidade coletiva, genérica, amorfa, expressa também a desconstrução e desconsideração para com as identidades individuais. Esses processos simbólicos de desconstrução do “eu burguês” — do indivíduo produzido na sociedade capitalista — podem expressar formas de contestação e construção de “eus jovens” que procuram escapar das formas de individuação estabelecidas. Parece-nos que temos *multi-eus*, reinvenções do ser e abertura de caminhos para criação de formas de ser. Ao analisar esses fenômenos de constituição de identidades coletivas por parte dos agenciamentos juvenis contemporâneos, Canevacci diz-nos que:

Creio que diversas experiências que se concentram por trás de Luther Blisset sejam as coisas mais criativas e inovadoras – intermináveis que aconteceram por volta da metade dos anos 1990, entre Bolonha e Roma, e que continuam ainda, embora com

³¹ PRAÇA LIVRE BH on line. Blog. Belo Horizonte: 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/>. Acesso em 06/03/2012.

grandes diversificações internas (...) nesse caso, os resultados são (foram) surpreendentes e originalíssimos. (CANEVACCI, 2005, p.101)

A utilização dos nomes coletivos aparece de maneira bastante visível no blog Praça Livre BH em outro momento e nos revela o potencial de criação de conteúdos contestatórios por parte dos jovens ativistas, como aponta Canevacchi. Essa outra mobilização dos nomes coletivos por parte dos jovens ativistas se deu quando a prefeitura de Belo Horizonte, após os protestos iniciais contra o decreto que proibia eventos de qualquer natureza na praça da Estação, resolve instituir uma Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação. A publicação de um novo decreto que instituí a referida comissão gerou todo um debate entre os participantes na lista Praça Livre BH sobre a participação de representantes da movimentação na referida comissão.³² Houve posições favoráveis e contrárias à participação de possíveis representantes da Praia da Estação nela.³³

Os que argumentavam favoravelmente à participação percebiam a criação da comissão como uma oportunidade de diálogo e participação da sociedade civil, no caso da própria Praia da Estação, junto ao poder público municipal, a respeito dos processos decisórios relativos aos usos da praça da Estação. Os “favoráveis” defendiam a luta pela participação da sociedade civil na comissão, o que, segundo o decreto que a instituí, não estava previsto. Já os contrários à participação na comissão, argumentavam, entre outras coisas, que a mesma era uma farsa ou uma tentativa da prefeitura de diminuir os efeitos do ato autoritário expresso pelo decreto de proibição e, ainda, uma forma de cooptação da movimentação.

Os “contrários” diziam que a instituição de tal comissão sinalizava para o reflexo do incômodo político que a movimentação praieira gerara na administração municipal, ou seja: segundo os “contrários”, a prefeitura tentava com a instituição de uma comissão de regulamentação de uso da praça arrefecer o ânimo dos ativistas com o engodo de uma falsa participação. E ainda: argumentavam ser impossível a escolha de representantes da Praia da Estação para participação em uma eventual comissão, dado o próprio caráter da movimentação —

³² Ver o decreto 13.863, de 29 de janeiro de 2010, que instituiu a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação no Anexo II desse trabalho.

³³ O debate entre os participantes sobre a participação na Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação pode ser visto na lista Praça Livre BH a partir dos seguintes tópicos: *Decreto que institui a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação* enviado por C.I.S.C.O em 30/01/2010. Disponível em https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/topics?hl=pt-BR&start=1340&sa=N. Acesso em 05/03/2012; *Breve resumo de praçalivre_bh@googlegroups.com*, enviado por Luiz Gabriel Lopes em 01/02/2010. Disponível em https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/topics?hl=pt-BR&start=1340&sa=N. Acesso em 05/03/2012; e *Ofício de Contestação à Comissão da PBH*, enviado por Bruno Vieira dos Santos em 01/02/2010. Disponível em https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/topics?hl=pt-BR&start=1340&sa=N. Acesso em 05/03/2012.

avessa a lideranças e a formas representativas tradicionais. Esses exigiam uma participação total e horizontal: ou participavam todos ou não participava ninguém.

Ao fim, após os debates entre os participantes, a posição contrária a participação na comissão foi a escolhida pelos participantes da “Praia”. Depois, após a negativa repercussão da instituição da comissão por parte da maioria dos participantes da Praia, a prefeitura resolve abrir possíveis canais de diálogo com a sociedade civil através do levantamento de opiniões sobre o uso da praça da Estação feita através do envio voluntário de sugestões dos cidadãos ao site da prefeitura e através da abertura de um assento para um representante da movimentação na comissão. Essa atitude da parte da prefeitura é reveladora de como a movimentação, de certa forma, impactou as decisões do poder municipal relativas à praça da Estação.

A partir da movimentação praieira, o poder acena para os manifestantes convidando-os a uma “falsa participação”, conforme os mesmos apontavam. A oposição a essa nova investida da prefeitura sobre a Praia da Estação, travestida de canais participativos, teve uma pronta resposta no blog Praça Livre BH através de quatro cartas abertas direcionadas ao prefeito, onde os jovens ativistas contestam a legitimidade da comissão e expressam sua oposição ao poder municipal. Todas as quatro cartas são assinadas por quatro nomes coletivos diferentes: Luther Blisset, Ommar Motta, Rita Garella e Karem Elliot.³⁴

Vejamos o chamado do post sobre essas cartas abertas:

Cartas Abertas, março 15, 2010

A Prefeitura decidiu nos oferecer uma vaga na sua burocrática comissão de regulamentação. Mas... afinal de contas, quem deve decidir os usos da Praça da Estação? Na Praça somos muitos, múltiplos, variados, agindo em conjunto por um mesmo fim, em solidariedade, mas sem nos perder no fetiche da representatividade. Se assinamos em nomes coletivos é porque não nos interessa criar palanques para novos líderes. Desta forma nossa resposta também seguiu esta linha: 4 cartas abertas, em diferentes tons e de diferentes formas, mas com o mesmo espírito. Escolha a sua! Publique, divulgue, crie novas!

Copie o link e cole em seu navegador:

Omar: http://www.mediafire.com/file/t2gjedmhk0z/praia_omar.pdf

Luther: http://www.mediafire.com/file/y4zzmiewqjm/praia_luther.pdf

Karen: http://www.mediafire.com/file/nnfytenn3mt/praia_karen.pdf

Rita: http://www.mediafire.com/file/xty2gyeddnj/praia_rita.pdf

beijocas

³⁴ A quatro cartas abertas podem ser vistas no Anexo IV dessa dissertação.

Rita Garella³⁵

Nesse post podemos visualizar a argumentação dos jovens ativistas que sustentaram a posição contrária à participação da Praia da Estação na comissão de regulamentação de uso da praça.

A descrença nas formas representativas tradicionais — que, no caso, seria a escolha de um representante da Praia da Estação para participar da comissão — é expressa pela crítica do que os jovens definem como “fetiche da representatividade” e crítica da formação de líderes para a movimentação. Os jovens criticam então a identidade da liderança (líder) e da representatividade (representante), reafirmando a multiplicidade de vozes e identidades na praça da Estação.

Para os jovens ativistas, a comissão parece não ser somente ilegítima enquanto meio político de resolução do conflito que envolve a praça da Estação, como também a sua forma, a da representatividade por uma liderança da movimentação, parece não fazer parte da cultura política de jovens, que procuram construir seus agenciamentos em oposição a formas tradicionais de organização política.

Os nomes coletivos são mobilizados então para reafirmar a multiplicidade e diversidade de que constituíam a Praia da Estação, bem como para expressar a subversão das lógicas identitárias do jogo político tradicional: os jovens sinalizaram que não era possível dialogar com alguém investido na identidade de “representante praieiro” e sim com a multiplicidade de indivíduos que os nomes coletivos representavam. Essa dimensão, a da crítica às formas representativas tradicionais e do distanciamento das instituições, parece ser uma característica das movimentações juvenis contemporâneas.

Interessante percebermos também com esse post e com as cartas abertas à prefeitura, o uso do blog Praça Livre BH enquanto meio de comunicação para expressar posições públicas da movimentação frente ao poder municipal. O blog parece ter sido o canal participativo construído autonomamente para expressar as posições da Praia da Estação. Ao que parece, os participantes do blog intuíaam que o mesmo era lido pelos agentes do poder municipal e, por isso mesmo, os posts encontravam um canal público de expressão.

Outras cartas e mensagens diretas ao prefeito, exemplos dessa forma de comunicação direta e autônoma com o poder municipal, apareceram ao longo do blog. Quando o prefeito

³⁵ PRAÇA LIVRE BH on line. Blog. Belo Horizonte: 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/03/page/5/>. Acesso em 06/03/2012.

anunciou o cancelamento do Festival Internacional de Teatro (FIT), os jovens ativistas postaram a seguinte mensagem com o título “Isso não é uma ameaça”³⁶.

**Prefeito LaMerda
vai devolver a CULTURA
à cidade, ou vamos ter que
toma-la de você?**

FIGURA 25: Mensagem ao prefeito no cancelamento do FIT/2010.

Fonte: Blog Praça Livre BH. <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 07/03/2011.

O blog Praça Livre BH foi uma arena de expressão da criatividade ativista e de novas formas de expressão de contestação presentes igualmente na Praia da Estação, que acontecia aos sábados. A ironia, o deboche e a contra-informação motivaram a publicação de inúmeros posts.

Vejam os exemplos onde a contestação e oposição assumem a forma do deboche e da ironia com a figura do prefeito Márcio Lacerda. O post intitulado “Carta Aberta a Márcio Lacerda” foi publicado em 11 de dezembro de 2010. Vejamos um trecho:³⁷

Carta Aberta a Márcio Lacerda

Marcio, querido, rogo que escute os conselhos desta sua velha tia. Tenho observado, muito de perto, as feridas que tem aberto nesta cidade e a proliferação delas me causa um grande desconforto. Sempre admirei sua capacidade administrativa e os seus dotes empresariais. No entanto, mesmo sendo sua tia, não consegui acreditar nas promessas do jovem Neves e de Pimentel a nosso povo, pois sabia do enorme abismo que separa um bom administrador de um grande Prefeito. E foi o que lhe disse, não é mesmo? No exato dia em que me confidenciou que iria se candidatar ao cargo. Desta feita, escrevo esta cartinha, porque você não é mais o menininho que posso colocar de castigo e estou muito preocupada com a integridade de Belo Horizonte e com a sua, uma vez que, meu filho, tenta administrar, enquanto deveria governar, a capital do estado dos inconfidentes e tenho sentido muita reprovação dos cidadãos belorizontinos às suas ações(...)

³⁶ PRAÇA LIVRE BH on line. Blog. Belo Horizonte: 2010. Disponível em:
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/page/3/>- Acesso em 24/08/2011.

³⁷ PRAÇA LIVRE BH on line. Blog. Belo Horizonte: 2010. Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/page/2/>. Acesso em 22/08/2011.

O autor (a) do post assume o papel fictício de tia do prefeito para lhe dar conselhos. No texto aparece a crítica ao modo de governar do prefeito, a crítica da aliança política costurada por personalidades políticas pertencentes a campos antagônicos do espectro político, Aécio Neves (PSDB) e Fernando Pimentel (PT), para eleição de Márcio Lacerda e a preocupação com os destinos da cidade. Toda a argumentação é construída em tom de ironia e deboche para com a figura do prefeito. Já no post intitulado “Lacerda quer Praia Latino-americana” publicado em 27 de março de 2010, podemos perceber o mesmo deboche e ironia do post anterior somados a uma tática de “desinformação”, ou seja, de construção de falsas informações que procuram jogar com a figura do prefeito. Vejamos um trecho do post:

Lacerda quer Praia Latino-Americana

O prefeito Márcio Lacerda viajou, nessa última semana, para a Colômbia, para divulgar a Praia da Estação. Segundo o prefeito, a idéia é divulgar a iniciativa pacífica e democrática de ocupação da cidade por toda a América Latina. Em conversa com Samuel Rojas (Prefeito de Bogotá) e Álvaro Uribe (Presidente da Colômbia), Lacerda reafirmou seu empenho em tornar a população cada vez mais participativa na vida pública. O prefeito falou do decreto que ele editou em 9 de dezembro de 2009, proibindo os eventos na Praça da Estação: “O decreto foi uma forma de mobilizar a população. Quando vejo as imagens, principalmente as das câmeras do olho-vivo, e vejo a população unida novamente, me emociono.” Perguntado sobre o cancelamento do FIT, o prefeito contextualiza esta ação dentro de sua nova (e ousada) estratégia de governo: “A classe artística tem apresentado muita estagnação na ação política direta. Decidimos cancelar o FIT para que os artistas ocupem as ruas.” E pelo jeito tem dado certo: neste último sábado, cerca de 150 pessoas foram até a prefeitura, com carro-pipa e tudo mais, convidar o prefeito e todos transeuntes para um banho.³⁸

O autor (a) do post “brinca” com a idéia do apoio do prefeito à movimentação praieira. No texto de deboche, a figura do prefeito se transmuta em apoiador e divulgador da Praia da Estação em outros países, revelando o caráter “pacífico” e “democrático” da movimentação. A ironia se aprofunda quando o texto diz que o prefeito afirmou em entrevista que o decreto de proibição de eventos na praça da Estação e o cancelamento do Festival Internacional de Teatro (FIT) seriam táticas de mobilização política da população e de empenho em “tornar a população cada vez mais participativa na vida pública.”

Para além dessas questões, entendemos que a postagem livre no blog Praça Livre BH apontou para questões que revelam a dimensão e o caráter colaborativo e horizontal que delinham de certa forma a subjetividade e as formas de ações dessa juventude ativista. O amálgama entre as formas ativistas contemporâneas protagonizadas por jovens e as ferramentas colaborativas de produção de conteúdo na Internet, como os blogs, apontam para novas for-

³⁸ PRAÇA LIVRE BH on line. Blog. Belo Horizonte: 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/page/2/>. Acesso em 24/08/2011.

mas de agenciamentos e do fazer política, como aponta Ricardo Rosas em um artigo intitulado *Blogs e Ativismos - Uma política de código aberto?*:

o que esta dinâmica blogueira anuncia é o surgimento, ainda que incipiente, de uma política de código aberto (open source), onde se abriria à comunidade a participação no planejamento e em implantações de políticas, deixando agentes e membros avaliarem seus planos e ações, alterando o uso de recursos de planos ruins para outros melhores e angariando mais participantes no processo. Ou seja, uma mudança de organizações egocêntricas para outras baseadas no formato das redes. O que implicaria não apenas no afrouxamento do controle “de cima para baixo” das organizações políticas tradicionais, como uma verdadeira mudança de paradigma, segundo alguns mais otimistas. (ROSAS, s/d. p.40)³⁹

No final do mesmo artigo, o autor questiona se não seriam os blogs, enquanto comunidades colaborativas de produção e publicação de conteúdos, utilizados cada vez de maneira mais intensa pelos agenciamentos ativistas contemporâneos, a possibilidade de abertura da política para uma participação mais ampla dos indivíduos:

Logo, como vimos pelo que fica desses exemplos, blogs e ativismo não são nada incompatíveis, mas podem pelo contrário se complementar tanto na realização de ações quanto na divulgação de fatos e informações, assim como na formação de comunidades colaborativas. Em sua multidão de vozes as mais díspares, quem sabe não serão os blogs e suas novas ferramentas coletivas de publicação, juntamente com as novas práticas ativistas que estão surgindo, que abrirão o código-fonte da política para a participação de todos? (Ibidem, p.44.)

No caso específico do Blog Praça Livre BH, o que podemos perceber foi a confecção colaborativa por parte dos jovens de um mosaico complexo de produções textuais e audiovisuais revelador do potencial criativo de juventudes cada vez mais conectadas e com domínio da utilização das novas tecnologias informacionais. Uma nova forma de ativismo se apresentou nesse espaço virtual, cuja riqueza simbólica e de significados revelou, igualmente, o potencial que as novas formas ativistas da “era da informação” pode desenvolver. Percebemos esse potencial através da intensidade da produção imagética, textual e simbólica que aparece no blog.

Foi um monte de gente que já tem afinidade com esses trapos gráficos e tal, começou a produzir muita coisa voltada para a questão da praça. Fortaleceu muito, teve muito trabalho doido. E as pessoas fizeram, elas se prontificaram a dedicar seu tempo para isso e fazer, muitas sem ter muito tempo para muita coisa assim (NÔMADE. Belo Horizonte, 22/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

O volume de flyers, imagens, fotos, vídeos e textos diversos impressionam tanto pela quantidade, quanto pela qualidade.

³⁹ ROSAS, Ricardo. *Blogs e Ativismo – Uma política de código aberto?* Disponível em www.rizoma.net – Seção E-espço. Acesso em 02/05/2011.

A partir desse caso específico, podemos perceber a ampliação das possibilidades de produção de conteúdo e de materiais, da parte dos ativistas, que circula em grande velocidade pela rede mundial de computadores.

Daí tipo... logo foi criado um portal de comunicação que foi o blog Praça Livre que na primeira semana já recebeu vários posts assim né? Tentando tanto concentrar ali as informações quanto também servir de orientação para isso né? O blog foi uma miscelânea, uma coisa indefinida que envolvia e movia as pessoas. Movia, movimentava pessoas com interesses muitas vezes dispersos mas muitas vezes sintonizados ali no blog, né? (NÔMADE. Belo Horizonte, 22/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Nômade nos revela que para ele o blog foi um portal de comunicação, ou seja, uma agência de concentração e orientação de informações e produções autônoma dos jovens ativistas. Revela, também, a conexão direta ente o blog e a movimentação quando diz que o blog “movia” e “movimentava” pessoas. Essa questão reforça nosso argumento da Praia da Estação enquanto uma movimentação marcada pelo amálgama entre as dimensões virtual e real. As informações e conteúdos produzidos na Internet retro-alimentavam a movimentação praieira e potencializavam seu agir. O blog foi, portanto, um canal coletivo e livre de comunicação criativa e de possibilidade de denúncia dos problemas e questões relacionadas à temática urbana e ao poder municipal por parte dos participantes da Praia da Estação, ou seja, o blog pode também ser entendido como um meio de comunicação alternativo, produzido autonomamente por jovens ativistas, que deu visibilidade a questões e problemas relacionados à cidade pouco visíveis ou ocultos pelas lógicas e mecanismos do poder (incluindo aí os meios de comunicação de massa como os jornais, TV, rádio etc.). Continuemos, na seqüência, com outras “aparições ciberativistas” da Praia da Estação.

Para além do blog e da lista Praça Livre BH – a Praia da Estação em outros mares cibernéticos...

Além do blog e da lista de emails Praça Livre BH, a movimentação da Praia da Estação propiciou o surgimento de manifestações ciberativistas em diversos outros espaços virtuais — sites de jornais e revistas, wikis, blogs, vídeos no site youtube, twitters etc. De certa forma, nossa pesquisa procurou mapear o assunto “Praia da Estação” no universo da Internet, e o que encontramos foi uma grande massa de conteúdos e informações produzidas autonomamente. Essa produção reflete, como já dissemos, o potencial de criação e difusão de conteúdos proporcionado pela utilização das novas tecnologias da informação e comunicação e

pela multiplicação do compartilhamento desses mesmos conteúdos. Esse potencial produtivo revela a presença de uma geração de jovens que domina a tecnologia e com formação educacional, advindos dos setores ligados à cultura, educação, artes e produção cultural (músicos, atores, produtores culturais, designer gráficos etc.) nas movimentações sociais contemporâneas. A Praia da Estação parece ter sido composta, de certa maneira, por jovens estudantes e trabalhadores do campo da produção e trabalho imaterial. As formas de ser da movimentação estão também diretamente conectadas ao perfil desses jovens, o que, talvez, explique, em parte, as especificidades da Praia da Estação enquanto movimento social. Vejamos outro exemplo interessante de utilização da rede para organização e produção compartilhada da movimentação. Desta feita, a ferramenta utilizada pelos ativistas foi o wiki, uma ferramenta de produção compartilhada de conteúdos para organização do primeiro *Eventão da Praça da Estação*, que foi realizado no dia 06 de março de 2010. Vejamos.

Kara escreveu:

A ONDA NÃO MORRE NA PRAIA!

Um chamado para mais uma articulação na Praça da Estação

Muita coisa tem acontecido na Praça da Estação com o objetivo de questionar o decreto 13.798 de 2009, que sitiou a praça, proibindo de acontecerem lá “eventos de qualquer natureza”, e o 13.863 de 2010, que instituiu uma comissão uni-lateral para criar uma regulamentação de uso da praça. Então, esse é um chamado para quem se interessar em unir esforços para a organização de um “evento de qualquer natureza” na Praça da Estação. Seja propondo atividades, como debate, oficina, mostra de vídeo, musica, malabares, teatro ou o que for, ou auxiliando nas discussões ou demais correrias para a sua realização. Pretende-se que esse evento aconteça no dia 6 de março, e claro, que se mantenha ainda nessa onda de questionar a prefeitura quanto a proibição do uso, comissão uni-lateral e ocupação da cidade.⁴⁰

O “Eventão” foi uma ação de ocupação da praça da Estação com o objetivo de aglutinar mais pessoas e aprofundar a contestação do decreto que proibia eventos de qualquer natureza naquela mesma praça. Sua forma remete aos eventos libertários protagonizados pelos coletivos que abordamos ao longo do Prólogo dessa dissertação: multiplicidade e diversidade de atividades — música, exibição de filmes, teatro, debates etc. organização horizontal e em rede, proposição autônoma etc. A organização para essa ação aconteceu através de reuniões presenciais e, majoritariamente, através do endereço de Wiki - <http://eventao.wikispaces.com>, onde senha e login foram divulgados na lista de e-mails Praça Livre BH:

Kara escreveu em 03/03/2010.

⁴⁰ PRAÇA LIVRE BH On Line. Lista de Discussão. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/83da1269b0b9fb29?hl=pt-BR. Acesso ...
em 02/05/2011.

Galera...

quem quiser mexer mais profundamente no wiki, o login principal é "eventao" e a senha "praçalivre".

Precisa pra poder mexer no visual do wiki, subir imagens e tals.⁴¹

Se quiser ajudar a divulgar, baixe os arquivos abaixo, imprima e divulgu por ai:

Flyer P/B - 3 x folha A4 - PDF - [Baixe Aqui](#)

Cartaz P/B - 1 x folha - PDF - [Baixe Aqui](#)

MANHÃ	TARDE	NOITE
OFICINA DE STENCIL	16h CONCENTRAÇÃO	19h EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO
PERFORMANCES	MARCATO BAQUE TROVÃO	"BICICLETADA BH"
VARAL DE POESIA	17h00 SHOWS COM	19h45 SHOWS COM O E
FEIRA GRÁTIS	PROJETO SARAVÁ	GRAVEOLA E O LIXO POLIFÔNICO
EXPOSIÇÃO BANNERS DO BARBAÇA	CIDA REIS	(participações de RAFAEL MACEDO,
CAMINHÃO PIPA	AIRTON CRUZ E	URUCUM NA CARA e THE DEAD
DEBATES E DISCUSSÕES	CARLINHOS FERREIRA	LOVER'S TWISTED HEART)

EVENTÃO

A ONDA NÃO MORRE NA PRAIA!

Sabado, dia 6 de Março, Acontecerá, na Praça da Estação, centro de BH, 0000...

FIGURA 26: Imagem do Wiki do Eventão

Fonte: Blog Praça Livre BH. <http://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em 07/03/2011

A organização do Eventão através do Wiki se deu, igualmente, de forma autônoma, espontânea e horizontal. Qualquer pessoa que desejasse propor uma ação ou uma intervenção cultural, ou uma exibição de filme etc. poderia fazê-lo através dessa ferramenta. Ao acessar o quadro de programação na coluna da direita da página do Wiki, o participante poderia visualizar o quadro de horários das atividades programadas e encaixar sua proposta. Na mesma coluna da direita, qualquer participante poderia ver as demandas e contribuir com a logística e infra-estrutura para realização do evento — através dos links *Correrias Necessárias* e *Equipamentos (Necessários e já disponíveis)*. Na coluna central do wiki, temos o flyer do Eventão e links para baixá-lo em dois formatos. O Wiki significou, então, uma plataforma colaborativa para a produção da movimentação.

O ciberativismo que vimos a partir da “Praia” parece sinalizar para deslocamentos significativos da produção social simbólica/cultural da contestação e, de maneira mais ampla, do dissenso na contemporaneidade. Os tradicionais panfletos, manifestos e comunicados se tor-

⁴¹ PRAÇA LIVRE BH On Line. Lista de Discussão. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/83da1269b0b9fb29?hl=pt-BR. Acesso ...
em 02/05/2011.

nam “flyers”, textos autorais, manifestos livres — voam na velocidade da Internet — e assumem aspectos de verdadeiros artefatos culturais produzidos por indivíduos imersos em processos de criação imagética e textual. É o que percebemos ao analisar o blog Praça Livre BH e outros espaços virtuais: os registros da movimentação se ampliam de maneira exponencial. Fotos as mais diversas, vídeos, montagens e bricolagens imagéticas revelam a autonomia da produção dos jovens e o grau de reflexividade das movimentações juvenis contemporâneas — todos têm a possibilidade de produzir e todos têm alguma possibilidade de se ver refletido na movimentação.⁴² Os tradicionais gritos de ordem difundidos em um pequeno círculo de militantes são substituídos pela criação musical amplamente difundida pela rede. Enfim, ao que parece, o amálgama entre as novas tecnologias e as movimentações juvenis contemporâneas cria possibilidades para a emergência de novas formas de ser das movimentações sociais em sentido amplo.

Maria da Glória Gohn, em artigo publicado na revista *Cult*,⁴³ onde procura analisar os movimentos sociais contemporâneos — especialmente aqueles movimentos que eclodiram nas cidades e praças públicas em razão da crise econômica nos países do hemisfério norte: *Indignados e Occupy* — aponta questões relacionadas ao que estamos dizendo:

A maioria dos participantes é composta por jovens, e sua principal forma de comunicação é através das mídias sociais. Celulares e diferentes formas de mídia móvel passaram a ser não apenas o meio de comunicação básico, mas também o registro instantâneo de ações, das fotos, que se transformam em arma de luta, ações que geram outras ações como resposta.

Twitter, Facebbok, Youtube, LinkedIn, Groupon, Zynga etc. são acionados principalmente via aparelhos móveis, como Blackberries, iPhones etc. Ferramentas do ciberativismo se incorporam ao perfil do ativista. Saber se comunicar on-line ganhou status de ferramenta principal para articular as ações coletivas. Por isso, é preciso incorporar na análise essa importante alteração nas relações que se estabelecem e estruturam esses movimentos. (GOHN, 2012, p.24)

Especificamente nos sites de jornais produzidos em Belo Horizonte, percebemos durante a realização de nossa pesquisa a presença de notícias relacionadas à cidade e ao poder municipal que foram comentadas de forma crítica por participantes ou simpatizantes da movimentação.⁴⁴ Ou seja: para além da ocupação da praça da Estação aos sábados, e para além

⁴² Em um levantamento que realizamos no site de armazenamento de vídeos Youtube (www.youtube.com) até o mês de dezembro de 2011, encontramos cerca de trinta e cinco (35) vídeos relacionados à Praia da Estação. Dentre esses vídeos há desde produções com baixa qualidade, feita através de celulares ou câmeras fotográficas comuns, até produções bastante elaboradas, com recursos de edição qualificados.

⁴³ GOHN, Maria da Glória. A revolução será tuitada. *Revista Cult*, n.169, p.23-27, Junho de 2012.

⁴⁴ Referimos-nos aos seguintes jornais e seus respectivos sites: *Estado de Minas*, em www.uai.com.br; jornal *O Tempo*, em www.otempo.com.br; e jornal *Hoje em Dia*, em www.hojeemdia.com.br. Nos referidos jornais, os

do ciberativismo expresso pela lista e blog Praça Livre BH, muitos dos participantes da Praia da Estação, ou simpatizantes, faziam dos espaços de interação nos sites de jornais verdadeiras arenas públicas propícias aos debates e comentários críticos sobre as notícias. Diferente da lista de e-mails e do blog, onde a discussão se dava entre pares, a participação nos debates dos jornais colocava os ativistas frente a posições antagônicas dos outros leitores. Identificamos os participantes da Praia da Estação entre os comentários nos sites dos jornais ao percebermos a presença de nomes de pessoas que participavam ativamente da lista Praça Livre BH, e por reconhecermos nomes de pessoas que conhecíamos pessoalmente. O conteúdo crítico dos comentários nos sites de jornais confirmou nossa certeza de que, naqueles espaços virtuais, os comentários eram, em grande parte, feitos por jovens que participaram da cena contestatória praieira. Muitas das vezes, o que vimos foi a contestação do conteúdo das matérias em si, ou a visibilidade dada pelos comentários aos problemas da cidade, ou a oposição direta a administração municipal.

Vejamos um exemplo dessa participação ciberativista que envolveu participantes da Praia da Estação nos sites dos jornais a partir de uma notícia publicada no jornal *O Tempo*, que divulgou pesquisa do Datafolha, realizada entre os dias 17 e 19 de janeiro de 2010, em que o prefeito Márcio Lacerda era apontado como “o melhor prefeito” entre as oito maiores capitais do Brasil.⁴⁵ No espaço de comentários da matéria no site aparecem comentários de leitores favoráveis ao prefeito, de leitores contra o prefeito e a presença de participantes da Praia da Estação.

comentários são condicionados a posse de uma senha de assinante. De qualquer forma percebemos a constância dos comentários críticos junto a notícias desses jornais.

⁴⁵ Matéria do jornal *O Tempo*. GUSSEN, Ana Flávia. *Lacerda é apontado como o melhor prefeito entre 8 capitais*. 24/12/2010. Disponível em <http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=159111>, OTE. Acesso em 27/06/2011.



FIGURA 27: Espaço de comentários no site do Jornal O Tempo
Fonte: Site do jornal *O Tempo*

Na imagem acima, percebemos, na parte inferior da figura, o comentário irônico de uma pessoa que identificamos como participante da Praia da Estação, feito no dia 29/12/2010, ao parabenizar o prefeito pelo feito de ser o melhor prefeito segundo a pesquisa apontada na matéria do jornal, ao mesmo tempo em que aponta para problemas vivenciados pela cidade decorrentes da administração de Márcio Lacerda. Já no comentário na parte superior da figura, feito por uma leitora do jornal um dia após o comentário de Fidelis, se diz sentir orgulhosa por sua cidade ter um prefeito avaliado como o melhor, onde percebemos uma avaliação bastante positiva. Os comentários seguem nesse espaço virtual, variando entre defensores do prefeito e seus opositores.

Em um blog, reconhecidamente como de grande audiência, produzido por um jornalista igualmente reconhecido, Luis Nassif, encontramos outro exemplo interessante de manifestação ciberativista dos participantes da Praia da Estação.

No dia 04/07/2010, o blog *Luis Nassif Online* cede espaço ao prefeito de Belo Horizonte para que o mesmo explique as razões do decreto de proibição de eventos de qualquer

natureza na praça da Estação, estopim para o surgimento da movimentação praieira. Márcio Lacerda justifica sua manifestação no blog da seguinte forma:⁴⁶

De Márcio Lacerda

Caro Luís Nassif,

A sua credibilidade profissional e a admiração que tenho por seu trabalho levam-me a manifestar-me a propósito do comentário postado por uma leitora em seu blog, em 17 de junho, intitulado "Praia da Estação – Movimento social único em Belo Horizonte".

Esta manifestação pretende esclarecer a você e a seus leitores o que realmente ocorreu em nossa cidade em relação à Praça da Estação. Busca-se, assim, evitar uma visão parcial ou até mesmo distorcida dos fatos, já que nunca houve por parte da Prefeitura a intenção de impedir a realização de eventos naquele espaço.

O prefeito de Belo Horizonte nos informa que foi motivado a manifestar-se em resposta a um post divulgando a Praia da Estação e suas motivações postado no mesmo blog. Diz, ainda, que seu texto pretende esclarecer o imbróglio que envolveu o decreto relativo à praça da Estação, e que deseja desconstruir uma “visão parcial” e “distorcida” dos fatos, visão parcial e distorcida, pressupõe-se, construída pela movimentação social protagonizada pela Praia da Estação.

Interessante perceber que o prefeito se vale do mesmo espaço virtual para responder publicamente um participante da Praia da Estação. O que temos com essa manifestação de Márcio Lacerda no blog *Luis Nassif Online* é algo raramente visto, e uma novidade que sinaliza para aspectos das mutações sociais provocadas pela penetração cada vez mais intensa das novas tecnologias da informação e comunicação nas formas de interação e sociabilidade como dissemos nesse tópico.

O debate em um blog de abrangência nacional entre um ocupante do executivo municipal de uma das principais cidades brasileiras e participantes de uma movimentação social como essa a que estamos nos referindo nessa mesma cidade, sinaliza para a necessidade de pensarmos as transformações nas relações e interações entre governantes e governados, reveladoras de mutações da própria política nas sociedades contemporâneas. Estaria para além de nossos objetivos analisar os significados dessas mutações e suas implicações nas relações entre governantes e governados/governos, nas transformações das formas de disputa política entre cidadãos e governos etc.

⁴⁶ O texto de Márcio Lacerda e os comentários ao texto no blog Luis Nassif Online estão disponíveis em: <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/marcio-lacerda-e-o-movimento-da-praia?page=1> – Acesso em 17/05/2011.

Nosso esforço é o de analisar a Praia da Estação enquanto movimentação social conectada a novas tecnologias da informação e comunicação, e as implicações que essa característica colocam para as formas de ser da própria movimentação, ou seja: analisar a dimensão cibernetivista da Praia da Estação. O que, no limite, podemos sinalizar, nesse momento, é a existência de um campo de pesquisas e estudos já consolidado e em crescimento, relacionado ao estudo das relações entre tecnologias da comunicação e informação, sistemas de governo e cidadania.⁴⁷

No nosso entendimento, essa atitude da parte de Márcio Lacerda parece refletir alguns aspectos: o incômodo provocado pela movimentação de oposição a sua administração, o que eclodiu na cidade no ano de 2010; uma preocupação do prefeito em preservar a imagem de seu governo; e talvez, diretamente ligado a essas duas questões, o reconhecimento, por parte do prefeito, da Internet enquanto espaço importante de formação de opinião e movimentação social, no caso o blog de Luis Nassif.

Com relação a esse último aspecto, o do reconhecimento por parte do poder — representado pela figura de Márcio Lacerda e seu governo — da Internet como espaço estratégico de articulação de movimentações sociais — no caso a Praia da Estação — alguns ativistas praiheiros nutriam as idéias de que a Internet era um “front” importante de investimento ativista e de que ali se travavam disputas com o poder. Lendo o post do blog Praça Livre BH intitulado “... E para você meu irmão o que é a Praia da Estação?”, enviado em 20 de janeiro de 2010, encontramos o seguinte comentário de um participante:⁴⁸

⁴⁷ Dentre esses estudos, destacamos a obra de Pierre Lévy e André Lemos pelo pioneirismo no tratamento dispensado a essas questões, sem entrarmos no mérito da análise de suas proposituras: ver LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003; LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010. 258p.

⁴⁸ PRAÇA LIVRE BH on line. Blog. Belo Horizonte: 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/12/20/pra-voce-o-que-e-a-praia-da-estacao>. Acesso em 06/07/2011

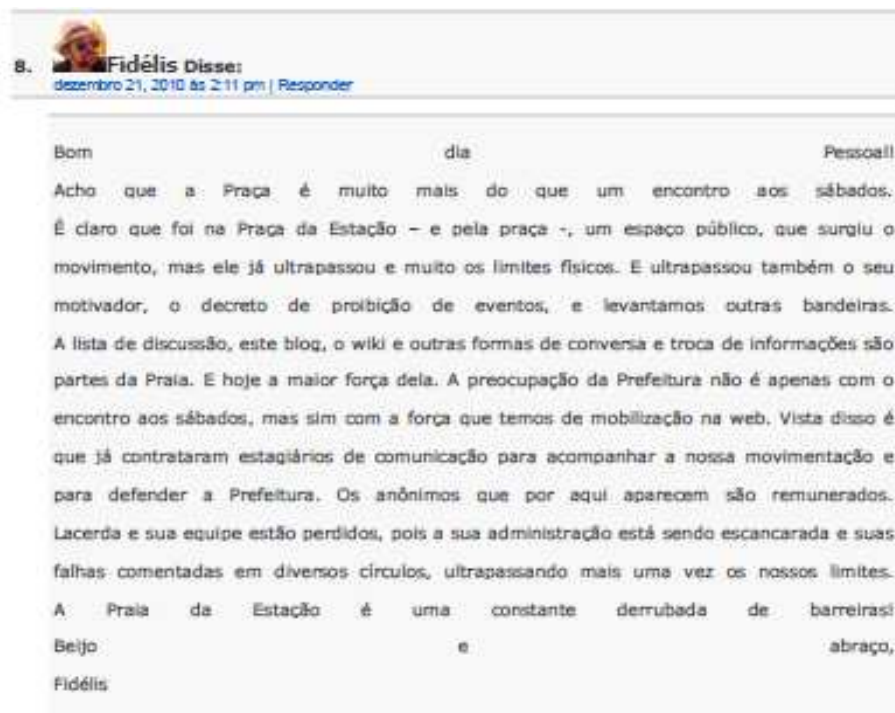


FIGURA 28: Post de Fidelis no Blog Praça Livre BH
Fonte: Blog Praça Livre BH

Através de seu comentário, o participante nos diz que a Praia da Estação representava muito mais do que um encontro aos sábados, segundo ele “(...) ultrapassou e muito os limites físicos”, e nos alerta, também, para o fato de a movimentação ter ampliado suas “bandeiras” para além da questão motivadora da movimentação inicialmente — o decreto de proibição de eventos na praça da Estação.⁴⁹ Na seqüência, o texto do comentário nos revela o reconhecimento por parte do autor da importância da Internet para a movimentação — através da lista de e-mails e blog Praça Livre BH, wiki e outros espaços virtuais — e até mesmo o reconhecimento da dimensão virtual da Praia da Estação enquanto sua “maior força”. Vale ressaltar que esse momento destacado pelo participante, final de 2010, é um momento de retomada inicial da “ocupação praieira” após um período em que a mesma não mais acontecia. Na ausência da efervescência da ocupação na praça da Estação, a movimentação continuou existindo a partir de sua dimensão virtual.⁵⁰ É sobre a força e importância dessa dimensão para a Praia da Estação que o autor do comentário chama a atenção.

Podemos compreender que a dimensão ciberativista da movimentação praieira ou, em outras palavras, a discussão e o ativismo na Internet relacionados à problemática urbana e ao

⁴⁹ A respeito dessa ampliação das “bandeiras” da movimentação colocada nesse comentário por um participante, iremos abordar em outro momento da análise. Podemos adiantar que essa possível ampliação tem a ver com nossa hipótese de que a Praia da Estação foi uma movimentação protagonizada por jovens, o que deu visibilidade à problemática urbana e a do poder municipal.

⁵⁰ Ver histórico da Praia da Estação no capítulo 1 dessa dissertação.

poder municipal, constituiu aspectos que indicam a possibilidade da existência de agenciamentos contestadores em novas arenas públicas, no caso a rede mundial de computadores. E ainda, após o reconhecimento da força e importância da Internet para a Praia da Estação, o autor aponta para a preocupação do poder, no caso a prefeitura, com o ativismo na rede. Segundo ele, a prefeitura teria contratado estagiários com o objetivo de monitorar a ação ativista contra o governo de Márcio Lacerda na web, e que esses mesmos estagiários entrariam de forma anônima no blog Praça Livre BH para defender a governo municipal. Independente da veracidade de tal afirmação, alguns indícios nos permitem perceber que, de fato, a Administração Lacerda, por algum momento, se preocupou com o ativismo em rede. A participação do prefeito no blog Luis Nassif Online pode ser entendida como um desses indícios.

Voltando a questão da participação dos ativistas praieiros no referido blog, no caso desse post de Márcio Lacerda, o que podemos constatar foi a existência de 78 comentários, em sua esmagadora maioria críticos ao texto do prefeito e feitos por pessoas que identificamos como participantes da Praia da Estação. Interessante perceber que o chamado para a participação no referido blog em resposta ao prefeito apareceu na lista de e-mails:

Luis Gabriel Lopes escreveu:

galera caiu isso aqui no meu email, o lacerda pagando de gente boa da galera no blog do nassif vamo reavivar o debate nos comentários!⁵¹

Nesse sentido, podemos afirmar que esses aspectos revelam o grau de utilização das novas tecnologias da comunicação e informação por parte dos participantes da Praia da Estação e o sentido ativista que os mesmos conferem a essa participação na rede mundial de computadores. O chamado para a participação na frase “vamo reavivar o debate nos comentários” nos diz sobre isso. A Internet é utilizada, então, como arena pública de objetivação do ativismo desses jovens. A necessidade de responder ao prefeito no blog do Luis Nassif On Line parece expressar a disposição desses jovens para o confronto e disputa política, feita através de um novo espaço de sociabilidade, dissenso e contestação. São, portanto, juventudes conectadas e atentas ao jogo de disputas travadas na dimensão virtual. Como afirma Paulo Carrano:

As redes sociais da Internet e o denominado ciberativismo são novas e pouco exploradas fronteiras para o desenvolvimento de estudos que possam captar os sentidos da

⁵¹ PRAÇA LIVRE BH On Line. Lista de discussão. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/9b4c783260c7d2fe/14db3d8079ff5861?hl=pt-BR&lnk=gst&q=nassif#14db3d8079ff5861. Acesso em 01/04/2011.

participação juvenil contemporânea. Os estudos têm demonstrado que há práticas em curso que permitem perceber a elaboração coletiva de novos conflitos e dissensos no âmbito da experiência participativa dos jovens brasileiros na esfera pública. (CARRANO, 2011, p.16)

3

Várias “ondas” em uma mesma Praia.

Em capítulo anterior, referimo-nos à Praia da Estação enquanto movimentação social produzida a partir da simbiose entre novas tecnologias da comunicação e informação e as novas formas de contestação social na contemporaneidade. Procuramos entender os significados do que chamamos de dimensão “virtual” da Praia da Estação ou dimensão ciberativista, o que não significa uma dimensão apartada do que poderíamos definir como “real”, e sim uma virtualidade que se hibridiza e se sustenta *a partir do* “real”, e quais os elementos e tendências que essa dimensão “virtual híbrida” apontava para a compreensão das formas de organização, mobilização e articulação das movimentações sociais protagonizados por jovens em nosso tempo. Procuramos demonstrar que a dimensão ciberativista foi um aspecto importante para a existência e também para a compreensão da forma de ser da Praia da Estação.

No presente capítulo, procuraremos compreender outros aspectos dessa mesma forma de ser da Praia da Estação à luz de determinadas teorias sobre os movimentos sociais contemporâneos que julgamos no momento serem as abordagens que oferecem possibilidades interessantes de aproximação e interpretação do fenômeno. Procuraremos compreender os elementos, sentidos e razões que conformaram a ocupação ativista da praça da Estação em Belo Horizonte e apontar o que esses elementos específicos da Praia da Estação podem nos dizer a respeito das formas de ser das movimentações sociais contemporâneas protagonizadas por jovens de uma maneira geral. Nesse sentido, optamos por separar em tópicos específicos possíveis eixos de análise que nos permitissem uma aproximação de aspectos distintos e complementares que julgamos serem elementos configuradores e constituintes da movimentação — relações internas, sentidos, motivações, objetivos.

Praia da Estação: personagens.

A análise que propomos nesse capítulo tratará de maneira mais próxima dos sujeitos que compuseram a Praia da Estação. Antes de mais nada, gostaríamos de apresentar esses sujeitos para que o leitor identifique ao longo do texto *do que* e *de quem* estamos a falar.

À medida que nos aproximamos de um nível de observação mais agudo da movimentação da Praia da Estação ao longo da pesquisa, percebemos que a aparente homogeneidade

ou a representação homogênea dos participantes da Praia da Estação se dissolvia em uma pluralidade de grupos, coletivos, movimentos, iniciativas e indivíduos. A pluralidade de discursos, propostas, concepções, “visões”, temas, formas de ação etc. é uma das marcas da Praia da Estação. Desde sua gênese até os momentos de dispersão final da Praia, as relações horizontais entre os diferentes delinearão a forma de ser da movimentação. Dessas relações podem-se extrair duas conseqüências: de um lado, a potência advinda do encontro entre os diferentes na Praia da Estação, o “amálgama imperfeito” entre subjetividades oriundas de trajetórias e formações distintas; e de outro lado as tensões, debates, divergências e disputas pelas formas de ser e sentidos da movimentação. Essa pluralidade refletia aspectos constituintes da referida movimentação que serão analisados ao longo desse capítulo. Por agora, apresentaremos os personagens que promoveram a Praia da Estação a partir de categorias, ou “tipos ideais” que nos permitem uma aproximação dos “personagens” e a análise dos diferentes discursos, das propostas, dos debates, das mensagens, das imagens produzidas etc.

Optamos por essa forma de apresentação dos sujeitos da Praia da Estação fundamentalmente pela razão de procurarmos nos aproximar dos mesmos levando em consideração as dinâmicas internas e o desenvolvimento da movimentação. Procuramos destacar os grupos, coletivos, iniciativas e sujeitos que tiveram protagonismo direto ao longo da história da Praia da Estação a partir da visibilidade que tiveram na proposição e realização de ações, bem como no desencadeamento de tensões, debates e disputas internas. Os “tipos categoriais” que utilizamos para apresentar os sujeitos da Praia da Estação serviram para nós como feixes de agrupamentos que subsidiaram nossas análises. Ao longo de toda a dissertação, referimo-nos a esses tipos categoriais com os objetivos de nos aproximar das dinâmicas internas da Praia da Estação, de localizar as fontes de origem das disputas pelos sentidos e formas de ser da movimentação e de analisar os rumos e escolhas tomadas. Além de oferecer a nós mesmos e ao leitor uma localização aproximada dos sujeitos — a partir do “lugar de fala”. Os tipos categoriais são os seguintes:

- 1- Campo libertário: Jovens ativistas participantes de coletivos, iniciativas e movimentações que produziam ações coletivas contestadoras sobre a problemática da cidade. Como procuramos demonstrar ao longo do Prólogo dessa dissertação, a gênese da Praia da Estação tem a ver com a ação e influência desses jovens ativistas. Os jovens pertencentes a essa categoria representaram um setor minoritário na composição da Praia da Estação, a despeito da intensidade e visibilidade de seus posicionamentos no interior da movimentação.

- 2- Campo Cultural: Jovens atores e atrizes, participantes de grupos culturais — bandas e grupos vários, produtores e gestores culturais etc.
- 3) Cidadãos engajados: Jovens e indivíduos que não se encaixam nas categorias anteriores e que vislumbraram na experiência da Praia da Estação uma oportunidade de participação em uma movimentação social. Agrupamos nessa categoria tanto indivíduos com experiência prévia de movimentação, quanto indivíduos que se identificaram com a movimentação praieira e se tornaram ativistas a partir dela.
- 4) Banhistas: Agrupamos nessa categoria jovens e indivíduos que participaram da Praia da Estação motivados fundamentalmente pelas possibilidades criadas de encontro, festa, lazer etc. Eram os frequentadores eventuais ou não da movimentação e que não possuíam o ativismo e a contestação social como motivações de primeira ordem para participarem.

Praia da Estação: uma movimentação social múltipla e heterogênea.

Mas como poderíamos definir a Praia da Estação? É possível defini-la de maneira homogênea? Procuraremos nos aproximar de possíveis respostas a essas questões tomando como ponto de partida a elaboração dos próprios participantes da Praia da Estação. Essas parecem ser questões que perseguiram os participantes da Praia desde seu surgimento e renderam muitos debates, controvérsias e conflitos entre os indivíduos e entre os “campos” que definimos como os constituintes da movimentação: “campo libertário”, “campo da cultura”, “cidadãos engajados” e “banhistas”. Seguindo os passos de Melucci, procuraremos analisar a Praia da Estação não como um todo homogêneo, um personagem político com identidade única, e sim como um sistema de relações sociais:

Lo que se llama empíricamente ‘movimiento social’ es un sistema de acción que asocia orientaciones y significados plurales. Una acción colectiva singular o um evento de protesta, además de eso, contienen tipos diferentes de comportamiento y los análisis se ven obligados a romper su aparente unidad y a descubrir los diferentes elementos que en ella convergen, teniendo en cuenta las diferentes consecuencias. (MELUCCI, 1999, p.42)

Ao olharmos de forma mais profunda a Praia da Estação, percebemos um complexo tecido de relações em que conviveram — ora permeados por tensões e conflitos, ora por “encontros harmônicos” — indivíduos com experiências participativas distintas que traziam posições e visões conflitantes, afetos e amizades, contestação e festa, engajamento e “curtição”. A

Praia da Estação se constituiu então a partir de uma multiplicidade de sentidos, percepções e concepções que gerou consensos e dissensos internos, aproximações e distanciamentos, convergências e divergências. O embate e a busca por definições, sentidos, significações e (re) significações a respeito do que era a Praia da Estação acompanharam o desenvolvimento da movimentação em todo o primeiro ano em que a mesma existiu e revelou uma multiplicidade de formas de conceber e conceituar a ocupação praieira da praça da Estação. “Desobediência civil”, “coletivo”, “movimento de resistência”, “movimento Praia da Estação”, “encontro”, “movimento de ocupação do espaço público”, “protesto”, “festa-protesto”, “intervenção urbana” etc. são alguns exemplos de definições para a Praia da Estação feitas pelos participantes que aparecem na lista de e-mails e blog Praça Livre BH. Percebemos que as definições dadas pelos participantes variavam de acordo com o momento da movimentação e o “lugar de fala” de quem a proferia. Tal “lugar de fala” tem a ver com a experiência participativa dos indivíduos, ou seja, com as diferentes categorias em que agrupamos os participantes que compuseram a movimentação. Repetindo, o que percebemos na Praia da Estação foi uma heterogeneidade interna geradora de debates, conflitos internos, interações múltiplas e aprendizados.

Em fins de dezembro de 2010 uma postagem no blog Praça Livre BH trouxe em seu título uma pergunta “provocativa” que convidava os participantes a se posicionarem com respeito às definições e significados que a Praia da Estação possuía para os mesmos. É importante ressaltar que a data em que acontece essa discussão que acompanha o referido *post*, quase um ano após o surgimento da movimentação, parece ter possibilitado uma atitude de reflexão e um olhar mais amplo e crítico por parte dos participantes sobre os sentidos, desdobramentos e rumos da movimentação praieira.⁵²

Consideramos essa postagem e os 28 comentários que seguem a ela uma interessante síntese de definições e significações sobre a Praia da Estação, e um balanço reflexivo e propositivo dos participantes sobre a movimentação. Pela leitura desses comentários, percebemos análises dos participantes sobre a Praia, debates sobre definições e significados da movimentação, razões de ser da contestação social trazida pela movimentação, críticas, questionamentos, propostas, disputas internas etc. Todas essas questões possibilitam termos certo panorama a respeito da vivência “intestinal” da Praia da Estação e abrem todo um leque de questões que se desdobram em análises sobre a movimentação.

⁵² PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/20/pra-voce-o-que-e-a-praia-da-estacao/>. Acesso em 17/07/2011.

Nesse sentido, o teor e conteúdo dos comentários dessas postagens abrem “portas” para que, a partir da elaboração escrita dos participantes da Praia da Estação, adentremos nos interstícios da movimentação.

...E PRA VOCÊ, MEU IRMÃO, O QUE É A PRAIA DA ESTAÇÃO?

Por Luther Blissett



Longe de ser um “movimento organizado” de indivíduos com um único e mesmo objetivo, a Praia da Estação parece ser a confluência de uma heterogeneidade de pessoas que dão a ela sentidos e significados diversos...

Compartilhe aí nos comentários o modo como você vê e desfruta desse fenômeno praieiro e quais as suas possibilidades de desdobramentos!


FIGURA 29: *Post* E pra você, meu irmão, o que é a Praia da Estação? Dezembro 2010

Fonte: Blog Praça Livre BH

No texto da postagem, podemos perceber a definição de que a Praia da Estação não é um “movimento organizado de indivíduos com um único e mesmo objetivo” e sim a “confluência de uma heterogeneidade de pessoas que dão a ela sentidos e significados diversos”, ou seja, a chamada do *post* para discussão sobre os significados da Praia da Estação já traz pelo menos uma definição: a de que a movimentação é múltipla, diversa e heterogênea.

Vejamos alguns comentários ao *post* que julgamos significativos.

Coala Croata Disse:
 dezembro 20, 2010 às 8:18 pm | [Responder](#)




iniciativa fantástica, Luther.
 em breve produzo a minha versão.

Pra ampliar as provocações:
 A Praia é um "movimento" ou "Desobediência Civil massiva"?
 Se restringe à Praça da Estação?
 É "movimento de artistas"? E quem não é artista, tá nessa de espectador?
 É festa?
 É movimento rizomático de pessoas e coletivos que questionam os usos
 pré-estabelecidos dos espaços da cidade através de ação direta?
 Questiona o urbanismo utilitarista e higienizador da prefeitura?
 É piquenique libertário?
 Vai ser usado como mais uma arma da Prefeitura de higienização do
 hipercentro, trocando os tradicionais habitués da Praça por esta gente
 rica, elegante e não tão sincera?
 A Praia não tem líderes, ou pelo menos nunca teve, como se dá a
 representatividade? Ou não se dá? Mas e aí, como resolvemos reuniões,
 audiências e tralalá?
 é intervenção artística?
 é subversão pelo prazer da subversão?
 é reinvenção? do quê? pra quem?
 é modinha /hype/?

FIGURA 30: *Post* comentário de Coala Croata
 Fonte: Blog Praça Livre BH

Pata Disse:
 dezembro 20, 2010 às 8:37 pm | [Responder](#)



Que é hype é.

Mas não precisa ser SÓ isso.
 Eu acho que muita gente que vai na praia tá nessa porque é uma 'forma
 descolada de protestar por um bom governo'.

E tem gente que tá na praia pra questionar a própria espacialidade
 pública, pra questionar a cidade e seus usos; tem gente que tá lá em um
 combate que eu chamaria de "libertário", um combate porque reconhece
 inimigos e reconhece que é preciso pular cercas para poder ocupar.

A praia, por enquanto, é mais de uma coisa acontecendo. Tem pelo
 menos essas três (hype, protesto, combate), ao mesmo tempo. Ou mais:
 tem também a festa pros moradores de rua, que deve ser
 estruturalmente diferente das que enumerei.

Tem a praia "evento cultural" e a praia "contracultural". Qual delas vai
 prevalecer?
 Eu aposto no "evento cultural", infelizmente. Mas não tenho certeza de
 nada.

Tem mesmo que um prevalecer? Não pode surgir um híbrido estranho?
 Estamos mesmo precisando desses.

Essas são as linhas de fissura que eu vejo atravessando a praia.

Sem querer imputar nenhuma falta com a palavra "fissura".

Enfim, a praia pra mim é essa experiência. A experiência de não saber
 aonde aquilo vai dar. E o prazer de deitar no cimento, claro 😊

FIGURA 31: *Post* comentário de Pata
 Fonte: Blog Praça Livre BH

Bento Epaminondas Disse:

dezembro 21, 2010 às 12:54 am | Responder



Bom, acho que as visões são muitas sobre a praia... Problema?

Não sei...

Faltaria um manifesto que a definisse? Acho que não.

Como são muitos desejos reunidos no mesmo lugar, que vão do simples consumo, ainda que não monetarizado, até a reivindicação pelo direito à cidade, devo falar do que gostaria que fosse...

Gostaria que fosse um espaço para se repensar e propor outra(s) cidade(s). Um espaço de conversas e de criações que mostrassem para o prefeito e sua turma que a cidade é bem mais do que eles imaginam. Bem mais indomável, bem mais autônoma, bem mais criativa.

Gostaria que fosse um lugar de convergência. Talvez não de todos os movimentos, não sei se ela é capaz disso. Mas que se tornasse um lugar onde outros problemas da cidade pudessem ser debatidos, ainda que com um olhar e uma linguagem mais lúdica do que nas assembleias e nas reuniões.

Gostaria que fosse um espaço de troca, em que as pessoas pudessem propor outras formas de se apropriar da cidade.

Mas não sei se ela já foi ou será isso...

São muitos desejos ali... não sei se encontro muitas correspondências para os meus.

De todo modo, ela é um fantasma... que assombra as noites de nosso estimado prefeito... acho que só por isso ela já valeu.

FIGURA 32: *Post* comentário de Beto Epaminondas

Fonte: Blog Praça Livre BH

[conjunto vazio] Disse:

janeiro 28, 2011 às 7:30 pm | Responder



Talvez mais importante do que pensar o que é a Praia é pensar as potencialidades dela... desde o início pensavamos a Praia não como um fim em si, mas como uma espécie de chamariz para outros problemas que a cidade passa. É óbvio que sem esquecer que ocupar os espaços públicos de maneira alegre e lúdica mais que algo divertido é uma estratégia para não ser cooptado por essa visão dura e dogmática do que é protestar, "ser politizado", "ser revolucionário".

Ainda achamos que há um passo a ser dado, em direção a que não se pode saber... mas ele tem de ser dado porque os encontros que a Praia ajudou a estabelecer são grandes demais para ficarem encarcerados. Novamente, há uma cidade inteira para ser tomada e há inúmeras formas de fazer isso.

"Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária" Foucault

FIGURA 33: *Post* comentário de Conjunto Vazio

Fonte: Blog Praça Livre BH

Érica Èmito Disse:dezembro 21, 2010 às 1:50 am | [Responder](#)

Acho que a Praia, que foi um momento fundado na desobediência, na soma de desejos lúdicos e de questionamentos políticos, hoje só pode ser a repetição de mais um evento estéril de fim-de-semana (ou, mais pontualmente, de férias). Um ótimo benefício cultural para a cidade, sem dúvida, o que potencialmente a coloca na fila das novas ondas de entretenimento consumista.

Observo bem as expressões da maioria das pessoas ali presentes quando surge algum chamado pra debater: cara de tédio despolitizante. Não quero dizer que DEVE ser isso ou aquilo, que TEM que ser evento político. Mas por que esse tem sido o seu caráter mormente desprezado, muitas vezes? Talvez porque a classe média belo-horizontina queira, sobretudo, a garantia de férias serenas e sem qualquer distúrbio de cunho confrontador.

É dessa regularidade de coisas que se aproveitam os gestores, quando decidem aumentar preços de tarifas de transportes, acirrar operações de despejo etc, etc, sempre nessa temporada de final e abertura de ano. O risco de desarticulação de qualquer iniciativa contrária a esses ataques à comunidade de BH é quase sempre um dado previsto.

Concordo com Epaminondas, no espírito de sua escrita. A Praia catalisou muitos aprendizados para a cidade, não há como negar isso – digo, em âmbito cultural, político, artístico, social, etc. Instigou muitos encontros e muitas trocas, até certo ponto. Carburou a desobediência e colocou pôs freio no medo de estar nas ruas por algo mais do que um rolêzinho. Mas se limitou demais a ser mantida, a sobreviver em si mesma, desfocou e perdeu de vista muitos aspectos elementares, que faziam dela, em certa medida, um ruído inequívoco, uma plataforma de fazeres interessantíssima. Contudo, não soubemos valorizar o próprio teor nascente desse levante, valorizar a efemeridade do que o teceu.

Passou o tempo de inventarmos outros modos de ação, a não ser que queiramos as bocas dos tubarões.

FIGURA 34: *Post* comentário de Érica Èmito
Fonte: Blog Praça Livre BH

Esse conjunto de comentários que selecionamos pode ser considerado uma espécie de balanço a respeito da movimentação. Nele percebemos a diversidade e complexidade de posicionamentos, sentidos e questões colocadas: questionamentos, reconhecimentos, exaltações, significações, críticas, desejos e necessidades por parte dos participantes. Não teríamos tempo e condições de uma análise detalhada de cada comentário, por isso optamos por um caminho, um recorte sem a menor pretensão de esgotar a discussão.

Muitas das questões trazidas por esses comentários serão por nós analisadas a seguir.

Campo libertário – proposituras radicais, conflitos e o “risco da cultura”

Sem correr o risco latente da parcialidade, podemos afirmar que os conflitos que consideramos centrais no interior da Praia da Estação, aqueles que dizem respeito ao confronto de concepções, confronto de idéias e confronto de experiências participativas distintas, foram, em sua grande parte, vivenciados entre o campo libertário e as demais categorias: campo da cultura, cidadãos engajados e banhistas. Entendemos que esses conflitos podem ser explicados em parte pela própria trajetória dos jovens ativistas libertários na cidade na primeira década dos 2000. Digamos que “herdeiros” da cultura política de contestação social dos movimentos anticapitalistas e antiglobalização que surgiram no início do presente século, os jovens ativistas que agrupamos nessa categoria trouxeram para a Praia da Estação toda uma experiência acumulada (política, prática, teórica) de vivências anteriores.

Ao afirmarmos isso, de modo algum queremos valorizar a experiência ativista dos libertários em detrimento de outras trajetórias ativistas, de militância e de participação que compuseram a Praia da Estação. E ainda, repetindo, as categorias que definimos para agrupar os participantes da movimentação de modo algum correspondem a trajetórias homogêneas. As categorias estabeleciam pontos de contato e, por vezes, alguns “cidadãos engajados” transitavam pelo “campo da cultura”, ou alguns do “campo da cultura” tinham mais afinidade com os libertários” etc. As categorias que definimos não representam uma fixidez participativa dos indivíduos a um grupo ou campo específico, mas cumpre o papel de tornar possível a análise e interpretação que propomos, ao mesmo tempo em que, de certa forma, aproxima-nos dos sujeitos da Praia da Estação. Feita essa pequena ressalva, o que queremos chamar a atenção é para o fato de a radicalidade das proposituras dos libertários ter sido um dos pontos de tensão geradores de conflitos internos de maior intensidade na Praia da Estação.

A influência exercida pelos jovens ativistas e coletivos libertários na forma de ser da Praia da Estação não eliminou a existência de conflitos de concepções ao longo do desenvolvimento da movimentação. Ao identificarmos na constituição da Praia da Estação a presença de características da cultura ativista — forma de organização em rede e horizontal, ação direta, carnavalização do protesto etc. — “surgida” através dos movimentos antiglobalização e anticapitalistas de fins do século XX e início do XXI não significa dizer que houve a predominância de certa hegemonia dessa mesma cultura ativista no interior da movimentação. Ao contrário, em relação às concepções e visões de mundo, ao que parece, os pontos de vista dos jovens ativistas libertários sempre estiveram em disputa com outros pontos de vista e concepções colocados pelos demais participantes. Pelo que percebemos, os libertários geralmente

partiam de um ponto de vista crítico analítico, de uma crítica mais ampla e totalizante com caráter anticapitalista e carregada de influências de teorias críticas, movimentos radicais e culturas juvenis passadas e contemporâneas: anarquismo, situacionistas, punk, Ned Ludd, Luther Blisset Project, Zapatistas, Reclaim The Streets, Ação Global dos Povos etc.⁵³

Dentre os questionamentos críticos trazidos pelo campo libertário à movimentação praieira identificamos como uma das preocupações centrais a idéia a respeito do risco de co-optação e captura da Praia da Estação por parte do poder, ou seja, o risco de que, com o passar do tempo, a Praia da Estação se tornasse um evento cultural como outro qualquer, um mero espaço de lazer esvaziado de um caráter contestador ativista e rebelde. Na verdade, ao que parece, os jovens ativistas libertários se surpreenderam com as proporções assumidas pela Praia da Estação logo após a primeira convocação para a mesma.

a partir disso começou as discussões na lista, já tava rolando as discussões na lista e aí a galera começou a acontecer, ah .. é isso mesmo a gente precisa fazer, a gente precisa escrever um release, fizeram funk e aquilo foi tomando uma dimensão que já de início assim já assustou uma galera. (ROCHA, Paulo. Belo Horizonte, 31/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Representante do campo libertário, Paulo Rocha chama atenção para o susto com os desdobramentos da movimentação praieira em seu início. Se, antes do surgimento da mesma, os libertários protagonizavam ações diretas de contestação em escala e dimensão que pouco escapavam do universo cultural dos coletivos e com conteúdo e mensagens que eram suas próprias, com a ocupação da praça da Estação as ações parecem ter saído do controle, assumindo uma proporção inimaginável para os mesmos. Foi aí que os libertários se viram convivendo com diferentes — diferentes posições, visões e concepções. O choque entre diferentes grupos foi produzido a partir desse “amalgama imperfeito”: choque entre a radicalidade de posições de certa forma consolidadas — com lastro genético oriundo da contestação anticapitalista juvenil contemporânea e entre a espontaneidade e indignação de outros jovens e indivíduos — com outras trajetórias e concepções que emergiram a partir do conflito gerado pelo decreto número 13.789.

Logo após a realização da primeira Praia da Estação, os coletivos libertários *Amig@s da Próxima Insurreição* e *Conjunto Vazio* assinam um texto com posicionamentos críticos à movimentação.

⁵³ Todo esse conjunto de influências e concepções trazidas pelos jovens ativistas libertários à Praia da Estação foi analisado ao longo do Prólogo.

Praia da Estação: Debaixo da praça, a praia; debaixo da praia, uma cidade inteira a ser ocupada

Por Luther Blissett

A Praia já aconteceu e foi extremamente prazerosa. Talvez soe clichê dizer que as pessoas pareciam estar em uma mesma sintonia. Havia ali na Praça da Estação uma pluralidade de discursos, com pessoas de vários pontos da cidade, de diversas idades e ideologias, todos compartilhando o mesmo espaço com o intuito de se divertirem e debaterem sobre o significado de se estar ali.

Mas é importante frisar: a Praia já aconteceu e acabou. Não se trata de afirmar que outras não poderão ocorrer ou clamar por um espontaneísmo purista de sua organização, mas pensarmos que quanto mais gerarmos expectativas para algo que se mostra fluido e de agregação horizontal corremos o risco de cairmos em um evento que incida na perda do seu potencial político e radical, preocupando-se apenas em fornecer mais um serviço cultural para tirar as pessoas de seu final de semana entediante (...) ⁵⁴

O texto assinado pelos dois coletivos inicia igualmente reconhecendo a importância do surgimento de uma movimentação como a Praia da Estação, para depois dizerem da preocupação da mesma perder “seu potencial político e radical” e se transformar em um “serviço cultural para tirar as pessoas de seu final de semana entediante”. Esse posicionamento revelava o choque com os diferentes, qual seja: os jovens ativistas libertários pareciam não reconhecer a existência de um potencial radical e político que poderia advir da ação de outros participantes. Um artigo publicado em um jornal alternativo que circulava nos meios acadêmicos contraculturais e *underground* da cidade, escrito por Pablo Gobira — um participante da geração de coletivos libertários em Belo Horizonte que definimos no Prólogo dessa dissertação como “coletivos antiglobalização” — parece-nos dizer também a respeito dessa tensão colocada pelo “campo libertário” no interior da Praia da Estação. Vejamos:

Ao mesmo tempo em que é fácil chamar a "Praia da Estação" de um evento cultural ou artístico, é grande o risco dele se tornar um evento desse tipo, assim como é perigoso que a praça se torne um espaço o qual se permita realizar apenas eventos artísticos e culturais. (...)

Cabe a essas mesmas pessoas indicarem que seus atos possuem um significado maior que simplesmente cultural ou meramente artístico. Cabe a elas mostrar que suas ações são políticas, pois negam o envolvimento de políticos profissionais (e seus partidos, sindicatos, etc.) e não se contentam com uma mera oposição ao decreto, mas à como a vida está sendo organizada, movimentada, constituída, vigiada na cidade. Espera-se que a indignação não cesse, e que as pessoas não façam da Praia da Estação apenas um lugar temporário para se esquecer de suas frustrações até que a própria praia também se torne um espaço frustrado repleto de arte e cultura como qualquer outro lugar. Esse é o risco que a praia corre. ⁵⁵

⁵⁴ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/01/22/prai-da-estacao-debaixo-da-praca-a-praia-debaixo-da-praia-uma-cidade-inteira-a-ser-ocupada/>. Acesso em 17/01/2011.

⁵⁵ Trata-se do “famoso” e conhecido jornal *Cometa Itabirano*, surgido no ano de 1979 e vinculado à tradição da imprensa alternativa no Brasil, juntamente com publicações como *O Pasquim*, por exemplo. O título do artigo publicado em 05/07/2010 é “A ‘Praia’ e o risco da cultura”, de autoria de Pablo Gobira e pode ser lido na íntegra em <http://cometaon.blogspot.com.br/2010/07/prai-da-estacao-2.html>. Acesso em 18/06/2011.

Pablo Gobira sinaliza para o que chama de “risco da cultura” para a Praia da Estação. A preocupação que o autor sinaliza em seu artigo é a do esvaziamento do caráter contestador da Praia e da possível incorporação da movimentação no circuito cultural e artístico de Belo Horizonte. A preocupação era que a Praia se transformasse, então, de movimentação rebelde e contestadora contra o decreto e contra os rumos de desenvolvimento da cidade em evento cultural e artístico, um mero ponto de encontro de jovens aos sábados na praça da Estação.

É verdade que a Praia permitiu vários e preciosos encontros e a partir dela muitas articulações foram organizadas, por outro lado isso não impediu que depois de alguns meses ocorresse um certo apaziguamento de suas propostas, fato que acabou transparecendo na recepção da Praia como apenas mais um evento cultural e feticizado (...)

O que deveria ser um espaço aberto para vivenciar e discutir a utilização da cidade acabou por se tornar um local mais para ver e ser visto, um *point* obrigatório e descolado (...)

Também nos parece significativo que vários banhistas da Praia fossem sistematicamente convidados para participarem de debates sobre os novos rumos da cultura na cidade. Alinhando discursos com os de alguns grupos artísticos, os quais não vão além da crítica reformista e mais preocupados com as leis de incentivo e a “classe artística”. Muitas dessas discussões acabavam por personalizar o prefeito Márcio Lacerda como “o” inimigo, atacando apenas a representação do poder. É absolutamente claro que o prefeito faz uma das gestões mais desastrosas e totalmente alinhada com os interesses mercadológicos, mas não nos parece uma boa estratégia elegê-lo como o único e maior mal da cidade, como se bastasse apenas trocar o prefeito para que os problemas de Belo Horizonte se resolvessem .

Não se trata de negar o caráter estético e alegre que a Praia TAMBÉM teve, mas de explicitar a hipótese de que houve a perda de um potencial político e questionador em prol de seu lado cultural e lúdico. Importante frisar que para muitos dos frequentadores da Praia e das pessoas que a discute (no blog e na lista de e-mails), isso não é de fato uma questão relevante, mas nos parece problemático que uma movimentação com um tamanho potencial agregador e crítico seja tomada apenas como mais uma atração divertida no final de semana. Ou seja, ao invés da Praia (e das relações que se criaram dentro dela) conter críticas revestidas de um senso festivo e estético, sua inversão a transformou em um produto cultural com um leve verniz crítico.

(Trechos do texto intitulado “A tradição praieira insurgente de Belo Horizonte”, de autoria do coletivo *Conjunto Vazio*, publicado no Blog Praça Livre BH em 28 de maio de 2011)⁵⁶

Esse texto produzido pelo coletivo libertário Conjunto Vazio é mais um exemplo que expõe elementos da crítica dos jovens ativistas libertários à Praia da Estação. Após reconhecer o potencial de articulação de encontros proporcionado pela movimentação, o (s) autor (es) do texto critica (m) a postura dos participantes do campo da cultura, que classifica (m) como

⁵⁶ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2011/05/28/a-tradicao-praieira-insurgente-de-belo-horizonte/>. Acesso em 12/05/2011.

“crítica reformista” preocupada com questões específicas de artistas e grupos culturais. A crítica do texto recai também sobre os participantes que definimos na categoria “banhistas”, por tomarem a Praia da Estação como apenas “mais uma atração divertida no final de semana”. A sentença final do texto é a da movimentação ter se transformado em “um produto cultural com um leve verniz crítico”.

No nosso entendimento, porém, à preocupação com o “risco da cultura”, a preocupação com o esvaziamento do caráter rebelde da Praia da Estação, os libertários sinalizavam, ao mesmo tempo, com uma recusa sobre a possibilidade de incorporação da Praia nos mecanismos de gestão da cidade por parte do poder. No caso desse debate, então, evitar o “risco da cultura” era algo que ia para além de preservar o caráter contestatório da movimentação, era evitar que a Praia da Estação se transformasse em um evento cultural que servisse a um processo de gentrificação⁵⁷ da região. Melhor: poderíamos dizer que se tratava de se evitar que a Praia servisse ao que entendiam como *urbanismo utilitarista e higienizador* da prefeitura. Interessante percebermos que essa preocupação dos jovens libertários participantes da Praia da Estação possuía um conteúdo contestatório que procurava analisar de maneira mais ampla as relações entre a movimentação da Praia da Estação e a gestão e produção da cidade. Para eles, a cultura, a arte e os artistas muitas vezes cumprem um papel de servir a processos de higienização social e gentrificação, ou seja: nessa visão crítica, a cultura e os artistas são utilizados em processos de revitalização de áreas consideradas degradadas das cidades com fins de enobrecimento, o que serve para a atração de investimentos e valorização imobiliária. Em reflexão no mesmo sentido, Arantes examina um exemplo paradigmático de “aliança” entre a cultura (e os profissionais a ela ligados) e os processos de revitalização urbana (leia-se: gentrificação) nas cidades contemporâneas. A autora cita o caso do processo de gentrificação de uma região da cidade chamado SoHo, onde houve a

(...) requalificação dos espaços desativados das velhas manufaturas, convertidos em galerias ou mesmo residências de artistas, boutiques, restaurantes ditos sofisticados, etc., e conseqüente migração forçada dos antigos moradores e reconversão dos raros proprietários remanescentes, travestidos de intermediários de altos negócios imobiliários. Novos padrões de gosto e consumo difundiam a sensação reconfortante de que uma vida de artista, dessa vez reconciliada com a sociedade, podia ser o apanágio de uma nova vanguarda da burguesia (...) (ARANTES, 2000, p.32)

⁵⁷ Entende-se por “gentrificação” um conjunto de processos de transformação do espaço urbano que ocorre, com ou sem intervenção governamental, nas mais variadas cidades do mundo. Diz respeito à intervenção em espaços urbanos que provocam sua “melhoria” e conseqüente valorização imobiliária, com retirada de moradores tradicionais, que geralmente pertencem a classes sociais menos favorecidas.

Ainda segundo a autora, esses processos de requalificação e gentrificação urbanas marcam uma mudança emblemática na forma do negócio da cidade: a cultura assume um papel de destaque central como elemento de construção da imagem da cidade, de seu capital simbólico, da “embalagem” urbana a ser vendável, num cenário de competição global entre as cidades por atração de investimentos e reprodução do capital.

Aí o embrião de uma mudança emblemática: à medida que a cultura passava a ser o principal negócio das cidades em vias de gentrificação, ficava cada vez mais evidente para os agentes envolvidos na operação que era ela, a cultura, um dos mais poderosos meios de controle urbano no atual momento de reestruturação da dominação mundial. (ARANTES, 2000. p.33)

Nesse sentido, de acordo com os libertários, o risco era o da Praia da Estação se tornar um elemento que servisse a um processo de higienização social da região da praça da Estação, na medida em que os jovens de classe média, ao freqüentarem o espaço realizando um “mero evento”, poderiam contribuir para a retirada dos setores indesejáveis (população de rua e demais setores excluídos) da região, mesmo que involuntariamente.

O que os libertários chamavam a atenção era para o risco da Praia da Estação se transformar, se esvaziada de seu caráter rebelde e contestador, em um evento cultural que servisse a um processo de revitalização da região da praça da Estação e enobrecimento da região, habitada em sua grande maioria pelas classes populares e pelos indesejáveis sociais (população de rua, freqüentadores dos bares, prostitutas etc.).

Quando do aparecimento em uma revista voltada para as camadas mais ricas de uma matéria intitulada “Até parece a Lapa” — sobre a revitalização do centro de Belo Horizonte e sua ocupação pelos jovens e por grupos culturais —, esse debate sobre uma possível cooptação da Praia da Estação ganhou intensidade na lista de e-mails e blog Praça Livre BH.

A matéria comparava a efervescência cultural da região revitalizada da praça da Estação, citando a Praia da Estação dentro do que definiam como uma espécie de “corredor cultural”, com a região culturalmente revitalizada da Lapa, no Rio de Janeiro. Vejamos duas mensagens de um tópico na lista de e-mails intitulado “Matéria na revista Encontro, onde aparece essa discussão.”⁵⁸

⁵⁸ PRAÇA LIVRE BH On Line. Lista de e-mails. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/browse_thread/thread/d9b3d82472e386a/cc0670ccc85e076d?hl=pt-BR&lnk=gst&q=revista+encontro+#cc0670ccc85e076d. Acesso em 05/03/2011.

Paulo Rocha escreveu:

‘engraçado’ o que tudo isso virou na matéria da revista, o que acaba por ser sintomático só mais uma atração divertida no final de semana.

Das tenras escreveu:

Olá a todos,

Nunca comento nada aqui, mas este artigo não posso deixar passar, porque dá o exemplo de Lisboa, que acontece ser a minha cidade, dando ainda por cima um exemplo que eu conheço bem. Foi revitalizada a área ribeirinha de Lisboa como dizem, aproveitando a Expo '98, e muita gente frequenta essa área hoje em dia realmente. Tá certo. Só que quem frequenta essa área tem de ter grana porque o lugar lá é cheio de restaurantes e bares caros e tem até um shopping center megalómano em formato de barco chamado pelo nome do negreiro Vasco da Gama. Tem uns jardins bonitinhos cheios de plantas das ex-colônias, tem museu, a gare do oriente (donde saem trens pra Madrid), belos edifícios que ganharam prêmios de arquitetura, condomínios fechados, enfim, tem um monte de coisas "ótimas". Ah tem até um teleférico... não sei se essa palavra existe em brasileiro... E uma torre também chamada de Vasco da Gama, com restaurante giratório no topo, etc. O lugar chama Parque das Nações hoje em dia, é só googlar. É muito bonitinho, custou uma fortuna e qualquer dia desaparece debaixo dalgum tsunami.

Quem já frequentava o lugar "perigoso", cheio de assaltos ou quem vivia por lá, foi varrido para um "bairro social" da periferia e se hoje em dia "frequenta" o lugar deve ser para limpar as ruas e trabalhar nos vários bares, restaurantes, lojinhas, centros de estética, academias de ginástica, etc. Na realidade ali o que existia eram bairros humildes, mas de gente trabalhadora, e um porto abandonado que se pretendia revitalizado para receber cruzeiros de turistas, que é o mesmo que se quer fazer no porto do Rio de Janeiro. Em Lisboa, houve uma enorme especulação imobiliária na época, lobbies e políticos querendo "revitalizar" a área. Gerar emprego para eles encherem os bolsos. O artigo chama a área de docas mas as docas (que também já vinham sendo "revitalizadas" na época da expo) não são onde foi a expo'98. Ali ainda era ambiente urbano, mas quase rural, saindo já da cidade na direção leste. Foi a partir daí que a gentrificação em Lisboa acelerou vertiginosamente. Foi um piscar de olhos. Além de expropriarem os moradores e fazerem um centro de recreio para ricos ainda degradaram o ambiente da área com construções verticais para quem quer morar bem perto do recreio.

E BH está parecendo realmente cada vez mais européia, nisso o artigo também está certo. A diferença é que assustadoramente para muita gente aqui, isso é bom. Qualquer dia só me resta a Bolívia. Alguém?

abraços,
manu

A primeira mensagem enviada por Paulo Rocha, onde o mesmo diz sobre a existência da referida matéria na revista, percebemos um tom de confirmação do que os jovens ativistas do campo libertário vinham dizendo sobre os riscos da perda do caráter contestatório da Praia da Estação. A matéria da revista “Encontro” parecia então ser a “prova” para os libertários de que suas preocupações e alertas sobre o risco de cooptação da Praia da Estação pelos mecanismos do poder e de produção da cidade faziam sentido. Era o sintoma de que a Praia da Estação teria se transformado em só mais uma “atração divertida no final de semana”. A outra

mensagem, enviada por uma ativista portuguesa que na época circulava por Belo Horizonte, traz um exemplo de gentrificação na cidade de Lisboa através do mecanismo da cultura, na mesma direção da análise de Arantes que apresentamos de forma bastante resumida antes.

Esses foram alguns dos “ácidos recados” que os ativistas do campo libertário enviaram aos demais participantes da Praia da Estação, especialmente ao campo da cultura. E esse recado sinalizava para a disputa de definição dos sentidos da Praia da Estação enquanto “desobediência civil”, “resistência” e “movimentação de contestação social”.

Tais disputas internas e o julgamento por parte dos libertários de que os rumos da movimentação não mais os atraía, a perda da contestação, do ativismo e da rebeldia, fizeram com que esses coletivos e indivíduos fossem gradativamente se afastando das Praias aos sábados.

Acho que a Praia estava existindo só para existir em si mesma. Isso foi a opinião de várias pessoas, eu ouvi de várias pessoas também, né? Ela tava num círculo vicioso. E... eu particularmente assim, a impossibilidade de eu encontrar alguns pares meus numa praia também me distanciou, por que eu poderia achar divertido, eu acho que não ia achar não, eu chegar lá e fazer um som com uma galera e pá, mas isso aí, uma coisa que eu chamei atenção para várias, pontuei para várias pessoas assim, é, se eu já faço onde eu moro, em vários lugares onde eu visito é... eu venho aqui, vou no “na tora” e faço um batuque ali é... eu tava participando de uma oficina de rítmica que tinha a proposta de intervir em manifestações por exemplo, de servir de solidariedade em manifestações por exemplo, que já são previamente convocadas por algum movimento, a gente fez propostas e levou né? instrumentos por exemplo para ocupações em gente a prefeitura das ocupações urbanas de Belo Horizonte, saca? Ou seja, as coisas que estavam sendo feitas na Praia, não precisavam de ser feitas na praia, elas poderiam ser feitas em outros lugares também, na verdade as pessoas optaram por ficar ali e tinha vários outros lugares para serem ocupados e que não foram até saturar, até esgotar mesmo o ânimo de movimentação mesmo de algumas pessoas, é... enquanto outras estavam satisfeitas com as resoluções que a própria prefeitura encontrou para as questões, principalmente da cultura assim, né? (NÔMADE. Belo Horizonte, 02/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Em seu depoimento, Nômade fala-nos da incapacidade da Praia da Estação de se reinventar, de estar em um “círculo vicioso”, como um dos fatores que tirou seu ânimo de continuar participando da movimentação. Ele também nos diz que a ausência do encontro com seus “pares”, ou seja, a ausência de outros ativistas libertários nas praias, o foi afastando. As vivências na movimentação também não mais o agradavam, era para ele a repetição do que poderia viver em qualquer lugar, nas Okupas por onde passa, nas festas, na universidade etc. Se a Praia da Estação, em seu julgamento, não era mais um espaço de contestação social sobre as questões urbanas como um todo, a ele e aos demais libertários não interessava participar. E por fim também sentencia sinalizando que a Praia da Estação tinha se transformado em um espaço para os satisfeitos com as resoluções da prefeitura para o setor cultural.

É importante lembrar que o afastamento dos jovens libertários da Praia da Estação aos sábados não implicou no afastamento total dos mesmos de tudo que cercava a movimentação, e nem da contestação social que acontecia na cidade. Pelo contrário. Os jovens ativistas libertários continuaram atuando em seus coletivos e iniciativas, discutindo e propondo ações coletivas contestadoras, e continuaram influentes no desenvolvimento do “ciberativismo praieiro”, especialmente no blog Praça Livre BH.

Campo da cultura, cidadãos engajados e banhistas, a afirmação praieira.

Para além das influências, contribuições, conflitos e críticas trazidas pelo campo libertário à Praia da Estação, a mesma de maneira alguma pode ser entendida somente a partir desse ponto de vista. Outras dimensões do que chamamos de “amalgama imperfeito” que constituiu a movimentação — ou seja, o campo da cultura, os cidadãos engajados e os banhistas — conformaram a seu modo todo um conjunto de iniciativas e experiências que marcou o cenário de contestação social e cultural em Belo Horizonte.⁵⁹ Se afirmamos que o nascimento da Praia da Estação tem a ver diretamente com as experiências dos coletivos libertários juvenis anteriores a ela — experiências que a influenciaram em sua forma de ser e trouxeram o conteúdo do urbano e do poder municipal para o centro das preocupações — entendemos que a movimentação foi além: ensejou uma cultura de protestos, manifestações e ocupações do espaço público de larga escala na cidade, qual seja: a partir da Praia da Estação o ativismo urbano juvenil em Belo Horizonte saiu do “gueto” das culturas juvenis mais radicalizadas.

Era essa a grande proporção espontânea e inesperada assumida pela movimentação que tinha “assustado” os libertários. Se, por um lado, concordamos com os libertários que essa grande proporção assumida pela movimentação talvez a tenha esvaziado de um conteúdo mais radical, por outro lado discordamos que a mesma tenha caído na “armadilha da cultura”. Pelo contrário: entendemos que a partir da Praia da Estação tenha surgido uma experiência marcante de ocupação do espaço público em Belo Horizonte com, aí sim, a “radicalização” da festa-protesto.

⁵⁹ A respeito dos desdobramentos da Praia da Estação no cenário de contestação social na cidade, ver o capítulo Epílogo dessa dissertação.

É festa ou manifestação?⁶⁰
março 29, 2010

Depende de cada um... mas, independente disso, a diversão é garantida!



FIGURA 35: Flagrante da Praia da Estação I
Fonte: Blog Praça Livre BH



FIGURA 36: Flagrante da Praia da Estação II
Fonte: Blog Praça Livre BH

⁶⁰ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/03/>. Acesso em 03/04/2012.

Ao redor da Praia da Estação, um conjunto de manifestações culturais e políticas surgiu e se consolidou. A ocupação da praça da Estação aos sábados desenvolveu ramificações que se estenderam para muito além dela: todo um cenário cultural composto por novas e velhas bandas, grupos culturais, artistas, performers etc. ganharam espaço e visibilidade na cidade; surgiram novos agenciamentos entre o jovens; a solidariedade e os laços com outros movimentos sociais se desenvolveram e se fortaleceram; amizades, encontros e aprendizados mútuos entre jovens desejosos por participar politicamente potencializaram coletivamente os desejos individuais de engajamento em algo; o desenvolvimento de uma oposição à administração municipal ganhou corpo e força; uma “cultura política” jovem marcada pelo deboche, ironia e contestação ao poder se desenvolveu. Poderíamos afirmar que em algum momento de sua existência a Praia da Estação talvez tenha sido uma das principais forças de oposição política ao prefeito Márcio Lacerda em Belo Horizonte.



FIGURA 37: Foto do rosto do prefeito Márcio Lacerda instalada em um manequim. [O prefeito “virou” banhista.]⁶¹
Fonte: Blog Praça Livre BH

⁶¹ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/01/22/prai-da-estacao-debaixo-da-praca-a-praia-debaixo-da-praia-uma-cidade-inteira-a-ser-ocupada/>. Acesso em: 14/05/2011.

A capacidade de criação dos jovens participantes que sinalizamos estar presente na dimensão “ciberativista praieira” foi igualmente uma marca das ocupações da praça da Estação aos sábados. A ironia e o deboche com o poder apareciam na presença física daqueles jovens vestidos em trajes de banho em uma cidade onde não há mar, nos vídeos por eles produzidos e nas composições das letras de marchinhas, funks e músicas de protesto contra o prefeito Márcio Lacerda e contra o Decreto 13.789. Aliás, por falar em festa na rua, o carnaval de rua em Belo Horizonte renasceu a partir da experiência da Praia da Estação. Em 2010 saiu o *Bloco da Praia da Praça da Estação* em direção à prefeitura, com direito a lavagem com mangueira de caminhão-pipa da sede do poder municipal. Eis aí um exemplo das iniciativas que foram brotando ao longo da movimentação. O carnaval de rua renasce na cidade a partir da contestação e do protesto. A festa-protesto potencializada pelos participantes do campo da cultura, cidadãos engajados e banhistas sinalizava para a afirmação praieira em Belo Horizonte: “Sim, nós estamos aqui, fazemos festa e protestamos”!

Praia da Estação: a emergência das individualidades e a dimensão da experiência e dos aprendizados

Se até então dissemos que a Praia da Estação foi organizada de maneira horizontal, fluida e em rede, amalgamada e potencializada pela Internet, percebemos também que a movimentação foi desenvolvida em grande parte por iniciativas e ações individuais.

Tanto é que faixas foram poucas que existiram durante a praia e todas elas foram construídas por ações individuais, é... e tanto é que as mesmas faixas circularam a primeira faixa que mencionei anteriormente, a praça de todos a praça é a nossa praia, acabou virando uma bandeira da praia assim, acabou aparecendo em trocentas fotos e vídeos porque era a única faixa que estava lá toda a semana, entendeu? É... ninguém se movimentou para fazer não, apesar de que muita gente estava ali o tempo inteiro criticando, discutindo, mas não fazia não entendeu? (BARROS, Rafa. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Rafa Barros diz-nos a respeito das ações da Praia da Estação terem sido organizadas por indivíduos que em certo ponto se propuseram a agir. Há também uma queixa dos que ficavam criticando e nada faziam, segundo ele — talvez uma alusão feita pelo entrevistado às críticas produzidas pelo campo libertário à movimentação. A constituição de possíveis “lideranças”, ou melhor, “figuras públicas” da movimentação, parece ter a ver com o protagonismo que alguns indivíduos foram assumindo ao longo da Praia da Estação.

(...) essas pessoas, esses nomes que foram entrando em evidência, eles foram aparecendo mais e sendo mais consultados no movimento muito natural no processo de quem foi assumindo as demandas e, e naturalmente eles foram sendo procurados e se colocando à disposição. Então quando tem que ir para um debate, quando tem que ir para uma audiência pública: “vai lá rafa”, ninguém quer ir e aí você vai. Não beleza, eu vou, eu topo ir, não fujo do pau não, e aí você acaba sendo essa figura, esse foco, é... (BARROS, Rafa. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Essa forma organizativa fluida e a partir da vontade e disponibilidade dos indivíduos parece-nos também indicador de limites para a ação da Praia da Estação. A pouca existência de momentos coletivos de debate e tomadas de decisão muitas das vezes contribuiu para que a ação dos praieiros fossem movidas pela espontaneidade dos desejos e disponibilidade dos indivíduos. Um exemplo significativo dessa questão aconteceu em 22 de julho de 2010, quando o prefeito Márcio Lacerda convida, com a mediação de um vereador próximo a setores culturais da cidade e da própria movimentação, participantes da Praia da Estação para um reunião, uma espécie de audiência, na prefeitura de Belo Horizonte. A dimensão de importância desse encontro era enorme. Era a oportunidade dos praieiros ocuparem o centro do poder municipal e explicitarem toda sua indignação e posicionamento contra a Administração de Belo Horizonte. Houve um debate na lista de e-mails sobre qual seria a resposta ao convite do prefeito, se praieiros iriam ou não comparecer. Quatro indivíduos se dispuseram a comparecer, mas não discutiram e nem prepararam previamente nada coletivamente para participar da referida reunião.

olha, não houve preparação. E pelo que eu lembro e a minha ida até lá sem preparar nada para falar foi exatamente para escutar. (FIDÉLIS. Belo Horizonte, 21/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

A fala de Fidélis sinaliza e confirma o que estamos dizendo. Além de não haver preparação, o entrevistado fala a partir do ponto de vista individual, “a minha ida até lá sem preparar nada (...)”, ou seja: em um momento importante face a face com o prefeito, não houve a constituição de um posicionamento coletivo, de uma força social organizada, e sim a presença de indivíduos que participavam da movimentação. Houve, então, a prevalência da disposição de alguns indivíduos em detrimento de uma organização coletiva sólida.

Nesse sentido, a ocupação da Praça da Estação em protesto ao decreto de proibição da prefeitura municipal constituída através da Internet e delineada no formato lúdico de uma praia garantiu, de certo modo, um ar de novidade para o que acontecia, ao mesmo tempo em que, no nosso modo de entender, conformava um agenciamento amorfo, mutante, flexível e

espontâneo, onde a adesão dos indivíduos se delineava de maneira fluída e heterogênea. Por isso mesmo, ele se constituiu como espaço de participação com possibilidades de engajamento em graus distintos, de acordo com desejos, necessidades, vontades e “humores” dos indivíduos, e de acordo com interações produzidas entre os “campos” que constituíram internamente a movimentação.

Por outro lado, e apesar dos limites trazidos para a ação no caso específico da Praia da Estação, entendemos que a afirmação das individualidades possibilitou a participação dos indivíduos, que na contemporaneidade tendem a participar e se engajar em ações, movimentos e iniciativas em que possam ser reconhecidos, falar e serem escutados. Enfim, que possam, repetindo, afirmar sua individualidade! Souza afirma que:

Fazer política, para esses jovens, não pode ser um ato que abafe a individualidade, pelo contrário; o coletivo deve incorporar a forma de ser de cada um.

O grupo é, na vida desses jovens, uma referência para o reconhecimento das idéias que compartilham. Querem ser indivíduos autônomos dentro dele (...) (SOUSA, 1999, p.194.)

Essa afirmação da individualidade no interior do grupo ou das experiências participativas se processa também na dimensão dos aprendizados. Apoiando-se na teoria de aprendizagem de Vygotsky, Gonh afirma que:

o aprendizado ocorre quando as informações fazem sentido para os indivíduos inseridos em um dado contexto social. A aprendizagem no interior de um movimento social, durante e depois de uma luta, são múltiplas, tanto para o grupo como para indivíduos isolados. (GONH, 2011, p.20)

Nesse sentido, o aprendizado individual dos jovens quando atuam coletivamente é um aspecto importante para significarmos a experiência da participação. Entendemos que a Praia da Estação ofereceu uma oportunidade de participação para muitos jovens que, ou não se identificavam com formas participativas tradicionais, ou que viram na Praia da Estação uma oportunidade de engajamento. A experiência praieira parece ter possibilitado aprendizados para uma parcela de jovens em Belo Horizonte com diferentes trajetórias e níveis de engajamento. Todos os sete jovens que entrevistamos ressaltaram a dimensão do aprendizado como algo significativo na Praia da Estação sem que diretamente conduzíssemos as entrevistas para essa questão. Encontramos nas entrevistas aspectos do aprendizado político a partir da experiência praieira, do aprendizado com diferentes grupos que compuseram a movimentação, do

aprendizado ativista e da mudança de olhar sobre a cidade. Gostaríamos de destacar duas dessas entrevistas sobre essas questões.

(...) aí na praia eu fui na primeira praia, e foi realmente, quando teve o negócio do bandejão, eu fiquei sabendo mas eu não ia porque eu tinha estágio a tarde e tinha que estudar de manhã e saía correndo nem ia almoçar no bandejão então eu ficava longe do bandejão e ficava sabendo através de amigos conversando comigo né? e aí na praia mesmo que eu empolguei de fazer alguma coisa porque eu achei que era uma coisa mais livre mesmo, uma atuação mais legal assim, que as pessoas se conheciam como, não como eu sou de tal e tal lugar mas como, né? pelo convívio na praia mesmo, uma coisa mais livre assim (risos), entendeu? Uma coisa mais informal mesmo. Que você não precisava apresentar currículo, e eu gostei mesmo do rumo que foi tomando a praia e aí fui indo em tudo assim, fui participando de tudo. (MAÍRA. Belo Horizonte, 15/07/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

No depoimento acima de Maíra, a quem, apesar de ter trânsito nos circuitos libertários, poderíamos identificar como uma “cidadã engajada”, percebemos sua identificação com a Praia da Estação por perceber uma forma participativa diferente, mais “livre” e “informal”, onde jovens e pessoas comuns podiam participar sem ter que “apresentar currículo”, ou seja, sem ter que se identificar como militante de tal organização ou representante de tal instituição etc. Ela diz-nos também que essa identificação inicial fez com que ela fosse “participando de tudo” com relação à Praia da Estação. Em outro trecho de seu depoimento, Maíra nos diz ter sido a Praia da Estação sua primeira experiência de engajamento. Essa experiência propiciou a essa jovem aprendizados sobre as lutas sociais, bem como abriu possibilidades de alargamento de suas experiências participativas:

Eu já tinha ouvido em uma movimentação social importante em BH que era as Brigadas Populares. Mas, foi na praia que eu ouvi qual que era a proposta mesmo das Brigadas, fiquei sabendo das frentes de atuação, comecei a entender mais, a partir de conversa informal na praia mesmo. O pessoal estava conversando assim: ‘porque que não tem ninguém das brigadas aqui é uma coisa importante que está acontecendo. A frente de reforma urbana deveria estar aqui e tal...’ Eu já tinha ouvido assim mas nunca tinha procurado as Brigadas. Aí eu falei: ‘me explica isso aí melhor como é que é, porque eu sou mais crua (...) Aí eu falei assim, isso aí deve ser um lugar para eu entrar, partido eu já acho grandioso demais e burocrático demais e de vez em quando com mais verborragia do que com ação e mais preocupado em eleger, mais dentro do sistema mesmo da política do que criticando essa política né? Aí na conversa da Praia mesmo que eu fiquei sabendo, aí me falei, coloca no Google Brigadas Populares lá, vai ter o blog, aí eu entrei no blog vi o conteúdo e tudo. E foi a praia mesmo que me possibilitou (...) E hoje eu tô adorando estar nas brigadas. (MAÍRA. Belo Horizonte, 15/07/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Maíra afirma que foi a partir da Praia da Estação que ela aprendeu sobre a forma de atuação e as lutas travadas por um movimento social de grande visibilidade na cidade naquele

momento, no caso as Brigadas Populares. Maíra se tornara depois militante dessa organização.

Outro depoimento que gostaríamos de destacar sobre a questão da aprendizagem é o de Ricelle: de banhista, de uma jovem que procurava o badalado encontro de jovens da Praia da Estação, ela passou, em nosso entender, também à condição de “cidadã engajada”. A jovem nos contou em seu depoimento ter conhecido a Praia da Estação através de uma matéria sobre a mesma em uma revista destinada ao público jovem. Estudante de arquitetura e urbanismo, Ricelle demonstrou em seu depoimento uma prévia visão crítica sobre a cidade e sobre a temática do urbano de maneira geral, e destacou o papel da Praia da Estação enquanto forma de aprendizagem e mudança de olhar sobre a cidade:

Mas é, depois da Praia da Estação que a gente começou a ter essa visão de ocupação da cidade e de percepção sobre os espaços públicos da cidade, qualquer lugar, a gente vai para piquenique em todos os cantos assim, a gente vai para a praça do Santa Tereza, atravessa a cidade para fazer piquenique. Acho foda o movimento da Praia, gosto muito, gosto muito (...) Rolou um aprendizado sobre a própria cidade, eu achei mesmo assim. De consciência. (RICELLE. Belo Horizonte, 20/07/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Nesse sentido, poderíamos afirmar que a mobilização social que nasceu em função de um ato da prefeitura sobre uma praça da cidade, a reivindicação pela utilização livre de um determinado espaço público propiciou aprendizados e trocas entre distintos grupos e indivíduos no interior da movimentação, bem como aprendizados a partir dos contatos e conexões que os praiheiros foram tecendo ao longo do tempo com outras movimentações sociais de Belo Horizonte — movimentos de ocupações urbanas e direito à moradia, movimentos de feirantes da cidade, movimentos reivindicatórios da área da cultura etc.⁶²

A experiência praieira se constituiu também como *experiência educativa* para quem dela participou. Para além do aprendizado político, participativo e cultural, um desses aprendizados promovidos pela Praia da Estação parece-nos ter sido bastante significativo: o aprendizado sobre a cidade, sobre a problemática urbana e sobre o poder municipal. A reivindicação trazida pela Praia da Estação a respeito da utilização livre de um determinado espaço público foi aos poucos se transformando em uma voz amplificada sobre problemas urbanos de uma maneira geral. É o que veremos no próximo capítulo.

⁶² Como exemplos desses movimentos com os quais a Praia da Estação estabeleceu contato, poderíamos citar: Brigadas Populares, artesãos da Feira Hippie de Belo Horizonte, Escola de Samba Cidade Jardim e Duelo de Mc's.

4

**Praia da Estação, a cidade e o poder municipal.
A emergência da questão urbana.**

Como dissemos ao longo do Prólogo dessa dissertação, os coletivos e iniciativas de jovens ativistas libertários em Belo Horizonte que antecederam diretamente a Praia da Estação trouxeram como preocupação central de seus questionamentos a questão da cidade e do poder municipal. O decreto de proibição de eventos de qualquer natureza na praça da Estação foi o estopim para que emergissem as insatisfações “subterrâneas” desses segmentos ativistas juvenis sobre os rumos da cidade. O primeiro chamado de protesto, o *Vá de Branco*, e posteriormente a Praia da Estação, podem ser entendidas como iniciativas que, de certa forma, catalisaram impulsos de contestação social juvenil na capital das Alterosas. A partir da movimentação, a contestação dos libertários somou-se à indignação surgida contra o decreto vindo de outros grupos de indivíduos e setores sociais (que agrupamos nos tipos ideais no presente capítulo.)

Em seus meses iniciais conviveram no interior da Praia da Estação, ora de forma harmônica e ora de forma conflituosa, pelo menos duas posições e interpretações com relação ao decreto do prefeito que recaiu sobre a Praça da Estação em janeiro de 2010. Uma posição de contestação social de cunho radical, que percebia o decreto de proibição dentro de um processo de produção do espaço urbano de maneira mais ampla — posição essa que identificamos de maneira geral como produzida pelos jovens advindos do que chamamos como “campo libertário” — e outra posição contestatória que poderíamos definir como mais pontual e localizada, uma contestação social que parece ter emergido com a indignação provocada pelo decreto da prefeitura entendido como ato autoritário e repressor que recaiu sobre um dos principais espaços públicos da cidade — posição essa trazida pelos jovens e indivíduos ligados ao que estamos definindo como o “campo da cultura”, “cidadãos engajados” e “banhistas”. Poderíamos dizer, então, que a visão dos “libertários” a respeito do decreto possuía um caráter analítico e abrangente, constituída antes mesmo do próprio decreto, e que a visão das outras categorias, indivíduos e grupos possuía um caráter mais localizado e imediatista, fruto da indignação gerada naquele momento pelo decreto número 13.798.

A interpretação e a visão do “campo libertário” acerca do decreto, acerca dos rumos da cidade e acerca do poder municipal ficaram registradas em textos produzidos pelos coletivos e jovens ativistas libertários que compuseram a Praia da Estação no blog *Praça Livre BH* e em

blogs desses mesmos coletivos — em especial os blogs do coletivo *Conjunto Vazio* e do *Dia sem Compras*, onde aparecem os textos da iniciativa *Cidade Situada*.⁶³ Na data de 21 de janeiro de 2010 apareceu um texto no blog Praça Livre BH intitulado “Praça da Estação, o Decreto, a Cidade, e as pessoas”, assinado por Luther Blisset, onde percebemos essas questões. Vejamos.

Praça da Estação, o Decreto, a Cidade, e as Pessoas

Por Luther Blissett

- Mais um ponto de vista -



FIGURA 38: [Constante do Blog Praça Livre BH em 21.01.02010.]

Tem muita gente realmente preocupada com a situação de BH hoje. E muitos também sabem que não é uma questão específica daqui.

A dita “revitalização” acontece em varias cidades do Brasil e do mundo e já faz tempo que esse processo começou. O recente decreto número 13.798 de Dezembro de 2009 entra nesse contexto que atinge vários aspectos da vida das pessoas.

O dito decreto, que proíbe “eventos de qualquer natureza” na praça da Estação, incomodou muita gente por impedir grandes eventos de acontecerem na praça da Estação. Grandes shows gratuitos não poderão mais acontecer lá. Eventos como o Festival de Arte Negra, o FIT, eventos de música eletrônica e outros. É uma grande perda, é verdade! Questão essa que se relaciona com discussões sobre democratização das manifestações artísticas e culturais, numa cidade que de fato é carente nesse quesito. Os eventos que lá aconteciam eram eventos gratuitos, possibilitando as pessoas a terem acesso a cultura sem gastar “muito”. Críticas podem ser feitas ao caráter de parte desses eventos, mas é fato, muita gente curtiu muito esses eventos, e teve oportunidade de assistir a shows que talvez não assistiriam se tivessem que pagar.⁶⁴

⁶³ É importante lembrarmos que tanto o Coletivo Conjunto Vazio, quando a iniciativa Cidade Situada, fazem parte do que definimos como coletivos “pós-antiglobalização” no Prólogo dessa dissertação, e representam dois dos principais agenciamentos dos jovens libertários que compuseram a Praia da Estação.

⁶⁴ PRAÇA LIVRE BH, On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/01/21/praca-da-estacao-o-decreto-a-cidade-e-as-pessoas/#more-36> – Acesso em 05/03/2011.

Na primeira parte do texto, Luther Blisset afirma que naquele momento muitas pessoas estavam preocupadas com a situação vivenciada pela cidade de Belo Horizonte a partir do Decreto 13.789 de dezembro de 2009, que proibia a realização de eventos de qualquer natureza em um espaço público tradicionalmente utilizado para a vivência cultural gratuita na cidade. Segundo o texto, o conteúdo do decreto era uma questão realmente preocupante por se relacionar à discussão a respeito da “democratização das manifestações artísticas e culturais” em uma cidade carente de espaços públicos para realização de eventos culturais. O Festival de Arte Negra (FAN), o Festival Internacional de Teatro (FIT) e outros eventos são citados como exemplos das possibilidades de acesso por parte da população a grandes eventos culturais e artísticos na praça da Estação. Entendemos que esse parágrafo do texto procura dialogar com a insatisfação mais comum gerada pelo decreto junto a grupos, jovens e cidadãos aos quais estamos definindo como “campo da cultura”, “cidadãos engajados” e “banhistas”.

De fato, a forma com que o decreto sobre o uso da praça da Estação fora produzido, sem diálogo algum com a população, e o conteúdo restritivo do mesmo gerou, assim que ganhou divulgação, uma insatisfação imediata nos segmentos juvenis ligados ao setor das artes, cultura e produção cultural, que percebiam e vivenciavam aquele espaço público como o lugar genuíno para grandes eventos na cidade. E gerou, também, uma insatisfação imediata de maneira mais geral nos segmentos juvenis “consumidores de cultura” por restringir o acesso a um espaço de fruição cultural com forte carga simbólica e afetiva na cidade. Encontramos essa insatisfação ao longo de toda a pesquisa. Esse parágrafo de Luther Blisset procura, portanto, dizer a respeito disso. Na seqüência do texto, o (s) autor (es) procura (m) ampliar a questão:

Esse decreto percebido por um viés mais radical, participa desse processo de “revitalização” da cidade, que se intensifica e se alastra por todo o Brasil nesses anos que antecipam a realização de uma Copa do Mundo no Brasil (2012) e de Olimpíadas (2014). Por isso acreditar que não é uma política exclusiva de um prefeito (no caso de BH, Marcio Lacerda), mas de todo um sistema social voltado para o lucro em detrimento da vida das pessoas.

Por “revitalização”, podemos entender como política urbana que procura eliminar certas situações que possam não estar em conformidade com a ordem estabelecida ou com padrões sociais pretendidos. A miséria exposta nas ruas, sejam em forma de camelôs e vendedores ambulantes, moradores de rua ou favelas e aglomerados devem ser varridos para longe dos centros urbanos. Será aberto caminho para o capital e para o consumo organizado e tutelado pelo estado e por grandes empresas. Um emburguesamento do espaço público.

Movimentações sociais também não são bem vindas e devem ser abafadas e suprimidas, em função de uma cidade ordeira e respeitadora de suas autoridades instituídas. Para isso lançam mão de recursos legais, de engenharia, arquitetura urbana e mesmo aspectos psicológicos.

A Neurose deve ser promovida, seja pelo monitoramento por câmeras nas ruas, 24hrs por dia, ao estilo Orwelian do livro “1984” ou pelo crescente contingente policial nas ruas da cidade. Somos todos suspeitos até que provemos o contrário. Qualquer passo em falso na ordem social será flagrada pelo “olho vivo”. [continua]

A cidade tende a se tornar impessoal. Pretendem que sejamos somente massa. Devemos apenas passar pela cidade. Não ter motivos e nem encontrar situações e ambientes que nos façam parar para algo além de comprar, consumir, trabalhar ou estudar. Não devem ser concebidos como locais de convívio livre, de debate, trocas espontâneas, criação de laços com pessoas e espaços urbanos. A exemplo contrário, temos a Praia na Praça da Estação, sem esquecermos do Quarteirão do Soul, o Duelo de Mc's, o Domingo Nove e Meia e vários outros projetos que podem estar correndo risco dentro dessa política de higiene social.

Grandes vias são construídas, que, além desalojar e mandar favelas para longe, abre vias que priorizem carros e veículos individualistas. Ao passo em que o sucateamento e elevação dos custos do transporte coletivo progride, e meios de transporte alternativos e mais humanos como bicicletas caem no esquecimento.

Muitas outras questões podem ser levantadas.

O caso da praça da Estação é bem específico. Trata de uma praça da cidade. Mas, além dos efeitos imediatos desse decreto, a questão se reflete em uma tendência maior.

É possível aliar todo esse debate e também vários outros, já que pode ser vista como uma luta contra uma das frentes dessa política higienista que em nada está preocupada com a vida das pessoas em relação à cidade que elas constroem.

A crítica pode ser geral e ir além da praça. É necessário derrubar esse decreto, e as iniciativas devem ser voltadas a isso. Mas pensar que o debate pode envolver toda a cidade, nosso fluxo sobre ela e como ela é organizada, pode abrir possibilidade para laços entre varias movimentações sociais e caminhar para a construção, partir de baixo, de uma cidade voltada para as pessoas.

.....

“VEM! VEM! VEM PRA PRAIA VEM! CONTRA O DECRETO!”

(um grito entoado debaixo do banho de mangueira na Praia da Estação em 16 de janeiro de 2010)

A seqüência do texto pode ser entendida como um bom exemplo da posição do “campo libertário” no interior da Praia da Estação com relação ao decreto. Podemos afirmar que o espírito do texto é o de correlacionar o contexto específico de Belo Horizonte e de sua administração municipal com processos gerais de transformação urbana vivenciados pelas principais cidades brasileiras impulsionados em grande parte pelos mega-eventos da Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016). A questão em jogo ressaltada por Luther Blisset, portanto, é a de perceber o Decreto 13.798 de dezembro de 2009 não enquanto um caso específico, mas um exemplo de como a cidade está sendo produzida e através de quais mecanismos. Na visão dos “libertários”, o decreto da praça da Estação representava um ato entre outros em um processo de produção dos espaços urbanos marcado pelas seguintes questões: por processos de “revitalização urbana”, que, no fundo, servem a políticas higienistas e de gentrificação; pela produção de uma “cidade-empresa” mercantilizada, onde as vivências devem seguir o ritmo do capitalismo; pela produção de uma cidade controlada, vigiada e monitorada pelo poder — Luther cita George Orwell e seu livro *1984*; pela restrição do convívio livre nos espaços públicos — para além do consumo, do trabalho e da produção — e pela produção cultural livre nesses espaços; pela construção do espaço urbano que privilegia o transporte individual (veí-

culos) em detrimento do trânsito das pessoas, das outras formas de transporte, como a bicicleta, e do transporte coletivo; por um cidade onde as movimentações sociais são reprimidas e as camadas populares sofrem com intervenções abusivas etc. Os “libertários” chamavam a atenção, então, de que a movimentação contra o decreto era legítima, mas que era necessário perceber, se indignar e se movimentar a respeito dos problemas da cidade como um todo. O decreto era percebido como parte de um todo que era o processo de produção urbe de maneira geral.

(...) já tinha alguma conversa sobre essas questões da reurbanização e da copa do mundo meio que começando a se espalhar, pelo menos em alguns meios informalmente, meios autônomos, espaços vamos dizer... com uma atuação mais subterrânea. E entendendo que Belo Horizonte em breve ia começar apontar aparições desse tipo, um preparo da cidade, uma reorganização da cidade para receber esse evento dos jogos em quatro anos. Então como muita gente já entendia assim que o preparo para esse tipo de evento dos jogos, é um preparo a longo prazo, né? Exige uma adaptação mesmo de muitas estruturas da cidade para poder receber tanto turistas quanto uma ocupação em massa da cidade por pessoas focadas no esquema temporário mesmo, né? Seriam os eventos. É, quando surgiu o chamado *vá de branco* muitas pessoas já entraram com esse assunto né? Que a praça seria um aviso para isso, um aviso só. Que essa política em torno da praça não era só misteriosa. Ela ter vindo do nada e com uma proibição, que ela podia estar sinalizando a vinda de novas políticas de monitoramento do centro de Belo Horizonte que tem acontecido dentro desse projeto desde 2005 né? Até quando veio o BID aqui e tal. E também viria também uma nova onda de despejos, que já tinha pessoas que estavam apontando para isso. Tipo as ocupações organizadas, por exemplo já estavam vivendo ameaças o tempo inteiro, visita da polícia, os movimentos já estavam divulgando isso. (NÔMADE. Belo Horizonte, 02/05/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira).

Representante do campo libertário, Nômade nos chama a atenção para o fato de que os jovens ativistas participantes dos coletivos e iniciativas libertárias anteriores a Praia da Estação, já vinham se movimentando, discutindo e dando visibilidade a essas questões a partir de suas ações. Conforme já dissemos ao longo do Prólogo, as transformações vivenciadas por Belo Horizonte a partir de meados dos anos 2000 foram uma das preocupações centrais e uma das questões que mobilizou ações coletivas de cunho ativista libertário na cidade. O depoimento reforça também a percepção do decreto como uma atitude do poder municipal conectada a processos mais amplos de transformação da cidade em função da Copa do Mundo em 2014. A repressão aos movimentos de ocupação urbana⁶⁵ é também mencionada por Nômade como algo que tem a ver com o processo de produção da urbe como um todo e discutidas pelas iniciativas libertárias. O que temos é uma crítica ampla sobre os processos de produção da cidade e uma crítica radical ao poder municipal por parte dos jovens ativistas libertários.

⁶⁵ Trata-se das ocupações protagonizadas pelas *Brigadas Populares* já citadas anteriormente no Prólogo.

Interessante percebermos que a crítica ao urbanismo contemporâneo — ou melhor: a crítica às formas de produção dos espaços urbanos em nosso tempo feita pelos jovens ativistas libertários — trazia elementos em comum com todo um debate crítico que circula no meio universitário e de esquerda atualmente no Brasil. Seja em seminários acadêmicos, seja na produção de intelectuais de várias áreas do conhecimento que se posicionam de maneira crítica frente a realidade, seja em jornais e revistas ligadas de certa forma à tradição de esquerda, ou mesmo através de movimentações sociais urbanas, o tema das cidades e da produção dos espaços urbanos aparece, em nosso modo de entender, de maneira marcante no rol de questões a serem enfrentadas atualmente.⁶⁶

Não teríamos condições, nesse momento, e escaparia a nossos objetivos de pesquisa, tratar com maior profundidade essa questão, e nem mesmo ousamos mapear a produção reflexiva crítica sobre a questão urbana contemporânea no Brasil. O que podemos indicar é que, ao que parece, as formas de produção do espaço urbano, a gestão contemporânea das cidades e, em especial, os impactos dos mega-eventos nas grandes cidades brasileiras têm suscitado um debate crítico a respeito dos rumos das transformações urbanas, o que tem provocado a aproximação cada vez maior das movimentações sociais nas cidades com o debate intelectual. Ou seja: a aproximação dos intelectuais com os movimentos sociais que sinalizam para a necessidades de transformações mais profundas nas formas de gestão e produção das cidades.⁶⁷

A desmistificação ou desconstrução crítica da idéia e dos processos de revitalização urbana que aparece, por exemplo, em um trecho do texto postado por Luther Blisset que analisamos acima, representa um exemplo das análises críticas sobre a produção dos espaços urbanos das cidades feitas por intelectuais e por movimentos sociais, coletivos e iniciativas dos jovens ativistas. Ao analisar as feições das gestões urbanas contemporâneas, Arantes afirma que as mesmas traçam um caminho único para a produção das cidades, que é o de “gerar respostas competitivas aos desafios da globalização” (2000, p.13). As gestões dos grandes cen-

⁶⁶ O leitor pode conferir o crescimento do aparecimento da questão urbana em periódicos de circulação nacional ligados à tradição do periodismo crítico e das esquerdas, há pelo menos um ano, a partir de uma pesquisa nas edições das seguintes revistas e nos seguintes portais de notícias: “Le Monde Diplomatique – Brasil”: www.diplomatique.org.br/; “Revista Fórum”: www.revistaforum.com.br/; “Revista Caros Amigos”: www.carosamigos.com.br/; “Revista Carta Capital”: www.cartacapital.com.br/; “Portal Carta Maior”: www.cartamaior.com.br/; “Site Passa Palavra”: www.passapalavra.info/. Últimos acessos: 05/05/2012.

⁶⁷ Como um exemplo de intelectual crítica da questão urbana no Brasil hoje, que estabelece diálogo com as movimentações sociais urbanas, citamos a professora e pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, relatora especial da ONU sobre a questão do direito à moradia adequada, Raquel Rolnik. Ver blog: www.raquelrolnik.wordpress.com. Acesso em 05/02/2012. Um exemplo de movimentação social urbana no Brasil contemporâneo que estabelece aproximações com o debate intelectual acerca da produção dos espaços urbanos sob o impacto dos mega-eventos, podemos citar os *Cômites Populares dos Atingidos pela Copa do Mundo* em todas as sedes dos jogos. Ver: www.atingendoscopa2014.wordpress.com. Acesso em 05/02/2012.

tros urbanos contemporâneos, segundo a autora, sinalizam para a produção de cidades empreendedoras que atraíam investimentos e capitais na dinâmica da livre concorrência dos mercados urbanos. As cidades tornam-se então “empresas” que competem entre si para a atração e reprodução do capital. Nesse processo de gestão contemporânea da urbe em um contexto de competição global por atração de investimentos, segundo Arantes (2001, p.33/34.) o conceito de “revitalização urbana” é utilizado como eufemismo para ocultar processos de higienização social nas cidades, ou, em outras palavras, processos de gentrificação:⁶⁸

Pois é: da Carta de Atenas à corretagem intelectual de planos de gentrificação, cujo caráter de classe o original em inglês (*gentry*) deixa tão vexatoriamente a descoberto. Daí a sombra de má consciência que costuma acompanhar o emprego vergonhoso da palavra, por isso mesmo escamoteada pelo recurso constante ao eufemismo: revitalização, reabilitação, revalorização, reciclagem, promoção, requalificação, até mesmo renascença, e por aí afora, mal encobrindo, pelo contrário, o sentido original de invasão e reconquista, inerente ao retorno das camadas afluentes ao coração das cidades. (ARANTES, 2001, p.31)

Ao mesmo tempo em que acontecia esse debate crítico trazido pelo “campo libertário” à Praia da Estação, que expressava uma crítica mais geral sobre a cidade, houve, como já dissemos, debates no interior da movimentação que se preocuparam especificamente com o Decreto 13.789 que recaiu sobre a praça da Estação. Não menos importantes, essas iniciativas se voltaram para o estudo da legislação municipal e pela busca de canais institucionais como forma de se questionar a legitimidade ou legalidade do decreto. De maneira geral percebemos que os jovens e indivíduos que definimos como pertencentes à categoria do “campo da cultura” e à categoria de “cidadãos engajados” voltaram-se, então, para o estudo do Código de Posturas da cidade sancionado a 8 de abril de 2010, o qual propõe regular a utilização do espaço urbano por parte dos cidadãos,⁶⁹ pela participação em audiências públicas, onde se discutiu a situação da praça da Estação junto ao poder público,⁷⁰ pela confecção de um abaixo-assinado

⁶⁸ Chama-se *gentrificação* (um neologismo que ainda não consta de dicionários de Português) ou *enobrecimento urbano*, de acordo com algumas traduções, a um conjunto de processos de transformação do espaço urbano que ocorre, com ou sem intervenção governamental, nas mais variadas cidades do mundo. O *enobrecimento urbano*, ou *gentrification*, diz respeito a uma intervenção em espaços urbanos (com ou sem auxílio governamental), que provocam sua melhoria e conseqüente valorização imobiliária, com retirada de moradores tradicionais, que geralmente pertencem a classes sociais menos favorecidas, dos espaços urbanos. Fonte Wikipedia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gentrifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 05/04/2012.

⁶⁹ Disponível em
http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=regulacaourbana&evento=portlet&lang=pt_BR&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&pg=5570&tax=23290&taxp=0. Acesso em 18/04/2011.

⁷⁰ Ver vídeo sobre a audiência pública da praça da Estação realizada em 24 e março de 2010 disponível em
<http://www.youtube.com/watch?v=VQo5bdPk-cw>. Acesso em 13/05/2011. Ver relato de participante sobre audiência pública publicado no Blog Praça Livre BH, em
<https://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/25/relato-de-quem-esteve-na-audiencia-publica-da-praca-da-estacao-2/>. Acesso em 13/05/2011.

contra o decreto, pela procura de formas de se questionar juridicamente o decreto junto a advogados que se aproximaram da movimentação. Todas essas iniciativas traziam em seu bojo uma crítica à gestão que julgavam antidemocrática e autoritária do prefeito Márcio Lacerda. Da convivência entre essas duas posições distintas e complementares no interior da Praia da Estação — uma de crítica mais geral sobre os rumos da cidade e outra contrária especificamente ao decreto — o que percebemos depois foi a diminuição das diferenças entre as duas posições. Com o tempo, parece-nos que as preocupações dos ativistas praiheiros de modo geral parecem ter se fundido, devido a processos de troca e aprendizados mútuos no interior da movimentação, bem como devido a acontecimentos que se seguiram na praça e na cidade. A lista de e-mails e o blog Praça Livre BH passam a receber notícias, denúncias, comentários, vídeos, montagens fotográficas, peças gráficas etc. relativas ao poder municipal e a cidade de Belo Horizonte que expressam, da parte dos ativistas, preocupações que vão para muito além da questão do decreto que recaiu sobre a praça. Para além da preocupação com a utilização dos espaços públicos da cidade, a Praia da Estação percebia, divulgava e se solidarizava com diversas insatisfações sobre os rumos da cidade oriundas de diversos setores sociais. Vejamos alguns posts no blog BH que exemplificam o que estamos dizendo.

Mais sobre o Emburguesamento do Centro de BH
fevereiro 5, 2010

Modernização. Prefeitura quer realizar PPP para revitalizar comércio no local conhecido pela prostituição

Prostíbulos na Guaicurus podem ser trocados por hotéis de luxo

Comerciantes apoiam ideia, mas prostitutas temem perda de trabalho

FLAVIANE PADILÃO
A vitrine era a rua. Em exposição, mulheres. Com o sexo, elas ganhavam a vida, sustentavam os filhos ou o vício. O ponto já não era bom, mas tinha fama de zona boêmia e casa de Hilda Furacão. Essa é a rua Guaicurus dos anos 1990, no centro da capital, que, mesmo estigmatizada e degradada, conseguiu atrair alguns ousados comerciantes atacadistas. De olho no movimento da rodoviária, eles viram um bom negócio na região. Quase 20 anos depois, a curta distância para o terminal aliada à Copa do Mundo de 2014 serão usadas como atrator

Prostíbulos na Guaicurus podem ser trocados por hotéis de luxo - Página 1

afirmou Maria Caldas. Os estudos de viabilidade da PPP serão feitos independentemente das decisões sobre a rodoviária.

Se a intenção da prefeitura se concretizar, a capital irá reduzir o déficit de leitos para o mundial de 2014. Existem atualmente cerca de 12 mil quartos na capital, número abaixo do ideal exigido, que é 18 mil.

"A revitalização é boa para o comércio. Só acho difícil acabar com as zonas", afirmou o comerciante Flávio Magalhães Neves, 50. No próximo mês, ele completa 19 anos de trabalho no mesmo lugar. "A prostituição acabou trazendo o tráfico de drogas e os jogos de azar. Com a polícia nas ruas, a situação melhorou um pouco", analisou.

algumas o reclamar quer

sair ou achar a revitalização uma boa. A maioria está aqui (na rua Guaicurus) porque precisa. Em um mês muito bom de trabalho, tiro até R\$ 8.000", disse uma garota de programa que pediu para não ter a identidade revelada. Ela trabalha na Guaicurus há nove dos seus 28 anos.

Incentivo O que?
Hotéis. Três imóveis que foram construídos no centro para serem hotéis, mas que estão inutilizados, são objeto de estudos de empreendedores para reativação, visando os jogos da Copa em 2014.

FIGURA 39: Post que traz uma notícia sobre gentrificação na rua Guaicurus.
Fonte: Blog Praça Livre BH

A prostituição seria substituída por hotéis de luxo dentro do planejamento para receber a Copa do Mundo em 2014.

Parada Disney!? Tá de brincadeira né?

março 25, 2010

Galera, não sei se vcs já estão por dentro do evento que vai rolar neste sábado dia 27/03 na orla da Lagoa da Pampulha. Parece que estão de brincadeira com a gente. Mickey Mouse e companhia lmtd. irão desfilar pela orla trazendo alegria para o coração e vento para a cabecinha de nossas crianças. Não é questão apenas de patriotismo, mas de vergonha na cara. Como disse o morador Antônio Carlos Carone para o Tempo: "Enquanto o Pato Donald e o Mickey chegam aqui com os interesses econômicos, nós fazemos o papel de Patetas." Pô, isso é quase como se os EUA permitissem uma parada da antiga URSS em frente à casa branca para fazer propaganda de seu novo arsenal militar que estaria à venda aos patetas americanos. Só que **eles** nunca foram tão bobos assim, né?

Árvores foram cortadas, houve canteiro central demolido, e mudaram grande parte da sinalização ao redor da orla somente para esse evento. Segundo eles, depois disso a Nestlé, que patrocina o evento, vai arcar com a reconstrução de tudo. Mas qual o sentido da destruição em primeiro lugar. A maioria dos moradores da Pampulha estão revoltados com toda essa mobilização e acho que nós cidadãos belorizontinos e, antes disso, brasileiros, também deveríamos nos revoltar com essa situação.

Abraço a todos,

Ivan Mortimer.

FIGURA 40: *Post* que denuncia os estragos causados por evento.
Fonte: Blog Praça Livre BH

O post denuncia os estragos causados por evento de uma multinacional da indústria cultural e do entretenimento em uma das áreas-símbolo da cidade de Belo Horizonte: a orla da lagoa da Pampulha. Estava em pauta, portanto, uma das principais críticas produzidas pela Praia da Estação: a da privatização do espaço público.⁷¹

⁷¹ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/03/25/parada-disney-ta-de-brincadeira-ne/>. Acesso em 04/02/2011.
Nem todos os posts que selecionamos foram inseridos na íntegra devido a questões de espaço.

FIT 2010 cancelado

março 18, 2010

O Festival Internacional de Teatro, importante evento do calendário belo horizontino, que em várias ocasiões, apresentou peças na Praça da Estação, foi cancelada este ano por motivos sombrios. Thaís Pimentel, presidente da Fundação Municipal de Cultura, explicou os motivos (sic) da decisão: a copa do mundo e as eleições presidenciais, fatos que aconteceram em 2006 sem prejuízos para a realização do festival daquele ano.

Thais também alegou que as peças inscritas pelo edital (http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=Edital_FIT_mineiro_DOM.pdf) não formaram um número relevante de boas montagens para formar a grade do evento, segundo a curadoria.

No twitter, os usuários tem mostrado sua indignação com a decisão: <http://twitter.com/#search?q=fit%20bh>

Sem a Praça da Estação, com cortes de orçamento na lei municipal de incentivo a cultura, e agora sem o FIT, a Prefeitura e seus órgãos provam que têm razão ao **implorar** aos cidadãos que amem sua cidade "radicalmente"

FIGURA 41: *Post* divulga cancelamento do Festival Internacional de Teatro (FIT)

Fonte: Blog Praça Livre BH

Post que divulga o cancelamento por parte da Prefeitura de Belo Horizonte do Festival Internacional de Teatro (FIT), evento tradicional no calendário cultural da cidade. O “campo da cultura” no interior da Praia da Estação e os praieiros de maneira geral se mobilizaram junto a outros setores contrários ao cancelamento do FIT. No período houve manifestações na cidade questionando a gestão da cultura no município, que teve com um dos frutos o recuo da prefeitura com relação ao cancelamento do festival e o surgimento de novos agenciamentos como, por exemplo, o movimento *Nova Cena*, formados por indivíduos ligados a área da cultura.⁷²

⁷² PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/03/18/fit-2010-cancelado/>. Acesso em 07/03/2011. Sobre o movimento *Nova Cena*, ver: <http://movimentonovacena.wordpress.com/>. Acesso em 27/11/2011.

Posts de abril \28\UTC 2010

« Entradas mais Antigas

Carro e Copa

abril 28, 2010

Pessoal: já viram como anda a todo vapor a política mineira de um carro por habitante? Depois das duplicações, agora mais madeira abaixo. A ufmg está "trocando" com o estado uma área verde para que, juntos, a tornem cinza. Uma será desmatada pra mais carros estacionarem na ufmg. Outra, por sua vez, será desmatada e habilitada para o bom fluxo (de carros, é claro) chegarem ao mineirão para os jogos de futebol.



Esta é a cidade em que vivemos. Mas queremos? Esse assunto merece praia! Junto da Granja Wernek esse é outro passo atrás da política em relação ao bom relacionamento com o ambiente. Vamos pra praia!

FIGURA 42: *Post sobre obras viárias na cidade*
Fonte: Blog Praça Livre BH

Post que trata de forma crítica as obras viárias na cidade para recepção dos jogos da Copa do Mundo de 2014, apontando problemas relativos à questão ambiental. Interessante percebermos que o texto é iniciado com uma pergunta que revela a crítica da política de mobilidade urbana baseada no automóvel.⁷³

⁷³ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/04/28/carro-e-copa/>. Acesso em 04/02/2011.

COPA-COLA NÃO COLA!

junho. 11, 2010



FIGURA 43: *Post* sobre a realização da Fan-Fest. 2010.

Fonte: Blog Praça Livre BH

Post que trata de forma crítica a questão da realização da Fan-Fest da FIFA na Copa do Mundo, na praça da Estação, em 2010. O flyer convidava para um debate onde o questionamento maior era a privatização do espaço público por parte de grandes empresas.⁷⁴

SOMOS TOD@S PIORES DE BELÔ

setembro 30, 2010

[Este texto vêm na esteira de outros textos e discussões puxados sobre o assunto recentemente através da internet. Trata-se de um texto sem autoria, criado a muitas mãos durante as últimas semanas. Sua reprodução é permitida e desejada]

SOMOS TOD@S PIORES DE BELÔ



Enquadrados como...?

No último dia 24 de Agosto, numa terça-feira, seis homens foram presos em Belo Horizonte acusados pelo crime de formação de quadrilha. Os seis são mais conhecidos por seus nomes de guerra: Lic, Lisk, Fama, Goma, Sadok e Ranex, e a "quadrilha" em questão ganhou popularidade na cidade como Os Piores de Belô. O crime praticado por eles, enquanto "quadrilha", não é dos mais comuns nessa classificação: pixação.

FIGURA 44: Sobre o tratamento dado a pichadores em Belo Horizonte

Fonte: Blog Praça Livre BH

⁷⁴ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/04/28/carro-e-copa/>. Acesso em 05/03/2011.

Texto postado no blog e que refletia e contestava a forma de tratamento dado aos pichadores por parte do poder público em Belo Horizonte. No caso específico, trata-se da prisão e enquadramento legal como formação de quadrilha de um grupo de pichadores conhecido como *Piores de Belô*. A repressão desmedida contra esse grupo provocou reações de protesto por parte dos jovens ativistas e rendeu muitas discussões entre os participantes da Praia da Estação.⁷⁵

Copa 2014 em Belo Horizonte: 2.600 famílias na rua?

agosto 29, 2010

por Raquel Rolnik

<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/copa-2014-em-belo-horizonte-2-600-familias-na-rua>



O projeto de melhoramento e adequação do Anel Rodoviário não prevê recursos para a população que será removida. Quase 2.600 famílias moradoras da Vila da Luz e da Vila da Paz, em Belo Horizonte, estão ameaçadas de remoção em função da obra de

melhoramento e adequação do Anel Rodoviário.

O projeto, orçado em cerca de R\$ 800 milhões, não prevê recursos para remoção e reassentamento da população envolvida e já teve o edital anulado pelo TCU (19/08/10), que alegou irregularidades correspondentes a um sobrepreço de cerca de R\$300 milhões.

A ocupação, feita por famílias de baixa renda desde 1981, nunca recebeu investimentos públicos e vive em extrema precariedade há três décadas, sem serviços básicos de iluminação, abastecimento de água, esgoto ou coleta de lixo, e ainda sofre com os riscos decorrentes da proximidade com a rodovia.

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) havia apresentado uma notificação aos moradores com o prazo de 15 dias para que se retirassem do local e sem apresentar qualquer alternativa. Os projetos de adequação do Rodoanel de BH têm sido divulgados pelo Governo do Estado de Minas Gerais como uma das obras de preparação da cidade para a Copa de 2014.

FIGURA 45: *Post* sobre remoção de famílias para obras urbanas

Fonte: Blog Praça Livre BH

Trecho de post que trata da remoção de famílias em função de obras no anel rodoviário de Belo Horizonte.⁷⁶ Interessante percebermos (na parte superior direita) que o texto é

⁷⁵ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/09/30/somos-tods-piores-de-belo/>. Acesso em 04/02/2011.

⁷⁶ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/08/29/copa-2014-em-belo-horizonte-2-600-familias-na-rua/>.
 Acesso em 17/03/2011.

produzido pela professora Raquel Rolnik, que já citamos como exemplo de intelectual lida pelos ativistas urbanos.

Fora com a feira? O que mais vai junto na poeira?

outubro 27, 2010

Sabe aquela feirinha ali no centro, na avenida Paraná com Amazonas? A PBH quer passar esfregão lá também! Pergunta: nesse varredouro, no meio da poeira, como ficam o *Quarteirão do Soul* (que acontece ali aos sábados) e aquele Mercado Novo (conhece? não, não é o Central!)? Mais medidas higienistas do projeto Centro Vivo. A matéria abaixo foi publicada um mês atrás.



FIGURA 46: Sobre retirada de feira de hortifrutigranjeiros
Fonte: Blog Praça Livre BH

Post que denuncia a retirada de uma feira de hortifrutigranjeiros, produtos do campo e populares do centro da cidade de Belo Horizonte. O texto ainda pergunta sobre o que poderá acontecer com uma manifestação cultural da cidade que acontece na mesma região aos sábados dentro da política julgada como “higienista” por parte do poder público municipal.⁷⁷

Massacre Anunciado

novembro 24, 2010

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/11/481302.shtml>

O link contém informações sobre o desalojo de 20mil pessoas que está sendo feito pela Prefeitura de Belo Horizonte e pelo desGoverno do Estado de Minas Gerais, parte da higienização fascistóide que parece anteceder os jogos da Copa.

Nenhuma alternativa, mesmo que mentirosa ou oportunista foi feita pelo governo. As famílias vão das casas para as pontes da cidade.

20mil pessoas serão expulsas de suas casas na época em que as chuvas castigam a cidade, os morros desabam e as vias alagam.

20mil pessoas tratadas como criminosas por se recusarem à indignidade. seu crime, construir suas casas em terrenos abandonados, vazios, que não pagavam os devidos impostos ou garantiam sua função social constitucional.

Estas pessoas se recusam à sair de suas casas, e o governo vai enviar o Choque para retirá-las.

repassem, visitem o blog, assinem o manifesto, é importante.

ocupe a cidade

FIGURA 47: Sobre despejo de pessoas para obras da Copa do Mundo
Fonte: Blog Praça Livre BH

⁷⁷ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/10/27/fora-com-a-feira/> - Acesso 18/03/2011.

Post denuncia o despejo de cerca de 20.000 pessoas em função das obras realizadas na cidade para a preparação para a Copa do Mundo de 2014. O texto classifica os atos da prefeitura e do governo de Minas Gerais como “higienização fascistóide”.

Atingidos pela chuva protestam e enfrentam PM

novembro 25, 2010

http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna,id_sessao=7&id_noticia=

A cobertura está no link acima. Sério, é muito absurdo. Então é assim que as coisas são, tá rolando um fascismo nojentto nessa cidade. Além dessa notícia, ainda teve a outra de que a Prefeitura sabia do temporal e não avisou os moradores:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2010/11/24/interna_gerais,194:ja-sabia-do-temporal-e-nao-avisou-moradores.shtml

Segundo a Carta de uma moradora do bairro: “ Hoje, 23 de Novembro de 2010, aconteceu uma enchente como nunca antes. Pessoas que moram no bairro há mais de 50 anos diziam nunca ter visto algo igual. Pois bem, nos reunimos e fomos à luta mais uma vez e mostramos a BH e ao país (ainda que pela mídia sensacionalista) a nossa existência; já que somos um bairro que a Prefeitura quer, a cada dia, extinguir do mapa. Isso eu digo pelo fato de nunca conseguirmos o falso “Orçamento Participativo”; pelo fato de o ônibus servir apenas aos demais bairros vizinhos (pasmem: depois da construção da Linha Verde, feita pelo Sr. Aécio, a linha 5101 - SUZANA/CRUZEIRO - passa em apenas 1 rua do bairro Suzana e o ponto final encontra-se no bairro de classe média Dona Clara); pelo fato de retirarem várias famílias para a construção da Linha Verde; pelo fato de não existirmos no mapa de BH, e olha que geograficamente pertencemos a tão nobre regional Pampulha. De dia ficamos sem água e agora a noite estamos sem luz, muitas casas ainda com barro. Sofrimentos, revoltas, ações e reações das mais diversas formas foram feitas: muitos rezavam o tempo todo; alguns se reuniram e chamaram o poder público (discutiam, negociavam, reivindicavam seus direitos); outros se uniam e botavam fogo nas coisas perdidas pela avenida Cristiano Machado. Cada um reagindo da forma que foi possível.”

FIGURA 48: Links sobre protestos de moradores despejados

Fonte: Blog Praça Livre BH⁷⁸

Post que traz links de jornais e informações sobre protestos de moradores que sofreram com inundações no período de chuvas em uma região onde foi construída uma das maiores obras viárias da cidade nos últimos anos: a chamada *linha verde*.⁷⁹

⁷⁸ PRAÇA LIVRE On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/11/24/massacre-anunciado/>. Acesso em 13/04/2011.

⁷⁹ PRAÇA LIVRE On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/11/25/atingidos-pela-chuva-protestam-e-enfrentam-pm/>. Acesso em 05/02/2011.

Dia 1, 2 e 3 de dezembro são Dias de Ação Global contra o Mercocidades e a Frente Nacional de Prefeitos!

Nos encontramos nas ruas!

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas.



Entre os dias 1º e 3 de dezembro de 2010, Belo Horizonte sediará a XV Cúpula da Rede Mercocidades e a 58ª Reunião Geral da Frente Nacional de Prefeitos (FNP).

A realização conjunta dos eventos lança o tema "Desafios e perspectiva para o desenvolvimento local e integração regional" a ser discutido e debatido por Prefeitos, Gestores e Técnicos de mais de 400 cidades, destacando as principais cidades brasileiras no âmbito da FNP que se somam às dos 8 países no âmbito da Mercocidades: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Perú, Uruguai e Venezuela.

Não são bem-vindos! Seus projetos são massacre anunciado, ordens de despejo, organização de uma cidade cada vez mais truculenta e mercantilizada!

FIGURA 49: Sobre a Reunião da Frente Nacional de Prefeitos e Mercocidades

Fonte: Blog Praça Livre BH

Post que trata de forma crítica a realização em Belo Horizonte da Reunião Geral da Frente Nacional de Prefeitos e do evento Mercocidades, em Belo Horizonte. No período, os participantes organizaram um protesto chamado *Roupa Suja se Lava em Casa*,⁸⁰ na porta do local onde era realizado o evento. Na ocasião, foi dada ênfase especial ao problema do despejo judicial das famílias que viviam nas ocupações Camilo Torres (Barreiro), Irmã Dorothy I (Barreiro), Irmã Dorothy II (Barreiro), Conjunto Águas Claras (Barreiro), Dandara (Céu Azul), Recanto UFMG (av. Antônio Carlos) e Torres Gêmeas (Santa Tereza). A idéia então do protesto era dar visibilidade aos problemas de Belo Horizonte numa oportunidade como aquela, em um evento de grande repercussão, bem como procurar deslegitimar o encontro dos prefeitos.⁸¹

A partir desses exemplos retirados do blog Praça Livre BH, pode-se perceber que as preocupações dos participantes da Praia da Estação foram muito além do Decreto 13.789 que recaiu sobre a praça da Estação em dezembro de 2009. Percebemos também que as críticas

⁸⁰ A respeito da movimentação "Roupa suja se lava em casa", ver
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/11/28/roupa-suja-se-lava-em-casa/>. Acesso em 03/04/2011.

⁸¹ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2010. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/11/13/mediocidades/>. Acesso em 03/06/2011.

mais gerais sobre os rumos das transformações urbanas e sobre a política municipal — julgada autoritária, repressiva e produtora de uma cidade do “controle” e privatizada de acordo com os ditames do capital — trazidas pelos ativistas do campo libertário à Praia da Estação parecem ter sido potencializadas e complementadas pelo desenvolvimento de um olhar por parte dos participantes praieiros que podemos definir como “vigilante” sobre a cidade e sobre o poder municipal. Essa vigilância atenta a questões que cercavam a cidade e a prefeitura produziu, em nosso entender, um conjunto de informações que comunicava e dava visibilidade a um “ethos” do dissenso em Belo Horizonte.

Melucci nos chama atenção a respeito da característica de as movimentações sociais contemporâneas se comportarem enquanto *meios de comunicação social*,

(...) su función es revelar los problemas, anunciar a la sociedad que existe un problema fundamental en um área dada. Tienen una creciente función simbólica, tal vez podría incluso hablarse de una función profética. Son una especie de nuevos medios de comunicación social. (MELUCCI, 1999, p.70)

Nos termos de Melucci, poderíamos afirmar que o problema fundamental anunciado pela Praia da Estação foi a própria questão da cidade e a forma como o poder municipal lidava com a questão urbana. Através da ocupação simbólica de uma praça da cidade e do ciberativismo o,s participantes da movimentação trouxeram à tona a discussão pública sobre a vida na urbe.

(...) los movimientos funcionan, ante el resto de la sociedad, como na classe especial de médium cuya función principal es la de sacar a la luz lo que el sistema no dice por si mismo, la cuota de silencio, de violencia, de arbitrariedad que siempre subyace en los códigos dominantes. (...) No se trata de que no empleen palabras y slogans o mensajes, sino que su papel como intermediários, entre los dilemas del sistema y la vida diaria de las personas, se manifiesta principalmente en lo que hacen: su mensaje central consiste en el hecho de que existen y actuán. Con ello indican a la sociedad que hay un problema que concierne a todos sus miembros, em torno al cual están surgiendo nuevas formas de poder. Del mismo modo, los movimientos declaran que aquello que la estructura de poder presenta como solución al problema no solo no es la única posible sino que oculta una serie de intereses, el núcleo de um poder arbitrario y la opresión. Por médio de lo que hacen y de su forma de hacerlo, los movimientos anuncian que existen otros caminos, que siempre habrá otra forma de enfocar un asunto, y que las necesidades de los individuos o de los grupos no pueden reducirse a la definición que de ellos hace el poder. (MELUCCI, 1999, p.126.)

A partir dessa reflexão de Melucci, poderíamos pensar a Praia da Estação como uma movimentação social produtora, divulgadora de informações e sentidos contra-hegemônicos ao poder na cidade. O lema da comunicação alternativa produzida pelos coletivos e movimentações sociais em contraposição às grandes empresas da comunicação — *Não curte a mídia? Seja a mídia!* — talvez seja uma frase que nos propicie uma forma de interpretar o que foi a

Praia da Estação: um meio de comunicação alternativo sobre a vida da cidade, uma “antena parabólica” conectada no movimento do cotidiano urbano, conectada nos conflitos urbanos emergentes e conectada na dinâmica do poder municipal. Ou seja: a Praia da Estação nos pareceu ser, através da ação ciberativista e da ocupação simbólica da praça da Estação, um meio de comunicação alternativo, um “receptor” atento e sensível a diversas injustiças, contestações e indignações oriundas de diversos setores sociais da cidade que, ao mesmo tempo em que recebia ou produzia informações, as replicava na cena pública urbana. “Antena parabólica” essa, portanto, que procurou transmitir aos demais cidadãos de Belo Horizonte questões pouco visíveis ou propositadamente ocultas pelo poder e pela mídia tradicional a ele vinculada e que procurou dar visibilidade aos conflitos, injustiças e opressões vivenciadas na cidade ao que não é desejável e causa indignação. Uma “antena parabólica”, enfim, que procurou trazer para a cena pública questões significativas sobre a vivência cotidiana urbana.

O que é importante relativizar é o grau de capacidade de transmissão dessa “antena parabólica praieira”.

E aí o povo passando a margem sabe e sem saber o que tava pegando, parecia um bando de universitário é ... tirando uma onda com o prefeito, você tá entendendo?

É cara, na cara do metrô, o metrô é central e ali poderia estar rolando uns panfletos instruindo o pessoal, dizendo gente isso aqui que nós estamos fazendo não é um bando de gente querendo aparecer não, nós estamos correndo do holofote, nós estamos querendo mostrar para vocês e juntar com vocês para nós podermos mudar BH, sabe? E aí nenhum panfleto rolando e as pessoas passando sem saber o que estava acontecendo pô ... esse carnaval fora de época (...) (NOVATO, Belo Horizonte, 07/07/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Entendemos essa fala de Novato como muito importante por revelar limites a respeito das formas de contato e comunicação da Praia da Estação com a população da cidade. Um “poeta marginal” da periferia, Novato expõe seu estranhamento de classe com os participantes da movimentação e expõe suas críticas a sua falta de diálogo e comunicação com a população que transitava pelas cercanias da Praça da Estação em dias de ocupação praieira: “(...) nenhum panfleto rolando e as pessoas passando sem saber o que estava acontecendo (...)”. Se, por um lado, viemos até aqui afirmando a “novidade” e potência do ciberativismo, forma de comunicar e meio de tornar visível a problemática urbana — expresso fundamentalmente através do blog e da lista de e-mails Praça Livre BH — por outro lado entendemos, como Novato, que, de certo modo, houve pouca atenção para a utilização de formas tradicionais de comunicação dos movimentos sociais com o conjunto da população — a utilização de panfletos e o diálogo “corpo a corpo” com as pessoas.

Uma outra coisa muito importante que nós não conseguimos fazer foi um diálogo com as pessoas do entorno, com os comerciantes do entorno, com os moradores do entorno, que eu acho que foi a grande falha da praia, a grande falta era ter um maior apoio dos moradores e dos comerciantes da região. Que eu sei que se a gente tivesse conseguido pelo menos levar um panfleto regularmente para eles sobre o que era a praia, nós tínhamos conseguido muito mais gente com muito mais bandeiras para o movimento, porque a questão do Centro ali é grave. (Fidélis, Belo Horizonte, 21/06/2011. Entrevista a Igor Thiago Moreira Oliveira)

Fidélis aponta para a falta de diálogo da Praia da Estação com a população no entorno da praça — seja através de panfletos, ou seja: pelo “corpo a corpo” — como a “grande falha da Praia.” Segundo ele, se o diálogo tivesse existido, outras “bandeiras” surgiriam para o movimento, porque a questão do Centro de Belo Horizonte era “grave”.

Interessante percebermos que, se por um lado tivemos a potência do ciberativismo enquanto forma de ser da Praia da Estação, potência das trocas e dos encontros em rede, potência da criação e divulgação de informações e “artefatos ativistas” (vídeos, músicas, flyers, textos, imagens, relatos, debates etc.) — potências essas realizadas através das novas tecnologias da comunicação e informação — por outro lado tivemos a dificuldade ou pouco desejo dos participantes em dialogarem com quem mais próximo deles estava: a população do entorno da praça da Estação. Assim, através da Internet a Praia da Estação procurava expor para um universo sem limites o que se passava na cidade, mas não conseguiu falar sobre essas mesmas questões com quem passava ou estava nas cercanias das praias aos sábados.

Como entender essa aparente contradição? Como interpretar essas limitações da Praia da Estação no que diz respeito à expansão do debate e do diálogo com a população sobre a utilização dos espaços públicos e sobre os problemas urbanos vivenciados pelos cidadãos de Belo Horizonte?

Um dos possíveis caminhos para responder a essas questões, e talvez o mais visível, tenha a ver com as mudanças contemporâneas nas formas de sociabilidade e mudanças nos modos comunicativos das gerações mais jovens, cuja tendência parece ser a de se deslocarem ou se realizarem cada vez mais nos chamados “espaços virtuais”. Na Internet, a Praia da Estação demonstrou sua potência comunicativa de trocas, de solidariedade, de produção e divulgação de informações, de sensibilidade para os problemas urbanos como um todo, ao mesmo tempo em que não demonstrou essa potência contestatória no diálogo com a população que transitava e habitava de alguma forma o centro da cidade. Mas entendemos que esse argumento a respeito das formas comunicacionais das gerações mais jovens seja insuficiente para tentarmos entender a falta de diálogo e a falta de um trabalho de mobilização da Praia da Estação para com a população que dela foi “vizinha”, ainda mais se considerarmos que há muito que

conhecer sobre essas tendências da sociabilidade e comunicação das gerações mais jovens para afirmarmos que a influência da Internet seja tão decisiva.

Expandindo ainda mais a reflexão sobre a falta de comunicação da Praia da Estação com a população do seu entorno, talvez podemos perceber que os limites apontados pelos participantes da movimentação revelam aspectos que tenham a ver com uma nova cultura da contestação social, protagonizada por novas gerações, dissociada ou rompida de certa forma com a tradição de esquerda. Essa descontinuidade ou rompimento com a tradição de esquerda, que a nós, por um lado, parece marcar aspectos da potência contemporânea da contestação social — horizontalidade, organização em rede, afirmação da individualidade, reinvenção dos protestos, ciberativismo etc. — por outro lado expõe limitações de gerações de ativistas que parecem optar pela recusa ao aprendizado de aspectos positivos e importantes das lutas sociais da tradição de esquerda. No caso específico da falta de diálogo da Praia da Estação com a população de Belo Horizonte, parece ter faltado junto a ela a realização de um “trabalho de base” — valendo-nos aqui da linguagem dos movimentos sociais.

De qualquer forma, essas questões não invalidam a hipótese de que a Praia da Estação foi um meio de comunicação, uma antena parabólica que recebia e transmitia informações, denúncias, injustiças e problemas urbanos a outras movimentações sociais da cidade, através do ciberativismo e da solidariedade manifesta. Fez isso a seu modo e com suas limitações.

Dito isso, podemos pensar a Praia da Estação enquanto movimentação social que parece ter expressado a constituição de novas necessidades urbanas trazidas por gerações jovens, tais como o direito ao usufruto do espaço público, qualidade de vida na cidade — incluindo questões amplas como a questão ambiental, direito à mobilidade urbana, à livre expressão cultural, à não-opressão, à participação nas tomadas de decisões etc. Se compararmos essas necessidades trazidas pelas gerações mais jovens com as necessidades postas pelos chamados “movimentos sociais urbanos” de décadas anteriores, poderemos nos aproximar das diferenças e compreender melhor os aspectos da contestação social urbana na contemporaneidade, e, no caso específico, aqueles aspectos que permearam a Praia da Estação.

A década de 1980 do século passado, década de abertura política e estímulo à participação social no Brasil, assistiu ao crescimento de movimentos sociais nas principais cidades do país. Dentre esses movimentos sociais de maior visibilidade no período, destacamos o que conceitualmente ficou marcado como Movimentos Sociais Urbanos.⁸² Esses movimentos possuíam como principais características serem de talhe reivindicativo de identidades específicas

⁸² Castells (1983), Ammann (1991), Gohn (1982, 1985, 2001)

— gênero, etnia etc. — ou de demanda por estrutura urbana — moradia, transporte, saneamento, estrutura viária etc. — e serviços urbanos públicos de consumo coletivo — serviços de saúde, educação, coleta de lixo, transporte público etc. — e por se organizarem de forma associativa, tendo como referência bairros e locais de moradia. Os tempos eram então do surgimento, fortalecimento e visibilidade das formas associativas de base local: as associações comunitárias e associações de bairro, vilas e favelas.

Belo Horizonte não escapou a essa tendência. Aliás, marcada pela carência de serviços de consumo coletivo e pela construção espacial segregada, desde a fundação da cidade movimentos de reivindicação por melhorias urbanas existiram (SOMARRIBA, AFONSO, 1985). Também na década de 1980 a capital mineira assistiu a um expressivo crescimento de associações de moradores que reivindicavam questões relacionadas à problemática urbana. Uma estimativa feita por Afonso (1985) constatou no período a existência de 265 associações que se declaravam ligadas a reivindicações urbanas. Tais associações estabeleceram no período canais diretos de diálogo e intermediação com o Estado que delinearão tipos e sistemas de relações que nem sempre traziam benefícios aos moradores. De forma geral, o que se verificou por parte do Estado e dos atores políticos a ele ligados foi a tendência de utilização das reivindicações dos moradores e associações como moeda de troca política, como também uma tendência forte de cooptação das principais lideranças dessas movimentações por parte do poder para a institucionalidade. (SOMARRIBA, AFONSO, 1985; GONH, 1982 e 1985). As configurações societárias do período, ou seja, a sociedade típica industrial urbana, foi o cenário onde tais movimentações se desenvolveram.

Nesse sentido, entendemos que a Praia da Estação parece não corresponder ao conceito clássico de “Movimentos Sociais Urbanos” cunhado numa sociedade de tipo industrial como a do século passado. Se os movimentos sociais urbanos surgidos nas últimas décadas do século XX estabeleceram uma relação umbilical com a institucionalidade e o poder — o que conformou, inclusive, os limites de sua potência contestatória — temos com a Praia da Estação a conformação de um distanciamento e desconfiança com as instituições e o poder municipal que parece gerar um antagonismo com um caráter agudo. Se os movimentos sociais urbanos traziam demandas específicas e locais (infraestrutura urbana básica), temos com a Praia da Estação a combinação de questões específicas com uma contestação mais geral sobre os rumos da cidade. Se os movimentos sociais urbanos tinham como protagonistas as classes populares (trabalhadores, mulheres, associações de bairro das periferias etc.), a Praia da Estação trouxe à tona, em sua maioria, jovens oriundos das camadas médias. Assim, as formas de se relacionar com o poder, as demandas e reivindicações, os sujeitos participantes marcam

diferenças entre a contestação urbana de nosso tempo e os movimentos sociais urbanos do final do século XX. E ainda: as dimensões da individualidade, da subjetividade, do simbólico, do lúdico, da horizontalidade, da ampliação da política para além dos mecanismos tradicionais de participação e de instituições tradicionais, aprofundam as diferenças entre as movimentações sociais que se voltavam para a temática urbana em fins do século passado e as que surgem no início do presente século, com o que poderíamos definir *gerações distintas de mobilizações sociais urbanas*.

Nesse sentido, ousamos pensar a Praia da Estação enquanto movimentação social gestada em uma configuração societária distinta daquela em que surgiram os movimentos sociais urbanos: a primeira surgida em uma sociedade chamada “da informação e comunicação” (um capitalismo de novo tipo!) e a segunda surgida em uma sociedade “capitalista industrial típica”, e como movimentação portadora de reivindicações e contestações que conjugam antigas e novas necessidades. A Praia da Estação combinou demandas *novas*, — por exemplo: a reivindicação específica pelo uso livre dos espaços públicos da cidade e a demanda ampla e geral por uma nova forma de produção do espaço urbano — com demandas sociais que podem ser consideradas *antigas*, através da solidariedade a outras movimentações sociais da cidade, como melhorias no transporte, direito à moradia etc. O impacto dos mega-eventos na cidade, a crítica à produção da cidade-mercadoria/cidade-empresa/cidade privatizada, trazida pelos jovens ativistas, conforme já dissemos, parece-nos ser constituída na relação entre as dimensões do *específico* e do *geral*. Os jovens trouxeram demandas e reivindicações cotidianas vivenciadas por eles próprios juntamente com problemas vivenciados por outras pessoas, cidadãos e movimentos, o que, no nosso entender, constituiu uma dimensão de totalidade crítica e contestatória para a movimentação no plano simbólico e comunicacional.

Melucci aponta que esses processos de continuidade e descontinuidade entre as “velhas” e “novas” demandas sociais é uma característica marcante das movimentações sociais contemporâneas, especialmente na América Latina, onde várias formas de ser do capitalismo convivem e se combinam:

(...) es importante reconocer el hecho de que se afirmen nuevas visiones y nuevas prácticas, que surjan nuevas exigencias, nuevas necesidades de los sujetos y nuevas formas de poder, que se articulan y se combinan con aquel precedente. Sabemos que cuando una forma se vuelve dominante, incluye todas las precedentes. Y cuando el capitalismo se volvió la forma social dominante, incorporo toda la estructura tradicional. (...) Las formas tradicionales precapitalistas siguieron existiendo dentro del sistema capitalista, pero quedaron colocadas para consolidar la forma dominante del capitalismo. Lo mismo, pienso, está sucediendo en la sociedad contemporánea que llegó al grado de una sociedad planetaria, una sociedad global, donde nuevas formas de poder, nuevas formas de dominio están incorporándose, usando de modo

instrumental también aquellas precedentes em la estructura social de tipo capitalista y del tipo precapitalista. (MELUCCI, 1999, p.91)

Todo esse conjunto de reivindicações, contestações e denúncias urbanas, amplificados pela “antena parabólica” praieira, parece-nos ter a ver com aquilo que Lefebvre (2001) dizia sobre a politização da produção social do espaço urbano, uma reivindicação pelo “direito à cidade”, nas palavras do autor. Ao questionarem e contestarem os rumos do desenvolvimento urbano e conseqüentemente a administração e o poder municipal, os participantes da Praia da Estação anunciavam o desejo pelo direito de criação, produção e livre fruição do espaço social, bem como o desejo de participarem diretamente das decisões sobre as formas de viver e habitar a cidade, exigiam portanto o “direito à cidade”. Ao ocuparem simbolicamente a praça da Estação, os participantes da Praia desobedeciam ao poder municipal, desobedeciam ao decreto, ao mesmo tempo em que procuravam se apropriar de um espaço da cidade para exercitarem a participação política direta nos rumos da mesma.

Em livro recentemente publicado, *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*, David Harvey diz-nos, na Introdução, que na última década houve um renascimento da idéia do direito à cidade, concebida originalmente por Henri Lefebvre na obra-manifesto *Le droit à la ville*, publicada poucos meses antes de Maio de 1968. Segundo o autor, o que estamos assistindo vai muito além do que o retorno de um legado intelectual de Lefebvre. Segundo Harvey, “o que vem acontecendo nas ruas, entre os movimentos sociais urbanos, é muito mais importante” (HARVEY, 2012, p.12 - Tradução nossa.). A partir do estudo da Praia da Estação e de outras movimentações e ativismos urbanos contemporâneos, poderíamos pensar então em uma *era de novos conflitos urbanos* e uma *era de novos agenciamentos sociais* que almejam transformações urbanas mais amplas e radicais através da necessidade do aprofundamento da democracia (do exercício da democracia direta nas cidades)?

PARTE III

“Quando eu voltar do mar, um peixe bom eu vou trazer”

Considerações finais

*Ê lá no mar, eu vi uma maravilha
Vi o rosto de uma ilha numa noite de luar
Ê tal luar lumiu o meu navio
Quem vai lá pro mar bravio
Não sabe o que vai achar (...)*

Lenine e Marcos Suzano

Fomos obstinados ao encontro do “mar revoltado” de Belo Horizonte e acreditamos ter voltado com alguns bons “peixes”. Não foram muitos e nem grandes esses “peixes”, foram condizentes com o tamanho de nossa “embarcação” e condizentes com o tempo de nossa empreitada. Muito mais do que os “peixes” que trouxemos, o que nos encantou nesse percurso foram todas as possibilidades de investigação que vislumbramos a partir de nossa ida para o “mar”. Sentimos, após esse percurso, que estamos mais preparados para enfrentar novas empreitadas em “embarcações” maiores. Em outras palavras: nossa aproximação com os agenciamentos coletivos juvenis contemporâneos em Belo Horizonte trouxe algumas certezas e muitas indagações. As considerações finais que fazemos nesse momento vão, portanto, nesse sentido: o de apresentarmos uma síntese de nossas descobertas, bem como apresentarmos as possibilidades que essas descobertas oferecem para a condução de investigações futuras. Como um antigo “lanterninha de cinema”, nesse momento gostaríamos de indicar aonde se pode ir.

Tentamos compreender uma movimentação contemporânea de contestação social feita por jovens pelo estudo da Praia da Estação. Tentamos perceber suas principais características, sua malha constitutiva, sua forma de ser, motivações, contestações e críticas, perceber o que a Praia nos diz e indica acerca de tendências e características das movimentações de jovens de maneira geral.

Nesse sentido, procuramos ao longo da pesquisa decompor a Praia da Estação a fim de analisarmos suas principais características, suas possíveis origens, suas malhas constitutivas internas e suas razões de ser, sempre procurando perceber o que essas questões podiam nos dizer sobre dimensões mais amplas a respeito dos agenciamentos coletivos juvenis e a respeito das formas de ser da contestação social contemporânea juvenil. Partimos da idéia de que os eventos históricos ocorridos em fins do século XX e início do século XXI, especificamente o levante Zapatista de Chiapas, em 1994, os Fóruns Sociais Mundiais e os protestos de rua anti-capitalistas e antiglobalização, dentre outros, marcaram de maneira indelével as novas confi-

gurações da contestação social na contemporaneidade e, especialmente, os agenciamentos contestatórios juvenis contemporâneos: formas de organização horizontais e em rede, conformação de redes de solidariedade, predomínio da ação direta, carnavalização do protesto e utilização intensa dos recursos simbólicos, emergência das individualidades e/ou das subjetividades individuais no interior das movimentações e agenciamentos, utilização intensa das novas tecnologias da comunicação e informação, distanciamento das instituições e formas tradicionais de protesto, mobilização e participação, distanciamento da institucionalidade, composição interna heterogênea, simbiose entre as dimensões do afeto, desejo, razão e necessidade, entre outras características.

Procuramos traçar uma conexão entre a forma de ser da Praia da Estação e esse contexto contemporâneo da contestação social partindo de um histórico do surgimento e desenvolvimento dos coletivos, iniciativas e agenciamentos juvenis na primeira década dos 2000 em Belo Horizonte.

Constatamos, a partir do estudo da Praia da Estação, um aspecto fundamental que merece atenção: o de que os movimentos sociais e agenciamentos coletivos não ocorrem de maneira isolada e desvinculados de um contexto histórico e social mais amplo, pelo contrário, as movimentações sociais, os protestos e agenciamentos coletivos apresentam características, formas de ser e conteúdos contestatórios articulados a determinado contexto histórico, social e cultural, apresentando-se como parte de um “metabolismo social” mais amplo. No caso da Praia da Estação, entendemos que ela apresentou continuidades e rupturas com movimentações coletivas juvenis anteriores. A movimentação praieira nasceu diretamente vinculada a um contexto da contestação social juvenil em Belo Horizonte, mas foi além: a partir de seu desenvolvimento, ela mesma protagonizou rupturas parciais com aquele mesmo contexto.

A partir da Praia da Estação, poderíamos afirmar que a contestação e crítica juvenis sobre os rumos do desenvolvimento e dos destinos da cidade saíram de uma dimensão mais restrita — qual seja: a dos “subterrâneos” dos círculos libertários juvenis — e ganharam uma dimensão mais ampla que abarcou um número maior de jovens ativistas e cidadãos, ganhando uma visibilidade igualmente mais ampliada. A Praia da Estação contribuiu, portanto, para que o debate sobre a questão urbana ganhasse uma dimensão mais visível e pública.

Em uma dimensão particular, identificamos a Praia da Estação enquanto uma movimentação social que foi produzida através de um amálgama entre as novas tecnologias da comunicação e informação e a ocupação física da praça da Estação, em Belo Horizonte, amálgama gerador de uma forma híbrida de movimentação que transitou entre o ciberativismo e a ação coletiva em um espaço público da cidade. Entendemos que essa constituição híbrida

conformou a Praia da Estação enquanto meio de comunicação alternativo, uma “antena parabólica” que buscou tornar visível de maneira crítica os processos de produção da cidade e a forma de administração da mesma, qual seja: procurando revelar os problemas relativos à questão urbana e ao poder municipal. Eis então que a Praia da Estação, desde suas origens, fez-nos perceber a emergência da questão urbana e, conseqüentemente, do poder municipal enquanto uma das preocupações centrais de uma parcela ativista da juventude belorizontina.

A “antena parabólica” praieira se constituiu, em nosso entendimento, como canal de comunicação de novas necessidades urbanas de uma parcela da juventude ativista de Belo Horizonte, cidade conjugada à solidariedade com outros movimentos urbanos que traziam antigas necessidades. Os desejos de qualidade de vida na cidade, do livre usufruto dos espaços públicos, da mobilidade urbana digna e adequada, do livre fruir cultural na cidade (tanto da produção, quanto da recepção da cultura), o desejo de uma cidade ambientalmente saudável em todas as dimensões, da produção de uma cidade em que caibam todos e todas e que permita a existência de um viver digno, a luta contra a cidade-empresa, cidade-mercadoria, cidade do controle, a denúncia das injustiças, a denúncia do impacto dos mega-eventos — como a Copa do Mundo na vida cotidiana das pessoas. Enfim, o direito amplo à cidade.

Tudo expressou, de certa maneira, a emergência do que estamos definindo como novas necessidades urbanas, trazidas especialmente pelas gerações mais jovens. E ainda: o desejo de participar dos destinos da urbe, das tomadas de decisão, de influir nas questões públicas. Ou seja: o desejo de uma radicalização e aprofundamento da democracia na cidade compôs o rol de questões tornadas visíveis pela Praia da Estação. Um processo educativo sobre a cidade e uma mudança de olhar e de perspectiva sobre a temática urbana fez da Praia da Estação uma grande experiência de aprendizagem para os jovens que dela participaram ou para quem dela tomou conhecimento.

A Praia da Estação revelou-nos também um potencial polifônico de criação individual de artefatos culturais do dissenso, nos espaços públicos híbridos e amalgamados — da virtualidade e da praça — onde os participantes atuaram autonomamente com pontos de vista, atitudes, sentidos e posturas múltiplas. Voadores panfletos — os flyers, fotografias, imagens reais e montagens, vídeos, músicas, guarda-sóis, pranchas de surf, petecas, cartazes, faixas, cangas, caixas de isopor, cadeiras de praia constituíram a dupla dimensão amalgamada do material e do imaterial, transitaram no espaço público da “ciberpraça”. A festa, o lúdico, o êxtase, os encontros e a interação, o ocupar o espaço público, a contestação, a rebeldia, o protesto, a desobediência, a afirmação do poder fazer, dentre outras expressões, conformaram uma trama e compuseram um agenciamento coletivo mosaico, fluido, amorfo, polissêmico de difícil a-

preensão e conceituação. Os participantes da Praia da Estação trouxeram a tona de maneira crítica, contestatória, poética, desejanste e afetiva a questão da cidade, do viver na cidade, do ser e estar na cidade. O que percebemos através dos sujeitos da pesquisa foi o desfilar de múltiplos sentidos, desejos e imaginários urbanos. Através das imagens, vídeos, textos, poesias, corpos políticos, palavras de ordem e composições musicais produzidas pelos jovens ativistas identificamos uma obra aberta sobre a Belo Horizonte contemporânea.

Constatamos também que a movimentação se constituiu enquanto experiência educativa significativa para jovens que participaram dela. A dimensão da experiência e do aprendizado apareceu em todos os depoimentos dos participantes que contribuíram com esse trabalho. Identificamos dois elementos centrais nos discursos dos entrevistados sobre a “experiência e os aprendizados praieiros”: o aprendizado sobre a cidade — ou seja: alargamento da sensibilidade e entendimento da problemática urbana — e o aprendizado da participação, o aprendizado do agir coletivo, do estar junto com outros realizando algo.

Todo esse conjunto de questões nos colocou de certa forma numa posição um tanto quanto recuada com relação à definição conceitual da Praia da Estação. Ao longo da pesquisa, a cada momento em que nos aproximávamos mais da praieira realidade, a cada momento em que procurávamos perceber atentamente os sentidos das múltiplas vozes, a objetivação das múltiplas subjetividades e dos múltiplos sentidos do estar e fazer, proporcionalmente aumentavam as dificuldades de nossa análise. Pendulamos entre sentimentos de impotência e de afirmação, de ora estar realizando o exercício hermenêutico de uma obra aberta ou de um aforismo complexo, e de ora termos nos aproximado da lógica da coisa ou de ter constituído uma interpretação que possa ser considerada coerente e inteligível. Acreditamos que o sentimento da afirmação tenha superado o da impotência. Venceu a busca pela objetividade, venceu a persistência da atitude de compreender. Procuramos nos aproximar da realidade ou de alguma realidade. A maior prova disso, claro, é a realização desse trabalho.

Essas reflexões (que podem ser consideradas como justificativas) de forma alguma procuram amenizar as várias que ficaram a espera de maior aprofundamento. Pelo contrário: nesse momento trazemos lacunas e questões justamente para indicar questões que julgamos ser necessário enfrentar em estudos e pesquisas futuras.

Um dos primeiros desdobramentos dessa pesquisa que julgamos deva ser mais examinado é o do aprofundamento da teorização sobre os movimentos sociais contemporâneos. Em todo o texto nos referimos à Praia da Estação valendo-nos da expressão “movimentação”, justamente por entendermos a necessidade de um maior aprofundamento teórico e conceitual. A expressão “movimentação” nos serviu, portanto, como forma possível de definição da Praia

da Estação que melhor traduzisse a morfologia complexa da mesma. Ao nos referirmos à Praia da Estação enquanto “movimentação”, procuramos dar o entendimento de algo que não se deixa encaixar facilmente, de um fenômeno que tangencia as teorias dos movimentos sociais e que merece aprofundamento teórico-conceitual. Ao longo da literatura com que tomamos contato ao longo da realização dessa dissertação, encontramos diversas formas de conceituar os fenômenos de contestação social na contemporaneidade, cada qual partindo de matrizes filosófico-teóricas e pontos de vista distintos — a respeito do que seja a política, do que seja a ação coletiva, do conteúdo e da composição social dos movimentos, dos sujeitos da ação na contemporaneidade e do que seja a própria sociedade contemporânea: “novíssimos movimentos sociais”, “ativismos urbanos”, “novos movimentos urbanos”, “iniciativas igualitárias”, “movimentos autonomistas”, “resistência juvenil”, “jovens contestadores”, “movimentos juvenis contemporâneos”, “movimentos sociais em rede” etc.

O ideal e desejável certamente teria sido uma maior problematização e aprofundamento do debate teórico, bem como o trabalho de confrontar e analisar a conceituação nativa produzida pelos participantes da Praia da Estação — “desobediência civil”, “coletivo”, “movimento de resistência”, “movimento de ocupação do espaço público”, “protesto”, “festa-protesto”, “intervenção urbana”, etc. — a partir desse mesmo debate teórico. As mutações históricas pelas quais passam as sociedades e as transformações sociais profundas vivenciadas em nosso tempo certamente impõem dificuldades conceituais e de apreensão dos fenômenos cada vez maiores, mas esse é um debate que merece e é necessário ser aprofundado, tanto pelo ponto de vista da Ciência Social, quanto do ponto de vista de um conhecimento que sirva de algum modo para os movimentos sociais. Esperamos enfrentar essas questões em breve.

Uma segunda questão que se desdobra de nossa pesquisa e que julgamos ser merecedora de maior aprofundamento é a da emergência das individualidades, ou melhor, a compreensão a respeito dos processos de individuação, processos de produção das individualidades na contemporaneidade e sua relação com o surgimento de subjetividades do dissenso e da contestação. Essa questão é ainda crucial para compreendermos os processos de individuação dos jovens que possibilitam a compreensão do vir a ser, do tornar-se *ativista*. Ao longo do trabalho, procuramos privilegiar a análise do coletivo e da movimentação, apesar de, a todo tempo, “saltar” nos dados com que trabalhamos a dimensão das individualidades. Se assim procedemos, foi em razão de um recorte analítico e condizente com nosso tempo e condições para a realização da análise.

A complexidade que cerca o tema da produção dos indivíduos na contemporaneidade expressa, todavia, a própria complexidade da existência humana em nosso tempo, e exige um

aprofundamento teórico igualmente denso de quem procura enfrentar essa questão. Especificamente para o aprofundamento de estudos da relação entre processos de individuação e emergência de subjetividades contestatórias e do dissenso, talvez um caminho interessante de pesquisa seja o de percorrer as trajetórias de vida individuais e buscar compreender as disposições, as motivações internas e externas, compreender o ato de tornar-se militante e/ou ativista, e as conexões estabelecidas com determinado contexto histórico e social, como apontam estudos atuais que conformam o campo de pesquisas do militantismo. Percebemos que a Praia da Estação ofereceu possibilidades interessantes para análises desse tipo. Ao longo de nossa pesquisa, procuramos explorar nas entrevistas com os jovens questões relacionadas a trajetórias de vida e motivações pessoais que os levaram a participar da movimentação praieira ou de qualquer outro agenciamento coletivo. Contudo, pelas razões explicitadas, não tivemos condições de analisar esse material. Esse é um possível caminho de pesquisa, que, igualmente, pode ser desdobrado em futuros estudos.

A terceira questão que indicamos como possível desdobramento de estudos futuros tem a ver com o ciberativismo, ou seja, com o amálgama cada vez mais visível e sólido entre contestação social, agenciamentos coletivos e novas tecnologias da comunicação e informação. No ano de 2011, o mundo assistiu, em escala global, ao surgimento de diversos fenômenos de movimentações sociais diversas cuja característica comum foi o intenso uso das novas tecnologias como forma de comunicação, mobilização, divulgação e organização dos agenciamentos coletivos. Cada um com suas particularidades e especificidades, Indignados, Occupy, Primavera Árabe, revolta dos estudantes chilenos etc. tiveram em comum a questão da Internet como um dos aspectos centrais.

No Brasil, igualmente, podemos perceber o surgimento cada vez mais intenso de agenciamentos coletivos “disparados” e mobilizados através dessas mesmas tecnologias da informação e comunicação. Para além disso, paralelamente, emergem movimentações na própria rede incidindo sobre questões da própria Internet, o que compõe toda uma dimensão ciberativista cada vez mais latente: movimentações que colocam o direito ao livre compartilhamento dos bens culturais através da Internet, *creative commons*, movimentações contra a censura da rede, movimentações em prol do software livre, movimentos em prol da democratização do acesso à Internet etc. (movimentações sociais que se dão *na rede e pela rede*).

Os Anonymous, o Partido Pirata e outros inúmeros exemplos indicam a emergência dessas novas formas de ativismo, protagonizadas, em sua grande maioria, por jovens em nosso tempo. Se pensarmos que as juventudes estão cada vez mais conectadas, temos então um campo fértil para aprofundamentos de estudos. Intimamente conectada a essas questões, a

Praia da Estação nos ofereceu possibilidades de abordarmos o tema. Procuramos descrever e analisar as manifestações ciberativistas da Praia da Estação, bem com percorrer minimamente uma literatura sobre o tema nos temas da cibercultura, ciberativismo e estudos recentes sobre movimentos sociais. Mas percebemos que também nesse terreno há muito que pesquisar e aprofundar ainda. Ao longo de nosso estudo, o que identificamos foi a existência do que poderíamos definir como uma nova “cultura da participação”. Quais as implicações, limites e potenciais dessa nova “cultura participativa”, qual sua natureza e caráter, quais mudanças traz para o comportamento dos indivíduos e para a forma de ser das movimentações sociais contemporâneas, quais formas de interação com as instituições, os governos e com o poder que emergem a partir da nova “cultura participativa”. Essas são questões que ficam para desdobramentos futuros, questões complexas, que, no fundo, remetem às relações entre tecnologias, poder e sociedade na contemporaneidade, bem como às lutas sociais de um presente/futuro cada vez mais próximos.

A última questão que gostaríamos de indicar como possibilidade de desdobramentos em estudos futuros é justamente a questão urbana. Ao longo desse trabalho procuramos nos aproximar dessas questões analisando a “produção praieira” sobre Belo Horizonte a partir de uma produção de conhecimento crítico sobre a cidade contemporânea, mas, entendemos que, igualmente nesse terreno, há muito a percorrer. Entendemos que a compreensão das necessidades urbanas contemporâneas tornadas visíveis pelos novos conflitos urbanos igualmente merecem maior aprofundamento teórico, de estudos e pesquisas.

Há, atualmente, toda uma preocupação com a questão urbana que conseqüentemente tem levado à ampliação e “revigoração” de estudos que tratam dessa questão. Ao considerarmos que Ser e Cidade se confundem, ao considerarmos que, em grande maioria, estamos fadados a viver nas cidades, e ao considerarmos que é na urbe onde serão traçados nossos destinos em escala civilizacional, é imperativo procurarmos compreender os conflitos, disputas, movimentações sociais e lutas que surgem na urbe. Temos em conta, portanto, que o destino das cidades será nosso destino.

Espero que esse estudo contribua para o reconhecimento e entendimento das movimentações sociais e agenciamentos coletivos contemporâneos, para o entendimento de suas principais tendências e para o entendimento dos conflitos sociais que são por eles tornados visíveis. Espero, ainda, que esse conhecimento de alguma forma sirva para a reflexão dos jovens ativistas. Nenhuma produção de conhecimento é neutra e desvinculada de alguma espécie de posicionamento. Esse trabalho nada tem a ver com a neutralidade, pelo contrário: é afirmação de uma tomada de posição que se quer emancipatória.

Meu desejo é o de continuar atuando e pesquisando as formas ativistas contemporâneas, procurando observar e entender as práticas e idéias libertadoras, ou seja: continuar sendo, junto com outros, uma micro antena parabólica que capta e procura transmitir sinais da rebeldia, contestação, crítica e possíveis caminhos da emancipação.

Epílogo

Él sostenía que las generaciones eran definibles en términos de relaciones de contemporaneidad y consistían en grupos de gente sujetos en sus años de mayor maleabilidad a influencias históricas (intelectuales, sociales, políticas) comunes. En otras palabras, la generación consistía en personas que compartían el mismo conjunto de experiencias, la misma 'calidad de tiempo'. Por lo tanto, la formación de las generaciones se basaba en una temporalidad concreta constituida de acontecimientos y experiencias compartidos.

Wilhelm Dilthey - *Introduction to the Human Sciences*.

Certamente, trabalhos futuros sobre movimentações sociais em Belo Horizonte poderão escolher trilhar o caminho teórico-conceitual dos estudos geracionais. Isso porque, ao que parece, a primeira década dos 2000 e o início da segunda abrem possibilidades de visualizar a conformação de uma geração de jovens ativistas que, no nosso entender, marcará a história recente de Belo Horizonte.

Se ao longo desse trabalho argumentamos sobre a existência da conexão entre a Praia da Estação e os movimentos anticapitalistas e antiglobalização do início do século XXI, há que se ressaltar outro possível encontro nos caminhos tortuosos da história: o das movimentações ativistas juvenis em Belo Horizonte com as movimentações sociais que sacudiram vários países no ano de 2011 — *Occupy Wall Street, Indignados, Primavera Árabe, Revolta dos estudantes chilenos*, dentre outras. Em termos temporais, a ocupação da praça da Estação em Belo Horizonte em forma de uma praia antecipou as ocupações de praças pelos jovens e trabalhadores em várias capitais do mundo.

Isso nem de longe significa que estamos dizendo que a Praia da Estação influenciou essas movimentações, obviamente que não, mas o fato é que muitas das características da movimentação social que emergiu em Belo Horizonte no ano de 2010 aparecem de forma, até mais acentuada, nos protestos globais que eclodiram no ano de 2011, ou seja: a forma de ser da Praia da Estação, seu metabolismo e genética, parecem carregar o espírito de determinado período histórico. As ocupações de espaços públicos — praças e ruas, a carga simbólica dessas ocupações, o uso intensivo das novas tecnologias da informação e comunicação — o cibertivismo, a ação direta, a horizontalidade organizativa, a heterogeneidade interna das movimentações, a construção de solidariedades, a crítica radical das instituições, sistemas políticos e governos, o afastamento das formas tradicionais de participação, a criação de novos agenciamentos coletivos e de novas formas de participação etc. são elementos em comum que po-

demos perceber entre a Praia da Estação e os protestos que ocorreram — e que ainda ocorrem — nos países centrais em crise, nas movimentações estudantis e nas lutas por transformações no mundo árabe.

Mesmo que trazendo conteúdos contestatórios distintos conformados em distintas realidades — questionamento do sistema econômico nos países capitalistas centrais em crise, luta por democracia e por transformações políticas, sociais e culturais no mundo árabe, questionamentos por parte dos estudantes dos sistemas educacionais, questionamentos acerca do desenvolvimento urbano e luta por democratização do poder municipal, luta por uma “democracia real” etc. — entendemos que todas essas movimentações, incluindo aí a Praia da Estação, expressam o espírito contestatório e rebelde de uma parcela de jovens, cidadãos e ativistas em nosso tempo. Se em Seattle, Praga e Gênova, as palavras de ordem anticapitalistas ecoavam, hoje, em diversas partes do globo, temos a insígnia “Somos os 99%”. Com rupturas, continuidades e mutações, eis que podemos perceber, dentro de um período histórico de contestações sociais relativamente curto, que os jovens apareceram, e aparecem, como um dos sujeitos centrais.

Voltando a Belo Horizonte, porém, percebemos que a “onda” contestatória não “morreu na praia”. Pelo contrário, a experiência da movimentação praieira foi ponto de partida direto e indireto para o surgimento de novos agenciamentos coletivos e movimentações. Parafraseando Marx, e guardadas as muitas devidas proporções, poderíamos dizer — em um momento de entusiasmo! — que um “espírito ronda” Belo Horizonte: o “espírito da contestação praieira”. Afora os agenciamentos que circundaram a Praia da Estação no período em que acontecia a ocupação da praça da Estação aos sábados pelos ativistas — bicicletadas, saraus, *Que trem é esse?*, *Roupa suja se lava em casa, domingo nove e meia* — novos agenciamentos surgiram influenciados, direta ou indiretamente, pela movimentação praieira. A Praia iria reaparecer, inclusive, em outros contextos e situações: outras movimentações e agenciamentos se apropriaram do formato praieiro para conformar suas ações e ocupar espaços públicos, dando visibilidade a suas contestações e questionamentos. O blog e a lista de e-mails Praça Livre BH, mais o blog do que a lista, continuaram sendo utilizados ativamente como “antena parabólica”, meio de comunicação entre os ativistas e forma de tornar visíveis questões relacionadas à cidade e ao poder municipal.

A oposição a atual administração municipal por parte da sociedade civil, tornada visível com a Praia da Estação, ganhou contornos ainda mais nítidos com o surgimento, em junho de 2011, do movimento contra o prefeito Márcio Lacerda, o *Movimento Fora Lacerda*. A lista de e-mails do movimento de certa forma assumiu o papel de articulação, organização e mobi-

lização ativista que antes havia sido desempenhado pela lista de e-mails Praça Livre BH. Marchas em oposição ao prefeito, intervenções urbanas, festas e uma intensa mobilização ciberativista conformaram e conformam as ações dessa movimentação.

Lançado em Belo Horizonte o movimento “Fora Lacerda”

Por Ommar Motta



Começa a ser articulado, via Facebook, um movimento que pede o impeachment do prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda (PSB), homem de confiança de Aécio Neves também apoiado por setores do PT

FIGURA 50: Flyer do *Movimento Fora Lacerda*
Fonte: Praça Livre BH On Line.¹

Outra influência direta da Praia da Estação foi o ressurgimento do carnaval de rua em Belo Horizonte. Após a aparição do *bloco da Praia*, que saiu no carnaval de 2010 na cidade, surgiram progressivamente nos anos subsequentes, 2011 e 2012, uma infinidade de novos blocos carnavalescos protagonizados por jovens e não-jovens que, de algum modo, transitaram pela Praia da Estação. Em 2012, Belo Horizonte certamente vivenciou um carnaval de

¹ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2011. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2011/06/30/lancado-em-belo-horizonte-o-movimento-fora-lacerda/>. Acesso em 05/11/2011.

rua como há muitos anos não acontecia. Marchinhas de carnaval com letras irreverentes que ironizavam e debochavam do poder e dos costumes da “tradicional família mineira” foram compostas aos montes.

Na coxinha da madastra

*Não sei se é ladrão,
Perverso ou pederasta
Tem gente metendo a mão
Na coxinha da madastra (bis)
Milhares de reais por mês
Pro lanchinho do burguês.
O nosso dinheiro ele gasta
Na cozinha da madastra
Tira a mão, tira a mão
É hora de dar um basta
A grana da população foi parar na cozinha da madastra
Agora BH já tem Édipo e Jocasta
Burguês pôs o seu cigarrete na coxinha da madastra
Milhares de reais por mês pro lanchinho do burguês.
O nosso dinheiro ele gasta na cozinha da madastra
Tira a mão tira a mão
É a hora de dar um basta
A grana da população foi parar na cozinha da madastra*

Flávio Henrique²

Letra da música da marchinha “Na coxinha da madastra”, que surgiu após uma reportagem sobre os gastos excessivos de um vereador com lanches comprados no bufê da madastra dele. A suspeita de gastos indevidos na Câmara Municipal de Belo Horizonte foi o tema da marchinha de carnaval, que venceu o concurso promovido pela tradicional Banda Mole do carnaval belorizontino.

De maneira indireta, percebemos de alguma forma a influência da Praia da Estação ou traços em comum com outros agenciamentos coletivos, ações coletivas e movimentações surgidas na cidade depois. Indo ao encontro do espaço público, os jovens *Occupy* de Belo Horizonte, os *Anonymous*, inspirados nos movimentos de ocupação das praças em 2011, ocuparam a praça da Assembléia na cidade. Procurando exercer olhar vigilante sobre o poder municipal, assim como a Praia da Estação, o *Movimento Ocupe Câmara* fez, e faz, um acompanhamento sistemático da ação dos vereadores em Belo Horizonte, sendo protagonista da pressão exercida pela sociedade civil contra o aumento do salário de vereadores em fins de 2011 e início de 2012.

² Retirada de <http://www.domtotal.com/noticias/detalhes.php?notId=405506>. Acesso em 05/04/2012.

A solidariedade com movimentos sociais, ou até mesmo a conformação de uma rede de solidariedade ativista em Belo Horizonte, parece ter se fortalecido após a experiência prai-eira. As mobilizações dos jovens ativistas contra o desalojamento de famílias sem-teto ocupantes de terrenos na cidade são uma das expressões mais visíveis desses laços de solidariedade entre os ativistas que transitam pelas movimentações sociais em Belo Horizonte. Vejamos um exemplo dessa rede de solidariedade que aparece em um post do Blog Praça Livre BH em outubro de 2011 e que revela o olhar atento sobre o que se passa na cidade por parte dos jovens ativistas:

Notícias da Comunidade Zilah Spósito.

Outubro 22, 2011

Notícias da Comunidade Zilah Spósito.

Não existia um mandado de desocupação da área onde estavam erguidas 39 casas. Havia um termo de ajustamento de postura da PBH que iria derrubar apenas as casas que estivessem vazias.

Hoje trabalhadores da PBH foram até o local acompanhados da PM e começaram a derrubada indiscriminada das casas. A PM, Batalhão de Choque, invadiu casas e expulsou os moradores com spray de pimenta para homens, mulheres e crianças.

A rede de solidariedade mobilizada as pressas pelo Grupo Pólos de Cidadania e Brigadas Populares chegou ao local e percebeu a tramóia. Uma ação totalmente ilegal da PBH, sem mandado de reintegração de posse, sem aviso prévio e nenhuma garantia para as famílias, que seriam jogadas na rua.

Diante disso o Ministério Público foi acionado e agora está fazendo a perícia do local para a elaboração de uma representação por improbidade administrativa contra o Prefeito Márcio Lacerda. Das 34 casas existentes no local, sobraram 9. A mobilização agora é para conseguir abrigar as pessoas e fazer comida.

E vem chuva aí! Um alerta importante! Existem mais 5 comunidades em BH com risco de serem despejadas. Ao que tudo indica, este foi um teste da PBH para saber como será a repercussão na sociedade e como isso pode interferir na reeleição do prefeito. Por tanto, peço a todos que lerem esta nota que compartilhem com os amigos e repassem a informação para a suas listas de email.

Vamos ver amanhã como isso será noticiado, se for noticiado. Independente da mídia corporativa, precisamos nos unir e espa-

lhar a informação. Só um povo consciente pode lutar por seus direitos.

UM SALVE! Para toda a galera correria e disposição que chegou até lá e impediu mais uma insensatez do Sr. Marcio Lacerda!

Somos muitos e estamos juntos!³

Tivemos, ainda, o surgimento do *Comitê popular dos atingidos pela Copa*, que vem questionando, tornando público e agindo contra os impactos negativos da Copa do Mundo de 2014 em Belo Horizonte. A cena cultural da cidade também foi, de alguma forma, impactada pela movimentação praieira. Para além do ressurgimento do carnaval de rua, bandas independentes, percebemos que coletivos de intervenção urbana, coletivos culturais, movimentos de atores e atrizes, dentre outros, que transitaram pela Praia da Estação, se fortaleceram e criaram redes de produção de eventos culturais independentes. Para reafirmarmos, por fim, que a “onda” não “morreu na praia”, tivemos a aparição ocasional do “formato praieiro” de ocupação do espaço público em outras situações, movimentações e ações coletivas. Vejamos alguns exemplos.

A Praia sobe o Morro

março 11, 2011

Amanhã, 12 de março, a Praia da Estação muda de endereço. A partir das 10hs da manhã nos banharemos na Praça do Cardoso, localizada no Aglomerado da Serra. A manifestação ocorre em solidariedade aos moradores da Serra em decorrência dos últimos, tristes e fatídicos, acontecimentos. Teremos a participação da bateria da Escola de Samba Cidade Jardim e dos Blocos de Rua do Carnaval de BH fazendo um lindo carnaval para a população da Serra!

Pedimos Paz e Justiça!

Venha com seu traje de banho ou fantasiado!

A Praia abraça a Serra!!!

Praça do Cardoso, Aglomerado da Serra, Ponto final do 4107 – 10hs

Evento no facebook:

<http://www.facebook.com/#!/event.php?eid=112655092143651>⁴

³ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog. Belo Horizonte, 2011. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2011/10/>. Acesso em 12/12/2011.

⁴ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog Belo Horizonte, 2011. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2011/03/>. Acesso em 28/03/2011.

Praia da Estação realizada em um aglomerado de Belo Horizonte em solidariedade à comunidade após o assassinato de dois jovens pela Polícia Militar de Minas Gerais.

Atenção banhistas!

junho 15, 2011



Com o frio do outono nós guardamos nossos trajes de banho.

Mas agora é a hora de tirar nossos biquinhos e calções dos armários e bora tomar um solzinho tímido na nossa praia pra receber a marcha da liberdade e a slut walk(a marcha das vagabas).

Um dia histórico e colorido assim da vida da cidade não pode passar sem a praia da estação que é o movimento mais bonito já visto pelas bandas de cá.

E depois da baixaria de domingo (dia 12) quando mais uma vez a praça estava cercada(no festival da natura),precisamos gritar novamente que aquela praça é nossa. A coitada tá necessitada de cor, de gente, de alegria.

Vamos todos, vestir a camisa, digo o biquini.

E deitar em nossas cangas...
que aí, a vida fica boa demais.

FIGURA 51: Flyer-Convite para a *Marcha das Vagabundas*

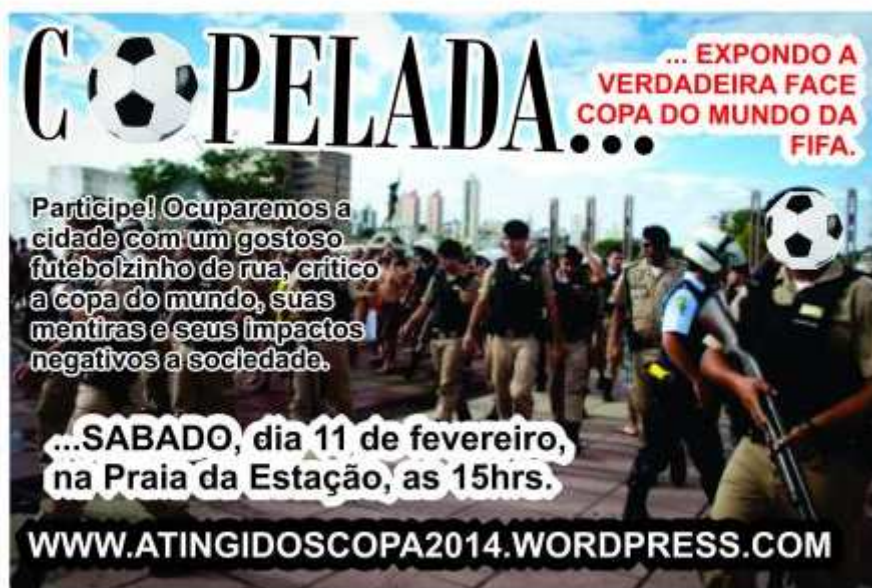
Fonte: Praça Livre BH On Line⁵

Convite aos “banhistas” ativistas para a participação da *Marcha das Vagabundas* em Belo Horizonte.

⁵ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog Belo Horizonte, 2011. Disponível em
<http://prcalivrebh.wordpress.com/2011/06/> - Acesso em 14/07/2011.

Copelada de Praia - Sabado, dia 11 de Fevereiro

fevereiro 8, 2012



Sabado, dia 11 de fevereiro, as 15hrs acontecerá na Praia da Estação a....

FIGURA 52: Flyer-Convite para a *Copelada*
Fonte: Praça Livre BH On Line

... COPELADA! NA PRAIA!!!

Desse futebol você vai poder participar, mais que assistindo, jogando e ajudando! Ao contrário dos jogos da copa do mundo da FIFA, feita para @s ric@s gring@s! Porque se você acha que a população vai ter como assistir aos jogos da copa no Mineirão, não se iluda! Para população durante a e mesmo antes da copa, o governo reserva a remoção e o desalojo de famílias pobres para realização de obras, a prisão e repressão de movimentos sociais, trabalhadores ambulantes e prostitutas... NÃO SE ILUDA!⁶

Ação realizada pelo *Comitê Popular dos Atingidos pela Copa*, ação inspirada na Praia da Estação. Os ativistas realizaram uma Praia da Estação com jogos de futebol na praça da Estação com o objetivo de dar visibilidade e protestar contra os impactos da Copa do Mundo de 2014 na cidade ocupando o espaço público da praça.

⁶ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog Belo Horizonte, 2011. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2012/02/>. Acesso em 07/04/2012.

abril 30, 2012



FIGURA 53: Flyer-convite para o dia dos trabalhadores em 2012.

Fonte: Praça Livre BH On Line⁷

Flyer convite para comemoração do dia dos trabalhadores em 2012 no formato praieiro, com realização de atividades, debates e festa.

Outras mobilizações e ações coletivas aconteceram na cidade no período posterior. Nosso objetivo, aqui, foi o de sinalizar as influências diretas e indiretas da experiência praieira para o ativismo juvenil na cidade sem maiores pretensões, afinal essas são questões

⁷ PRAÇA LIVRE BH On Line. Blog Belo Horizonte, 2011. Disponível em
<http://pracalivrebh.wordpress.com/2012/05/>. Acesso em 27/05/2012

para um próximo trabalho. A história continua e deve continuar... Que bom ser contemporâneo de tudo isso!

*que bom
que bom
que bom
que bom
ser contemporâneo seu
assim você não precisa atravessar paredes nem eu*

Trecho da música *Que bom!*

Juliana Perdigão, Renato Negrão

ANEXOS

Referências Bibliográficas e lista de sites consultados

ANEXO I

A Tradição Praieira Insurgente de Belo Horizonte



Em blog, maio 28, 2

(o presente texto não pretende ser uma versão definitiva sobre as movimentações de Belo Horizonte, principalmente sobre a Praia da Estação, já que sua proposta desde o início era a de não eliminar os vários discursos e motivações que a compunham)

Belo Horizonte, no início de 2010 foi tomada pela **Praia da Estação**, ação aliando estética e política com a proposta de questionar os processos higienizadores que a cidade passa (cujo um dos pontos mais evidentes foi o decreto **Nº 13.798 DE 09 DE DEZEMBRO DE 2009** do prefeito Márcio Lacerda que proibia “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação). Durante quase um ano (mesmo que com alguns períodos esparsos) pessoas vestidas com roupas de banho, cadeiras de praia e guarda-sóis aproveitavam as manhãs de sábado para ocuparem a praça de uma forma divertida e debater sobre questões relativas à cidade.

É verdade que a Praia permitiu vários e preciosos encontros e a partir dela muitas articulações foram organizadas, por outro lado, isso não impediu que depois de alguns meses ocorresse um certo apaziguamento de suas propostas, fato que acabou transparecendo na recepção da Praia como apenas mais um **evento cultural** e **fetichizado** (um risco que já havia sido tratado pelo próprio [conjunto vazio] em um **texto** publicado logo após a primeira Praia e que **outras pessoas** também haviam apontado).

O que deveria ser um espaço aberto para vivenciar e discutir a utilização da cidade acabou por se tornar um local mais para **ver e ser visto**, um *point* obrigatório e descolado. A apreensão da imprensa muitas vezes ajudou a reforçar apenas esse

lado festivo, a reportagem da revista **Encontro** intitulada “**Até Parece A Lapa**” a-parece como a mais sintomática nesse aspecto. A matéria não expõe, nem mesmo superficialmente, as críticas feitas ao Prefeito Márcio Lacerda que com seus mandos e desmandos foi o mote para a primeira praia, no relato da revista jovens aparecem, como que em um passe de mágica, usando trajes de banho e tomando sol na Praça com o intuito de revitalizar o Centro.

Também nos parece significativo que vários banhistas da Praia fossem sistematicamente convidados para participarem de **debates** sobre os novos rumos da cultura na cidade. Alinhando discursos com os de alguns grupos artísticos, os quais não vão além da crítica reformista e mais preocupados com as leis de incentivo e a “classe artística”. Muitas dessas discussões acabavam por personalizar prefeito Márcio Lacerda como “o” inimigo, atacando apenas a representação do poder. É absolutamente claro que o prefeito faz uma das gestões mais desastrosas e totalmente alinhada com os interesses mercadológicos, mas não nos parece uma boa estratégia elegê-lo como o único e maior mal da cidade, como se bastasse apenas trocar o prefeito para que os problemas de Belo Horizonte se resolvessem .

Não se trata de negar o caráter estético e alegre que a Praia **TAMBÉM** teve, mas de explicitar a hipótese de que houve a perda de um potencial político e questionador em prol de seu lado cultural e lúdico. Importante frisar que para muitos dos frequentadores da Praia e das pessoas que a discute (no **blog** e na lista de e-mails), isso não é de fato uma questão relevante, mas nos parece problemático que uma movimentação com um tamanho potencial agregador e crítico seja tomada apenas como mais uma atração divertida no final de semana. Ou seja, ao invés da Praia (e das relações que se criaram dentro dela) conter críticas revestidas de um senso festivo e estético, sua inversão a transformou em um produto cultural com leve um verniz crítico.

O que se chamou e o que se pretendia como constituição de um movimento, não conseguiu dar um passo a frente em direção a uma crítica mais radical, contundente e aprofundada, tampouco conseguiu dialogar com outras agitações da cidade e com outros locais da cidade (mesmo que se tenha tentado, e é necessário destacar, outras ações como o “**Que Trem é esse?**” e a **Praia no Aglomerado da Serra**). Novamente, cabe dizer que também não sabemos qual seria esse próximo passo e o problema permanece aberto (sem que isso seja um demérito, pelo contrário, só nos instiga a propor mais questionamentos e ações).

Cabe aqui então desmontar a idéia de “novidade”, que acaba por fascinar muita gente e nublar as discussões, historicizando e dando a ver uma série de ações questionadoras da cidade que já continham uma estética “praiera”. Então, apresentaremos um pequeno panorama do que chamamos (pomposamente e de maneira idiota) de “*Tradição Praiera Insurgente*”.

Não morreremos na Praia!

ESPAÇO REVITALIZADO

Por que a Praça da Estação e seu entorno podem se transformar na versão mineira da Lapa carioca

1 - MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

Inaugurado há cinco anos, pode ser considerado o marco inicial do renascimento da região. É o primeiro museu brasileiro dedicado integralmente ao tema do trabalho.

2 - PRAÇA DA ESTAÇÃO

É o centro de tudo. Local de históricos movimentos políticos e culturais de BH, sofria com a violência há cinco anos. Hoje, mesmo à noite, pessoas de todas as idades circulam pela praça

5 - DUELO DE MCs

A turma do hip-hop de BH ainda dribla preconceitos, mas está crescendo. Há três anos faz sucesso sob o tradicional Viaduto de Santa Tereza. Tanto êxito que chegou aos palcos do Palácio das Artes, em janeiro passado

3 - PRAIA DA PRAÇA

Realizada desde o ano passado, reúne pessoas de todas as idades que simulam uma praia no local. Alguns chegam a usar trajes de banho

4 - GRUPO ESPANCA

Um dos mais importantes grupos de teatro alternativo de BH escolheu a rua Aarão Reis como sede

7 - SERRARIA SOUZA PINTO

O prédio foi erguido no início do século passado, foi tombado em 1981 e, depois de ampla restauração, abriga espetáculos, feiras, congressos e eventos sociais e comerciais

6 - NELSON BORDELLO

Criado há pouco mais de um ano, é um bar dançante com ênfase na música independente. Reúne um público mais descolado

8 - VIADUTO DE SANTA TEREZA

Construído em 1929, é um dos ícones da capital mineira. Diz a lenda que o poeta Carlos Drummond de Andrade atravessava o viaduto andando sobre seus arcos. Verdade ou não, o lugar virou símbolo da boemia da capital



9 - FUNARTE

A Casa do Conde reabriu as portas há poucos meses com um atrativo a mais: abrigar a elogiada programação da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Garantia de bons espetáculos na capital

10 - ESPAÇO CENTOeQUATRO

O prédio da fábrica da falida 104 Tecidos tem teatro, exposições e, em breve, cinema. Destaque para o Bar do FIT (Festival Internacional de Teatro) e para a gafeira do sábado, invariavelmente lotada

11 - CENTRO CULTURAL DA UFMG

Foi reaberto há dois anos e meio, depois de passar por reforma no prédio histórico. Recebe exposições, vídeos e outros projetos

12 - GIRAMUNDO TEATRO DE BONECOS

O museu do famoso grupo preserva a maior coleção de marionetes do Brasil. É também uma escola que oferece cursos, oficinas e palestras

NAS PROXIMIDADES

13 - CINE BRASIL

O prédio de 11 andares foi construído em 1932 para ser o maior cinema e teatro da capital. Em 2000, o espaço foi desativado, mas, desde 2006, adquirido pela Valourec-Mannesmann, passa por ampla restauração

14 - PALLADIUM

Em uma época, era o "grande" cinema de BH. Depois, passou anos desativado. Agora, passa por ampla reforma, que construirá o segundo maior teatro do estado, galeria de arte, salas para cursos, teatro de bolso e cinema de 110 lugares

15 - PALÁCIO DAS ARTES

Casa dos grandes espetáculos artísticos de Minas, passou por ampla reforma depois do incêndio que consumiu seu maior teatro, em 1997.

Grupo Galpão – Queremos Praia



Em 1989, o Grupo Galpão criou o happening “Queremos Praia”. O grupo convidou atores e bailarinos de vários grupos teatrais de Belo Horizonte para essa intervenção urbana, realizada na Savassi e na Praça Sete. Todos vestidos em trajes de banho, saem às ruas convocando a população para um protesto em que reivindicava a criação de uma “praia” em Belo Horizonte.

Lotes Vagos



“Lotes Vagos” foi um documentário de 2006, realizado por Ines Linke e Louise Ganz que retrata a ocupação de seis lotes vagos. Esses lotes tinham tamanhos e características diversas, estavam espalhados por vários bairros da cidade e em ca-

da um foi dado um uso específico, tentando fazer dialogar esse lote com o espaço em torno. Em um desses lotes, foi criada uma praia, com piscina de plástico, espreguiçadeiras e guarda-sóis.

[Conjunto Vazio] – A Ilha



O coletivo [conjunto vazio] em meados de 2008 realizou a intervenção urbana “**A Ilha**”, que se propôs a ocupar rotatórias e espaços aparentemente sem uso. Com uma proposta bem simples, ocupávamos a cidade com nossos amigos, avós e alguns transeuntes para uma tarde divertida e despreziosa.

Banho de Sol na Praça Raul Soares



Em julho de 2008 a designer Márcia Amaral **ia de maiô à praça Raul Soares**, aproveitar a fonte e o sol. Reivindicava o uso e a tomada desse espaço, para que famílias fizessem piqueniques, que as crianças, cadeiras e cangas pudessem ficar no gramado (ainda hoje não é permitido utilizar o gramado). Em agosto de 2008, Marta **foi presa enquanto tomava sol na praça**, segundo os policiais por desacato à autoridade.

Coletivo Azucrina – Rotatória de Praia

O coletivo *Azucrina*, em dezembro de 2009, promoveu a Rotatória de Praia (importante frisar que o coletivo já estava há alguns anos fazendo festas temáticas e shows em rotatórias), que ocupou com shows a Praça da Estação.

Praia da Estação

Inici-
em 16
janei-
2010,
Praia
Esta-
uma
dire-
festi-
lúdi-
forma
ocu-
cida-



ada
de
ro de
a
da
ção é
ação
ta,
va e
ca,
de
par a
de.

Praia Atlântico Clube



Intervenção artística realizada por Ines Linke, Louise Ganz e Daniel Carneiro em agosto de 2010, que transformou um espaço clube-praia com a intenção de discu-

tir temas como consumo, espaços urbanos e lazer. Foram vendidas cotas para se tornar sócio do clube por R\$0,50.

Praia da Estação em Coronel Fabriciano



Em maio de 2011, inspirados pela Praia da Estação de Belo Horizonte, alunos de **Arquitetura da Unileste-MG** realizaram uma praia na praça da Estação de Coronel Fabriciano, durante a **17ª Semana Integrada de Arquitetura**,

Piscinão de Ramos em Belo Horizonte



“Se você acha a Praia da Estação elitista, não tem mais desculpa: venha para o Piscinão de Ramos da Rodoviária!” em tom de humor, e ao mesmo tempo crítico, o **Piscinão de Ramos de Belo Horizonte** é herdeiro direto da Praia da Estação. A partir da constatação de que era pouco discutir e ocupar apenas a praça da Estação, sua proposta é levar a praia para um lugar visto apenas como de passagem, onde habitualmente apenas mendigos e prostitutas se aventuram a permanecer.

DECRETO Nº 13.863 DE 29 DE JANEIRO DE 2010

Institui a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação e dá outras providências.

O Prefeito de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições, em especial as que lhe confere o inciso VII do art. 108 da Lei Orgânica do Município e considerando:

- a publicação do Decreto nº 13.798, de 09 de dezembro de 2009, que suspendeu a autorização para a realização de eventos na Praça da Estação e a necessidade da utilização adequada do espaço público;
- a necessidade de garantir a segurança pública para quem transita naquela região da cidade;
- a necessidade da preservação do patrimônio arquitetônico e cultural do Município e da qualidade do meio-ambiente no entorno da Praça da Estação e da manutenção da emissão de ruídos dentro de limites definidos pela legislação vigente,

DECRETA:

Art. 1º - Fica instituída a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação, com a finalidade de definir regras especiais para a utilização desse espaço público para a realização de eventos, observado o disposto na Lei nº 9.063
<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk...>, de 17 de janeiro de 2005, e no Decreto nº 13.792 <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk...> de 02 de dezembro de 2009.

Art. 2º - À Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação compete:

- I - consultar os órgãos técnicos pertinentes, para subsidiar as propostas para a criação de condições adequadas de uso do espaço público;
- II – realizar estudos técnicos e avaliar os impactos da realização de eventos na Praça da Estação;
- III - realizar debates, audiências e consultas públicas sobre a utilização da Praça da Estação para a realização de eventos;
- IV – propor instrumentos que viabilizem a realização de eventos na Praça da Estação, capazes de garantir a segurança, a limpeza e a proteção do patrimônio público;
- V - definir regras especiais, que resguardem o interesse público, para a utilização da Praça da Estação como espaço para a realização de eventos.

Art. 3º - A Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação será composta pelos seguintes membros designados pelo Prefeito:

- I – 1 (um) representante da Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul, que a presidirá;
- II – 1 (um) representante da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S.A. - BELOTUR;

- III - 1 (um) representante da Assessoria de Comunicação Social;
- IV - 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Governo;
- V - 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente;
- VI - 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Segurança Urbana e Patrimonial;
- VII - 1 (um) representante da Procuradoria Geral do Município;
- VIII - 1 (um) representante da Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana;
- IX - 1 (um) representante da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes;
- X - 1 (um) representante da Secretaria Municipal Adjunta de Direitos de Cidadania;
- XI - 1 (um) representante da Fundação Municipal de Cultura;
- XII - 1 (um) representante da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte S.A. – BH TRANS.

Art. 4º - Caberá à Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação, no prazo de 90 (noventa) dias, realizar os estudos técnicos necessários, bem como promover os debates, audiências e consultas públicas sobre o assunto, a fim de estabelecer as regras de utilização da Praça da Estação para a realização de eventos.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2010

Marcio Araujo de Lacerda

Prefeito de Belo Horizonte

Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul
PORTARIA SARMU-CS Nº 02/2010

Regulamenta a realização de eventos na Praça da Estação

O Secretário de Administração Regional Municipal Centro-Sul, no exercício de suas atribuições legais e em cumprimento ao disposto no Código de Posturas de Belo Horizonte, Lei nº 8.616, de 14 de julho de 2003, alterado pela Lei nº 9.845 de 9 de abril de 2010, nos incisos II e V do art. 73 da Lei Municipal nº 9.011, de 1º de março de 2005, no art. 16 do Decreto nº 11.988, de 17 de março de 2005 e Decreto nº 13.792 de 2 de dezembro de 2009 e alterações posteriores,

Considerando:

- que a Praça da Estação é bem de uso comum do povo, destinado ao lazer;
- que a Praça da Estação integra o patrimônio do Município de Belo Horizonte;
- o disposto no art. 16 da Lei Municipal nº 3.802, de 6 de julho de 1984, que veda a destruição, demolição e mutilação de bens tombados;
- a recorrente depredação da Praça da Estação durante a realização de eventos;
- a necessidade de preservação da qualidade do meio ambiente no entorno da Praça da Estação e da manutenção da emissão de ruídos dentro dos limites definidos pela legislação;
- a necessidade de prévia autorização para realização de manifestações à luz da legislação;
- a competência da Secretaria de Administração Regional Municipal para licenciar eventos,

REGULAMENTA:

Art. 1º – A autorização para eventos a serem realizados na Praça da Estação ficará a cargo da Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul, ouvidas suas gerências, outros órgãos do poder público e, em especial, a Comissão Permanente de Eventos de Belo Horizonte-COPEM-BH.

Art. 2º – A Praça da Estação, a critério da Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul, e observadas as exigências fixadas na legislação municipal e nesta Portaria, poderá ser utilizada para os seguintes eventos coletivos, que deverão ser realizados gratuitamente:

I – eventos oficiais das entidades da Administração Direta e Indireta do Município, do Estado e da União;

II – eventos inseridos nos programas da Copa das Confederações de 2013, da Copa do Mundo da FIFA de 2014, nos termos do contrato celebrado entre o Município de Belo Horizonte, o Comitê Organizador Local e a Fédération Internationale de Football Association – FIFA, além daqueles considerados, a juízo do Município, como preparatórios para esses eventos;

III – eventos particulares promovidos por entidades, organizações, empresas e instituições.

§ 1º – Para efeito de montagem do calendário de eventos, que será organizado e divulgado pela Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul trimestralmente, terão prioridade os eventos de interesse público, previstos nos incisos I e II deste artigo.

§2º- A Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul realizará Chamamento Público onde serão divulgadas as datas disponíveis para os eventos a que alude o inciso III deste artigo.

§3º – Na hipótese de apresentação de mais de um pedido, a Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul realizará sorteio, com data e hora previamente divulgadas no Diário Oficial do Município de Belo Horizonte.

§4º – Os eventos a que alude o inciso III deste artigo poderão ser realizados uma vez por mês e terão público máximo de 15.000 (quinze mil) pessoas, por dia, cabendo ao interessado a prévia distribuição de convite, de forma a observar o limite de público.

Art.3º – Compete ao interessado na realização dos eventos previstos no art. 2º desta Portaria a apresentação de projeto, informando a finalidade do evento, o público estimado, a duração, inclusive o prazo destinado à montagem, à desmontagem e à limpeza.

§1º – O projeto deverá conter, sem embargo de outras exigências previstas no Decreto Municipal nº 13.792/09, ainda:

I – planta de localização de todos os equipamentos a serem utilizados;

II – planta de localização dos banheiros químicos a serem utilizados, observada a proporção mínima de 1 (um) banheiro químico para cada 100 pessoas, não podendo ser instalados sobre o piso da Praça;

III – planta de cercamento por tapume ou outro material, a critério da Administração Pública, dos jardins, árvores e monumentos da Praça da Estação e da Praça Rui Barbosa, observada a altura mínima de 1.80 m (um metro e oitenta centímetros);

IV – planta de cercamento delimitando a área do evento, visando permitir o controle do número de pessoas, bem como o acesso ao Museu de Artes e Ofícios, à Estação do Metrô e a circulação de pedestres, observada a altura mínima de 1.80 m (um metro e oitenta centímetros);

V – parecer favorável da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte – BH-TRANS;

VI – projeto aprovado pelo Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais;

VII – projeto do mecanismo a ser empregado visando à proteção das fontes e do piso;

VIII – projeto de segurança, particular e/ou pública, para proteção dos participantes, do patrimônio e dos transeuntes, acompanhado da Anotação de Responsabilidade Técnica – ART;

IX – projeto de palco, equipamentos de amplificação de som e iluminação ou quaisquer outros relativos à montagem;

X – projeto dos engenhos de publicidade a serem utilizados durante o evento.

§2º – A solicitação, acompanhada do projeto, deverá ser apresentada à Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul com antecedência mínima de 30 dias úteis, em relação à data do evento.

§3º – A autorização a que alude o inciso III do art. 2º desta Portaria está condicionada, ao pagamento de preço público fixado pelo Decreto nº 13.961, de 4 de maio de 2010, sem embargo dos demais tributos pertinentes.

§4º – Autorizada a utilização da Praça da Estação, caberá ao interessado, na hipótese de evento previsto no inciso III do art. 2º desta Portaria, realizar, sob pena de caducidade, caução em dinheiro, nos termos do § 10 do art. 4º do Decreto nº 13.792/09, observados os valores mínimos definidos no Anexo Único desta Portaria, no prazo de 20 dias, que antecede a data do evento.

§5º – Na hipótese de insuficiência da caução para assegurar o ressarcimento pelos danos causados, o interessado será intimado a depositar a diferença em até 10 dias úteis após apuração do valor do prejuízo, sob pena de cobrança judicial.

§6º – A garantia prestada será devolvida ao interessado se, de acordo com a vistoria que se realizará após o evento, não forem detectados danos.

Art. 4º – O interessado deverá portar os documentos arrolados no § 1º do art. 3º desta Portaria durante todo o tempo de realização do evento e enquanto em curso a montagem e desmontagem.

Art. 5º – O interessado é o responsável pela realização da limpeza da Praça da Estação, da Praça Rui Barbosa e dos quarteirões adjacentes (Ruas dos Guaicurus, dos Caetés, da Bahia, Aarão Reis e Av. dos Andradas).

§1º – A limpeza deverá ser realizada imediatamente após o término das atividades do evento, com varrição, lavagem do piso e coleta dos resíduos sólidos.

§ 2º – Descumprido o dever estabelecido no “caput” deste artigo, poderá o Município realizar a limpeza às expensas do responsável, executando, se for o caso, a caução em dinheiro.

Art. 6º – Será realizada vistoria por fiscal municipal antes da montagem e após a desmontagem do evento visando atestar a situação da Praça da Estação e do seu entorno.

Parágrafo único – O interessado deverá indicar o responsável que irá acompanhar o fiscal municipal e assinar as vistorias.

Art. 7º – Constatado dano ao patrimônio público, a recuperação caberá ao responsável pelo evento, sem prejuízo das demais sanções administrativas, civis e penais.

Parágrafo único – Descumprido o dever estabelecido no “caput” deste artigo, poderá o Município promover a recuperação às expensas do responsável, executando, se for o caso, a caução em dinheiro.

Art. 8º – Na realização dos eventos, inclusive durante os serviços de montagem e desmontagem, é vedado:

I – o trânsito ou estacionamento de veículos no piso da praça e nos passeios;

II – a passagem de cabos ou qualquer fiação sobre as fontes;

III – o preparo de alimento sobre o piso da Praça;

IV – a instalação de qualquer equipamento sobre as fontes.

Art. 9º – A liberação do Documento Municipal de Licença – DML está condicionada à comprovação do pagamento do Preço Público e Caução em dinheiro.

Art. 10 – Estará sujeito às penalidades legais aquele que desrespeitar o projeto autorizado ou que descumprir o estabelecido na legislação e nesta Portaria.

Art. 11 – Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Fernando Viana Cabral

Secretário de Administração Regional Municipal

ANEXO I

O valor cobrado, a título de caução, que, nos termos do disposto no §4º do Art 3º da Portaria SARMU-CS Nº 02/2010, deve ser proporcional ao público estimado do evento, observada a tabela abaixo:

- até 2.000 R\$ 8.000,00;
- de 2.001 até 5.000 R\$ 10.000,00;
- de 5.001 até 8.000 R\$ 12.000,00;
- de 8.001 até 10.000 R\$ 15.000,00;
- de 10.001 até 12.000..... R\$ 18.000,00;
- de 12.001 até 15.000 R\$ 20.000,00.

Fernando Viana Cabral

Secretário de Administração Regional Municipal

ANEXO IV

Cartas Abertas

Por Luther Blissett

A Prefeitura decidiu nos oferecer uma vaga na sua burocrática comissão de regulamentação. Mas... afinal de contas, quem deve decidir os usos da Praça da Estação?

Na Praça somos muitos, múltiplos, variados, agindo em conjunto por um mesmo fim, em solidariedade, mas sem nos perder no fetiche da representatividade. Se assinamos em nomes coletivos é porque não nos interessa criar palanques para novos líderes. Desta forma nossa resposta também seguiu esta linha: 4 cartas abertas, em diferentes tons e de diferentes formas, mas com o mesmo espírito. Escolha a sua! Publique, divulgue, crie novas!

BELO HORIZONTE, 11 DE MARCO DE 2010

CARTA ABERTA A POPULACAO DE BELO HORIZONTE

A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte/ a gente não quer só comida, A GENTE QUER SAÍDA PARA TODAS AS PARTES

Se voce passou pela Praca da Estacao, aos Sabados, ja percebeu que nesse ano ela esta bem mudada! E verdade: la ja nao tem shows faz algum tempo, mas desde o dia 16 de janeiro, a populacao de BH tirou a calca jeans e colocou biquini e calcao para OCUPAR ativamente a PRAIA DA ESTACAO. E essa ONDA ja dura DOIS meses! ONDA de dois meses??? Praia em BH???? Isso mesmo!!!

Os e as belohorizontinas colocaram de lado o pudor e recato que lhes sao peculiar, pra protestar numa manifestacao pacifica CONTRA o decreto 13.798, promulgado em dezembro de

2009 pelo prefeito desta capital, Marcio Lacerda, que proibe "eventos de qualquer natureza" na Praça da Estação. Pode???

Seria hilário se não fosse trágico! Eles dizem que tal medida é pra assegurar a preservação do patrimônio em face as depredações ocorridas em grandes eventos realizados na Praça. COMO ASSIM, MEU IRMAO???. Todas lembram que em 2005 a praça sofreu um processo de intervenção urbana, justamente PARA COMPORTAR OS GRANDES EVENTOS da cidade!!! E se existiu alguma depredação foi porque a prefeitura não fez seu dever de casa direito. Pois ela tem a OBRIGACAO de favorecer, de modo popular, democrático, seguro e confortável, a realização de tais eventos a seus cidadãos.

NAO VAI TER JEITO NAO, SEU PREFEITO: A PRACA E NOSSA!!! Pelos NOSSOS DIREITOS a gente não declina, não!!!

No último sábado, dia 06/03 tínhamos mais de 1000 banhistas reivindicando o espaço social que lhes é de DIREITO. O governo municipal viu que a PRAIA DA ESTACAO, a cada SABADO, AUMENTA A FREQUENCIA e resolveu nos dar uma "chance".

Criou através de mais um decreto (o de nº 13.863) uma comissão para estudar quais eventos poderiam ser realizados na Praça da Estação.

QUANDO A ESMOLA É MUITA ATÉ O SANTO DESCONFIA!

PASMEM: a tal comissão proposta pela PBH e constituída por 12

funcionários da própria Prefeitura, sem quaisquer participação dos setores sociais e culturais. Como outra medida “democrática e participativa” a PBH abriu em seu site um “forum”, onde supostamente qualquer pessoa (desde que informe seu nome completo, idade, CPF, RG, nº do título, endereço, bairro, cidade, CEP, país onde mora, tipo sanguíneo e opção sexual), “pode opinar e sugerir” ideias acerca da utilização da Praça. E a isso a PBH chama de DEMOCRACIA...

Pelo jeito eles acham que a participação popular deve ser uma via de mão única e não de um diálogo, além do que o acesso à internet é restrito e elitizado, pois ainda não é de pleno alcance a grande parte da população.

A ÚLTIMA DA PBH foi “abrir espaço” para que um (apenas UM) integrante da Praia da Estação ocupe UMA vaga na referida comissão. Proposta arbitrária.... Além de não contemplar a pluralidade da participação popular, afinal, o uso da praça diz respeito à cidade como um todo e não somente a quem frequenta a Praia da Estação, quem for lá “representar” nossa manifestação que é feita de forma libertária, sem líderes e, portanto, sem representação, terá que submeter a uma luta de 12 contra UM !!!

POR ISSO não iremos participar dessa farsa e CONTESTAMOS A LEGITIMIDADE DESSA COMISSÃO, que vem a ser

um forum de burocratas do governo e nao um local de debates com a sociedade civil. O minimo que devemos exigir e a PARI-DADE na participação da comissao. Mas ATO LEGITIMO MESMO e levar a toda populacao abertura para participar das discussoes inerentes a Praca. E para isso ja existe um forum instituido, que sao as AUDIENCIAS PUBLICAS. Previamente divulgadas, elas terao a participacao dos grupos sociais que estao envolvidos na questao, como as associacoes de trabalhadores do hiper-centro, como a ASMARE, a Associacao das Trabalhadoras do Sexo de BH, a CUFA, as associacoes dos moradores dos bairros vizinhos como Floresta, Santa Tereza, Santa Efigenia, as organizacoes ligadas aos direitos humanos, como o IHG, e representantes das organizacoes que anualmente fazem eventos na Praca da Estacao, como os organizadores da Parada LGBT, o Coletivo Familia de Rua, os grupos de teatro e os musicos da cidade.. POLICIA PARA QUEM PRECISA? No ultimo sabado dia 06/03, encontramos a Praca da Estacao sitiada pela tropa de choque.

Apesar das caras amarradas dos policiais e fiscais da prefeitura presentes, a gente agradece a preocupacao com nossa seguranca,mas com certeza nossa eficiente policia deve ter mais o que fazer do que ficar tomando sol em nossa praia, nao e mesmo???

Gente!!! A Praia da Estacao E TOTALMENTE PACIFICA e e utilizada como um lugar de encontro, evidenciando a dimensao

politica na vida urbana – o que nossa Prefeitura deve proteger e nao proibir.

Terminando esta carta, convidamos e convocamos o sr. prefeito de BH, Marcio Lacerda, e os membros do Executivo, a participarem de nossa PRAIA, e de nossas discussões, para propormos EM CONJUNTO metas e solucoes acerca da situacao da Praca da Estacao.

NOSSA ONDA NAO MORRE NA PRAIA!!!

DEMOCRATICAMENTE,

Rita Garella

BELO HORIZONTE, 11 DE MARÇO DE 2010.

CARTA ABERTA À POPULAÇÃO DE BELO HORIZONTE

Desde o dia 16 de janeiro, ocorre uma manifestação pacífica e popular que vem contestar uma medida realizada pelo prefeito desta capital, sr. Márcio Araújo de Lacerda. A "Praia da Estação" ocorre para confrontar o decreto 13.798, promulgado em dezembro de 2009, proibindo "eventos de qualquer natureza" na Praça da Estação.

A alegação principal para tal medida, segundo a Prefeitura, é preservação do patrimônio em face às depredações ocorridas em grandes eventos realizados na praça. Já nessa determinação entendemos que a própria prefeitura foi FALHA na preservação do patrimônio durante os eventos, atribuição própria da Guarda Municipal. E desconta naqueles que utilizam o espaço como uma das poucas fontes gratuitas de lazer na cidade.

A partir das constantes reuniões por meio da Praia da Estação, a Prefeitura deu sinais de que poderia negociar (e reverter) a situação, articulando uma comissão para estudar o caso. No entanto, a Comissão proposta pela PBH possui somente funcionários da própria Prefeitura, sem quaisquer participações da população, movimentos sociais, culturais etc. E, de pronto, contestamos o caráter antipopular de tal medida. Em face da constante pressão recebida, a PBH abriu em seu site uma espécie de "fórum", onde supostamente qualquer pessoa (desde que informando nome completo, idade, CPF, RG, nº do título, endereço, bairro, cidade, CEP, país onde mora, tipo sanguíneo e comprovante de vacina), pode opinar e sugerir ideias acerca da situação da praça. Apesar de democrática, essa foi uma medida excusivista, visto que somente poderiam opinar as pessoas com acesso à internet – ferramenta que ainda não é de pleno alcance de grande parte da população.

Ainda na tendência de tentar "democratizar" o debate, a PBH abre espaço para que representantes da Praia da Estação possam tomar assento à comissão. Entretanto, foi aberto o espaço para UM REPRESENTANTE apenas - o que é uma atitude desleal: 12 membros da Prefeitura contra um membro da sociedade civil, praticamente um voto vencido.

Em face disso, contestamos a legitimidade dessa comissão, que vem a ser um fórum de burocratas do governo e não um local de debates com a sociedade civil. Esta comissão não merece nossa legitimidade.

Ato legítimo será a abertura a toda população da participação das discussões inerentes à Praça - isso, por meio de audiências públicas previamente divulgadas e participação dos grupos sociais que estão envolvidos na questão - Regional Centro-Sul, Associações de Bairros do Santa Tereza, Floresta, Santa Efigênia e diversos grupos culturais da cidade. O mínimo que devemos exigir é a PARIDADE na participação da comissão. Que convide as associações de trabalhadores do hiper-centro, como a AS-MARE, a Associação das Trabalhadoras do Sexo de BH, a CUFA, as associações dos moradores dos bairros vizinhos como Floresta, Santa Tereza, Santa Efigênia, as organizações ligadas aos direitos humanos, como o IHG, e representantes das organizações que anualmente fazem eventos na Praça da Estação, como os organizadores da Parada LGBT, o Coletivo Família de Rua, os grupos de teatro e os músicos da cidade.

Terminando esta carta, convocamos o sr. prefeito de BH, Márcio Lacerda, e os membros do Executivo, a participarem das nossas discussões e proporem metas e soluções acerca da situação da Praça da Estação.

A onda não morre na praia.

Atenciosamente,

Luther Blisset

Carta Aberta ao Povo Belo Horizonte

Era mais um sábado ensolarado na sitiada e proibida Praça da Estação, e nós, desobedientes banhistas, tranqüilamente brincávamos de pular as fontes, jogar peteca e desfrutar nossa cidade, quando chegou todo vestido o emissário do prefeitíssimo Márcio Lacerda.

O emissário perguntava o que queríamos e dizia que, em sinal de boa fé, viera nos dizer que aquilo não deveria ser assim, que estavam tentando proteger a Praça do bárbaro e terrível povo depredador que viria para destruir a Praça. O emissário dizia que o prefeito queria que saíssemos da Praia, aprendêssemos a dar nós em gravatas e fôssemos para a Comissão por ele decretada para regular a Praça da Estação. Ora, respondemos, a Praia da Estação, assim como outros eventos autônomos que têm ocupado aquele espaço nos últimos dois meses, é mais uma ação direta de Desobediência Civil dos belorizontinos que se sentem agredidos em seus direitos constitucionais mais básicos pelo Decreto Nº 13.798. Se "todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente" (Artigo 5º, - XVI

CF 88) como ousa este prefeito decretar a proibição de todos os “eventos de qualquer natureza”?

Não bastasse o absurdo e a inconstitucionalidade da ação do engravatado prefeito, ainda nos agride a forma da ação: nada menos democrático do que decidir por decreto, sem debates, sem discussão.

Ao contrário da prefeitura, acreditamos que a cidade é de todos e que suas praças, parques, escolas, hospitais e ruas devem ser tomadas de volta pelo povo desta cidade, que tem sido expulso de seus espaços públicos através das medidas “higiênicas” da prefeitura, da especulação imobiliária, do transporte público que ao mesmo tempo cobra caro dos usuários e paga mal os funcionários (quem lucra?), de um trânsito caótico que prioriza os carros, de uma política que quer que nossos espaços públicos se tornem corredores, espaços de passagem entre lugares privados.

A Praça é de Tudo e de Todos e convidamos todos a dela se apropriar, a construir aquele espaço de forma democrática e direta.

Não são os desobedientes banhistas-manifestantes da Praça da Estação que devem decidir, ou participar de uma comissão que decida, os modos de uso da Praça da Estação. Se a prefeitura quiser realmente um debate, que convoque imediatamente Audiências Públicas para que a população da cidade possa debater seus espaços públicos. Quanto à decretada Comissão, achamos que só pode se tratar de uma brincadeira da prefeitura querer que acreditemos que uma Comissão composta só por secretários do prefeito tenha qualquer legitimidade democrática. E mesmo que aceitássemos vestir uma gravata para participar, o que poderia fazer um representante da sociedade civil contra os 12 burocratas representantes do Prefeito? Diria um personagem famoso: “É uma cilada, Bino!”. Ora, se a prefeitura realmente quiser debater a Praça da Estação com a sociedade, que faça um chamado à sociedade toda! Que chame as associações de trabalhadores do hiper-centro, como a ASMA-RE, a Associação das Trabalhadoras do Sexo de BH, a CUFA, as associações dos moradores dos bairros vizinhos como Floresta, Santa Tereza, Santa Efigênia, as organizações ligadas aos direitos humanos, como o Instituto Helena Greco, e representantes das organizações que anualmente fazem eventos na Praça da Estação, como os organizadores da Parada LGBT, o Coletivo Família de Rua, os grupos de teatro e os músicos da cidade. Quanto a nós, banhistas-manifestantes da Praça da Estação, mantemos nosso compromisso de continuar desobedecendo a este Decreto inconstitucional enquanto a Prefeitura não aboli-lo. A Praça não pode continuar sitiada. Por isso, quando o engravatado emissário do prefeito nos perguntar novamente o que queremos, responderemos que o que queremos é que ele saia da frente do nosso sol e siga pela sombra, com cuidado.

Por fim, já que esta carta já está grande demais, gostaríamos de convidar ao prefeito Márcio Lacerda e à comissão por ele decretada que venham à Praia da Estação aos sábados, ou aos batepapos sobre a Praça da Estação que acontecem toda quinta-feira, Às 19h. Mas que, por favor, venham sem as gravatas e tragam filtro solar.

Apoiam esta carta alguns banhistas, poetas, músicos, ciclistas e outros inquietos ocupadores da Praça e da cidade.

Abraços, Omar Motta

Alegria não cansa, nem quando é usada como instrumento de resistência. Há dois meses, Belo Horizonte tem praia: feita da nossa alegria; recusa à arbitrariedade e ao autoritarismo

da Prefeitura do Sr. Márcio Lacerda. Ele, em dezembro de passado, decretou a proibição de “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação, em nossa cidade. Mas a “praça é do povo”, não pode ficar vazia – ou tomada pela tropa de choque, como na manhã de praia/eventão do dia 06 de março. Portanto, recusamos também o 2º decreto do senhor prefeito que institui uma comissão sem participação popular efetiva (para ser democrática há que ser plural e paritária- e a comissão do prefeito é feita por “mais do mesmo”, pessoas da PBH). Nossa alegria é sábia, reconhece que não cabe à onda criada pela praia, dizer os destinos da praça (por isso, não mendigamos **uma** vaga na comissão, quer não reconhecemos como legítima), mesmo porque toda praça já tem seu destino: **ser lugar de encontros, eventos de qualquer natureza**. Não foi por isso, inclusive, que e, 2005 a Praça da Estação foi reformada? A cidade é nossa e deve ser ocupada por nossa alegria, essa que transborda a praça e alcança a rua.

Karen Elliot

Referências Bibliográficas e sites consultados

1. ABRAMO, H.W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994. 172p.
2. ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas Jovens*. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
3. AMMANN, S.B. *Movimento popular de bairro: De frente para o Estado, em busca do Parlamento*. São Paulo: Cortez, 1991.
4. ARANTES, Otília; MARICATO, Emília; VAINER, Carlos. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 200. 192p.
5. BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 140 p.
6. _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
7. BECK, Ulrich; GERNSEHEIM, Elisabeth Beck. *Global Generation*. Barcelona: Ediciones Paidós Iberica, 2008.94p.
8. BOOKCHIM, Murray. *Anarquismo, crítica e autocrítica: primitivismo, individualismo, caos, misticismo, comunalismo, internacionalismo, antimilitarismo e democracia*. São Paulo: Hedra, 2010. 146p.
9. CAIAFA, J. *Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. 148p.
10. CAIRES, Luíza Helena Gonçalves. *Quem faz a mídia no CMI Brasil: Jonalismo alternativo, ativista e colaborativo na internet*. 263 f. Dissertação (Mestrado.). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 2010.
11. CANEVACCI, Massimo. *Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.198 p.
12. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens, territórios e práticas educativas. *Revista Teias*, v.12, n.26, 2011.
13. CARRANO, Paulo; LÂNES, Patrícia; RIBEIRO, Elaine. *Diversidade de perfis caracteriza a juventude brasileira*. *Democracia Viva* n.30, jan/mar 2006. Disponível em
http://www.ibase.br/userimages/ibasenet_dv30_indicadores.pdf. Acesso em 07/05/2011.
14. CASTELLS, M. *A sociedade em rede. A era da informação - economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e terra, 1999. Volume I.
15. _____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Volume II
16. _____. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

17. CASTELLS, M.; CARDOSO, Gustavo. (Orgs.). *A sociedade em rede: do conhecimento à Ação Política*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da moeda, 2005.
18. CECEÑA, Ana Esther. Pela humanidade e contra o neoliberalismo – linhas centrais do discurso zapatista. In: *Resistências Mundiais – de Seattle a Porto Alegre*. SEONE, José & TADDEI, Emílio (Orgs.). Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p.186-199.
19. CEDENO, Alejandra Astrid León. *Emancipação no cotidiano: iniciativas igualitárias em sociedades de controle*. 320f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006.
20. CHASIN, J. Poder e Miséria. *Jornal Estado de Minas*, Caderno Pensar, p.2, 07/10/2002.
21. CHRISPINIANO, José. *A guerrilha surreal*. São Paulo: Conrad, 2002. 155p.
22. CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Hedra, 2011. 180p.
23. _____. *O império americano: hegemonia ou sobrevivência*. Rio de Janeiro: Campus, 2004. 288p.
24. CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p.87-121.
25. COCCO, Giuseppe; HOPSTEIN, Graciela. *As multidões e o império: entre globalização da guerra e universalização dos direitos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.147p.
26. COSTA, Márcia Regina. Culturas Juvenis, globalização e localidades. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elizabeth Murilho (Orgs.). *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: Educ, 2006. p.11-27.
27. _____. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993. 232p.
28. DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o funk e o hip hop na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 409f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
29. DÉBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
30. DI FELICE, M. (Org.). *Do público para as redes*. São Caetano do Sul: Difusão, 2008. 336 p. Volume 1.
31. DILTHEY, W. *Introduction to the Human Sciences*. Princeton: PrincetonUniversity Press, 1991.
32. FEIXA, Carlos. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. 287p.
33. _____. *Movimientos juveniles de la globalización: a la antiglobalización*. Barcelona: Ariel, 2002. 171p.
34. _____. *Movimientos Juveniles en la Península Ibérica: Graffitis, grifotas, Okupas*. Barcelona: Ariel, 2002. 152p.

35. FORACCHI, Marialice Menchini. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
36. _____. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
37. FOUCAULT, M. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Gallimard, 2004.
38. FREIRE FILHO, João; CABRAL, Ana Julia Cury de Brito. Contra-hegemonia e resistência juvenil: movimentos mundiais de contestação da ordem neoliberal. In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2007. p.175-193
39. FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micro-políticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. 175p.
40. GENNARI, Emilio. *EZLN: Passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 159p.
41. GIOVANNI, Julia Ruiz Di. *Seattle, Praga Gênova: política antiglobalização pela experiência da ação de rua*. 149p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
42. GOHN, Maria da Glória. De Seattle a Gênova. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, p.14-15, São Paulo, 27 de janeiro de 2002.
43. GOHN, Maria da Glória. *A revolução será tuitada*. *Revista Cult*, n.169, p.23-27, 2012.
44. _____. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v.16, n.47, 2011. p.333-361. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>.
45. GOHN, M. da G. *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. 2ª ed. São Paulo: edições Loyola, 2001.
46. _____. *Reivindicações populares urbanas: um estudo sobre as associações de moradores em São Paulo*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
47. _____. *A força da periferia: A luta das mulheres por creches em São Paulo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
48. GONÇALVES, Flora Rodrigues. *Rádios Livres: As controvérsias ainda pairam no ar? Uma análise antropológica das novas relações sociais de radiodifusão*. 152 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Antropologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
49. GORZ, André. A ideologia social do automóvel. In: LUDD, Ned. *Apocalipse Motorizado*. São Paulo: Conrad, 2005. p.73-82.
50. GUARNACCIA, Matteo. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura*. São Paulo: Conrad, 2001. 175p.
51. GUATTARI, Felix. *A Revolução Molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 229p.

52. HALL, S. & JEFFERSON, T. (Orgs.) *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*, London: Hutchinson and Co, CCCS, University of Birmingham, 1976.
53. HARVEY, David. *Rebel cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*. New York: Verso Books, 2012. 206p.
54. HARVEY, David *et al.* *Occupy*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2012. 90 p.
55. HOLLOWAY, John. *Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder*. São Paulo: Viramundo, 2003.
56. IANNI, Otavio. O jovem radical. In: BRITO, Sulamita. *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p.225-242.
57. IBASE E INSTITUTO POLIS. *Juventude e integração sulamericana: diálogos para construir a democracia regional*. 2009. Disponível em
http://www.andi.org.br/_pdfs/pesquisa_ibase.pdf. Acesso em 14/05/2010.
58. _____. *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*. 2005. Disponível em ... http://www.ibase.br/pubibase/media/ibase_relatorio_juventude.pdf. Acesso em 14/05/2010.
59. ILLICH, Ivan. Energia e equidade. In. LUDD, Ned. *Apocalipse Motorizado*. São Paulo: Conrad, 2005. 33-74p.
60. I.S. *Situacionista: Teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002. 153p.
61. KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002. 349p.
62. LEFEBVRE, Henri. *O direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2011.
63. LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.
64. LIBERATO, Leo Vinicius Maia. *Expressões Contemporâneas de Rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista*. 269p. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2006.
65. _____. Bicicleta e Tempo de Contestação. *Revista Xaman*, Finlândia, n.1/2004, 2004.
66. LUDD, Ned. (Org.). *Urgência das Ruas*. São Paulo: Conrad, 2002. 222p.
67. MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Revista Sociologias*, n.18, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.248-285, 2007.
68. MANOLO. A 'geração Seattle' e a 'geração de acampantes'. Publicado em 4/11/2011 no site *Passa Palavra*. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=48007>. Acesso em 12/11/2011
69. MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

70. MARCUSE, H. *O Fim da Utopia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
71. MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente*. Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 199 p.
72. MELUCCI, Alberto. *Acción colectiva, vida cotidiana y Democracia*. Ciudad de México: Centro de Estudios Sociológicos, 1999. 260 p.
73. NETO, Necio Turra. *Enterrado Vivo: Identidade punk e território em Londrina*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 284p.
74. ORTELLADO, P.; RYOKI, A. *Estamos vencendo: resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004. 146p.
75. PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de Controle*. São Paulo: Cortez, 2003. 326p.
76. PEDRO, Felipe Corrêa. *A Ação Direta como Forma de Combate à Globalização Neoliberal: o movimento de resistência global e as manifestações de Seattle*. Escola de Pós Graduação em Ciências Sociais da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2004.
77. PONTES, Mateus Moreira. *Requalificação do Hipercentro de Belo Horizonte: possibilidades de inserção do uso residencial*. 142f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geociências (Departamento de Geografia), Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
78. RIGITANO, Eugenia. Ciberativismo: definições, origens e possíveis classificações. In: LEMOS, A. *Cibercidade II, Ciberurbe: A cidade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005. p.249-272.
79. RODRIGUES, Edgar. *Os libertários: idéias e experiências anárquicas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1987.
80. ROSAS, Ricardo. *Nome, coletivos. Senha, Colaboração*. [2001?]. Riseup. Net - Intervenção. Disponível em www.riseup.net. Acesso em 07/04/2009.
81. _____. *Blogs e ativismo: Uma política de código aberto?* [2001?]. Riseup.Net – Espaço. Disponível em www.riseup.net. Acesso em 07/04/2009.
82. RUDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura*. Porto Alegre, 2011. 319p.
83. RUDY, Cleber. *Nas Entranhas da(s) Cidade(s): Resistências à organização capitalista da vida urbana*. Disponível em
www.historiagora.com/dmdocuments/ha8_artigo_cleberrudy.pdf. Acesso em 04/04/2010
84. SEOANE, José e TADDEI, Emilio. *Resistências Mundiais: De Seattle a Porto Alegre*. Petrópolis: Vozes, 2001. 293p.
85. SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?*. Cadernos CRH Salvador, v.21, n.54, Dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300007&lng=en&nrm=iso>. doi: 10.1590/S0103-49792008000300007..... Acesso em 28/10/2010.

86. SOMARRIBA, Maria das Mercês G.; VALADARES, Maria Gezica; AFONSO, Maria Re-
zende. *Lutas Urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984. 130p.
87. SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas co-
letivas. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v.22, n.02, p.451-470, jul./dez. 2004. Disponí-
vel em
<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>. Acesso em maio de 2009.
88. _____. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. *Revista
Cadernos de Pesquisa* (PPGSP/UFSC?), n.32, p.1-33, 2002.
89. _____. *Reinvenções da Utopia: A militância política de jovens nos 90*. São Paulo: Hac-
ker Editores, 1999. 231p.
90. SOUZA, Sandro Soares. *Movimentos sociais e coletivos libertários: reflexões sobre a au-
togestão*. Comunicação apresentada à ANPED, 30ª reunião, Caxambu. GT: Movimentos
Sociais e Educação. 2007.
91. SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação
brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social* (1999 – 2006). v.1 e 2. Belo Hori-
zonte: Argumentum, 2009.
92. STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) *Handbook of
qualitative research*. London: Sage, 2000. p.435-454.
93. STIRNER, Max. *O único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
94. VILELA, Nice Marçal. *Hipercentro de Belo Horizonte: Movimentos e transformações es-
paciais recentes*. 170f. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências (Departamento de Geo-
grafia), Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
95. WOODCOCK, G. *História das idéias e movimentos Anarquistas*. Porto Alegre: Ed.
L&PM Pocket, 2002.

Sites

Sites de coletivos, iniciativas, ações coletivos, movimentos sociais e mídia alternativa.

1. Blog Praça Livre BH <http://pracalivrebh.wordpress.com>
2. Lista de e-mails Praça Livre BH
https://groups.google.com/group/pracalivre_bh/about?hl=pt-PT
3. Wiki Eventão Praia da Estação - <http://eventao.wikispaces.com>
4. Blog do C.I.S.C.O - <http://ciscobh.blogspot.com.br>
5. Ação Global dos povos - <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/cronolog.htm>.
6. Ação Global dos Povos (PGA) Bulletin - <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/>
7. Indymedia - <http://www.indymedia.ie/article/80676> -
8. Passa Palavra - www.passapalavra.info

9. Provos Brasil - <http://provosbrasil.blogspot.com>
10. Mídia Independente Brasil - www.midiaindependente.org.
11. Bicicletada.org - www.bicicletada.org
12. Portal alternativo de notícias anarquistas A-Infos. - www.ainfos.ca
13. Blog Dias Sem Compras - <http://diasemcompras.wordpress.com>
14. Comitê Popular dos Atingidos pela Copa BH.- www.atingidoscopa2014.wordpress.com/
15. Blog do Movimento Fora Lacerda - http://fora_wp.falassocial.com/
16. Site Overmundo - www.overmundo.com.br
17. Wiki do Domingo Nove e meia - www.d9meia.tk
18. Wiki da loja grátis - www.lojagratis.wikispaces.com
19. Site do coletivo Azucrina - www.azucrina.org
20. Site do coletivo Gato Negro. - www.gato-negro.org.
21. Blog Coletivo Azucrina - <http://www.blog.azucrina.org>
22. Wiki do espaço Ystilingue - <http://www.ystilingue.tk/>
23. Apocalipse Motorizado - <http://www.apocalipsemotorizado.net>
24. Wiki da Bicicletada BH - <http://bicicletadabh.wikispaces.com/>
25. Site de armazenamento de vídeos Youtube - www.youtube.com
26. Blog do Coletivo Conjunto Vazio - <http://conjuntovazio.wordpress.com/>
27. Blog do Vá de Branco - <http://vadebranco.blogspot.com.br>
28. Blog Pedreira na vidraça - <http://pedreiranaidraca.blogspot.com>
29. Site Cidade Democrática.org - <http://www.cidadedemocratica.org.br>
30. Blog Brigadas Populares - brigadaspopulares.blogspot.com.
31. Casa Somática - www.casasomatica.tk.
32. Blog Movimento Nova Cena - movimentonovacena.wordpress.com.
33. Blog Escola de Samba Cidade Jardim - grescidadejardim.wordpress.com
34. Blog do Duelo de Mc's - duelodemcs.blogspot.com.
35. Site do Anonymous Brasil - <http://anonymousbrasil.com/>
36. Rizoma.net - www.rizoma.net
37. Portal Luis Nassif On Line - <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif>
38. Blog do Jornal Cometa Itabirano - <http://cometaon.blogspot.com.br>
39. Diário Liberdade - www.diarioliberalidade.org

Sites governamentais

1. Diário oficial do Município de Belo Horizonte - <http://portal6.pbh.gov.br/dom>
2. <http://portalpbh.pbh.gov.br/> – Portal da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Sites de Jornais e Revistas

1. Le Monde Diplomatique – Brasil - www.diplomatique.org.br
2. Revista Fórum - www.revistaforum.com.br
3. Revista Caros Amigos - www.carosamigos.com.br
4. Portal Carta Maior - www.cartamaior.com.br
5. Revista Piauí - <http://revistapiaui.estadao.com.br/>
6. Site do jornal Estado de Minas - www.uai.com.br
7. Site do Jornal O Tempo - www.otempo.com.br
8. Site do jornal Hoje em Dia - www.hojeemdia.com.br

Sites de universidades, grupos de pesquisa, pesquisadores e revistas acadêmicas

1. Instituto Humanitas Unisinos - <http://www.ihu.unisinos.br/>
2. Ação Educativa - www.acaoeducativa.org
3. Blog da Professora e pesquisadora Raquel Rolnik - www.raquelrolnik.wordpress.com
4. Capes - www.capes.gov.br
5. Ibase - www.ibase.br
6. Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea (Universidade Federal de Santa Catarina) <http://www.nejuc.ufsc.br/nejuc.htm>
7. Observatório da Juventude. Universidade Federal de Minas Gerais
<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/>
8. Plataforma Scielo - <http://www.scielo.org/>